

A Cidade e sua Gente



Adoniran Barbosa: "São Paulo está mudada. Não dá mais para sair à noite. É uma pena".

Adoniran levou saudade da sua velha São Paulo

JANE SOARES

Muita coisa mudou desde que Adoniran Barbosa compôs "Saudosa Maloca". As ruas do Brás e do Bexiga, os bares onde os velhos boêmios se encontravam à noite, os bondes barulhentos e a garoa fina, cantada em prosa e verso, mudaram, ou simplesmente desapareceram. Mas a miséria dos becos, a pobreza dos cortiços e favelas, os negros que batucam sambas em caixas de fósforos ou mesas de bar resitem ao tempo. Adoniran identificou-se com o lado pobre — e por isso esquecido — desta cidade, descobriu sua poesia. Sem nunca ter escrito uma linha nos jornais, foi um dos melhores cronistas de São Paulo.

O menino que nasceu em Valinhos queria subir na vida. Foi encanador, pintor de paredes, entregador de marmittas, balconista, serralheiro, tecelão, garçom, artista de circo, ator, compositor. Fez sucesso. Mas os dias difíceis ficaram para sempre em sua memória e por isto fazia questão de dizer que era alegre e triste. Como São Paulo.

Voz rouca, o inseparável chapéu escuro, bigode fininho, o velho Adoniran não gostava de entrevistas. No meio do papo, alegava um compromisso importante para levantar-se, e ir embora do bar onde sempre recebia os repórteres mais insistentes. A entrevista que segue nunca foi feita. Nos muitos recortes de jornais que falavam de Adoniran Barbosa, selecionamos os trechos em que ele contava coisas de São Paulo. Esta é mais uma homenagem a um de nossos poetas maiores, que continua vivo em cada pessoa que batuca numa caixinha de fósforos, em cada pingente de trem, em cada favelado despejado de seu barraco, em cada folião que abre o

Carnaval na Banda do Pirandello, que continua tendo em Adoniran Barbosa sua estrela maior.

"Folha" — Como foi sua infância?

Adoniran — Nasci em Valinhos. Meus pais eram italianos de Veneza, éramos muito pobres e não me envergonho disso. Pra dizer a verdade, não gostava de estudar. Um dia comi o lápis que tinha — minha família não tinha dinheiro para comprar lápis assim, a três por dois — e resolvi não aparecer mais no Grupo Escolar Siqueira Moraes. Só que não adiantou nada tentar esconder. Quando minha irmã descobriu, levei uma surra que não foi fácil. Como não tinha queda pra intelectual, meus pais resolveram me pôr no batente. Com nove anos fui para Jundiá, ajudar meu pai a embarcar madeira nos trens da São Paulo Railway. Todos os dias eu levava comida pra ele: arroz, feijão, bife, um pedaço de pão, água e café bem quente. Depois, arrumei um emprego de tecelão. Ganhava 400 mil réis, que entregava pra minha mãe todos os meses.

"Um restaurante em cada esquina"

"Folha" — Como você veio para São Paulo?

Adoniran — Um dia fui parar na seção de metalurgia do Liceu de Artes e Ofícios. Pra chegar até São Paulo tinha de tomar o trem de subúrbio, que vinha apinhado. Na hora do almoço, com o dinheiro curto, o jeito era apelar pra um baita sanduichão de ovo e sardinha, que eu trazia de casa. Restaurante, mesmo sendo comercial, ninguém ia porque custava caro e marmitta também saía muito caro.

"Folha" — O que você acha que chama mais a atenção em São Paulo?

Adoniran — São Paulo é uma coisa de louco. São Paulo é um restaurante. Você em toda esquina tem um restaurante, você pode ver, não é mesmo? Então, a cidade, o Centro, é um bar e restaurante, toda a esquina tem pra você comer, pra você beber. São Paulo é isso aí, comer e beber.

"Folha" — No seu tempo tinha alguma coisa parecida com rodízios de pizza?

Adoniran — Não, não. Eu nunca fui num rodízio de pizzas. Acho muita graça, acho que isto não existe. Eles inventam cada uma, não? Eu acho muita várzea este rodízio. Me desculpe, mas eu não vou. Na minha época tinha bife acebolado, o Moraes, o Júlio Mesquita, coisa boa. Tinha o Palhaço, na São João, o melhor restaurante que eu já vi na minha vida. Com tudo, mas tudo, cozinha internacional, tudo o que você quisesse de bom. Onze horas fechava. Só ia gente bacana. Tinha bons restaurantes, bons mesmo. Agora são mais ou menos.

"Folha" — E bar?

Adoniran — O bom mesmo era o Bar Guanabara, na Boa Vista, esquina com a ladeira General Carneiro. Lá que era o Guanabara, o bom. Agora, o da rua São Bento já não é o mesmo, né?

"Folha" — E o Martinelli, como era?

Adoniran — Lá tinha o táxi-dancing Salão Verde. Lá em cima tinha o Night and Day, o Night Clube, cabará também, mas coisa fina, coisa boa. Lá cantava o Sierra, o Mário Sena. Cantavam tangos e boleros.

"A cidade perdeu todo o sentido"

(CONT.
NO
VERS.

"Folha" — Há quanto tempo você frequenta o Centro?

Adoniran — Ah, há muitos anos, muitos anos. Eu vim pro Centro em 1930, 32, por aí, e fiquei por aqui perdido. Morei em pensão por aí, na rua da Glória, depois no Brás, perto do teatro São Paulo, depois no Bexiga, Bela Vista, pouca coisa. O mais foi sempre no Centro, na Ladeira Porto Geral, morei muito ali em pensão e na rua da Glória, também em pensão.

"Folha" — Como era a vida no tempo em que você morava na "boca do lixo"?

Adoniran — De noite era bom. Ali no Centro tinha três amigos meus. Não marginais no mau sentido. Marginais quer dizer sem emprego, sem nada mesmo. Eu, eles três, o Mato Grosso, o Joca e o Corintiano, e o meu cachorrinho, Teleco. Meu samba, o "Saudoca Maloca", nasceu ali, naquela ruazinha da Aurora com a Nébias, boca braba antigamente. Eu morava na rua Aurora, diante de um hotel que estava para ser demolido. Ali alguns homens que não tinham onde dormir pulavam o muro e passavam a noite no casarão vazio. Quando o hotel foi demolido, veio o samba.

"Folha" — Como você cria seus sambas? De onde vem a inspiração?

Adoniran — Os meus sambas mostram a visão que tenho desta cidade, uma visão que deve ser repartida por muitos outros paulistanos. Em "Trem das Onze" contei o problema da falta de condução, o que ainda é uma desgraça. Não existia trem para voltar pra casa depois deste horário e todo mundo reclamava, todo mundo sentia na carne esta situação. Acho que não faz bem pras autoridades quando eles ouvem esta música. Eu sempre coloco o nome de algum bairro em minhas músicas, porque é o mundo que eu conheço. Daí falo do Brás, da Mooca, da Luz, da Vila Esperança.

"Folha" — Quando você fez o "Samba do Ernesto", o Vinícius de Moraes disse que São Paulo era o túmulo do samba. Como foi essa história?

Adoniran — Ele dizia que Ernesto era errado. Sabe como é? "Ernesto nos convidou/ pro samba/ ele mora no Brás/ Nós fumo/ não encontremo ninguém. Ele esculachou com meu samba na "Cigarra". Foi lá nesta revista que ele disse que São Paulo não pode nunca fazer samba. Ah, eu provei depois que pode.

"Folha" — Por que você usa esta linguagem em suas músicas?

Adoniran — Eu faço samba pra pobre. Comigo não tem essa de grã-fino. Quase todos os meus amigos são crioulos e como eles iam me entender se eu me metesse a falar difícil, todo cheio de "esses"? Faço letras com erros de português porque é assim que o povo fala. E acho que o samba fica mais gostoso de cantar. E olha que sou o único compositor que cria polêmica nas escolas, as professoras ficam discutindo com os alunos as minhas letras e ensinando que é assim que se fala mas não é assim que se escreve.

"Folha" — Como você vê a cidade hoje?

Adoniran — Até os anos 60 São Paulo ainda existia. Depois, procurei mas não achei São Paulo. O Brás, cadê o Brás? O Bexiga, cadê o Bexiga? Agora as ruas 13 de Maio, Fortaleza e Rui Barbosa, não existe mais o Bexiga. Mandaram achar a Sé, mas não achei. São Paulo está muito maltratada. É muito cimento. Essa cidade já perdeu todo o sentido: noites boas, boas amizades, ambientes bons. Pode parecer coisa de velho ficar lembrando o passado, mas aqui a gente podia ir a qualquer lugar com

a patroa, a namorada ou irmã e sempre encontrava respeito. Mas São Paulo resistiu.

"Folha" — O que você acha que deveria ser feito?

Adoniran — Acho que estas coisas

velhas são patrimônio da cidade. Devem ser conservadas. A gente não pode ficar destruindo, demolindo tudo porque os outros desejam construir outra coisa no seu lugar. Por isto fiz um samba, "Viaduto Santa Efigênia", que foi um protesto quando ameaçaram demolir o viaduto. Estão acabando as vilas, os bares, os cortiços. Não tem mais o bonde Tamandaré, que passava na Barra Funda, na Luz, na Florêncio de Abreu. Era o bonde dos boêmios. Está tudo feio. Acho que não era preciso destruir tanto. Mesmo minha música, até isso mudou. Já não é mais "Saudosa Maloca", ficou bonito, mas agora faço samba do Metrô. Para você ter uma idéia, a rua Direita tinha "footing". Depois do "footing", todo mundo ia pra gasteira. Isso é possível hoje em dia? Claro que não. Eu que sempre fui um homem das ruas, quase não saio mais de casa.

"Gosto bem mais do Carnaval de agora"

"Folha" — E o Carnaval de São Paulo, como está?

Adoniran — Carnaval de São Paulo está muito bonito, com muito entusiasmo. Tem muitas escolas boas. Antigamente não tinha nada. Não dá pra comparar o Carnaval de antes com o de agora, que as escolas estão cada vez mais prestigiadas. Antes cada um fazia por sua conta, faltava confiança nas agremiações. Há 15 anos nem escola tinha. Era tudo rancho carnavalesco, todos muito m i x u r u c a s. Agora dá gosto de ver desfile na avenida. Quem vai para a avenida não brinca. Gosta de assistir. Nos salões de baile é que o pessoal se diverte. Disto eu gosto mais agora. Está mais sadio, mais respeitoso. As moças vestem qualquer fantasia e ninguém repara. Todos têm mais liberdade de brincar.

"Folha" — Foi fácil vencer em São Paulo?

Adoniran — Não, pra entrar no rádio eu sofri. Não foi fácil. Depois que entrei, também não foi fácil, não. Depois que entrei não deu pra me divertir muito, não. Ainda tenho um pouco de raiva. Eu dizia: "Eu tenho valor". Eles diziam: "Coitado, passa mais tarde". Mas os caras não queriam me deixar entrar. Aí eu encontrei com o Otávio Gabus Mendes, que era um grande cara, que viu que eu era um cara bom, inteligente, fiquei amigo dele, ficou meu amigo. Depois veio o Molles, que escreveu histórias para mim, muita gente.

"Folha" — O que você acha do paulista?

Adoniran — Tive grandes amigos. Quando eu fazia teatro na Record, com o Otávio Mendes, não ganhava nada, só o cachezinho dos "Serões Domingueiros" e o Molles escreveu pra mim "Zé Conversa", um pretinho sozinho na casa da sogra. Eu lia sozinho aquela conversa de crioulo. Eu dizia pro Otávio: "Puxa vida, Otávio, não podia arranjar pra botar eu na folha? Um ordenadinho tão pequeno... Aí tinha um rapaz, o Barreto Machado, um ator, que era empregado público e também fazia a Record nos domingos. Aí o Otávio falou: Fala com o Barreto Machado, ele ganha um conto de réis por mês, vê se ele divide com você o dinheiro". Aleu falei e ele rachou o dinheiro comigo. Foi lá no

diretor comercial e disse: "Teófilo, pode botar 500 mil réis na folha pra ele, do meu conto de réis." Então eu comecei a ganhar 500 mil réis, em janeiro de 42. Sujeito lindo esse Barreto, já morreu, coitado. Mas tive muitas desilusões também.

"Folha" — Você ficou rico com a profissão?

Adoniran — Não, não fiquei rico, não deu nem pra começar a ficar rico. Eu fiz circo, de 60 a 66, e ganhei uma notinha. O que vinha do circo minha mulher guardava e então eu fiz uma casinha, aqui no jardim Prudência, depois do Aeroporto.

"Folha" — Você tem saudades de alguma coisa?

Adoniran: Ah, tenho sim. Da boêmia, dos amigos, dos passeios de madrugada pelo Bexiga. São Paulo hoje está muito mudada. Acabou tudo. Não dá mais pra sair nas ruas à noite, como antigamente. É uma pena. Mas esta é a cidade em que sempre vivi e que sempre acompanhei.

O compositor Adoniran Barbosa — nascido João Rubinato, que "não servia pra nome de artista", como dizia — morreu terça-feira na sua cidade de São Paulo, às 17h15, no Hospital São Luís, ao lado da mulher, Matilde, com quem viveu 40 anos. Velho boêmio, partiu na chegada da noite.

FOLHA DE
SÃO PAULO
29/11/82
PÁG. 14 (CONT.)

nheiro de mocidade no bairro do Paraíso, em São Paulo — o Nicolau Tuma, até pernas voaram na ocasião. Esses detalhes foram descritos pelo "speaker metrolhadora" de então, no seu característico estilo de mil palavras por minutos... embora permitindo aos ouvintes sentirem também a profunda emoção de tão inusitada descrição do imprevisto acidente que, pela primeira vez, em corridas do aquele tipo, a população paulistana testemunhava. Ficou célebre, desde então, a irradiação do Nicolau Tuma, tanto quanto a do João Ferreira Fontes, dois verdadeiros precursores do radiolismo em São Paulo, até hoje lembrados." — Thiers Ferraz Lopes, Araraquara, SP.

E aqui fica seu depoimento, meu amigo, que não é "colher de chá", como você disse, mas sim uma verdadeira "concha de canja"! Pena, no entanto, o Adoniran ter nos deixado. Realmente, ele teve uma vida muito bem vivida, "verdadeira", mesmo e bastante longa... mas a gente sempre acha que as pessoas queridas foram cedo demais. Resta o consolo da certeza que Adoniran nunca será esquecido: vai continuar vivendo em seus sambas, nas ruas do Bixiga, na lembrança dos paulistanos. E se ele compareceu aqui, neste cantinho, pouco antes de ir embora, foi porque o João Ferreira Fontes, sem estardalhaço, colado, já estava dando o calor da velha amizade à dona Matilde e aos Adoniran, bem antes dele chegar ao fim. Fontes foi um dos "tôz anônimos" que acompanharam Adoniran ao cemitério.

CORRIDA TRÁGICA — "Tô aqui travessal"... Agora por causa do fato publicado hoje (29-10-82) que mostra Adoniran Barbosa ajudando João Ferreira Fontes na reportagem radiofônica da corrida na Av. Brasil, em 1927. Eu fui uma das centenas de testemunhas do acidente. Estava exatamente em frente à tribuna de honra, no

ponto de chegada. Foi um tal de lardos de alfafa voando que não acabava mais. E, segundo outro locutor de rádio que estava descrevendo a corrida, famoso na época meu velho amigo e compa-

Samba, estereótipos, destorra

A

José Paulo Paes FOLHETIM - 19/12/1982 - PÁG 4 (Nº 309)

Diferente dos sambas que cantavam a malandragem, driblando o batente, a música de Adoniran Barbosa, contudo, estava longe de ser um simples elogio à positividade do trabalho

Ainda que Vinícius de Moraes não a houvesse realmente pronunciado, a frase infeliz ficou para sempre ligada ao seu nome em nosso folclore cívico. Depois de ter servido de munição aos bairristas arregimentados na tola guerra Rio-São Paulo, ela acabou caindo no esquecimento, de onde é mister agora retirá-la para lhe dar foros de verdade. Isso porque, finalmente, São Paulo se converteu no túmulo do samba, desde que em seu chão foi sepultado Adoniran Barbosa.

Não bastaria dizer, como um locutor de rádio dos velhos tempos, que ele era o samba em pessoa. Cumpre antes ressaltar a consubstancialidade entre a sua figura humana e a sua obra de compositor. Pitoresca consubstancialidade que traz à memória, por analogia, o rosto suarento de Satchmo, com a voz rouca a desenhar os mesmos arabescos do seu trompete prodigioso, ou os dentes de Fats Waller à mostra numa risada de rinoceronte, imagem em abyme do teclado onde ele ritmava a jovialidade bufa da sua música. Assim também, com o seu chapéu de aba rebatida, o bigodinho de galã de antigamente, a gravata borboleta, a voz de lixa a sibilar nos plurais pernósticos ou a espraiair-se nas simplificações fonéticas da fala italo-caipira de São Paulo, Adoniran Barbosa compunha fisicamente um tipo de elegância suburbana que é impossível separar dos seus sambas, já que neles, sob o signo da caricatura finamente dosada, o subúrbio e o bairro proletário da cidade se vêem fielmente retratados.

Tal physique du rôle era realçado pelas frases meio sem pé nem cabeça que ele gostava de repetir como uma espécie de marca de fábrica — o "sem-duvidamente" a pontilhar sua sentenciosidade de Dr. Pangloss num filme de Mazaropi onde o enredo do "Candide" de Voltaire era saborosamente acabocladado; o "sabe o que nós faz? o quê? nós num faz nada, porque depois que nós vai, depois que nós vorta", breque final das suas interpretações do "Samba do Arnesto"; o "nós

veio aqui pra beber ou pra conversar?" com que tornou memorável um comercial de televisão.

Quando se diz de Adoniran Barbosa haver ele sido o sambista de São Paulo, a pronta aceitação do epíteto já tornado lugar comum leva-nos a esquecer amiúde sua significação mais fundamental. Ele não fez jus ao epíteto pelo simples fato de aqui ter nascido e de aqui ter sempre vivido, nem tampouco por aqui ter produzido, superiormente embora, um simulacro daquilo de que o Rio detinha a patente e de que fornecia os estereótipos. Mereceu-o, antes e acima de tudo, porque conseguiu criar um samba diferencialmente paulista. Essa diferencialidade se ostenta, desde logo, no uso habilidoso, para fins de um humor por vezes tragicômico, da fala acaipirada, aqui e ali engastada de um italianismo, que se ouve nas ruas da cidade e de que Adoniran tirava efeitos saborosos, como o staccato do "dindin-donde" e o melodramático de "cada tauba que caía, doía no coração" de "Saudosa Maloca", ou então a "lâmpada" — homem de quem "As Mariposas" — mulheres dão "vorta em vorta".

Malandragem e batente

Patenteia-se igualmente a diferencialidade nas referências localistas, sobretudo a bairros populares: ao Brás, onde os amigos de Arnesto dão com a cara na porta; à Casa Verde, onde o samba esquentava toda a noite; ao Jaçanã, para onde regressa pontualmente o ajuizado amante do "Trem das Onze". Ou, ainda, à avenida São João, figuração por excelência da correria e da azáfama da vida metropolitana (ali é atropelada Iracema, quando a atravessa distraidamente na con-

tramão), assim como locus amoenus de vagabundos e boêmios avessos à corrida de ratos, a cujo número pertencem o Mato-Grosso e o Joca — eles preferem continuar vadiando pela São João a ir morar na maloca legalizada que no alto da Mooca foi construída por um ex-companheiro de marginalidade agora convertido à religião do trabalho ("Abrigo de Vagabundo").

Com falar em "religião do trabalho", toquei naquele que considero o ponto fundamental da diferencialidade do samba de Adoniran Barbosa. Só se poderá entender bem esse ponto se se tiver em mente que o estereótipo mais persistente do samba carioca foi a malandragem, tradição de que a antiga Capital Federal se gloriava pelo menos desde os tempos do Rei Velho, quando os capoeiristas já davam o que fazer aos esbirros do Major Vidigal, conforme se pode ler nas "Memórias de um Sargento de Milícias". Imagino seja dispensável trazer para aqui exemplos da frequência desse estereótipo de base; lembrarei apenas que a palavra "malandro" figura tanto na letra de um dos mais antigos sambas conhecidos, o "É Batuacada", do "primitivo" Caninha, como no título e na temática da recentíssima "Ópera do Malandro", de Chico Buarque de Holanda. Para o entendimento do ponto aqui levantado, basta reconhecer a persistência do estereótipo: não é preciso rastrear sociologicamente o vínculo sambamalandragem até a marginalidade da favela ou do submundo da antiga Lapa em relação ao "centro" da cidade, nem querer reconhecê-lo, diluído em traço de comportamento coletivo, na fleuma e no hedonismo jeitoso com que, convencionalmente, se vê o carioca a haver-se com os problemas da subsistência.

A essa imagem convencional de bon vivant corresponde, simetricamente inversa, mas não menos convencional, a imagem do paulista fanático do trabalho e impermeável aos prazeres da vida. É fácil ver que a polaridade no caso advém da

(CONTINUA
NO VERSO
E PÁGS
SEGUINTE
CAD

B

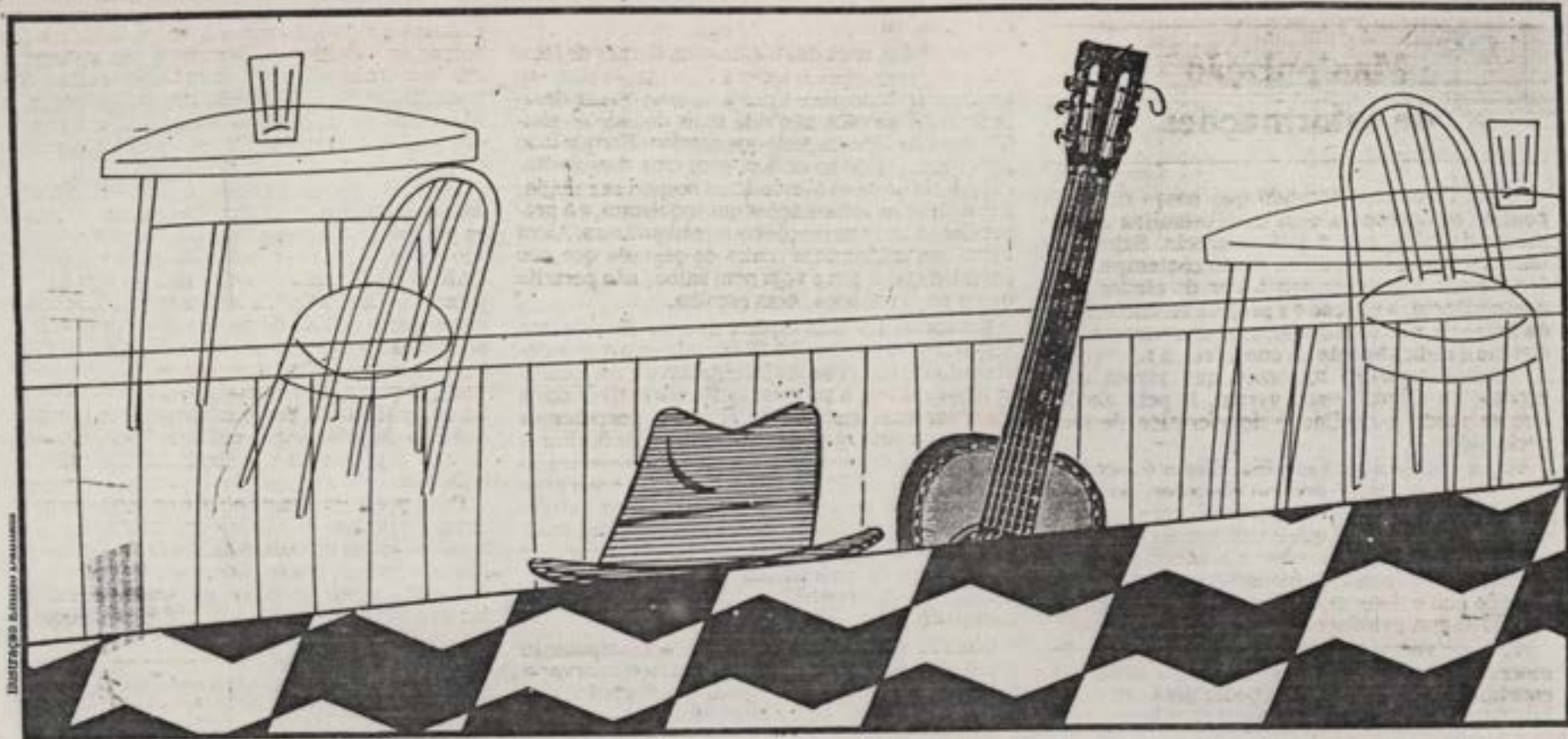


ILUSTRAÇÃO: BRUNO LACERDA

4

FOLHETIM, 19 de dezembro de 1982

(CONT. NA PAG. 5 - SULFITE C.L.D.)



contraposição estereotípica da cidade naturalmente turística à cidade irremediavelmente industrial. Todavia, ainda que simplifiquem e deformem a realidade ao encará-la pela ótica do esquema e da hipérbole, nem por isso deixam os estereótipos de refletir-lhe alguns dos traços mais salientes.

Dai o caráter diferencialmente paulista que, no plano dos valores estereotípicos, os sambas de Adoniran Barbosa assumem, na medida em que se ocupam antes em retratar o mundo suburbano do trabalho do que o mundo marginal da malandragem ou da boêmia. Paradigmáticos, nesse sentido, são os versos de "Abrigo de Vagabundo", para os quais já se chamou a atenção, onde são retomados, em outra clave, a problemática e os figurantes de "Saudosa Maloca". Um dos ex-moradores desta é quem assume a elocução na primeira pessoa (como já assumira antes) para contar que, "trabalhando o ano inteiro numa cerâmica", conseguiu arranjar dinheiro bastante para comprar um pequeno lote de terreno e ali erguer a sua maloca definitiva, depois de conseguir planta com um amigo da Prefeitura; mesmo que os seus antigos companheiros de vadiagem não o houvessem querido acompanhar, ele continua a oferecer sua nova casa "aos vagabundos que não têm onde morar".

Positividade do trabalho

De notar aqui, além da fidelidade sentimental do elocutor a um passado a que renunciou, é a ênfase na positividade do trabalho, tão bem marcada nos versos "quem trabalha / tudo pode conseguir", a que se contrapõe, com igual ênfase, a negatividade da vadiagem: Joca e Mato-Grosso possivelmente "andarão jogados na avenida São João / ou vendo o sol nascer quadrado / na Detenção". Esta referência às coerções impostas pelo Poder ou Lei aos que refogem ao imperativo do trabalho é completada logo adiante pelo reparo de que "ninguém pode demolir" a nova maloca porque, diferentemente da outra, ela "está legalizada". Igual "legalismo" já transparecia, de resto em "Saudosa Maloca", quando o mesmo elocutor, à chegada dos "homem com as ferramentas", mandatários do "dono (q. . .) mandou derrubar", reconhecia os direitos demolidores da Propriedade, do Progresso e da Lei e atalhava o protesto de Mato-Grosso com um conciliador "os home tá com a razão, / nós arranja outro lugar".

cando as raias do grotesco, no recitativo com que o elocutor de "Iracema" se dirige à lembrança de sua noiva morta e atropelada para admoestá-la: "o chofer não teve culpa, / você atravessou na contramão". E não seria demais, para ter-se a medida final desse legalismo que sequer nos transe do pesar amoroso esquece as leis do trânsito, sublinhar o apego aos deveres filiais de que dá mostras o elocutor do "Trem das Onze" quando interrompe pontualmente o seu idílio (nada platônico, pelo que deixam entender as conotações eróticas do verbo "ficar" e do vocativo "Mulher") para pegar o último trem, visto que, filho único cuja mãe não dorme antes da sua chegada, a ele compete zelar pela manutenção e segurança da casa.

Não vejo, na ingenuidade dessa aceitação das leis da propriedade como do trânsito, dessa fé no progresso individual e coletivo, dessa crença na positividade do trabalho e da família, sintomas de uma consciência alienada em face da ideologia de dominação, tal como veria algum intolerante cobrador de posições, assim como não vejo a malandragem como sobretudo uma forma larvar de protesto contra o utilitarismo expoliador da dita ideologia. A meu ver, o que o ex-metalúrgico-encanador-serralheiro e que sei eu mais Adoniran Barbosa conseguiu exprimir, com lapidar pertinência, em alguns dos seus melhores sambas, foi o anseio de dignidade humana que leva o trabalhador a orgulhar-se do seu trabalho, ainda que injustamente remunerado; a erguer com as próprias mãos uma casa para si e para os seus, mesmo que ela não passe de uma maloca; a buscar nas instituições legais, por discriminatórias ou corrompidas que sejam, uma forma qualquer de segurança.

Irreverência e humor

É preciso não esquecer, além disso, a forte componente boêmia da personalidade de Adoniran Barbosa, sempre pronta a aparar os eventuais excessos do seu bom-mocismo com a tesoura afiada da irreverência e do humor. Um humor dotado de agudo senso de medida, incapaz de carregar no traço, que se mantém sempre leve e preciso, a ponto de fazer depender de uma simples contraposição de palavras, mormente em posição de rima, todo o sal cômico de uma letra de samba. É o caso, por exemplo, de "Acende o Candeeiro",

que não esqueça de comprar vela e querosene para iluminar o terreiro à noite, durante o ensaio geral; o aviso é feito em linguagem chã, anódina, sem maior graça, a não ser no verso final, quando a adquire, de súbito, pelo despropositado surgimento da palavra combustível no contexto, palavra técnica e pernóstica que se faz ainda mais despropositada pela rima visivelmente forçada com incrível.

Efeito semelhante de "estranhamento" vocabular ocorre em "Véspera de Natal", onde o entalamento do improvisado Papai Noel no buraco da chaminé demasiado estreita é tornado supinamente ridículo pela repetição de um estribilho no qual, para poder rimar com sacrifício, o "buraco" prosaico é substituído por um douto ourifício. Em outra pauta, atente-se, desde o título de "Apaga o Fogo, Mané", para a duplicidade de sentidos, tanto mais maliciosa quanto discreta, dessa expressão tão "natural" na pequena tragédia doméstica narrada pelos versos, a do marido que, após ter acendido o fogo para o jantar e esperado inutilmente o regresso da esposa, depara, ao pé do fogão, com um bilhete onde ela lhe recomenda "apagar o fogo" porque não voltará mais para casa.

Encontro, na espontânea finura do humor de João Rubinato, o filho de imigrantes vênnetos que teve a ousadia de invadir o santuário da mais "nacional" de nossas formas de expressão musical para ali afirmar-se, conquanto sob o pseudônimo abrasileirado de Adoniran Barbosa, como dos seus mais genuínos criadores, uma espécie de desforra histórica, inconsciente talvez e em todo o caso de segunda instância, daquele "carcamano" que o elitismo (rótulo detestável, mas às vezes útil) dos modernistas de 22 só soube representar com as tintas fáceis da irrisão.

Desde o vilão Pietro Pietra de "Macunafma", passando pelos Caetaninhos, Carmelas e Cavuff., ora patéticos, ora risíveis, mas vistos sempre pelo trisma do seu "exotismo" pitoresco, de "Brás, Buxiga e Barra Funda", até a habilidosa mas grosseira contrafação do italo-português macarrônico de Juó Bananere (pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado) que tanto entusiasinou Otto Maria Carpeaux, sei eu lá por quê. No contraste entre a grosseria da paródia semi-erudita assinada com pseudônimo italiana e a finura do humor popularresco assinado com pseudônimo abrasileirado, há, mais do que uma distância histórica, uma lição em que talvez não seja ocioso meditar.

José Paulo Paes é jornalista, poeta, ensaísta e tradutor, autor de "Anatomias", "Meia Palavra", "Resíduo" (Cultrix) e da tradução de "Pôemas" de Konstantinos Kaváfis (Nova Fronteira).

C

FOLHETIM

S.P. 19/12/82

Nº 309

PÁG. 5

Transparece
ainda a legalidade,
e de fato feita
Tom A

(CONT. NO VERSO)

D



FOLHETIM, 19 de dezembro de 1982

5

C

Machete Mayana



O Papai Noel chegou de helicóptero e deu a volta ao Impico no estádio, emocionando as crianças.

No Pacaembu, 80 mil receberam Papai Noel

MISSA DE 30.º DIA
Sr. JOÃO RUBINATO (ADONIRAN BARBOSA) — Quinta-feira, dia 23, às 19h30, na Igreja Nossa Senhora Aquirópita, à rua 13 de Maio, Belo Vista.

Pelo menos 80 mil pessoas lotaram ontem cedo o estádio do Pacaembu, participando da festa "Natal da Criança Paulista", promoção conjunta do Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo e da Rede Globo. Nem a garoa que caiu no começo da manhã evitou a enorme afluência e os que resolveram enfrentar a chuva fina, que parou antes das 9 horas, saíram satisfeitos do bonito espetáculo, onde, além da chegada do Papai Noel de helicóptero, houve espetáculos circenses e números musicais de Fábio Jr., Almir "Fusão Preto" Rogério, Rádio-Táxi, Demônios da Garoa e Fafá de Belém, entre outros.

Desde as 8 horas, muita gente já ia chegando ao estádio. O show, com transmissão direta pela televisão, começou às 10 horas. Até que ele começasse, o público assistiu à exibição das bandas da Febem, do Colégio Francisco Antunes Filho, do Colégio Paralelo, do 2.º Batalhão de Guarda e dos Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro.

RECEPÇÃO

Às 10 horas, Marília Gabriela e Nel Gonçalves Dias começaram a apresentação. "Esta é uma festa para quem acredita em Papai Noel. Esta é uma festa para quem acredita em 1983", disse Nel, enquanto o helicóptero sobrevoava o enlameado campo do Pacaembu e os lanceiros da PM desfilavam. Pouco antes de o helicóptero pousar, dezenas de balões de gás foram lançados para fora do estádio e a saltitante Turma da Mônica correu ao gramado para receber o Papai Noel.

"Quem acredita em Papai Noel?", gritava Marília Gabriela. "Eu", respondia em uníssono o público, enquanto acenava para o próprio, que acabara de chegar.

"ESCANDALOSA"

Maria Alcina fez várias palhaçadas, enquanto cantava "Escandalosa" e "Cumbô". Depois, foi a vez do conjunto Rádio-Táxi cantar o seu "Quem se Importa", cujo coro ("Põe devagar/Põe devagarinho que é prá não machucar/Põe bem de mansinho") era ouvido em todo o estádio. Ao mesmo tempo, um "táxi maluco" — que estourava, esguichava água e acabou dividindo-se em duas partes — fazia evoluções na pista de atletismo.

Dois globos da morte se apresentaram simultaneamente, um com duas e outro com três motocicletas. E os equilibristas Valderi e Silvia passeavam de moto num cabo de aço com 110 metros de extensão e a 25 metros de altura. Quatro aviões dos "Dragões do Ar" sobrevoavam o estádio soltando fumaça.

Acompanhado por todos, Almir Rogério cantou "Fusão Preto" e "Motoqueiro", enquanto um estranho Volks negro derrapava pelo gramado. Fafá de Belém cantou "Caso Especial" e "Estrela Radiante". As Harmony Cats cantaram "Viva as Crianças", ao mesmo tempo em que três pára-quedistas desciam no meio do campo. Jessé, muito aplaudido, cantou "Porto Solidão", seguido pelo conjunto Los Angeles ("Mambolê" e "Vira Vira o meu Veneno") e pelas crianças da Turma do Balão Mágico.

GRITINHOS

Quem mais arrancou aplausos e gritinhos histéricos do público foi Fábio Jr., apresentado por Marília Gabriela como "um gato". Ele cantou duas músicas e provocou sua enorme platéia com seus gritos (prontamente respondidos). A seguir, os Demônios da Garoa reverenciaram Adoniran Barbosa.

FOLHA
DE S. PAULO

Domingo, 26 de dezembro de 1982

Ilustrada

Um dia de festa também na televisão, sobretudo para quem gosta de música — da sertaneja ao rock. Música, música, música: Marina, Gil, Ney Matogrosso, saudades de Adoniran Barbosa. Mas também tem uma retrospectiva histórica da São Silvestre para você preparar o intelecto para assistir à corrida no dia 31 e, finalizando a noite, teatro na Cultura. Programa completo.

SOM BRASIL — Globo, 9 horas — Um programa interlúdio dedicado ao grande e adorável poeta da cidade, Adoniran Barbosa, recentemente falecido. O ator Renato Consorte e o também ator Rolando Boldrin interpretam "Chico Mineiro". Tem ainda o elenco do Teatro União e Olho Vivo, agora comemorando seus 15 anos de trabalho, cantando músicas da peça "Bumba-Meu-Queixada". César Borreto e Mariângela interpretam "Mourão"; Fagner canta "Ordá 2" e Sula e Adauto Santos, "Minas Gerais". Finalizando, a dupla já famosa Boldrin e Ranchinho, tonda como convidada outra dupla famosa Nho Nico e Celestino, interpretam "Receita de Bolo" e fazem uma paródia da música "Belinha Doce".

FOLHA DE SÃO PAULO

36 — ILUSTRADA — Quinta-feira, 20 de janeiro de 1983

CÂMERA ABERTA. Cultura, 21 horas. O tema genérico do programa é "São Paulo", cujo aniversário se avizinha. E o tema particular é a poesia da e sobre a cidade. Logradouros e bairros representativos como Bixiga, Freguesia do Ó, Moema, Vila Buarque e Pirituba são mostrados em seus aspectos mais tradicionais. E desfilam alguns dos mais ilustres poetas da terra, como Adoniran Barbosa, Billy Blanco, Roberto dos Santos, Carlos Queirós Telles. A influência italiana sobre a formação da cidade também não é esquecida. A montagem é feita com base em programas anteriores da emissora: "Barra Funda", "O Poeta e a Cidade" e "Imigração Italiana".

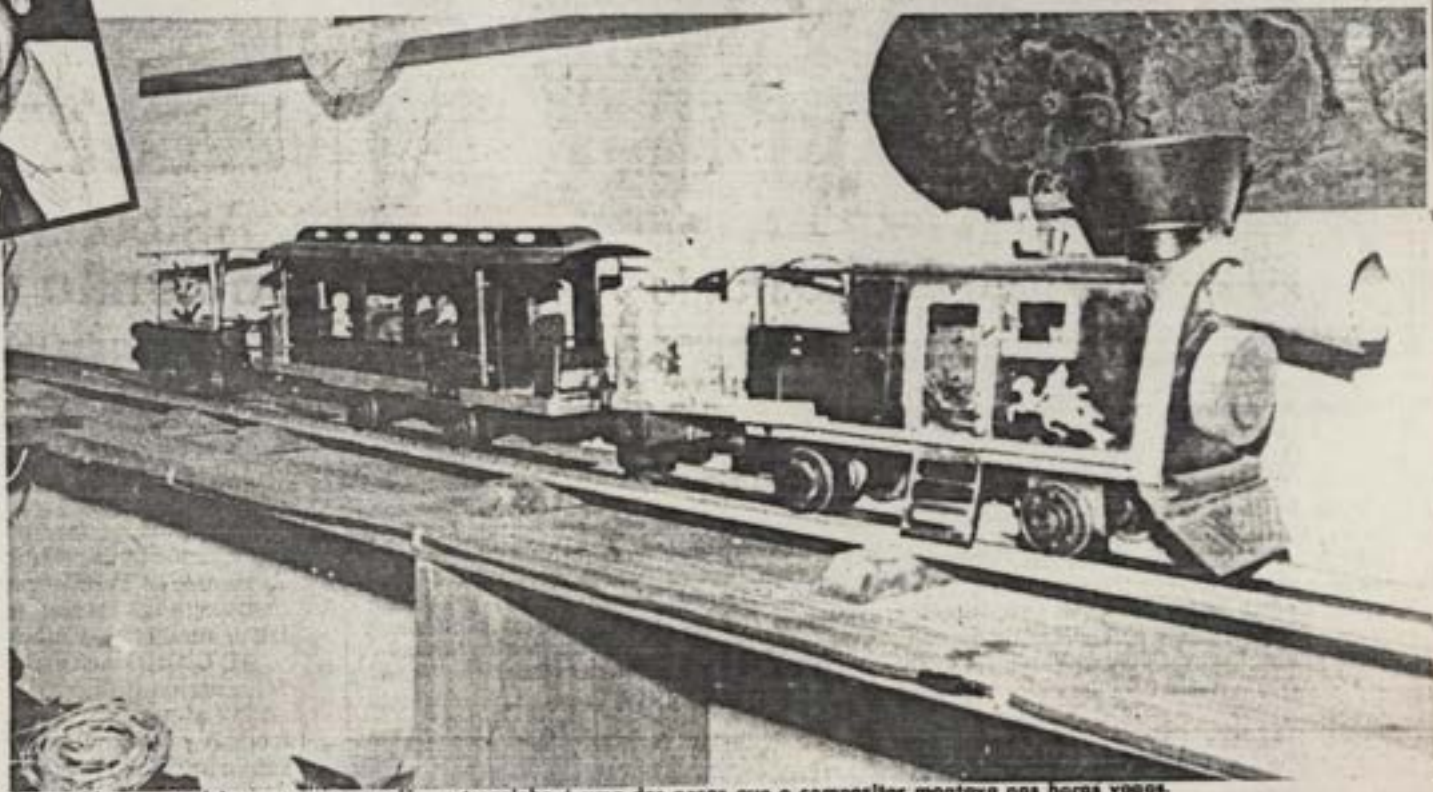


O saudoso Adoniran, em "Câmara Aberta" (Cultura, 21 horas).

O criador de "Trem das Onze" também fabricava trenzinhos de brinquedo com suas estações e parques de diversões em miniatura. Esses objetos e mais troféus, velhos discos e seu smoking irão figurar na casa que dona Matilde, sua mulher, pretende inaugurar para manter viva sua memória



Dona Matilde, com uma das relíquias.



Construído com madeira, arame e papelão, o trenzinho é uma das peças que o compositor montava nas horas vagas.

Um museu para Adoniran

(REPORTAGEM NO VERSO)

LÍGIA SANCHES

Preguiçoso (confesso) do jeito que era, Adoniran Barbosa jamais teria recortado notícias suas dos jornais. Tampouco reservaria paciência para catalogar discos, medalhas e troféus recebidos durante quase cinco décadas de carreira. O cronista do centro e dos subúrbios paulistanos preferia, isso sim, entocar-se no quatinho dos fundos da casa da Cidade Ademar, nas horas de solidão, e soltar a imaginação montando brinquedos. Trenzinhos com estação e tudo, parque de diversões com carrusel, roda-gigante e tobogã, bicicletas e carrocinhas de arame fino.

Não que Adoniran gostasse tanto de crianças. Na verdade, como lembrou dona Matilde, sua mulher por mais de 40 anos, ele até dava um chega pra lá na meninada mais afoita do bairro, quando sua diversão parecia ameaçada. Por isso ou talvez por zelo, as geringonças coloridas estão inteiras no quatinho-oficina e integrarão o Museu Adoniran Barbosa. Iniciativa da saudosa — mas não saudosista — dona Matilde, o museu já está sendo viabilizado, e basta que a Prefeitura dê seu efetivo apoio.

"O terreno existe; fica na Rua Adoniran Barbosa, ex-travessa Brigadeiro Luís Antônio. É pequeno, de esquina, mas suficiente. A Prefeitura tem de desapropriar. Mas me encontrei com o secretário municipal da Cultura, Fábio Magalhães, num programa da Rádio Excelsior, e ele ficou animado, prometendo ajudar. A mesma coisa João Dória Júnior, da Paulistur, que veio me trazer um videocassete e ficou louco com as coisas que tenho."

Essas coisas montam um retrato audiovisual da vida do artista: dúzias de discos em 78 rotações, raridades como a primeira gravação da "Saudosa Maloca", inicialmente "Saudade da Maloca", pela Continental, num ano misterioso que ela calcula ser 1932; de



Um miniparque de diversões, também peça do futuro museu.

"Conselho de Mulher" (parceria com João B. dos Santos e Oswaldo Moles), com Rago e seu Conjunto, Continental, 1955; "Abriu a Janela" (com Frederico Rossi), interpretada por Demônios da Garoa e Orquestra de S. Gilberto, pela Trovador, em 54; "Nóis Não Usa os Bleque Tais", de Peteleco e Tião, com Adoniran e Conjunto, pela RGE.

A medida que dona Matilde vai abrindo portas e gavetas dos móveis da casa, projetada pelo próprio marido por volta de 1965, a história do compositor de coisas como "Aqui Gerarda", "Joga a Chave", "Samba do Arnesto", "As Mariposas", "Bom dia, Tristeza", "Trem das Onze" e "Abrigo dos Vagabundos", vai-se formando. Aparecem troféus — "Portovisão" (1979); "Escola de Samba Mocidade Alegre" (1973); "Carnaval de Cinema" (1960); "Homenagem Cidade de Santos" (1975); Ordem dos Músicos do Brasil (1969); e vários Roquette Pinto (1951, 1958,

1965). Dúzias de medalhas, álbuns de recortes de jornais e revistas montados por ela. Ah! a autêntica placa "Estação Jaçaná", cedida pelo chefe da estação da antiga Sorocabana, Ary Pinto, e uma lanterna a querosene inglesa, utilizada como uma espécie de semáforo ambulante.

Adoniran nunca entendeu a mania de guardar da mulher. "Vai juntar barata", resmungava entre uma brincadeira e outra, mais preocupado em manter o "astral" da casa mesmo quando alguma preocupação tornava dona Matilde calada e séria. "Adoniran teve centenas de amigos, conhecidos. Mas confidente mesmo só eu. Ele chegava em casa e vinha contar as coisas, sem espírito de reclamação. Queria desabafar só. Veja, com músicas lançadas na Europa e no Japão, sem jamais ter saído daqui, ele nunca recebeu como devia os direitos autorais. Vivíamos da aposentadoria dele (Cr\$ 125.000,00) e do dinheiro

dos shows. Agora recebo pensão e uma renda dos Cr\$ 2 milhões (na realidade Cr\$ 1.314.000,00 por causa dos impostos) que a TV Globo lhe deu pelo especial "Adoniran Barbosa", levado ao ar depois de sua morte, em novembro último."

Essa mulher magra, de olhos vivos e sorriso franco não foi a companheira de boêmia do marido. "Acho que ficamos juntos tanto tempo porque não interferi em sua carreira." Preferiu cuidar sozinha da casa construída com o dinheiro do primeiro prêmio obtido por "Trem das Onze", num concurso carioca, em 1965, sobre o terreno comprado com outra música: "Saudosa Maloca" que estourou nas paradas de sucesso projetando os "Demônios da Garoa", na década de 50.

Com o Museu Adoniran Barbosa, quem não conheceu direito o compositor em vida delineará um perfil do artista que só deixou de frequentar o bar La Barca (Bento Freitas com General Jardim) quando a doença dos pulmões se agravou. Junto às dezenas de partituras escritas a partir de 1935, "por todos os maestros conhecidos", estarão roteiros de programas de rádio — da Escola Risonha e Franca, da Record —, fotografias de filmes — "O Cangaceiro", "Cantinho de Terra", "Candinho", "A Carrocinha" —, brinquedos e utensílios curiosos como uma panela de fazer polenta, um aparador de ferro de passar, uma chaleira de ferro. E, de quebra, alguns dos ternos alinhados de Adoniran, objetos de uso pessoal — caçadeira, canetas, óculos —, alguns chapéus e gravatinhas borboleta.

"Tenho tanta coisa...", suspira dona Matilde, que pretende dar a maioria das roupas a pessoas necessitadas, deixando ao Museu Adoniran Barbosa um ou dois ternos, mais o smoking. Agora, o chapeuzinho mais usado — lá escura, aba curta — e o cachecol foram embora com ele naquele final de novembro em que, a vida por um fio, ficou inventando para dona Matilde De Lutiis todas as viagens compradas que haviam de fazer juntos.

“Trem das Onze” no rádio em homenagem a Adoniran

Há um ano São Paulo perdia o seu maior poeta popular, o inquieto e bem-humorado João Rubinato, ou Adoniran Barbosa. Por isso, o rádio e televisão vão homenageá-lo hoje, com uma série de programas que terão como ponto alto a formação de uma rede de emissoras de rádio em São Paulo: exatamente às 17 horas (horário da morte de Adoniran), todas as emissoras AM e algumas FMs colocarão no ar a música “Trem das Onze”.

Não é por acaso que uma homenagem desse tipo seja feita pelo rádio. Até o final de sua vida Adoniran teve no rádio uma de suas paixões, ao lado das miniaturas de trens e bicicletas e da boêmia — desta última, no entanto, teve que se separar nos últimos anos de vida: “Se continuasse naquele ritmo, talvez não pudesse estar contando minha história”, declarou meses antes de morrer.

Adoniran nasceu em Valinhos, em 1910, e até o começo dos anos 30 teve as mais diversas profissões, sem encontrar uma que o agradasse. Nessa época mudou-se para São Paulo, passando a frequentar os programas de auditório da rádio Cruzeiro do Sul, em busca de uma chance como calouro. Era sempre “gongado” devido à voz fanhosa, até que um dia venceu um concurso cantando “Filosofia”, de Noel Rosa. A partir daí, o rádio passou a fazer parte de sua vida. Em 1934, convidado por Otávio Gabus Mendes, tornou-se profissional da rádio Record, convivendo com Vicente Leporace, Blota Jr. e muitos outros nomes do rádio daqueles anos.

Nessa época ainda não era o “sambista” Adoniran, mas se dedicava a papéis humorísticos, que Osvaldo Moles criava especialmente para ele. Começou com o “Zé Cunversa” e depois, sempre ao lado de Moles, foi ganhando popularidade e experiência, criando tipos como o judeu cobrador de prestações, “Moisés Rabinovic”; o galã de cinema francês, “Jean Rubinée” (uma brincadeira com seu nome verdadeiro); e o italiano “Perna Fina”. Todos personagens criados a partir dos sotaques dos imigrantes. Seu maior sucesso humorístico (sempre na PRB-9, rádio Record), foi o programa “Histórias das Malocas”, do qual ainda restam algumas gravações de trechos antológicos, em mãos de colecionadores.

A carreira de compositor nasceu como decorrência dessa vivência, quando Osvaldo Moles resolveu fazer letras para as músicas de Adoniran. Mas o trabalho como compositor só alcançou o pleno reconhecimento em meados da década de 70, com a gravação do primeiro LP, exatamente no ano em que ele comemorava 40 anos de carreira artística. Foi então que São Paulo descobriu realmente em Adoniran o criador de um estilo original de samba. Mas nessa altura, ele já era um homem cansado. Dois anos antes de morrer, ao completar os 70 anos, Adoniran recebeu muitas homenagens. Perguntava então aos repórteres: “Por que não me procuraram uns 20 anos atrás?” L.P.S.



Adoniran lembrado um ano após sua morte

Programas lembram o poeta da cidade

Além da rede que reunirá todas as emissoras de rádio, às 17 horas, São Paulo vai lembrar o poeta que melhor cantou a cidade através de vários programas em rádio e TV. TV Globo: vai apresentar programas e entrevistas com (e sobre) Adoniran Barbosa durante o dia todo: no “Bom Dia São Paulo” (7h30), nas três edições do SP-TV (12h40, 19h45, 23h15) e, depois, nos plantões do informativo “Globo Cidade”. Mas o melhor estará na “TV Mulher” (8hs): um especial em que Adoniran canta suas músicas e dá uma entrevista a Marília Gabriela.

Abril Vídeo: apresenta, hoje, a partir das 21h15, o “Dois na Cidade de Adoniran”, com Otávio Seschi e Cláudia Matarazzo percorrendo lugares de São Paulo que o compositor frequentava. Entre outros pontos irão ao restaurante Parreirinha e ao Bixiga. Além disso, apresenta um entrevista com dona Matilde Lattes, viúva do compositor.

Rádio

Bandeirantes (AM 840 KHz): “O Pulo do Gato” (6 hs) vai apresentar uma reportagem e músicas de sua autoria. No “Bandeirantes Acontece” (15 hs) toda a programação musical será dedicada a Adoniran.

Jovem Pan (AM 620 KHz): apresenta, às 9 horas, no “Show da Manhã”, uma longa reportagem de Leda Cavalcanti; no “São Paulo Agora”, Randal Juliano vai mostrar um “Fino 2 Música” gravado com Adoniran há cerca de dois anos, com três horas de duração.

Excelsior (AM 780 KHz): “Balancê” de Osmar Santos (ao meio-dia) receberá “Os Demônios da Garoa”, que se notabilizaram gravando sucessos de Adoniran Barbosa.

Os horários deste roteiro são fornecidos pelos exibidores e estão sujeitos a alterações de última hora. Confira pelo telefone antes de sair. Os telefones dos cinemas podem ser encontrados na programação da penúltima página deste caderno.

Rádio

OS CLÁSSICOS MAIS POPULARES DO MUNDO (FM Gazeta 88,1) — Mostra as músicas clássicas, veiculando-as de forma especial para os jovens. Às 9hs.

ENCONTRO (Cultura AM-1200) — Destacando gravações de Adoniram Barbosa com os Demônios da Garoa. Às 11hs.

BRASIL DE PONTA A PONTA (Cultura AM-1200) — Apresenta um programa chamado "Machado de Assis e as Memórias Póstumas de Brás Cubas". Às 13hs.

SHOW DE RÁDIO (Bandeirantes AM-840) — Estréia o horário novo para a equipe de Estevam Sarginardi e equipe, fora das transmissões esportivas. Às 13h30.

TEMA LIVRE (Cultura AM-1200) — Apresenta músicas de Earth, Wind and Fire. Apresentação de Dorival Corpe. Às 17hs.

POETAS DA NOVA POESIA (Cultura AM-1200) — Apresenta hoje Juan Sontz Herrandez. Às 18hs.

OPERA COMPLETA (Cultura AM-1200) — Apresentação e produção de Sérgio Vioni. Apresenta "Vanessa" de Samuel Barber, com a Orquestra do Metropolitan de Nova York. Reg. Mitropoulos. Às 19hs.



Especial com Adoniram hoje na Cultura AM

FOLHA DE
S. PAULO
PAG. 10

— Segunda-feira, 5 de dezembro de 1983.

Feira homenageia Adoniran no Parque

X Com uma homenagem especial a Adoniran Barbosa, falecido há um ano, realizou-se ontem pela manhã, no Parque do Ibirapuera, a feira "Troca-troca de Brinquedos", promovida pela Paulistur no primeiro domingo de cada mês. Na feira as crianças puderam, além de trocar brinquedos, admirar a coleção de bicicletas em miniatura, um parque de diversões e o famoso "Trem das Onze" confeccionados pelo compositor.

Em cerca de 20 mesas coloridas, as crianças expuseram os brinquedos a serem trocados. A primeira "transação" do dia, feita por Daniel Andrade Vizeu, de 8 anos, foi a troca de um par de patins, uma revista e um carrinho de ferro por um bate-bate, uma corneta e um helicóptero. Satisfeito com o resultado, principalmente pelo helicóptero, Daniel esperava obter mais alguns carrinhos para a sua coleção até o final da feira.

música

Réquiem para a TV Cultura

A "Fábrica do Som" fecha, num sintomático golpe de misericórdia orquestrado pela Fundação Padre Anchieta

JÚLIO MEDAGLIA

Especial para a "Folha"

Na mesma proporção em que os parasitas da especulação financeira prosperam neste país, as fábricas fecham. Isto é, quem não produz é bem-sucedido; quem cria luta com dificuldades e pára. Esta é a preciosa equação que os "salvadores da Pátria" que tomaram o poder há 20 anos legaram. Uma especulação, porém, que visa a algum tipo de dividendos cuja natureza ainda não é suficientemente clara, mas que seguramente não foi inspirada na inteligência nem no espírito da prestação de serviço, determinou esta semana o fechamento de mais uma fábrica. Não uma fábrica de material bélico, pois, como se sabe, na indústria do extermínio humano o Brasil se coloca hoje numa posição de fazer inveja a muita superpotência. Fechou uma micro-empresa. A mais original em seu setor de atividade neste país. Uma empresa gênero "fundo de quintal" (único lugar, aliás, que restou nas dependências desta Nação para quem, isolada e criativamente, pretende desenvolver algum projeto, pois os compartimentos superequipados e promissores já não nos pertencem mais. Uma empresa que operava essencialmente com os últimos valores que nos restam e os quais os "Dráculas" do "bunker" ainda não conseguiram nos sugar de todo: a improvisação e a criatividade. Pois é, senhores, a TV Cultura fechou a "Fábrica do Som".

Os anos 80 despertaram com disposição para a mudança. Os grupos infanto-juvenis (tipo Blitz) entraram de sola com sua música descontraída e bem humorada (espécie de Jovem Guarda de hoje), minando o bolerismo lacrimojante e mediocre das Simones, Bethânias e Roberto Carlos. Rita Lee, com sua vivacidade, batava



Casta-se o único espaço na TV que registrava a livre invenção dos anos 80; permanece, em compensação, o absurdo estilo radiofônico, marca registrada da TV Cultura

(CONTINUA NO VERSO)

01/07/84

PÁG. 59 (CONT.)

7º CADERNO

o pessoal pra dançar e, com senso de humor, criava deliciosas e provocadoras crônicas e críticas, levantando o "astral" de uma outra faixa de ouvintes (lamentavelmente, suas últimas gravações chegam a lembrar mais uma "Martinha" de discoteque do que a ex-integrante do genial "Mutantes"). Na área da música mais pretensiosa, elaborada e cheia de idéias, surgia em São Paulo Arrigo Barnabé, o mais bem equipado e corajoso músico da atual geração, assim como os não menos importantes grupos de Itamar Assumpção, Rumo, Premê e outros. Abre-se o mercado para a música instrumental e grupos de altíssima qualidade técnica como os de Hermeto, Amilson Godói (Medusa), Paulo Moura e outros, conseguem expor suas idéias, já com algum sucesso. Explode a feitura do disco independente, e aí vai.

Uma séria dificuldade, porém, encontrou essa nova geração na veiculação de seus trabalhos. As rádios, em consequência da pouca vivacidade na produção musical nacional do período anterior, concentraram o repertório de suas programações na música importada. No período da grande ascensão da Globo (início dos 70), ela fez algumas tentativas de restaurar o sucesso dos musicais e festivais dos anos 60, mas a própria MPB da época não lhe ofereceu o suficiente "gás" para reproduzir o brilho musical da década passada. Assim sendo, concentrou o forte de sua programação no teleteatro e na produção de humorísticos.

A televisão estatal, que deve ter sido criada para apresentar outro tipo de prestação de serviços nessa área (embora nunca tenha cumprido esse papel), seria o local ideal para a transpiração de novos projetos culturais. Dentro da insignificância cultural, utilitária e de audiência de nossas TVs públicas, surgiu, há tempos, como por encanto, um programa que escancarou as portas para a livre invenção: o "Fábrica do Som". Por ser o único canal aberto neste País a toda essa nova geração de músicos, ele entrou no ar e se manteve (até ontem) com o entusiasmo, a rebeldia e o delírio dos sufocados que sabiam que essa era a única fissura aberta nesse impenetrável rochedo do consumismo musical calhorda dos tempos atuais. Por essa razão a "Fábrica" não poderia ter o clima de enfermaria dos outros programas dessa estação nem a impecabilidade de acabamento das produções da emissora que faz a mesma programação há 15 anos. Era de se esperar que a juventude assumisse um comportamento irreverente e debochado nas gravações, exercitando a sua contestação pela ausência de espaço em nossas TVs para suas idéias e costumes. E por ser também a única brecha, o programa era extremamente irregular, mesclando grupos que apenas exibiam sua catarse com música de qualidade inferior ao mesmo tempo que outros, de elevado nível técnico e artístico, apresentavam-se moderadamente, em meio a um delírio constante onde tudo podia acontecer. Mas só poderia ser assim. As coisas

arrumadinhas devem mesmo ficar para os chupins sem imaginação ou para os cansados e superados de gerações anteriores produzirem. A movimentação da câmara fornecia com exatidão o espírito da coisa, comportando-se como um espectador perdido e aturdido em meio àqueles acontecimentos inusitados. Da mesma forma que a ditadura militar, no auge de sua emocionalidade autoritária no final dos anos 60, interferiu na produção artística, castrando a produção e veiculação de idéias (na época lideradas pelo som), o sr. Renato Ferrari, que deveria exercer apenas as funções de presidente da Fundação e deixar a divisão de programação para gente do ramo, mandou bloquear os equipamentos dessa fábrica. A partir de hoje, tudo continua como antes. Uma estação que pouco mais é do que um "Sílvia Santos cultural". Uma programação inexpressiva que 40 bons profissionais bem dirigidos fariam melhor (embora o cabide de empregos da Cultura conte com mais de 1.000 funcionários). Um estilo radiofônico, pois só tem gente parada em frente das câmaras falando o dia inteiro e fazendo gracinhas — piscando para o telespectador, mandando beijinhos ou batendo papo como numa reunião dominical depois do almoço na casa da titia.

O sr. Fernando Jordão, por todos considerado, na época, como a mais indicada personalidade da televisão brasileira para ocupar o cargo de diretor de programação, foi levado a essa função por uma espécie de "eleição direta". Quando o Conselho da Fundação rejeitou o seu nome, os seus colegas de profissão (o chamado *esprit-de-corps*) se cotizaram e armaram na imprensa paulista uma verdadeira campanha a seu favor. Tão forte ela chegou a ser, que os "Nosferatos" que se ocultam nas entrelinhas dos estatutos daquela Fundação voltaram atrás e permitiram a sua posse. Ele está lá há um ano e nada mudou. Ao que me consta, nenhum jornalista foi visitá-lo, desde então, a fim de cobrar a concretização das teses que ele apresentou em sua plataforma. Com o fechamento da "Fábrica do Som" sai do ar o mais vivo programa musical da televisão brasileira. Ou melhor: o único programa existente que veicula música brasileira viva. Desta vez me parece que Jordão devia pegar o boné e armar o seu circo em outra freguesia, pois sua dignidade de grande homem de televisão está em jogo (isso se o emprego não lhe for tão importante assim).

Meus pêsames à TV Cultura. Minhas condolências à música brasileira.

Poucos bares marcaram época em São Paulo

FERNANDO PESSOA FERREIRA

Do nosso equipe de reportagem

"Todo homem deve ter seu bar de estimação", dizia Luís Carlos Paraná, que foi dono de bar, compositor ("Maria, Carnaval e Cinzas", "Amor e Paz") e competente frasista. Mas o próprio Paraná admitia que é difícil ser fiel a um bar numa cidade como São Paulo, cujos bares costumam ter vida efêmera — salvo umas poucas e honrosas exceções. Segundo o Sindicato de Hotéis e Similares, existem cerca de 30 mil bares nesta cidade, incluindo-se aqueles classificados também como restaurantes. Sem contar os clandestinos, que são milhares, escondidos nas favelas e quebradas da periferia. A volubilidade etílica do paulistano não impede, porém, que São Paulo crie estilos e modas nessa área, que frequentemente são exportados para outras paragens. Como o sanduíche "Bauru", criado por Casimiro Pinto Neto no lendário "Ponto Chic", do largo do Paissandu; ou como a moda dos "cafés" (importando uma louável tradição européia) e das casas de samba, sucedâneas classe média para as quadras de escolas de samba.

A moda das casas de samba teve seu apogeu em fins dos anos 60, graças a uma feliz idéia do Luís Carlos Paraná, fundando o "Jogra", um bar com música brasileira ao



Em uma das fotos da exposição, o compositor Adoniran Barbosa (em pé, de gravata), diante de uma biroscas, nos anos 50

(CONTINUA NO VERSO)

No Sesc, um pouco de história

Do último dia 24 e até 31 de outubro, o Sesc Carmo, na rua do Carmo, no centro da cidade, está apresentando uma extensa e variada programação, intitulada "Nos bares da vida". Shows musicais, mesas-redondas, noites de autógrafos, filmes e exposições foram organizados para nós: e à noite, no "Carmo's Bar", homenagem a história dos bares em São Paulo, seus personagens e suas tradições. Para isso, foram montados ali vários ambientes de bar, procurando reconstruir a atmosfera mais típica do gênero.

Hoje e amanhã, o Sesc Carmo não funciona. Mas, na segunda-feira, a programação de "Nos Bares da Vida" começa às 11h, com um "Espaço de Canja", e prossegue à tarde, no "Plano's Bar", onde, às 19h, será dada uma aula de coquetelaria, no "Plano's Bar", onde, às 20h, será dado um show de jazz. Na terça, dia 2, as exposições serão uma aula aberta de salgadinhos e canjucas, no "Plano's Bar" (às 16h) e a sessão de jazz, também no "Plano's Bar", às 18h.

ELIAN AMARAL



No luxuoso Trianon, do Maksoud Plaza, o piano e a voz de Johnny All

ouvindo o esplêndido Johnny All cantando baixinho ao piano. Um pouco mais tarde, às dez, é a vez do macio trompete em surdina de Araken Peixoto, acompanhado por Micael Cordonez no Sesc Carmo, no centro da cidade, está apresentando uma extensa e variada programação, intitulada "Nos bares da vida". Shows musicais, mesas-redondas, noites de autógrafos, filmes e exposições foram organizados para nós: e à noite, no "Carmo's Bar", homenagem a história dos bares em São Paulo, seus personagens e suas tradições. Para isso, foram montados ali vários ambientes de bar, procurando reconstruir a atmosfera mais típica do gênero.

Mas há aqueles que de um bom bar esperam apenas boa bebida e melhor conversa. E se sentem até incômoda-dos se houver música de fundo. São dessa turma os que elegeram o bar do Hotel Jaraguá, na rua Major Quecunho, como o seu preferido. Isso quando ele ainda funcionava no térreo. Da mesma espécie de aficcionados são os que frequentam o bar do Léo, na rua Aurora, esquina com a rua dos Andradas, lida solitária de recato e bom gosto na decadência miserável da "Boca". Acontece que lá, segundo os especialistas, bebe-se o chope mais bem tirado de São Paulo, quita do Brasil.

Pelo chope, e também pelos exceções — sobretudo porque não limitam sua programação musical ao indefectível piano em surdina. São elas o "Baluca", na praça Roosevelt (há uma filial nos Jardins, sem o mesmo charme), anexo ao restaurante do mesmo nome; e o "Trianon", no hotel Maksoud Plaza. O primeiro é um fenômeno de longevi-dade — pelos padrões da cidade — pois esta lá desde o início da década de 60. Já o "Trianon" nasceu com o Maksoud, há uns quatro anos. Neles, as sete da noite, se pode bebericar cordas.

Vivo que marcou época na noite paulistana. Do espírito do "Jogral", o remanescente mais autêntico, hoje, é o "3º Usque", na rua Santo Antônio, onde a maior atração é o cantor e violonista Adauto Santos, que foi parceiro e sócio de Paraná. O nome da casa é uma homenagem a um samba inédito (a única tentativa para gravá-lo foi bloqueada pela censura) de dois respeitadíssimos boemi- os, Martinelli e Artur Andrade, cuja letra é um verdadeiro hino ao fundo do copo: "Depois do terceiro usque/ tristeza me esqueceu/ Depois do terceiro usque/ o mundo é todo meu/ Depois do terceiro usque/ eu não sou mais eu/ pois aparece um outro/ muito melhor do que eu".

Outro modismo, que não foi inventado local mas depressa pegou e se propagou, é o chamado "piano bar". Pode-se dizer, sem má vontade, que não há nada mais parecido com um piano-bar do que outro piano-bar, seja ele sofisticado e caro como o "Plano's", nos Jardins, ou de fórmula mais modesta. Mas há duas exceções — sobretudo porque não limitam sua programação musical ao indefectível piano em surdina. São elas o "Baluca", na praça Roosevelt (há uma filial nos Jardins, sem o mesmo charme), anexo ao restaurante do mesmo nome; e o "Trianon", no hotel Maksoud Plaza. O primeiro é um fenômeno de longevi-dade — pelos padrões da cidade — pois esta lá desde o início da década de 60. Já o "Trianon" nasceu com o Maksoud, há uns quatro anos. Neles, as sete da noite, se pode bebericar

Livre trânsito entre o concerto e a MPB

ÊNIO SQUEFF
Crítico do "Folha"

Aos quase oitenta anos, Radamés Gnattali ainda conserva o velho hábito de aferroar as coisas e os homens que lhe são desafetos com sonoros palavrões e um riso franco. Parece ser de fato um vezo antigo: quando se reunia com o poeta Augusto Mayer e o escritor Theodomiro Tostes em Porto Alegre, no princípio do século, as conversas regadas a chope não giravam muito em torno de temas transcendentais — eram sobre mulheres mesmo. Mas, na época, o compositor alentava o sonho de ser apenas um professor de conservatório. Só que, então, já havia os pistóles e a política.

Por eles, Radamés Gnattali soube que não bastavam conversas com o próprio presidente da República. Era necessário padrinho que ele, pessoalmente, jamais possuía. Foi em 1939: de posse de uma carta de Raul Pilla, político liberal gaúcho, inimigo fidalgo de Getúlio, mas confiante de que seu protegido seria recebido, Radamés Gnattali entrevistou-se com o então presidente. Não queria nada demais, apenas saber se haveria realmente concurso para professor de piano na Escola Nacional de Música. Getúlio garantiu-lhe que sim. Meses depois, porém Radamés Gnattali era informado de que a vaga tinha sido preenchida (como se viu nesta semana, no bar Engenho e Arte, o Brasil começava a perder naquele momento um professor de piano para ganhar um compositor também de música popular e um dos bons pianistas do seu tempo). Como contemporâneo de Ernesto Nazareth ("Ele não era pianista, era um pianista de respeito"), e Pixinguinha ("Um músico completo") e de Garoto (cujos choros aparecem num disco seu lançado recentemente com o violonista Rafael Rabello), Radamés Gnattali não parece guardar rancores ou tabus. Em relação aos primeiros, aprendeu a esquecê-los. Embora possua mais de 200 composições, ele quase não consegue que as executem mais que uma vez: "Os maestros e

intérpretes só gostam de fazer primeiras audições", explica. Quanto aos tabus, porém, já os superou. "Veja o caso do jazz — diz — foi incorporado por Ravel e Debussy; Milhaud chegou a viver entre negros do Harlem só para fazer a "Criação do Mundo"; não tenho razão alguma para não usar seus procedimentos."

Em alguns casos, de fato, o desprezo soene pelos tabus caminha lado a

lado com a questão do uso do jazz. Dos 10 concertos para piano que escreveu além das seis sinfonias (cuja última está em gestação há mais de 10 anos), o jazz (como a música popular brasileira) vem sendo uma presença praticamente compulsória. Para o maestro Radamés Gnattali, não há como compor sem o subtexto de um ou outro. Mas o desprezo pelas convenções estende-se também às opiniões. Embora tenha

composto sobre versos de seu amigo Manuel Bandeira, Radamés não hesita em afirmar que não gosta de ópera. A acusação de um suposto preconceito, responde com a idéia de que a música são apenas sons. A voz pode ajudar, mas impõe uma "literatice" que, para o maestro, arranjador e pianista, só interfere na verdadeira música de concerto. Daí, porém, a afirmações categóricas vão apenas alguns goles de cerveja. Por exemplo: o maestro Radamés Gnattali não titubeia em afirmar uma admiração irrestrita por Schumann. Assina embaixo a afirmação de Tom Jobim de que "Schumann já via por outro lado do rio" (ou seja, já teria previsto alguns processos contemporâneos). Mas não mostra maior admiração por Schubert, cuja sinfonia "A Grande", ele dispensaria da história da música; muito menos se entenece ou se assusta com certas idéias acabadas. Com outras palavras: gosta da música de Beethoven e já tocou parte de sua obra de câmara como violista (quando a noite não tomava todo o seu tempo). Mas não troca os dois únicos quartetos de Debussy e de Ravel pelos "Quarenta" (sic) de Beethoven. Quanto às sinfonias deste, só consegue ouvir a Quinta, em Dó Menor: é a música que lhe lembra sua infância. Por isso mesmo, porém, não gosta de ouvir música quando pode tocá-la. E até jamais se deu ao trabalho de comprar um toca-discos. "Quando quero ouvir boa música — diz — sintonizo na rádio Jornal do Brasil".

Nestes casos, Radamés Gnattali tanto pode escutar suas próprias músicas — o que aparentemente não o desagrada jamais (e que aos críticos agradam principalmente pelos seus respeitáveis conhecimentos de orquestrador) quanto ouvir a música de alguns compositores que ele sinceramente preferiria esquecer, como Karl Maria Von Weber. Pois, quanto ao mais, é um homem realizado. A música popular — desde os tempos de amigo Pixinguinha — está entre seus gostos inquestionáveis. Como o de dizer o que pensa, é outro de seus hábitos antigos.



Radamés Gnattali: um compositor sem nenhum preconceito

O som como (p) arte da narrativa

JÚLIO MEDAGLIA

Especial para a Folha

Nas últimas semanas meu trabalho com música tem-se caracterizado pelo manuseio do som como elemento de ação dramática. Se, num dos casos, eu gesticulava freneticamente para que a Sinfônica de Campinas me acompanhasse na execução de "Cinema" de Erik Satie, obra originalmente concebida como trilha sonora para o hoje antológico filme "Entr'act" de René Clair, cuja exibição simultânea acontecia numa tela suspensa sobre a orquestra, no outro, uma sequência de frevinhos, baiões ou chorinhos que eu havia articulado procurava dar graça, charme e malícia às peripécias de Que-Que, um atleta do amor, que com inusitada habilidade mantinha-se firme em seu tripé matrimonial onde, ao mesmo tempo, fazia extremamente felizes três encantadoras mulheres — segundo deliciosa comédia de costumes de José Condé adaptada para a TV por Walter Avancini com o nome de "Rabo de Saia".

Ilusionismo sonoro

"Cinema" foi a primeira trilha sonora escrita para um moderno veículo de comunicação. "Entr'act" foi, portanto, o primeiro filme sonoro e o primeiro musical da história do cinema, antes mesmo deste conhecer a fala. A televisão brasileira, ao contrário das de outros países, teve sua origem no veículo imediatamente anterior a si: o rádio — e não no cinema, no teatro ou na literatura. É importante que se saiba que tão ou — a meu ver — mais importante que a palavra no rádio, era a contra-regra (ruídos) e sonoplastia (música). A rica paleta de efeitos de nosso rádio tradicional levava com facilidade o ouvinte a vislumbrar o contexto onde se passava a ação, enquanto a sonoplastia o arrebatava do mero descritivo, conduzindo-o ao mundo da fantasia. E era esse trabalho de ilusionismo sonoro, praticado por verdadeiros gênios dessa nossa tão autêntica e criativa forma de cultura popular, que souberam compreender como ninguém as propriedades desse novo veículo, é que fazia a magia do rádio. Como a imaginação, terreno onde operavam com maestria esses contra-regras e sonoplastas, vai bem mais longe que a imagem, a chegada da televisão diminuiu a participação criativa do espectador diante do despenho dramático, reduzindo,

consequentemente, a ação da paleta sonora a um segundo plano. Inicialmente, quando a presença de profissionais do rádio em nossa TV era mais marcante, a sonoplastia possuía o brilho herdado do veículo de origem. Com o passar do tempo, porém, e sobretudo com a comercialização através do disco da mensagem musical subliminar, a função do som em nossa TV ficou praticamente reduzida à de lubrificação daquilo que o texto e a imagem já mostram com clareza.

Produção industrial

Em "Entr'act" aconteciam dois processos artesanais diferentes, ambos com igualdade de atuação e importância na exposição das idéias que, a duras penas, corriam paralelamente em sincronia. Na televisão atual, imagem e som (fala, música e ruído) são frutos do mesmo gênero de transistores e manuseados pelos mesmos computadores, o que justificaria, em princípio, um tratamento equânime desses elementos por parte dos autores. Mas, talvez pelo acelerado ritmo de produção industrial desse veículo, foi criada uma hierarquia na atuação desses parâmetros, onde a informação se processa em grau de importância preliminar através da palavra, secundariamente da imagem — ainda que esta tenha sido a grande novidade que a TV nos trouxera — e, a nível muito abaixo, através do som. Para se fazer um teste, basta sintonizar uma novela qualquer, escurecer a imagem e o espectador verá que apenas atrás do blá-blá-blá ele conseguirá acompanhar o que se passa. Curiosamente, portanto, o advento da imagem trouxe uma supervalorização da palavra ao mesmo tempo que, praticamente, aniquilou o efeito quase psicodélico que o som possuía no rádio tradicional.

Mas a subestimação do som como elemento de narração acontece também em nosso teatro e cinema. As pessoas ainda não se deram conta de que a música, enquanto trilha, é um roteiro informativo tão importante quanto o literário e o visual. Que um músico quando escreve uma trilha deixa de ser músico e passa a ser dramaturgo. Em verdade, a semântica do som é tão rica e tão clara como a da palavra e da imagem. Assim sendo, o uso inadequado do som pode enfraquecer ou mesmo distorcer o sentido de um trabalho.

Interpretando imagens

Para se ter uma idéia da clareza com que o som pode atuar num fragmento de roteiro, vou citar um exemplo: a cena final do primeiro capítulo de "Rabo de Saia". Após esquivar-se de uma série de ciladas que a complicada vida de trigamo havia lhe preparado, o personagem interpretado por Lalorraca entrega-se ao conforto dos braços assaz maternais de sua Eleusina (Dina Sfat); empenha-se com o necessário cuidado na delicada tarefa de fazer entrar em erupção o poderoso vulcão, disfarçado pelos 5 anos de resguardo da viuvez prematura de sua sobrinha (Lucinha Lins) e regride à juventude, ao desafiar a vivacidade de sua terceira esposa, a moleca Nicinha (Tássia Camargo), atuando no ritmo dos acontecimentos por ela propostos. Essa ciranda matrimonial que coroava uma sequência de acontecimentos inusitados era exposta em clima de rara beleza, numa harmoniosa e saborosa sucessão de lirismo e jocosidade, afeto e esper-teza, sensualidade e potência. Ao ter que interpretar com minha música aqueles acontecimentos, me dei conta que tinha nas mãos a possibilidade de julgamento moral do personagem. Se colocasse uma música movimentada, bem-humorada, estaria interpretando aqueles fatos e o personagem através do prisma da malandragem e isto valeria para todo o seriado. Como, pessoalmente, acredito que o homem é um ser inteiramente destituído de caráter e superdotado de talento, ocorreu-me identificar na deslumbrante habilidade de nosso personagem em ser e fazer felizes tantas pessoas, um dado positivo de sua personalidade. Como condená-lo, ou desrepeitá-lo, portanto? Foi então que os mais velos violinos e harpas despencaram do Olimpo, envolvendo generosamente os sensuais movimentos de nosso herói com suas amadas, conduzindo-os, todos, aos píncaros da mais cândida, digna e bela fantasia amorosa (como a Censura censura a língua e não a linguagem, jamais se deu conta de que aqueles ingênuos violinos lançavam o mais belo e puro manifesto poligâmico de que se tem notícia).

O estudo do som como personagem é um assunto que ainda merecerá um artigo aprofundado, já que se trata de um terreno baldio na cultura brasileira.

JÚLIO MEDAGLIA é músico e fez as trilhas sonoras para "Anarquistas, Graças e Deus" e "Rabo de Saia".

Um museu sobre a vida e obra de Adoniram Barbosa

Há exatamente dois anos Adoniram Barbosa tomava o trem que não era o das onze e embarcava para a eternidade. Antes de partir, pediu à sua mulher Titide — dona Mathilde Barbosa — que tirasse a cadela Lourinha (que havia morrido dois anos antes) do pé da cama. Adoniran era assim: fiel a seu imaginário até na hora da morte. Tinha o costume de levar para sua casa barras de chocolate embrulhadas em papel-alumínio para a gulosa Lourinha. Depois, enrolava a embalagem e a jogava no cinzeiro que ele mesmo construía, uma carrocinha de metal que, junto a dezenas de objetos de uso pessoal e roupas, já faz parte do Museu Adoniram Barbosa, inaugurado ontem, no subsolo da Secretaria de Esportes e Turismo (rua 15 de Novembro, 347).

Por fidelidade à "hora mágica" de Adoniran e a seu maior sucesso, "Trem das Onze", o museu foi inaugurado, com a presença de sua esposa Mathilde Rubinati Barbosa, exatamente às 11 horas. O conjunto Talismã, que gravou todas as músicas de Adoniran e o acompanhou nos últimos dez anos, tocou seus maiores sucessos — "Samba do Arnesto",

"Saudosa Maloca", "Tiro ao Alvaro" — para o público que lotou o museu que abriga, agora em exposição permanente, desde a coleção de canetas-tinteiro do sambista até os brinquedos construídos por ele.

A idéia de criar um museu para resguardar a memória do compositor partiu da própria viúva de Adoniran, que, junto a Armandinho Pugliese (diretor do Museu do Bixiga), visitaram desde secretários de Cultura ao governador Montoro, até conseguir do secretário de Esportes e Turismo, Caio Pompeu de Toledo, um espaço para preservar o acervo.

"Aqui no museu estão os objetos que Adoniran mais amava, desde suas gravatas-borboletas a seus chapéus, passando pelos troféus e o smoking que usava para receber prêmios e homenagens", diz sua viúva. Lá estão também recortes de revistas e jornais, o indefectível cachecol xadrez do compositor, seus discos — inclusive o primeiro samba gravado por ele, em 44 ("Malvina") — e partituras. Brevemente, no local, deverá ser instalado um monitor para a exibição de vídeos sobre a vida do artista. O museu funcionará diariamente, das 10 às 17 horas. (AGF)

FOLHA DE SÃO PAULO

Domingo, 30 de dezembro de 1984 — ILUSTRADA — 5.º caderno — 47

A VIDA DE ADONIRAM BARBOSA - Exposição que inaugura o Museu Adoniram Barbosa, reunindo mais de cem peças, entre manuscritos das letras de músicas, exemplares dos discos gravados, objetos pessoais. O destaque é o tranzi-
nha construída por Adoniram Barbosa e um dos seus passeios preferidos. Museu Adoniram Barbosa, Cofre do Espaço Turístico (r. 15 de Novembro 347). De segunda a sexta das 10h às 17h.

ESPIA SO, ADONIRAN!



ndindonde havia ontem quarteirões inteiros,

(CONT. NO VERSO)

Para o sestovipoon "Chorutinho" Barbosa, oferece
o Antônio Macedo.

S. Paulo, Janeiro, 29, 1968.

hoje foi isto...

Nem deu tempo pra cantar saudade. Mato Grosso acordou numa metade de quarto e foi tomar café (quentinho, na hora, fácil... ULTRAGAZ tava lá) num pedaço de cozinha. E bronquear não resolve: é atacar logo uma reforma —

que o progresso agora empurra a gente. Lá em Jaçanã só se pensa no metrô, que há de chegar, sim, zunindo, num contínuo vaivém. Se eu perder o trem das 11, tem logo outro daqui a pouco. E o Arnesto, contente com o viaduto, con-

vida pra nôvo samba (êle mora no Brás) e desta vez não vai mancar. Faz questão de uma birita pra quem cresce com a cidade, pra quem ajuda a fazê-la mais confortável e humana. Tem muita gente vibrando com o nôvo samba do Brigadeiro. Nós também vai.

Folha de
S. Paulo

ULTRAGAZ



é quem acende a chama
no bôlo de aniversário

PARABÉNS, CIDADE DE SÃO PAULO! OBRIGADO, PREFEITO FARIA LIMA!

F O L H A DA T A R D E
(1952 a 1985)

índice

- 1952.....	103
- 1953.....	104
- 1959.....	105
- 1968.....	107
- 1969.....	109
- 1971.....	110
- 1972.....	111
- 1973.....	113
- 1975.....	115
- 1977.....	119
- 1978.....	122
- 1980.....	123
- 1981.....	126
- 1982.....	129
- 1983.....	150
- 1984.....	170
- 1985.....	175
- SEM DATA.....	179

PARADA DE SUCESSOS

Em "Parada de Sucessos" a FOLHA DA TARDE publica diariamente as letras das músicas de maior êxito no momento, assim como todas aquelas que nos forem solicitadas pelos leitores.

As respectivas gravações são transmitidas pela Rádio Excelsior, das 11 h 30 às 12 horas, em seu programa "Parada de Sucessos" apresentado sob o patrocínio de Radios Assunção S.A.

Peça a letra que desejar conhecer, escrevendo para a FOLHA DA TARDE — "Parada de Sucessos" — al. Cleveland, 534.

Terminado o concurso para escolha da música do carnaval paulista, sob o patrocínio de Radios Assunção S/A, em colaboração com a FOLHA DA TARDE, verificou-se, de acordo com o julgamento da comissão julgadora, o seguinte resultado:

SAMBAS:

- 1.º — "Malvina" — de Adonirá Barbosa — com 20 pontos
- 2.º — "Vou beber" — de Raguinho e Sereno — com 19 pontos
- 3.º — "Viver prá que?" — de José Roy e Blota Junior; e "Desapareceu" — de Antonio Rago e Helle Sindó — empatados com 14 pontos
- 5.º — "Volta por Deus" — de Mario Vieira e Conde — com 13 pontos.

MARCHAS:

- 1.º — "Cuidado, Lili" — de Moacir Braga e José Sacomani — com 23 pontos
- 2.º — "Vem, morena" — de José Roy — com 18 pontos
- 3.º — "Pode ir em paz" — de Adonirá Barbosa e Hervé Cordovil — com 15 pontos
- 4.º — "Cachopa de branco" — de Jucata — com 12 pontos
- 5.º — "Ploc-Ploc da vassoura" — de Juraci Rago e Odair Magno — com 10 pontos.

Hoje — às 11 h 30 — os compositores das duas canções premiadas, nas duas séries — estarão na Parada de Sucessos, recebendo seus prêmios. A eles prestamos nossas homenagens, publicando as letras de suas músicas:

"MALVINA" — gravação dos Demônios da Garoa

Malvina,
você não vai me abandonar (bis)
não pode
sem você como é que eu vou ficar.
Está fazendo mais de dez
anos que nos "tamos" juntos
e daqui você não sai
minha vida sem você não vai,
minha vida sem você não vai.

"CUIDADO, LILI" — gravação dos Vagalumes do Luar

Lili tem 17 anos
é uma flor ainda em botão (bis)
Lili tem 17 anos
e já quer dar seu coração.
Cuidado Lili, cuidado
a vida é chela de desenganos.
Cuidado Lili, cuidado
e você tem só 17 anos (bis)
vai fazer 18, no ano que vem
espere mais um pouco, juízo meu bem.

"VOU BEBER" — gravação dos Vagalumes do Luar

Vou beber por causa dela
bebendo só é que eu sinto prazer (bis)
e a primeira mulher
que cair em minha mão
é que vai padecer.
Bebendo esqueço tudo que passei
esqueço a mulher que tanto amei
bebida é tudo que tenho agora
depois que aquela ingrata foi embora.

"VEM, MORENA" — gravação de Wilson Roberto

Vem morena
tem pena (bis)
vem matar minha paixão
vem morena querida
morena de meu coração.
Morena, morena
eu não consigo te esquecer
morena, morena
se não voltares sou capaz de enlouquecer.

X

FORPINTA

MIROEL SILVEIRA

O TEATRO DE ARENA marcou vitória com suas três últimas apresentações, sábado e domingo, no Museu de Arte Moderna. Por três vezes a lotação se esgotou, numa demonstração da vitalidade que tal gênero possui, e da confiança que José Renato e seus companheiros já souberam inspirar ao público. Contudo, houve uma queda no nível geral desta apresentação, comparada com as exibições anteriores. No remonte de "O Demorado Adeus", de Tennessee Williams, não conseguiu a interpretação atingir o mesmo clima de poesia da primitiva encenação. John Herbert tem sensibilidade e talento, mas não consegue transmitir a mesma impressão de magoada profundidade tão peculiar à máscara de Geraldo Mateos. Eva Vilma, sem dúvida, é melhor atriz que Moná Delacy, mas todos os outros personagens — a mãe, o amigo, são menos interessantes na atual versão.

No "Judas em Sábado de Aleluia", além da pouca teatralidade da indumentária, funcionou mal a direção de Sérgio Brito, levando a ação aos saltos e com visível desequilíbrio para a (pelo menos) relativa verossimilhança que a farsa exige. O teatro de arena pede maior verdade, inclusive na relação material entre os corpos em cena, e o "Judas" a toda hora se colocava de tal maneira dentro da ação dos outros personagens que a representação perdia qualquer probabilidade de se tornar admissível. José Renato — que tem uma ótima caracterização no "Judas" — precisa não permitir que seu teatro vá perdendo as características iniciais de boa realização, inclusive nos efeitos de luz e de som, desta vez bastante precários. O "Teatro de Arena" é uma jovem organização pela qual todos nós torcemos com a maior simpatia.



O PROFESSOR PANCRACIO (Adonirá Barbosa) está radiante com o seu casamento com Eponina (Níela Junqueira). No filme "Candinho", dirigido por Abílio Pereira de Almeida, muitas outras coisas acontecem. Mazaroppi, Marisa Prado, Rute de Sousa e Adonirá Barbosa são os principais intérpretes de mais esta comédia da Vera Cruz, de próximo lançamento em São Paulo.

TONIA CARRERO E ADOLFO CELL estiveram presentes à representação noturna do "Teatro de Arena", domingo. Cell anuncia que os três principais papéis de "A Verdade de cada um", cujos ensaios se iniciaram hoje, serão confiados a Valdemar Wey (o "raiscumeur"), Cleide Iaconis (a sogra) e Paulo Autran (o genro). Muito provavelmente Marie Augusta será convidada para tomar parte no espetáculo: ela já faz parte dos elencos pirandellianos do T.B.C...

JOAO VILLARET assinou contrato com a Record, onde fará uma série de apresenta-

ções. Mas continuará com suas atividades em "boites".

DUAS ESTREIAS na noite de hoje: no Santana, a peça do deputado Nelson Carneiro sobre o tema do divórcio, "O Culpado foi Você", com André Vilhon, Iracema de Alencar, Maria Castro e Artur Costa Filho. No pequeno auditório do Teatro Cultura Artística, o terceiro corraç da Cia. Delmiro Gonçalves: "A Toça Branca", de André Lem, comédia traduzida por Helio Tys e Ricardo Werneck de Azular, interpretada por Margarida Ref, Jaime Barcelos e Silvia Ortuf. Cenário de Irenio e trajes de Celia Biar.

SOBRE
LIMA
BARRETO

As origens de "O Sertanejo"

Lima Barreto é uzeiro e bezeiro em frequentar a seção de Cinema das FOLHAS. Quando com ele não me encontro, em demoradas conversas, interrompidas por muitas xícaras de café, em seu tugurio da rua Ricardo Batista e de onde eu retiro materia para algumas crônicas, Lima Barreto me escreve demoradas cartas, redigidas com aquele seu estilo derramado, cheio de exuberancia ou de tristeza, conforme o estado de espirito do momento. As FOLHAS, para ele, são um refugio em que sempre encontra o apazalho contra as frias noites da incompreensão ou o tepido aplauso para os momentos de êxito, acontecidos aqui ou lá fora. Há dias, fui visitar Lima Barreto, como de habito. Não estava em casa (coisa rara), fora superintender, num estúdio, a gravação de seu ultimo documentario — "O Café". Deixei-lhe um bilhete: "Há um ponto obscuro e discutido na historia do cinema brasileiro: "O Sertanejo" nasceu antes ou depois de "O Cangaceiro", ainda que, na historia do Brasil, Antonio Conselheiro haja vivido antes de Virgulino Ferreira, mais conhecido sob a alcunha de "Galdino", depois que seus cabras dispersaram as "volantes" de Cannes e de Edimbourg...". Lima Barreto levou a serio, ou aproveitou a pergunta inocente, para escrever-me a seguinte carta:

"B.J. — Prouve a Deus que eu cá não esticasse quando você veio. Se me houvesse encontrado, é bem verdade que seria enorme o prazer de sentar-me com V. em torno de uma xícara de café, temperado com a sua prosa gostosa. Então, levando resposta àquela pergunta, V. me teria furtado a oportunidade de escrever-lhe mais uma carta. Pois, respondo de uma vezada à pergunta. Sim é verdade: "O Sertanejo", ao contrario da opinião geral, precedeu a "O Cangaceiro". Foi o caso que, desde menino de calça curta, já trazia eu uma inquietude provocada pela leitura de um livro opulento chamado "Os Sertões", que o professor, combinado com meu pai, indicara para substituir, no meu curso de português, o enjoadinho "Os Lusíadas". Eu implicava solenemente com esse livro de leitura obrigatória nas escolas do Brasil. O livro me cansara e aborrecia, porque Camões cantara fistas, gestas e homens de mim muito distantes, sem qualquer ligação afetiva com o capirinha de Casa Branca que eu era. É certo que então, com doze anos, eu nada ou quase nada compreendia de "Os Sertões". Lês-o na aula de português, "trupicando" naquele vocabulario pedregoso e grandiloquente, papagueando aquelas frases e aqueles paragrafos rufilantes (sim a sabê-lo de-

pois) em estilo, em beico, em verdade. Entretanto, "Os Sertões" me seduzia por um imponderavel telurico: sentindo-o quase instintivamente, sentia-me na pele daqueles caboclos rudes, belos, destemerosos e sofredores, que Euclides retratara e cuja odisséia descrevia com pinceladas de genio. Crescendo, senti crescer em mim uma insolita inclinação para tudo que proxima ou remotamente estivesse ligado ao cinema. Já então compreendia, sem tropeços, em sua totalidade intrinseca e extrinseca, "Os Sertões". E descobri o Brasil. Um dia o subconsciente fez vir à tona da consciencia uma idéa recalçada e consubstanciada na frase celebre: "O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastenicados do litoral." Essas dez palavras, por um milagre que nunca me explicarei suficientemente, tinham-se desdobrado num roteiro cinematografico a que dei o titulo de "O Sertanejo", embora esse fosse tambem o de uma obra de Alencar. E começou o sonho. Se o Brasil não tinha cinema, nem eu meios para abalar-me destes chãos, como filmar o meu "O Sertanejo"? O tempo passou e entramos na era negra da ditadura. Cogitei de interessar a fauna getuliana na realização do filme. Nada foi possivel, porque a censura odiosa não permitia ao brasileiro pensar sem ordem de um departamento do Estado fascista e cujo nome se reduzia a três letras ferrisais e mal-agourentas: DIP... Talvez o DIP me autorizasse a realizar o filme, ou talvez até mesmo o financiasse, se eu me compromettesse a obrigar o "São Bom Jesus Conselheiro" a exaltar, nas suas perliçangas, não Aquele que o entou para sair o homem sofrido do Nordeste, mas aquele que se fez ditador e, empanado de vaidade, se fez chamar o "pai dos pobres"... Então resolvei, num golpe de magica, enganar a policia dipeana: dáma costela de "O Sertanejo" fiz "O Cangaceiro", pretendendo, com este filme de aventura, "dirertir os mentinos" e ter se o Brasil e o mundo acclariariam filmes autenticamente brasileiros. Se não acclitassem, mudaria eu de rumo e de profissão. Quiz Deus que eu, um dia, acertasse a mão e visse e cantasse o mundo inteiro cantando "Olé, Mulé Rendra". Os responsaveis por este pois de meu Deus, entretanto, admittiam o êxito de meu filme como um descuido da Providencia, um milagre que não poderia ser repetido. Ajudou-os uma critica veiga que andou a proclamar que os juizes de Cannes, quando premiaram "O Cangaceiro", estavam idiotizados ou bebados... Assim, até hoje não me foi possivel repetir o milagre — mas, como é verdade irretorquível que enquanto o mundo gira, aquela empresa de transportes roda, tudo mudou felizmente para melhor e, hoje em dia, depois de tantos "milagrinhos", já se começa a admitir que sem "O Sertanejo" não ha salvação para o cinema brasileiro. Há males que têm para bem e, finalmente, posso garantir-lhe que, quando V. menos esperar, ai estará nas telas do mundo aquele filme que é an-

tes de tudo um forte e não tem o raquitismo exaustivo dos filmes mestiços do litoral como-

polita e energumeno... "Inté mais té"... — Lima Barreto."

Assim, pois, como uma pilhe-

ria cordial, consegui, inesperadamente, um "furo" para as FOLHAS. Lima Barreto parou-

te, em sua carta, que de um momento para outro, há de nascer na imagem do cinema o sertanejo que Euclides fez nascer nas frases enzuas de seu livro classico. E se Lima Barreto parou, assim de publico, que, quando menos se es-

perar, há de sair pelo mundo aquele filme que "é antes de tudo um forte" sem o hibridismo energumeno de ignorantes metidos a cineastas, é porque algo aconteceu na ido sonhada produção de "O Sertanejo". Pois, vamos esperar por ela.

FOLHA ILUSTRADA — (Circula com a FOLHA DA TARDE e a FOLHA DA NOITE)

— Segunda-feira, 3 de agosto de 1959 — PAGINA 7

Amanhã tem Tomzé e Adoniram

Se você viu no sábado o Festival da Record, e não gostou de como ele foi apresentado, tente vê-lo sábado próximo, vai haver modificações. A orquestra que ficava escondida na coxia, voltará para o palco e talvez o júri sofra algumas alterações.

Ontem, o ensaio para a próxima apresentação estava marcado para às 4 horas da tarde, mas só começou às 5 h 30, com grandes reclamações dos competidores. Eles ficaram no barzinho do canal Sete, alguns ensaiando suas músicas, outros só conversando. Milton Eric Neponuceno, um dos jovens compositores do Festival, que vai ter sua música Monjolo defendida por Maria Odete, mostrava-se um pouco desinteressado:

— O Festival em si não me preocupa muito, a competição, a luta pelo primeiro ou segundo lugar, não foi o motivo que me levou a inscrever minha música. A procura de sons novos, a comunicação com o público, tudo isto é que torna um Festival atraente para mim. Mas não gostei do que vi sábado passado, parecia um Festival de júri, o cantor ou a música eram coisas secundárias. Foi uma noite feita para dar um bom índice no IBOPE, mas acho que nem isso eles conseguiram.

Maria Odete, tem mais ou menos as mesmas críticas a fazer, só seus motivos para concorrer é que são diferentes.

— Acho que houve falta de promoção para este Festival, eu já participei de muitos e este foi o mais desanimado que a Record já fez. Eu estou nele porque eu adoro competir, e só nos Festivais é que há uma verdadeira competição.

Monjolo, a música de Milton, talvez não consiga atingir os sons que seu autor desejaria, o baixo elétrico que ele queria usar não foi permitido pelos organizadores. Milton acha que o problema não é do instrumento, mas sim de quem o maneja.

— Há muito amadorismo entre os guitarristas, são poucos os que sabem tocar bem, seria preciso nivelar os músicos, mas eu sou contra a proibição.

O Maestro Gabriel Miglicre não pensa assim, ele é contra a guitarra, acha que ela não cabe dentro da música brasileira. Vai reger a orquestra nas próximas apresentações.

— Eu me sinto bem melhor re-

gendo uma orquestra do que sendo um jurado, estou até torcendo para colocarem outro no meu lugar. Tem muita discussão neste júri, eu não gosto de brigar. Estou triste porque a música que eu dei nota maior não foi classificada, mas eu não conto qual foi porque não quero saber mais de encrencas.

Encostado a um canto, sendo apresentado para umas moças do Rio Claro, que vieram especialmente para conhecê-lo, Tomzé comenta:

— Estão matando tudo, antes era um Festival de músicas, agora virou um Festival de polemicas, as estrelas são o grupo de debates e o júri. O cantor e a música são complementos. O momento visual foi perdido, se o cantor não agrada lá em cima, devem mandá-lo embora, mas ficam discutindo e falando besteiras, e o Festival perde o seu vigor.

— O cantor fica prejudicado pelo vazio que a orquestra deixou. Mas estou do lado dos organizadores, afinal tenho interesse que o Festival tenha sucesso; mas amo mais minhas músicas do que o Festival.

O ensaio vai começar e um crioulo está sorrindo, acompanhando atentamente os primeiros acordes da orquestra. E Nerino Silva, ele vai cantar a música do Adoniran Barbosa.

— Não sou contra a guitarra, quando bem tocada, mas é muito difícil ouvir um bom guitarrista. Acho este Festival melhor do que todos os outros, porque tem mais músicas que o povo sai assobiando, e uma música só é boa quando o povo canta. A música do Adoniran é muito boa, ele colocou tudo o que eu gostaria de dizer, por isso me identifico muito com ela.

Adoniran não está ouvindo estes elogios de Nerino, ele está na sala ao lado da que se realizamos ensaios, junto com um amigo, ouvindo um gravador. É uma entrevista do Professor Rodrigues, numa rádio. Ele diz:

— Adoniran é um dos poucos compositores que mantem uma temática constante. Ele retrata fielmente a linguagem do povo.

Nerino ouviu tudo aquilo sem compreender bem e volta para a sala de ensaios. Talvez ele não saiba que é uma repetição do que ele acabara de dizer "Adoniran colocou na música tudo o que eu gostaria de dizer".



Mudanças: querem concertar o festival

O príncipe e o mendigo

É um prazer ver meus amigos e ex-colegas Mauro Mendonça, Lidia Costa, Fernando Balerone e outros, em O Príncipe e o Mendigo, no sete. A novela estreou dia 4 último, e conta ainda com grandes nomes como os de Adoniram Barbosa, Flora Geny e Walter Seyssel (o Pimentinha). Esperamos que emplaque e traga muito sucesso a todos.



Flora Geny, Fernando Balerone e Adoniram Barbosa formam um bom trio da novela O Príncipe e o Mendigo, que pode emplacar, no sete



Adoniram Barbosa e Silvio Rocha em "Mulheres de Areia"

Elenco . . .

De "Mulheres de Areia" esteve espalhado ontem pelas ruas de São Paulo. As gravações aconteceram em diversos bairros, sendo os trabalhos centralizados em Santo Amaro.

PAG. 26 — São Paulo — 2.a-feira, 8-10-1973

FOLHA DA TARDE ilustrada

Homenagem

a

Adoniran Barbosa

Hoje, às 21h30, o Teatro Treze de Maio estará apresentando "Samba é lei", espetáculo de todas as segundas-feiras.

Esta noite, além da programação normal que conta com a presença dos mais importantes sambistas do Rio (Mangueira, Salgueiro, Imperio Serrano) e de São Paulo, haverá uma homenagem especial a Adoniram Barbosa.

Vera Fischer, que atuou com Adoniram — vivendo um maloqueiro em "A Super Femea", é quem entregará o troféu.

UMA CACHAÇADA CONTRA O SÂMBÁ

A Bienal do Samba já começou engrossando. "Mulher, Patrão e Canhaça" foi, juntamente com "Lapinha", a música mais aplaudida, é de Adoniran Barbosa. Mas numa cachaça maior estavam dois jurados, eles mal paravam em pé e deram nota zero para o compositor de "Saudoso Maloca" que acabou chorando e recebendo manifestação de desagravo. Mais aplaudidas que vaiados, porém, foram os sambas classificados, defendidos por Elis, Zé Ketê, Chico e Noite Ilustrada.

Pág. 13.
VER O
VERSO



A Bienal engrossa de saída

**Adoniram podado,
idolos promovidos,
jurados de fogo**

FOLHA DA TARDE

13/05/68

p. 13

QUANDO acabou a primeira apresentação da Bienal do Samba, o público estava por conta e fez um desagravo a Adoniram Barbosa no saguão do Teatro Record Centro. O velho sambista da Saudosa Maloca fôra o mais aplaudido com *Mulher, Patrão e Cachaça* — mas não foi classificado.

— Tudo bem, Adoniran?

— Tudo ótimo. Só que perdi.

Ele junta os Dementos da Gara que defenderam sua música e ali mesmo começa a apresentação para sua platéia. Adoniran acaba chorando, está muito emocionado. Marcos Lázaro e Araci de Almeida vêm dar um abraço a ele. Chico Buarque passa rápido, os classificados que saem do palco tem cara de boi ladrão.

Um dos músicos dos Dementos comenta: esse júri é podre.

Podre não é, sem dúvida, mas logo um de seus membros vem dar um outro adjetivo mais adequado: a desclassificação de Adoniran foi devida à parte alta do júri. Alta, não no sentido de grande gabarito, mas devida a que, pelo menos dois de seus mais influentes membros, andaram mandando umas e outras e mal podiam parar de pé. Com muita cachaça (uísque, ou lá o que seja) na cabeça eles deram Zere para Adoniran, determinando a desclassificação do único sambista de São Paulo.

Surgiram outras acusações: cariocada de um júri que só acha bom o samba carioca. Ou: júri intelectualizado, que não

admite o samba autenticamente popular.

BADALAÇÃO

Mas não param por aí as queixas contra essa Bienal do Samba, que mal começou e já está saindo melhor do que a encomenda. Agora é a Record que entra na dança, acusada de influenciar o júri para promover os seus astros (Ellis e Chico). A primeira, com suas macacas guinchando no auditorio, atacou um sambinha (Lapinha), de Baden Powell, bom de refrão mas fraco no todo. Mas, já sabe, a diva foi classificada sem maiores dificuldades. Enquanto isso, Chico ataca com um samba por sobre o maxixe, (*Tempo Bem*), bonito, mas que não é de derrubar o que vivo

Comentariário partidário de A. B. : "Se Ellis ou Chico cantassem *Batatinha Quando Nasce* ou *Atirei o Pau no Gato-tê* seriam classificados da mesma forma. O estrelismo está dominando esta Bienal, como aconteceu com o Festival de Música Popular Brasileira".

OUTROS

Além de Baden e Chico, foram classificados Sinval Silva — que Biotá apresentou como "o compositor predileto de Carmem Miranda" — por *Noite Ilustrada* e o conhecido compositor Ze Ketil, que defendeu em pessoa o sambaba *Foi Ela*. Sinval mostrou um sambão genuíno, que, sem ser nenhuma composição genial, tem todos os ingredientes daqueles da Lapa antiga, com dó de cotovelo e o mais.

VEXAME DE JAIR

Jair, com seu jeitão de moleque, acabou engrossando: entrou dizendo que estava com o sapato apertando, tirou-o em pleno palco e no fim esqueceu uma parte da letra, completando-a sem acompanhamento da orquestra. Defendida a música *Cosas Deste Mundo, Minha Nega*, de Paulinho da Viola que acabou desclassificada. Outras que tiveram o mesmo fim: *A Sandália da Mulata*, de Donga e Valfrido Silveira, defendida por Germano Mathias; *Tião Braço Forte*, de Marcos Vale, cantada por Milton Nascimento; *Escola de Samba*, de Luís Antonio, cantada por Helena de Lima e Miltoninho — que não chegou a um acordo com a orquestra; *Felicelra de Araxá*, um samba-enredo mal defendido por Jorge Goulart e *Prá Frente*, de Pedro Caetano e Claudionor Cruz, com Djalma Dias cantando. Sobre essa última música: totalmente absurda sua classificação. "Champanhe com Ellis, lá em Paris" — como diz *DONA DA NOITE* a letra — é uma droga completa.

Araci de Almeida velhota e sem folego foi a dona da noite. Com um *pet-pourri* de Noel Rosa ela estracalhou, sendo chamada repetidas vezes à cena. Sua interpretação de *Felicelra da Vila*, *Palpite Infeliz* e outras músicas de Noel comoveram a platéia. No fim, ela deu outro show, esse de solidariedade; foi cantar junto com os assistentes que homenageavam Adoniram Barbosa, o grande injustiçado da primeira apresentação da Bienal do Samba.

DIREITO AUTORAL

Ao excelentíssimo Senhor Presidente da República e aos criadores de obra artística e literária em geral

A 2 de outubro de 1970, o SERVIÇO DE DEFESA DO DIREITO AUTORAL (SDDA), integrado pelas tradicionais entidades de defesa do direito de autor: a UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES (UBC), a SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), a SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES, COMPOSITORES E ESCRITORES DE MUSICA (SBACEM), a SOCIEDADE ARRECADADORA DE DIREITOS DE EXECUÇÃO MUSICAL DO BRASIL (SADEMORA) e, ainda, a SOCIEDADE BRASILEIRA DE INTERPRETES E PRODUTORES FONOGRÁFICOS (SOCINPRO), representando a quase totalidade do repertório nacional e todo o repertório estrangeiro executado no país, levou à presença de Sua Excelência o Senhor General Emilio Garrastazu Médici os mais destacados autores, compositores e interpretes nacionais, dos quais serviu de porta-voz o ilustre acadêmico Joracy Camargo, entregando ao mais alto magistrado da nação um memorial expondo alguns dos graves problemas que preocupam esta numerosa classe. Nessa audiência, tivemos, nós próprios, ocasião de prestar testemunho pessoal a Sua Excelência sobre a gravidade da situação que então enfrentávamos.

No memorial referido, a reivindicação básica era no sentido de que fosse recomendado "expressamente ao Serviço de Censura de Diversões Públicas, o exato, estrito e permanente cumprimento das leis de proteção ao direito de autor e do interprete, não permitindo que se faça uso da criação artística e literária sem a autorização expressa do autor ou da entidade que o represente."

— Dispensando a todos nós — autores e interpretes — amistosa acolhida, Sua Excelência, afirmando ser aquele um dos dias mais felizes de sua vida, concluiu garantindo que, mais uma vez, faria o jogo da verdade e, ainda, "vocês podem voltar tranquilos, pois irei tratar carinhosamente do assunto."

— Apesar da notória simpatia e boa vontade de Sua Excelência e de nossos repetidos esforços junto às autoridades — obrigadas por lei a dar proteção ao direito de autor — mais de um ano decorrido, vemos crescer a omissão e o desinteresse dessas autoridades, salvo algumas honrosas exceções.

Na qualidade de compositor com reconhecida e numerosa bagagem musical e atuação permanente e desassombada na defesa dos direitos de seus colegas e, ora, — mais uma vez — no desempenho da espinhosa missão de representá-los como presidente do mais alto órgão de proteção da classe, nos sentimos compelidos a esta publicação.

Trata-se, em última análise, de um dever de consciência perante os criadores de obra artística e literária do país e do estrangeiro por nós representados e aos quais devemos prestar contas; e perante Sua Excelência o Senhor Presidente da República como uma sincera e bem intencionada colaboração para chegar a um exato conhecimento da verdade.

— Por todo o país parece deliberado o propósito de "deixar de lado" o direito do autor sobre os frutos de sua criação. Pode-se ter uma idéia da situação quando se verifica que na capital cultural do país — o Rio de Janeiro — mais de 50 dos principais estabelecimentos de diversões utilizam a obra dos nossos autores, com intuito de lucro, sem qualquer autorização e sem que a autoridade lhes exija o cumprimento da lei.

— Para destacar um exemplo dos mais vexatórios, af está a conhecida casa "RESTAURANTE O CANECÃO" (na Guanabara) cujo responsável, Sr. Mario Priolli é reincidente no desrespeito à lei e que para o êxito de suas aventuras, aproveita a ausência do Serviço de Censura. Desde novembro último apresenta um show inteiramente de obras musicais sob nosso controle (Chico Buarque, Lorenzo Fernandez, Pixinguinha, Tom Jobim, Dorival Caymmi), sem ter apresentado ao Serviço de Censura a necessária autorização deste SDDA e, inclusive, sem ter mesmo sequer solicitado à própria Censura, a necessária permissão no mês de dezembro, para levar ao público esse espetáculo.

— De nada valeram nossos apelos ao Sr. Chefe da Turma de Censura na Guanabara, que sistematicamente se recusa a receber qualquer petição sobre direito de autor oriundo deste Serviço. Os recursos que encaminhamos à Delegacia Regional (autoridade superior), não produziram resultado.

— A liquidez inofismável de nosso direito tão flagrantemente conspurcado, frente à passividade do Serviço de Censura (indicado por lei para velar por esse direito), levou o Judiciário a conceder liminarmente a apreensão da receita do estabelecimento faltoso pelo tempo que durar o citado espetáculo e para pagamento dos direitos autorais que vinham sendo sonogados.

— Não obstante esse fato, a festa de reveillon realizada dois dias após, pelo "CANECÃO", das 0 (zero) hora às 4 horas e quinze do dia 1.º de janeiro, com as orquestras "Os Zingaros" e "Waldir Calmon", executou um total de 101 obras TODAS ELAS DO CONTROLE DAS SOCIEDADES REUNIDAS NO SDDA (arroladas em auto de constatação firmado pelos chefes das referidas orquestras) e sem que a autoridade lhe exigisse a permissão legal dos autores das obras executadas, numa de-

(CONTINUA NO VERSO) →

monstração flagrante de que o Sr. Mario Priolli está perfeitamente seguro da impunidade com que pode, na chamada capital cultural do país, fazer tabua rasa do texto legal.

— A nossa imprensa noticiou amplamente que a lotação dessa casa se eleva a 2.600 pessoas, com o ingresso custando Cr\$ 50,00, (bebida à parte) o que numa casa lotada equivale a uma estimativa de Cr\$ 130.000,00, de renda, da qual, evidentemente, a metade, Cr\$ 65.000,00 se caracteriza como valor do ingresso. Em teatro, o direito autoral (10%) seria de Cr\$ 6.500,00. Na tabela do SDDA o direito autoral se limita a dez salários mínimos (menos de 1/3). Uma modesta parcela em favor do autor, como se verifica face o lucro tão vultoso.

— Só nesse lamentável episódio, foram lesados os seguintes autores de obras ali executadas:

André Filho, Nássara, Zuzuca, João Roberto Kelly, Paulinho da Viola, Oswaldo Nunes, Miguel Gustavo, Brazinha, Paquito, Romeu Gentil, Adoniran Barbosa, João de Barros, Rutinaldo, Klecius Calda, Max Nunes, Erasmo Carlos, Roberto Carlos, Niltinho, Zé Ketti, Jararaca, entre outros, além das viúvas e herdeiros dos saudosos compositores:

Lamartine Babo, Vicente Paiva, Noel Rosa, Carvalhinho, Haroldo Lobo, Humberto Porto, Denis Brian, Benedito Lacerda, Zé da Zilda, etc. cujo patrimônio foi usurpado em benefício da pecunia alheia.

— Na defesa dessa legítima e incontestável propriedade, que a nossa Constituição assegura em seu artigo 150, par. 25, a nossa legislação estabelece e a jurisprudência reafirma, usaremos de todos os recursos que a lei nos garante, confiantes na decisão de nossos magistrados.

— Nesse instante estamos responsabilizando criminalmente o Sr. Mario Priolli pelo atentado acintosamente praticado contra a propriedade artística e literária, que urge respeitar.

— Esta é, de modo geral, a imagem da proteção oferecida ao direito do autor no país. Nem é outra a meta desejada pelos que querem explorar livremente a obra alheia, jogando compositores desavisados contra as suas entidades de classe, seguros de que, desunindo-os é mais fácil explorá-los.

— Forma-se um círculo vicioso. Não se paga direito autoral ou paga-se cada vez menos, estimulando-se as queixas, cada vez mais.

Rendemos a Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, o tributo de nosso reconhecimento pela sim-

patia que tem manifestado para com nossos autores e interpretes. E na hora em que o Brasil vê fortalecer a sua economia, alinhando-se entre as nações desenvolvidas; quando a iniciativa privada recebe poderoso estímulo, e o empresariado nacional decisivo impulso, não é justo que os autores e compositores vejam os frutos de seu trabalho criador menosprezados de tal forma que, ainda recentemente, o insigne mestre Professor Antonio Chaves, catedrático de direito civil da Faculdade de Direito de São Paulo, depondo na Comissão Especial sobre direito autoral, na Câmara dos Deputados, em Brasília, afirmou aos ilustres pares daquela Casa Legislativa, que a proteção ao direito de autor no país, se encontrava em um lamentável retrocesso.

— O Brasil, que pontifica no continente, em tantos setores de atividade, inacreditavelmente como que estagnou na área do direito autoral. Cobra-se no país, através do SDDA, apenas um terço da soma arrecadada pela sua congênere da Argentina, por exemplo. E sem uma arrecadação justa e eficiente, nunca será possível levar aos autores a participação adequada nos proventos que as suas obras possam produzir.

Obrigando-nos a apelar para o Judiciário, de custo oneroso e tramitação demorada, limita-se cada vez mais as possibilidades de se fazer melhores pagamentos aos autores.

— Acompanhando, com alentadas esperanças, os esforços em favor de compositores, autores e interpretes que vêm sendo desenvolvidos, em várias áreas, esforços estes nem sempre convergentes e felizes — haja vista o malfadado Decreto n.º 980 de 20 de outubro de 1969 que reduziu a arrecadação dos autores, em cinema, a um terço do que se vinha recebendo, e o exdruxulo projeto que manda atribuir ao INPS a cobrança de todos os direitos de autor — a verdade é que na esfera do Poder Legislativo manifesta-se — se bem que de forma ainda um tanto desordenada — a generosa intenção de dotar o país, logo após a promulgação dos Códigos básicos, de uma codificação atualizada e eficiente das leis autorais.

Até lá, resta-nos apelar mais uma vez para o alto espírito de justiça de Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, a fim de que determine às autoridades competentes o exato e permanente cumprimento das leis já existentes e em pleno vigor, de proteção ao direito de autor e do interprete.

HUMBERTO TEIXEIRA

Presidente do Serviço de Defesa do Direito Autoral (SDDA)

Folha da Tarde - 10/01/72
PAG 3 (Cont.)

Adoniran Barbosa é o tema do samba-enredo da Pérola Negra

...Um dia meu São Paulo trepidante
Um samba novo ouviu cantar
Traduzido pelo filho do imigrante
Bandeirante do meu san: a popular

Esse é o primeiro verso do samba-enredo "A São Paulo de Adoniran Barbosa" do compositor Francisco Siqueira que servirá de tema para o desfile da escola Pérola Negra que, depois de vencer o III Grupo no ano passado, desfilará este ano no II e com boas possibilidades de classificação.

A Pérola Negra é uma das mais novas agremiações carnavalescas de São Paulo. Foi formada em 1973 da união da Banda Boca da Bruxa com a Escola de Samba Acadêmicos de Vila Madalena e um de seus principais objetivos é promover a cultura e a música popular brasileira, esforçando-se para apresentar enredos que destaquem a cultura e o samba paulista. No ano passado venceu no Grupo III com um enredo sobre o palhaço Piolim.

Este ano a Pérola Negra homenageia com seu enredo um dos maiores representantes do samba paulista, Adoniran Barbosa, que entre seus sucessos tem a "Saudosa Maloca". Filho de imigrantes italianos, Adoniran nasceu em Valinhos onde viveu uma infância de menino pobre. Posteriormente, residiu em Jundiaí e Santo André e depois fixou-se definitivamente em São Paulo. Antes de se tornar compositor, Adoniran teve várias profissões como carregador de marmitas, pintor de paredes, encanador, serralheiro, mascate, garçom balconista e no rádio onde se tornou conhecido interpretando o personagem de Charutinho.

ENREDO

Adoniran encontra no povo sua fonte de inspiração e cada uma de suas músicas é baseada numa história do dia-

a-dia, que é registrada numa linguagem simples e colorida pelas gírias das ruas.

Entre suas músicas estão a "Iracema", que morre atropelada na av. São João; o "Samba do Arnesto" no bairro do Brás; uma viagem de volta ao Jaçanã no "Trem das Onze" ou então a pobreza retratada no samba "Saudosa Maloca".

Este é o Adoniran que a Pérola Negra vai cantar com o samba de Francisco Siqueira, que fala do povo usando a linguagem das ruas, numa tentativa de reconstruir a cidade através da obra de um compositor popular.

E o seguinte o samba composto por Francisco Siqueira para que a Pérola Negra desfile no carnaval deste ano:

Um dia meu São Paulo trepidante
Um samba novo ouviu cantar
Trazido pelo filho do imigrante
Bandeirante do meu samba popular

...A sua voz, o seu verso humano,
Seu samba suburbano
Pérola Negra vai mostrar
Adoniran

REFRÃO:

Oô, ôô, ôô
Vamos cantar o samba novo que chegou
Oô, ôô, ôô
Sem malandragem, samba do trabalhador

Nem precisou
Nem precisou o "Arnesto" nos convidar
Prá nós bastou o Ataliba falar
Nós deixamos a saudosa maloca
Eu, Mato-Grosso e o Joca
Prá ver Iracema sambar
Volta, Iracema.

Samba, samba Iracema,
Sem meia, sem sapato, pé no chão
Mostra que o samba é sua vida
Solta o corpo na Avenida
Que hoje não tem contra-mão
Tem não senhor

REFRÃO

Um dia...

“DESFILÉ DE APOTEÓSE”

ENCERRA O CARNAVAL

O carnaval de rua paulista encerrou-se esta madrugada com o desfile de apoteose que reuniu as melhores escolas do Grupo III, do Grupo II e as mais destacadas do primeiro Grupo, que haviam desfilado no domingo à noite.

As escolas disputaram o troféu especial de apoteose, cuja posse é transitória. O resultado somente será divulgado pela Secretaria de Fomento do Turismo do Município no final desta semana. No ano passado, a Escola Mocidade Alegre foi a vencedora da apoteose e, se repetir o resultado, ficará definitivamente de posse do troféu.

Anteontem, com um público menor mas que pode ser considerado bom, desfilaram na av. São João as escolas do segundo grupo, onde os principais destaques, e favoritas para passar para o primeiro grupo no próximo ano, foram

Pérola Negra, Fio de Ouro e Príncipe Negro.

O desfile foi iniciado às 21 horas com a apresentação da Tom Maior, cujo enredo foi “Pirulito que Bate-Bate na Cabeça de um Sonhador”, cujo samba é de Ideval e Zelão. O desfile dessa escola foi bem animado, mas a bateria atravessou algumas vezes, segundo depoimento do próprio Ideval.

Com o enredo “São Paulo de Adoniram Barbosa”, a escola Pérola Negra mostrou ser uma das principais candidatas a passar para o primeiro grupo no próximo Carnaval. Seu enredo foi uma homenagem ao compositor Adoniram Barbosa e suas alegorias representavam suas principais músicas como Trem das Onze e Saudosa Maloca. As fantasias também foram as mais luxuosas e o ritmo da bateria foi intenso, apenas falharam por não terem

parado diante a cabina onde era julgado esse item. O destaque foi a presença do próprio Adoniran no palanque oficial.

A Fio de Ouro, com o enredo “De Zé Pereira ao Rei Momo”, foi a terceira escola a entrar na passarela e conseguiu arrancar muitos aplausos do público, principalmente sua bateria, que fez com que muitos sambassem nas arquibancadas. A bateria foi a primeira a parar diante do posto de julgamento e deverá receber a nota máxima.

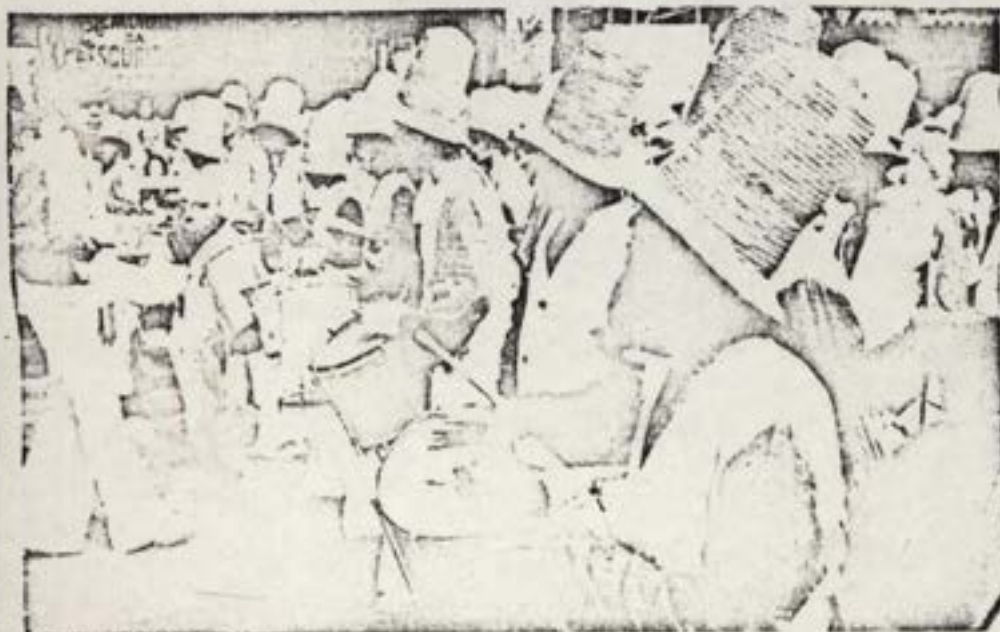
Tendo uma das melhores comissões de frente, a Escola dos Acadêmicos do Tatuapé foi a quarta a entrar na São João e, como as demais, teve 50 minutos para desfilar. Seu samba-enredo, “Historias de Amor no Cangaço”, foi uma dos mais bonitos e fáceis, o que fez com que o público também cantasse.

Também sem parar diante da cabina de jul-

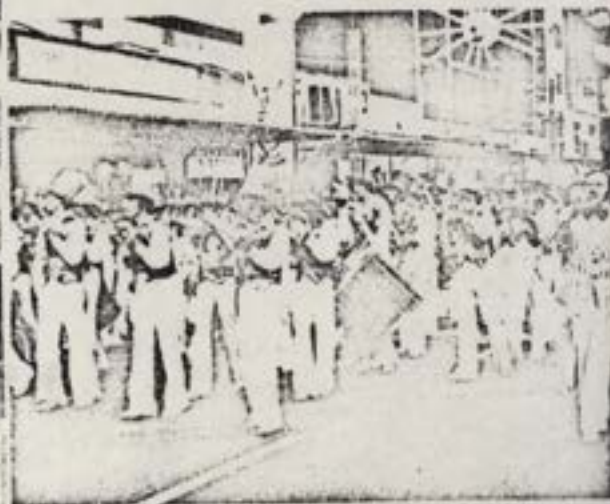


Ritmo, graça, beleza

(CONTINUA NO VERSO)



O ritmo das escolas para os integrantes da comissão julgadora



Na avenida o ritmo e a vibração das escolas

gamento da bateria, a Cabeções de Vila Prudente foi a quinta escola a desfilar e não chegou a empolgar muito o público. Isso também ocorreu com a Unidos de Vila Maria, cujo enredo era a "Coroa de Chico Rei", sendo que o melhor destaque dessa escola foi a apresentação do mestre-sala e porta-bandeiras.

Com o enredo "Saber Poético de Jorge Amado", que agradou muito o público, a Falcão do Morro Itaquerense foi a penúltima escola a desfilar, mostrando poucas alas e uma bateria não muito animada. O destaque da escola foi uma passista mulata que proporcionou ao público um "show" de samba, sendo muito aplaudida.

Finalizando o desfile, entrou a Príncipe Negro, que mostrou uma das melhores baterias. Seu grande destaque foi a ala de baianas, que chegou a igualar as escolas do

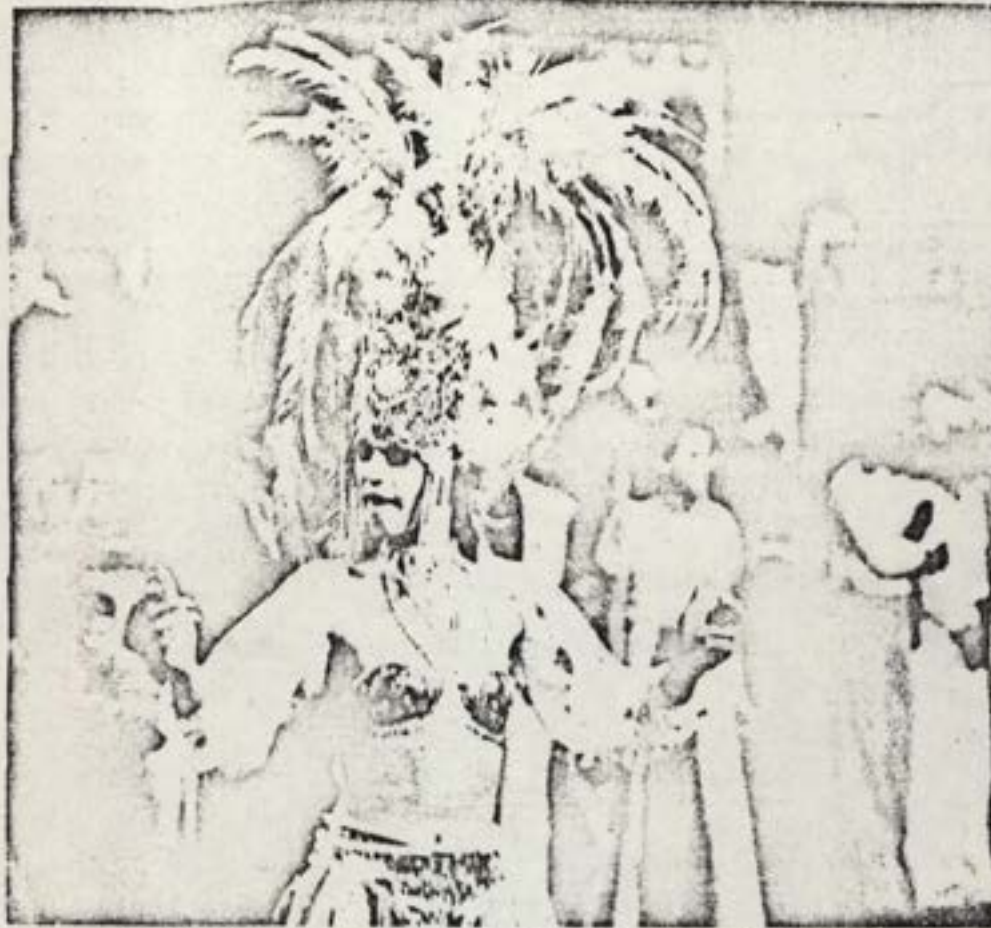
grupo em termos de luxo de fantasias e evolução das figuras. Foi sem dúvida uma das melhorez alas de baianas que desfilou em São Paulo. O enredo da escola foi "Epopéia Negra". Contudo suas alegorias estavam um pouco fracas. Outro destaque da escola foi que todos cantavam o samba enredo o que não ocorreu com a maioria das outras escolas.

REPORTER QUEBRA A PERNA

Após entrevistar o rei Momo do Carnaval Paulistano, sobre uma carreta do Corpo de Bombeiros em movimento pela av. São João, o repórter da Radio Bandeirantes, Paulo Victor, escorregou no estribo do veículo, na descida, e caiu na avenida, fraturando uma das pernas. O repórter foi socorrido por uma viatura do Tático Móvel e levado ao Hospital Municipal.



Um dos destaques da Escola Fio de Ouro



O cuidado na preparação das fantasias foi o ponto alto do desfile.



Príncipe Negro, de Vila Prudente



Adoniram Barbosa, um dos convidados do "Levanta Poeira", que estreia, hoje, pela Globo

Finalmente...

Vai acontecer nesta "Sexta Super", o lançamento de "Levanta a Poeira". Pouca coisa resta a dizer sobre o programa, além daquilo que a APDL vem divulgando desde que a idéia nasceu no "Botanic Garden". Argentelli participa apenas do programa de hoje à noite, já que nos seguintes será substituído por Adelson Alves. O musical tem direção de Carlos Alberto Loffler e promete muito. Participações de Abel Ferreira, Adoniram Barbosa, Waldir Azevedo, Carlos Poyares, Joel Nascimento, Nelson Cavakinho, Cartola, Mario Lago, Ismael Silva, Herivelto Martins, Martinho da Vila, Eliseth Cardoso, João Nogueira e muitos outros.

FOLHA DA TARDE ilustrada.

São Paulo — segunda-feira, 28-11-1977 — PAG. 47

Adoniram Barbosa e Geraldo

Filme no "Seis e Meia"

Adoniram Barbosa e Geraldo
Filme formam a dupla que co-
meça a se apresentar hoje, no
"Seis e Meia", no Teatro Pixin-
guinha, rua dr. Vila Nova, 245,
em temporada que irá até a
próxima sexta-feira.

Durante toda a semana,
Adoniram estará cantando, en-
tre outras, "Triste Margarida",
"Trem das Onze", "Rua dos Gus-
mões", "Fica mais um pouco,
amor", "Praça da Sé" e "Bom
Dia, Tristeza" (em parceria com
Vinicius de Moraes), acompa-
nhado pelo conjunto "Talismã".

Geraldo, compositor paulista
de escola de samba, inter-
pretará "MMDC — Epopéia da
Glória" (samba enredo para o
próximo carnaval, falando da
participação dos paulistas na
revolução de 1932), "Silêncio no
Bexiga", "Oração em tempo de
festa" e "Morte de Chico Preto".
Seu acompanhamento será feito
pelas "Principais do Samba". In-
gressos a preços populares.

Nosso Cinema

ALFREDO STERNHEIM

Duas comédias dirigidas por Sílvio de Abreu

Paulista com 34 anos de idade, Sílvio de Abreu já conta com uma significativa filmografia. Iniciada por volta de 1972, após vários anos de atividades como ator da televisão, no teatro e também um estágio em 1966 no famoso "Actor's Studio" de Nova York. Sua estréia como diretor cinematográfico deu-se em "Gente que Transa", película que contava com Márcia Maria, Adriano Reis, Elke Maravilha e muitos outros.

Nesta semana, por coincidência, dois filmes feitos sob a sua direção estão sendo exibidos simultaneamente. Tratam-se de "Elas são do Barulho" e de "A Arvore dos Sexos", que estrearam em São Paulo nesta segunda-feira.

"Elas são do Barulho" centraliza-se num austero funcionário de uma corretora de valores de Minas Gerais, que é transferido para São Paulo. Aqui chegando, ele e sua recatada esposa passam por várias atribulações. E no trabalho, o protagonista encontra certa resistência aos seus métodos, por parte de alguns funcionários. Estes para apaziguá-lo, resolvem organizar uma festinha maliciosa. Só que o herói da trama, interpretando a ocasião como algo diferente, não hesita em comparecer na companhia de sua esposa. Tal fato, é claro, provoca a maior das confusões.

Produzido por Anibal Massaini Neto, o filme traz no papel principal o excelente Claudio Correia e Castro. Como sua recatada esposa atua Sônia Mamed. O elenco conta ainda com Antônio Fagundes, Nuno Leal Maia, Hugo Bidet, Sérgio Ropperto, Marivalda, Yolanda Cardoso, Lourdes Nascimento, Arlete Moreira, Valéria D'Elia, Carlos Koppa, Dilin, Carlos Buck Bucka, Aron Aron, João Acaiabe, Mario Americo Jr., Paulo César, Laurindo, Rubens Moral, Francys Meire, Genésio Carvalho, a extraordinária Wanda Marchetti, Guta, mais as

participações especiais de Adoniran Barbosa e Esmeralda Barros.

A fotografia em cores é de Osvaldo de Oliveira, enquanto que a montagem foi feita por Lúcio Braun e Carlos Coimbra. O roteiro foi escrito pelo próprio diretor, de parceria com o crítico Rubens Ewald Filho e tendo a colaboração de Adriano Stuart e Roberto Silveira.

Já "A Arvore dos Sexos" tem como argumento, uma novela do falecido escritor português Santos Fernando. Gira a mesma em torno dos frutos que misteriosamente nascem na principal árvore de uma pequena cidade. Esses frutos tem o poder de engravidar as mulheres, sejam virgens ou não. Tal fato gera a revolta em muitos homens da localidade, mas agrada várias mulheres que assim tinham justificativas para qualquer aventura amorosa.

Produzido por Maurício Rittner que como diretor fez "Uma Mulher para Sábado" e "As Delicias da Vida", o filme reúne no roteiro o próprio produtor, o diretor e novamente Rubens Ewald Filho. Como colaboradores atuaram Carlos Alberto Soffredini e Eugênia di Domenico. A fotografia em cores é de José Rosa e a montagem, do premiado Máximo Barro. Tadeu Passarelli e Edu Viola são os responsáveis pela música.

O elenco reúne Nádia Lippi, Ney Sant'Anna, Felipe Carone, Yolanda Cardoso, Maria Lúcia Dahl, Marivalda, Gracinda Freire, Sônia Mamed, Maria Rosa, Paulo Hesse, Antônio Petrim, Líbero Ripoli, Angelo Antônio, Stella Freitas, Nieta Junqueira, Mary Penteado, Francinett Costa, Elida L'Astorina, Renato Dobal, Sérgio Ropperto, Luís Damasceno, Arnaldo Dias, Carlos Eduardo e a participação especial de Virgínia Lane, conhecida como a vedete do Brasil. "Me senti como uma menina de vinte anos" — diz ela à respeito do filme. "O



Marivalda em "Elas são do Barulho"



Virgínia Lane em "A Arvore dos Sexos"

trabalho de Sílvio de Abreu me ensinou muita coisa, apesar da minha longa carreira".

Mininotícias

Kate Hansen e Ricardo Petraglia, desde segunda-feira são pais de um menino. A atriz já no mesmo dia, estudava algumas propostas de trabalho para janeiro... "Quem Matou Pacífico"? é um dos muitos filmes que a Embrafilme vai lançar neste último mês do ano. No vasto elenco, a extraordinária

Ruth de Souza... Outra película a estrear na próxima semana, é "Morte e Vida Severina" que Zelito Viana realizou... E de Milton Nascimento a música de "A Queda" que Ruy Guerra dirigiu há pouco... Não será surpresa se a entrega dos prêmios "Coruja de Ouro" for adiada. As coisas não estão fáceis para os que julgam as películas de 1976. Além de deixar para resolver a questão no fim do ano, a Embrafilme fez outros equívocos. Vamos apontá-los, oportunamente.

FOLHA DA TARDE ilustrada

G. 20 — São Paulo, sábado, 6-5-1978

Os 40 anos de música de Adoniram no TUCA



Adoniram Barbosa

Adoniram Barbosa está comemorando 40 anos de atividade artística. A idade? "Isso eu não digo", responde o famoso compositor paulista do "Trem das Onze".

A comemoração será um show que vai fazer amanhã no Teatro da Universidade Católica — TUCA (rua Monte Alegre, 1024 — Perdizes), às 21 horas, com a cantora Célia.

"Esse show é uma experiência, se der certo nós continuamos", esclarece Adoniram para os que perguntam sobre a dupla.

Acompanhado de seu conjunto Talismã, Adoniram vai cantar seus sucessos antigos e as músicas do novo LP que está sendo gravado pela Continental.

Célia também apresentará as músicas novas de seu quinto LP, além de outras que gosta muito, como ela mesma diz.

A dupla só vai fazer juntos mesmo uma música só: "Bom Dia Tristeza", no final.

— E o show tem algum texto?

"Só vai ser cantado. De vez em quando eu falo alguma coisa, alguma brincadeira" explica Adoniram.

— O que mudou na sua carreira de 40 anos para cá?

Diz ele: "É tudo igual no começo, só que hoje estou cantando para a juventude. Antigamente não existia isso. É uma coisa que eu nunca esperava! Do público que me ouve hoje, 90% é de jovens. Eu faço shows em faculdades, escolas, e fico até admirado com o interesse deles".

A esta altura "Peteleco" — pseudônimo que usa em algumas composições — está cansado e encerra a entrevista, apesar do protesto dos presentes: "Já não falo mais nada, tô cansado".

Está aí. Quem quiser escutar "Santa Ifigênia", "Praça da Sé", "O Samba do Arnesto" quem sabe? e apreciar o bom balanço da cantora Célia, é só chegar lá. Os dois prometem: "Ninguém vai sair decepcionado".

Para o músico, a época do romantismo passou

Alguns minutos antes de início do seu "show", no Teatro Pixinguinha do Sesc, Adoniran Barbosa, o nome artístico de João Rubinato, considerado o maior representante do samba paulista, aceitou falar "duas palavrinhas" sobre São Paulo. "O espetáculo está para começar, eu não posso perder tempo", alegou ele.

Adoniran, que nasceu no dia 6 de agosto de 1910 na cidade de Valinhos e compositor de sambas famosas como "Trem das Onze", "Saudosa Maloca", "Samba do Ernesto", "Joga a Chave", "Abrigo dos Vagabundos" e "As Mariposas", falou um pouco sobre São Paulo.

"Aqui mudou tudo. Mudou o Brás, o Bexiga, a Moóca. Tenho saudades do Teatro Santana, dos cabarês, do Tabu (na largo do Paissandu, "inha aperitivo dançante"), do Ponto Chic. Não existe mais a Confeitaria Fazzoli (na rua Direita), não tem mais o Café das Acadêmicas (onde se pagava duzentos réis a xícara de café). Acabaram com os bondes, agora tem metrô. Onde estão os serestas, os carnavais com corso que a gente fazia lá no Celso Garcia, na avenida Paulista?"

Das duas palavrinhas que havia prometido no começo da entrevista, Adoniran resolveu esticar mais um pouco a conversa, lembrando que ainda existe samba, mas muito menos que na minha época. Hoje tem discoteca, música americana".

Concordou que naquela época (e ele sempre se refere à São Paulo dos anos 30 e 40) existia mais romantismo entre as pessoas, mais amizade. "Mas as pessoas ainda parecem carinhosas", disse.

O velho sambista aceitou-se um pouco na paltrona e, naturalmente, voltou a falar de sua cidade. "O Brás não é mais aquele, só isso. Os outros bairros, o centro, mudou tudo. Se o "Samba do Ernesto" fosse composto agora certamente a letra seria bem diferente. Algo como a sua mudança de fisionomia pela construção do Metrô..."

Depois de ameaçar algumas vezes de ir embora, Adoniran Barbosa concretiza as ameaças: "Já chega, já dei duas palavrinhas. Tenho que ir embora. O "show" ... sabe como é. O resto você inventa aí. The end." E despediu-se de repórter e fotógrafo.

Roda de Samba

PAULO VALENTIM

Samba, brasileiro como nunca

E isso aí!... Como diz a lenda, o samba é filho natural da Bahia. Nasceu lá como cantar do sentimento negro, e hoje, se transformou em expressão musical do povo brasileiro. A medida que este ritmo nacional foi caminhando para fora, adquiriu características regionais. Por isso é que muito se fala em samba baiano, samba carioca e samba paulista.

Na Bahia existe o samba RAIADO — que é do sertão — e o samba CORRIDO — que é o da cidade de São Salvador. Da Bahia o samba foi para Sergipe. Daí para o Rio, onde tomou vulto e progrediu.

O samba carioca é CHULADO. É aquele em que o "Sinhô", diante dos "caprichos e das explorações de uma mulher, desce da nobreza e faz o que ela quer". Ou seja, o samba carioca canta o amor, a relação idílica entre o homem e a mulher, onde, em geral, não prevalece a força masculina, mas tão-somente o sentimento de amar. Pelo menos foi assim que nasceu, na sua origem, o samba carioca. E é assim que o expressa o poeta do morro, quando, ao som do cavaquinho, do pandeiro ou do violão, fala ao coração de sua musa.

E onde nasce o samba carioca? Lá no morro. Na favela, no casebre humilde, onde mora vive e sente o poeta musicista que dá a maior contribuição para o nosso cancionário popular.

Em geral, o samba carioca começa assim: um belo dia o poeta reúne os amigos mais íntimos no seu barraco e can-



Assim nasce o samba

ta sua produção. O grupo decora e rapidamente divulga a música. A canção passa a VIVER de boca em boca. E se o samba é bom mesmo, sai do morro e vai ao asfalto, entra nas gravadoras e se consagra na memória do povo e de toda a gente com grande popularidade.

A coisa agora é simples, por causa do requinte das técnicas de comunicação e de gravação que hoje existe. Duro mesmo era o samba acontecer apenas gravado pela memória do povo e ser cantado nacionalmente, quando esses recursos técnicos não existiam.

O samba carioca autêntico, pela musicalidade, pelo sentimento que transmite, é, na realidade, filho do coração da Mangueira, do Salgueiro, de São Carlos e do Morro do Querosene, que abrigam grandes mestres do pandeiro, do chocalho, do reco-

reco, do violão, cavaquinho e do tamborim.

O samba paulista não é diferente, nasce também na favela, no casebre simples da periferia da cidade.

E isso aí gente!... Dizer onde nasce o samba é coisa simples e já explica o fato de ser ele a música mais brasileira de que se tem notícia. O samba nasce no coração do Brasil, nasce do cantar e do sentir mais profundo do povo brasileiro, que vem de todas as partes do País residir e povoar os morros do Rio e as favelas de São Paulo. E por isso, que o samba é a expressão musical do povo brasileiro em relação ao "Amor da Mulher Amada", "Ao Trem das Onze", "Querida Maloca" e "Saudosa Mangueira" e tantos outros temas cantados por sambistas famosos como: Adoniram Barbosa, Ismael Silva, Moreira da Silva e tantos outros.

Show da APEOESP reúne intérpretes da MPB

Hoje e amanhã, vários nomes da música popular brasileira estarão se apresentando no Teatro Procópio Ferreira (rua Augusta, 2833), às 21 horas, em show promovido pela Associação dos Profissionais de Ensino Oficial do Estado de São Paulo — APEOESP — como parte das atividades destinadas a angariar fundos para o I Congresso Nacional dos Profissionais em Educação, programado para os dias 14 a 17 de julho, em São Paulo, com representantes do magistério de todo o País.

Hoje, às 21 horas, o show terá a participação de Adoniram Barbosa, Conjunto Talismã, Carlinhos Vergueiro, Tetê, Arrigo Barnabé, Itamar Assunção, Waldir da Fonseca, Vicente Barreto, Edson Alves, Passoca, conjunto "Entre Amigos", Inácio do Cavaco e músicos.

Amanhã, estarão se apresentando Paulo Vanzolini, Eduardo Gudim, Roberto Riberti, Vera, Aline, Marcus Vinicius, Celso Machado, Nilton, Marcos, Rosa Maria, conjunto "Entre Ami-



Adoniram Barbosa, às 21 horas, no Teatro Procópio Ferreira.

gos", Silvinha Góes, Arismar do Espírito Santo, Geraldo Filme e Sérgio Leite.

“Demônios da Garoa” e Altamiro Carrilho no Municipal

Os “Demônios da Garoa”, famoso conjunto de samba que celebrou-se interpretando músicas de Adoniran Barbosa, completa 38 anos de existência neste mês e deverá estar se apresentando hoje, amanhã e domingo, às 21 horas, no Teatro Municipal de São Paulo, no show intitulado “Encontro de Gerações”. O espetáculo contará também com a presença de Altamiro Carrilho, considerado pela crítica internacional como “um dos três maiores flautistas do mundo”. Geraldo Filme, cronista e poeta, amante de São Paulo e Osvaldinho da Culca, o “Primeiro Cidadão Samba de São Paulo”, também conhecido como “O Malorai do Samba”.

O show apresentado no Teatro Municipal faz parte do encerramento do “Mês Musical”, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, cuja programação, nos demais teatros da Prefeitura é a seguinte: Teatro Arthur Azevedo (av. Paes de Barros, 955 — Mooca), dia 18, “Barca do



Altamiro Carrilho

Sol”; 19, Claudia; 20, 21 e 22, Anastácia, Jorge Mello e B. Chamego. Teatro João Caetano (rua Borges Lagoa, 650 — Vila Clementino), dia 18, “Grupo D’Alma”; 19, “Vento Sul”; 20, Nelson Ayres; 21, Claudia; 22, Hector Costita. Teatro Paulo Eiró (av. Adolfo Pinheiro, 745 — Santo Amaro), dia 18, “Vento Sul”; 19, “Grupo D’Alma”; 20, Claudia; 21, Sérgio Rovito; 22, Odair Cabeça de Poeta.

HISTÓRIAS QUE A VIDA ESCREVEU

M. DE M.

O criador do samba paulista

Vocês conhecem o João Rubinato? Quase com certeza que não. E o Adoniran Barbosa? Quase com certeza que sim. Mas, se ainda não sabem de quem se trata, nós perguntamos: "Vocês conhecem uma música chamada 'Samba do Ernesto'? Só se você for mesmo desiluzido de tudo, é que dirá que não.

Pois bem. O autor desse e de muitos sambas de sucesso, que têm a sua "marca registrada", fez 71 anos e é uma das figuras mais interessantes e talentosas da música popular brasileira (concorria comigo, José Ramos Tinhorão?).

Infelizmente, isso só foi descoberto bem tarde, possivelmente o ano passado, quando lançaram um disco comemorativo dos seus 70 anos, e do qual participaram figuras famosas como Elis Regina, MPB-4, Gonzaguinha, Clara Nunes, Clementina de Jesus e outros. Produzido por Fernando Faro, "Adoniran Barbosa", da Odeon, se não foi um êxito em vendas, deveria ter sido, pois o homenageado bem o merece.

Paulista da cidade de Valinhos, atualmente Adoniran Barbosa mora na Cidade Ademar, bairro da periferia da cidade de São Paulo, e na sua casa só entra quem lhe toca o coração. Porque, de falsos amigos, ele está cheio. Embora procure esconder essa tristeza em frases de efeito, como "nóis ganha poco, mais nós se divertí".

Pequenino, feio, sempre de chapéu na cabeça, de uma alegria um pouco cínica, Adoniran não dá pelota para os que criticam os erros de português das letras dos seus sambas. O que importa, mesmo é que o povo gosta e canta as suas músicas.

Foi em 1933, depois de apresentar-se no programa de calouros de Jorge Amaral, que Adoniran resolveu abandonar tudo o que fizera até então e dedicar-se à vida de compositor e cantor. Boêmio ele já era, fazendo da noite o seu tempo de vida.

Antes, fora quase tudo, desde entregador de marmitta a pintor de paredes. Quando percebeu que, com o nome de João Rubinato, nunca poderia vencer na vida artística, rebatizou-se, pedindo emprestado o nome de uma amiga, funcionário dos Correios (Adoniran), e o sobrenome do cantor Luís Barbosa. Embora cantasse há muito, somente em

1974 conseguiu gravar o primeiro disco, com aquela voz esgançada, que faz o deleite de todos que gostam de autenticidade. E isso é o que mais tem o criador do chamado "samba paulista".

Embora procure esconder a sua vida particular, sabe-se que Adoniran Barbosa casou, pela primeira vez, em 1935, dessa união nascendo uma filha que mora no Rio de Janeiro e que lhe deu um filho. Hoje, e desde 1943, ele vive com Matilde, sua segunda mulher.

Todos os dias, faça sol ou chuva, Adoniran visita a sua gravadora, a Odeon, e vai às rádios, trabalhar suas músicas. Não gosta de se apresentar em outros Estados (faz shows com o Conjunto Talismã), mas já cantou no Rio e em Curitiba.

Bebe bem, uísque, e fuma bastante, principalmente cigarro filado.



Alik Kostakis

FOLHA DA TARDE - S.P.
Sábado 29/08/81
PÁG. 23

São Paulo, Mon Amour

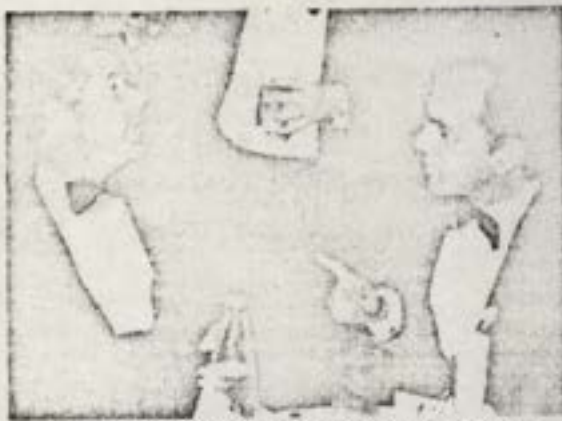
• Empenhando-se na disputa de um público que ultimamente se tornou arrevido, as casas noturnas de São Paulo têm promovido noites bonitas e até mesmo brilhantes. Como foi "São Paulo Mon Amour", na boate "Regines", organizada conjuntamente com a revista Vogue.

• Noite black-tie, com cerca de quatrocentos nomes catalogáveis e muitos efeitos especiais. Primeiro, o jantar muito bem servido, depois um show produzido pela Miksom e dirigido por Miele, que teria sido perfeito se não fosse tão longo. Mas que teve instantes de emoção. Como com Adoniran Barbosa, que pela primeira vez se apresentou numa boate do gênero; com Roberto Luna, aplaudido e bisado; e principalmente com um audiovisual sobre São Paulo, realmente um show de imagem e de som. Muito aplaudido, também, a presença de Pedrinho Mattar e seu piano.

• Entre as presenças, o cientista Alberto Sabin, corretíssimo em seu sm-

king e um dos mais animados, conversando, rindo e dançando; Lígia e o presidente da Fiesp, Luis Eulálio Bueno Vidigal Filho; Tetela e o presidente da Federação do Comércio, José Papa Jr.; o empresário e banqueiro Naji Nahas; Patsy e Francisco Scarpa; Chiquinho Scarpa; Clea Dalva e Aloysio Faria; Ildo e Jean Louis Lacerda Soares; Eleonora e Cito Mendes Caldeira; Sheila e Joe Bassin; Marília Gabriela e Zoca Cochrane; Suzana e Geraldo Medeiros; Ana Maria e Benê Sampaio de Barros; Eliana e Roberto Roxo; Alice e Luis Carta; Piorella e Silvano Dallo Molle; Paulo Bastos; Luce e Carlos Alberto Quirino de Castro Cotti; Cosette Alves com Ana Maria e Jefferson Domitti, e muita gente mais.

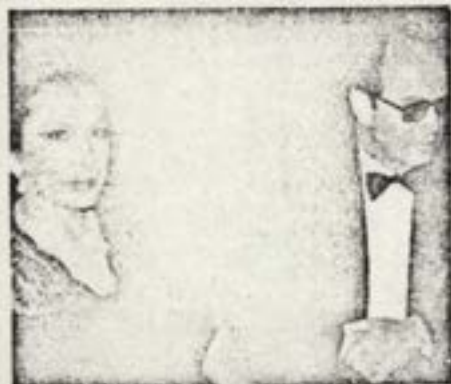
• Coube a Regina Chouckroun, que veio especialmente de Paris para essa noite, fazer o número final do show, cantando canções já gravadas por ela. As fotos são de Wilman Rodrigues.



Luis Eulálio Bueno Vidigal Filho e Naji Nahas



Cosette Alves, Ana Maria e Jefferson Domitti



Clea Dalva e Aloysio Faria



Lígia Vidigal e Sula Nahas



Tetela Papa e Ildo Lacerda Soares



Regina Chouckroun e Zicinho Papa



Sheila e Joe Bassin



Piorella Dallo Molle e Alice Carta

FOLHA DA TARDE ilustrada

São Paulo, terça-feira, 2-2-1982 — PAG. 19

MUSICALIA

A.C. REGIS VITA

Nikka Costa: primeiro disco de platina

Mais um grande prêmio para Nikka Costa no Brasil: ela acaba de ganhar entre nós o seu primeiro "disco de platina", pelas vendas superiores a 250 mil cópias de seu compacto "On My Own", ainda em primeiro lugar em todo o País (absoluto). Logo após o Carnaval, Nikka fará uma visita de uma semana ao nosso País onde dará uma entrevista coletiva no Rio e outra em São Paulo, além de comparecer aos principais programas de televisão. Nesta época, Nikka estará vindo ao Festival de Viña Del Mar, do qual participará como convidada especial este ano.

Enquanto isso, já começa a obter grande execução nas emissoras de rádio de todo o País o primeiro LP de Nikka Costa, principalmente a faixa "It's your dream", especialmente composta para ela por Teddy Randazzo e uma das

mais lindas de seu primeiro álbum, onde também estão presentes músicas de Carole King, Marvin Hamlisch, George E Ira Gershwin e dela própria, em companhia de seus pais, Terry e Don Costa. Esperamos receber o LP, através da CBS para melhor comentarmos aos leitores.

Alguns nomes dos melhores do ano

A Associação Brasileira dos Produtores de Discos — ABPD — tendo como júri os críticos Arthur da Távola, Maurício Kubrusly, Tárk de Souza e outros, escolheu os melhores do disco referentes ao período compreendido entre julho de 1980 e junho de 1981.

Com o patrocínio da ABPD, todos os anos, alguns especialistas/críticos de música brasileira se reúnem para premiar os melhores da fo-

nografia, aqueles que chegaram ao sucesso de público e obtiveram o aval da crítica à qualidade do seu trabalho.

A gravadora EMI/Odeon através de seu trabalho de gravar discos procurando "acertar" sempre não só na qualidade como no esforço da equipe de divulgação nacional aliado à força de vendas e distribuição, teve neste período, cinco artistas seus contratados, premiados:

- Melhor Cantora: Clara Nunes
- Revelação de Cantor: Djavan
- Música Erudita: Quarteto Bessless, interpretando obras de Villa-Lobos.
- Melhor Diretor Artístico: Fernando Faria, pelo LP de homenagem a Adoniram Barbosa.
- Prêmio de Destaque Brasileiro: Egberto Gismonti.

Autenticidade marca a "segunda-feira gorda"

"Profecia de Itá", "Adoniran Barbosa", "Quem não tem Balangandãs não vai ao Bonfim" e "Primeira Dama da Caricatura - Nair de Teffé", serão alguns dos temas-enredos das escolas de samba componentes do Grupo II, que estarão desfilando segunda-feira de Carnaval, a partir das 20 horas, na passarela oficial do samba, na av. Tiradentes.

Segundo a opinião de grande parte dos cronistas carnavalescos de São Paulo, os desfiles da "segunda-gorda" podem não ter o brilhantismo e o esplendor das grandes escolas que desfilam no Grupo I, mas têm o mesmo espírito de competição, pois todas as escolas buscam de forma arrenhida uma participação que lhes garanta ascender ao grupo das gigantes, das campeãs. Por isto, ou seja, este sadio espírito de emulação conjugado com as belezas naturais do samba, é que o certame da segunda-feira transforma-se num dos mais autênticos e vibrantes campeonatos carnavalescos, onde não há meias palavras, porque quem obtiver os primeiros lugares sobe ao panteão das gigantes do samba, quem ficar por último é desclassificado e desce para o grupo inferior, enquanto as outras agremiações vão tentar, no próximo ano, uma melhor colocação.

GRUPO II: DESFILE

Primeira de Itaim Paulista — "Fantástico Mundo de Sonhos e Ilusões" será o seu tema-enredo, cuja letra de samba com o mesmo título é de autoria dos compositores Amauri e João do Massu. Esta agremiação exhibe-se nas cores branco, vermelho, preto e verde.

Filhotas da X-9 — Mais uma escola a apresentar na avenida um tema de origem afro-

brasileira, intitulado "Profecia de Itá". O samba-enredo, "Profecia de Itá — Uma História de Amor", de autoria dos compositores Gibi, Dedê da Portela e Luiz Grande, é uma exaltação aos temas da cultura afro-brasileira. Esta agremiação, além de seus componentes, todos eles familiarizados com o que de melhor há no samba, é legatária da tradicional escola santista, a "X-9", que por muitos anos vem reinando no samba brasileiro em razão dos feitos alcançados no carnaval da Baixada. Das suas hostes saíram linda morena, Sandra Regina, Rainha do Carnaval Paulistano-82. A "Filhotas da X-9" apresenta-se nas cores verde, vermelho e preto.

Colorado do Brás — O tradicional bairro paulistano, palco dos grandes carnavais do passado, centro da indústria manufatureira, local onde os imigrantes residiram, ainda tem muito a apresentar em termos de samba. Por isto a sua escola tradicional vai à avenida, segunda-feira, evocando a sublime figura do vivo, porém já eterno sambista da paulicéia boêmia e notívaga "Adoniran Barbosa", com samba-enredo do mesmo nome, de autoria do compositor Rubão. A Escola exhibe-se nas cores bordô, vermelho, branco e preto. Fundada em outubro de 1975, está situada na av. Brig. Luiz Antônio, 290, 7.º andar. As cores tradicionais ostentadas por esta escola são o bordô, vermelho, azul e branco.

Flôr de Vila Dalila — Presidida pelo sambista José Roberto de Souza, esta agremiação apresenta este ano o tema "Remotas Gerações a Caminho do Brasil", com o samba intitulado "Por Sobre as Ondas do Mar", de autoria

dos compositores Filipin e Laércio da Viola. Suas cores são o azul, branco, vermelho e amarelo.

Escola de Samba Pérola Negra — Durante alguns anos integrante do Grupo I, esta agremiação sofreu vários reveses. Entretanto, atualmente, segundo a palavra dos seus dirigentes, encontra-se em fase de plena recuperação, o que a transforma numa das grandes favoritas na segunda-feira monástica. Com o enredo baseado na lenda "No Reino das Mãos de Cabelo e da Nega Pisadeira", a "Pérola Negra", através de sua entusiasmada bateria, suas lindas morenas e seus afeccionados componentes, vem disposta a reconquistar o seu lugar entre as grandes do samba paulistano. A letra do seu samba-enredo é intitulada "Sonho Paulista", de autoria dos compositores Murilo, Chicão e Borba. As suas cores tradicionais são o preto, vermelho, azul e branco.

"Cabeções de Vila Prudente" — "Quem não tem Balangandãs não vai ao Bonfim". Com este lindo tema, o "Cabeções" volta à avenida com todo o vapor para conquistar o almejado lugar entre as chamadas "gigantes do samba paulistano". Veterana escola paulistana, a "Cabeções de Vila Prudente, sagrou-se campeã do Grupo II em 1973, 1978 e 1980, vindo a disputar entre as agremiações do Grupo I no ano seguinte. Este ano, segundo prometem seus aguerridos sambistas, "vamos voltar ao asfalto do samba, munidos da vontade de ganhar novamente".

Com mais de mil figurantes divididos em dezenas de alas, onde sempre foram grandes destaques "as baianas a rigor", alegorias e adereços alusivos ao tema desfilando em sua totalidade nas cores representativas da escola — verde, rosa, branco e vermelho — e

de um brilhantes desfile na av. Tiradentes. E, como afirma um dos seus sambistas "que Oxalá nos ajude, pois nós vamos dispostos à vitória, confiantes na mãe-Bábia".

de um brilhantes desfile na av. Tiradentes. E, como afirma um dos seus sambistas "que Oxalá nos ajude, pois nós vamos dispostos à vitória, confiantes na mãe-Bábia".

Escola de Samba Tom Malor — Em suas cores vermelho, amarelo e branco, esta agremiação irá à avenida este ano com o enredo "Títulos do Ritmo", e samba-enredo "Nossos Sete Entre os Dez Mals" de autoria dos compositores Lício e Claudinho Caju. Fundada em fevereiro de 1973, esta agremiação é presidida por Wilson Roberto Ribeiro. Sua quadra está situada na rua Oscar Freire, esquina com a av. Dr. Arnaldo.

Escola de Samba Águia de Ouro — A bicolor alvi-anil despoja este ano na avenida com o tema "Viagem Encantada Pelo Reino da Natureza" e samba com o mesmo título, de autoria do compositor Royce do Cavaco.

Acadêmicos do Samba do Tucuruvi — Com um lindo tema de exaltação e evocação à "Primeira Dama da Caricatura - Nair de Teffé", esta agremiação, em suas cores azul, branco, amarelo e vermelho, desfilará na avenida com força total para conquistar o almejado lugar de campeã e ascender ao Grupo I.

Império do Cambuci — A veterana agremiação, com quadra à av. Ricardo Jafet, 1650, escolheu o tema "Tem Gato na Tuba" e samba com o mesmo título, de autoria dos compositores Daniel, Gibi e Silvinho e promete um grande desempenho neste Carnaval. Fundada em maio de 1963, a Império do Cambuci, presidida por Silval Rosa, é considerada uma das conhecidas agremiações do samba. Ela irá à Tiradentes, com força total e disposta a conquistar um lugar entre as primeiras do samba paulistano.

Então, como diz a canção: "Quem não tem balangandãs não vai ao Bonfim", balangandãs a serem usados no tema-enredo da "Cabeções" é uma referência toda especial aos instrumentos que representam a materialização da fé, a proteção da divindade, a obrigação que se carrega, o guia que o conduz, o gesto da fraternidade, o símbolo da fidelidade e os instrumentos que nos conduzem à glória da espiritualidade e nos tornam legionários e cruzados da bondade, do amor e da natureza, na luta contra a maldade e devastação e a corrupção de costumes.

Carmem Miranda, a imortal cantora e intérprete da Música Brasileira estilizou com flores, borboletas e frutas o "balangandã" famoso das balanas que admiram o mundo e fazem do seu usuário um amante do bem.

São muitos os "balangandãs" e entre os mais populares estão a figa, amuleto obrigatório usado contra malefícios; a ferradura, que atrai felicidade; o burro que simboliza "Xangô"; o cangaceiro, representando "Omulu"; e o tambor e pandeiro instrumentos musicais dos terreiros.

Fundada em 15 de novembro de 1968, a "Cabeções de Vila Prudente" presidida por Newton Aristides Camilo, em seus atuais ensaios carnavalescos na quadra da av. Prof. Luiz Inácio Anahia Meilo, na Vila Prudente, vive a expectativa

FOLHA DA TARDE ilustrada

São Paulo, quarta-feira, 19-5-1982 — PAG. 23

Gal: um grande sucesso em Israel

RIO — (FT) — Depois de uma temporada em Israel — onde participou do Festival da Primavera de Tel Aviv — desembarcou, ontem, no Galeão, a cantora Gal Costa. Entusiasmada com a reação do público israelense, que achou parecido com o brasileiro, a cantora disse que foi surpreendida com a sua popularidade em Israel.

“O público já conhecia mi-

nhas músicas e, inclusive, me acompanhou quando cantei “Trem das Onze”. Tudo isso porque o radialista Eli Esraeli toca muito meus discos no seu programa, que, aliás, começa e se encerra com minha voz.”

Segundo Gal, em suas apresentações o teatro Thomas Mann esteve sempre com a lotação acima do normal, sendo que, nas três noites, teve que

bisar várias músicas. Ela acha que seu sucesso em Israel abriu um novo mercado para o artista brasileiro.

De volta de Israel, Gal passou na Espanha, onde se apresentou na televisão e lançou três dos seus discos: “Gal Tropical”, “Canta Brasil” e “Fantasia”. No próximo fim de semana, ela fará apresentações em São Paulo, no Anhembi.

TARDE TREM DAS 11 NÃO PARTE MAIS: ADONIRAN BARBOSA ESTÁ MORTO



"Não posso ficar", disse uma vez o poeta da simplicidade e da comunicabilidade

O compositor Adoniran Barbosa, cujo verdadeiro nome era João Rubinatto, faleceu ontem no Hospital São Luís, nesta Capital, onde se encontrava internado há quase uma semana. Adoniran era o sambista típico da paulicéia e suas músicas marcaram época. "Saudosa Maloca", "Trem das Onze", "Iracema" e, mais recentemente, "Tiro ao Alvaro", gravada por Elis Regina, marcaram profundamente a noite e a vida paulistana. Hoje o samba de São Paulo amanhece sem seu seresteiro. O "Trem das Onze" não partirá jamais. O corpo de Adoniran está sendo velado no Cemitério da Paz. Pág. 24

Sete edifícios correm o risco de interdição

O Departamento de Controle de Uso de Imóveis poderá interditar, na Capital, mais sete prédios em situação irregular quanto à segurança contra incêndio, caso seus proprietários não executem as obras determinadas em prazos variáveis de 30 a 180 dias. Em caso de serem fechados, os edifícios só serão liberados após cumprimento total das obras de segurança exigidas. A Prefeitura também está inflmando proprietários de outros cinco prédios, pelos mesmos motivos. Pág. 2

Roupa de Adoniran provoca polêmicas

Calmo, sentado numa cadeira dourada colocada num carro alegórico da "Colorado do Brás", o compositor Adoniran Barbosa preferiu ficar fora da discussão travada entre a diretoria da escola e representantes da União das Escolas de Samba Paulistana — Uesp sobre sua roupa. Vestindo um simples terno marrom claro, camisa branca sem gravata, um lenço azul ao pescoço e o seu indefectível chapéu preto, Adoniram, na noite de segunda-feira, não estava apresentando-se com as cores branco, vermelho e dourado da escola, o que faria a "Colorado do Brás" perder pelo menos cinco pontos na contagem, segundo diretores da Uesp.

"Mas, pelo amor de Deus, ele é o samba personificado, exigir que ele se fantasiar é uma violência", gritou várias vezes o advogado Percival Maricato, presidente e fundador da "Colorado", aos fiscais da Uesp e da Paulistar. A princípio, porém, seus apelos não eram acatados. Há ferrenha disputa entre as escolas do segundo grupo, nenhuma quer cair na classificação, poucas sabem que têm condições de atingir o auge, de se integrarem-se às dez maiores. Entre essas, este ano, está a "Colorado do Brás", que armou um enredo em homenagem ao velho compositor paulistano e levou-o em carne e osso para participar da festa.

Adoniram estava descansan-

do na casa de parentes, em Tatui, no Interior. Mas já sabia que a "Colorado" escolhera cantar a sua vida na av. Tiradentes. E aceitou participar do desfile, mesmo adoentado, com problemas respiratórios. Teve certa dificuldade para subir no carro alegórico. Foi ajudado e aprumou-se na cadeira molhada de chuva. Ficou decidido que um sambista acompanharia Adoniram, dançando bem ao lado da alegoria, para ajudá-lo se fosse preciso.

O presidente da "Colorado" teve que usar sua retórica de advogado, criar argumentos para defender a liberdade do compositor em mostrar-se como preferia, sem prejudicar a escola. "Imaginem o Brasil inteiro sabendo que Adoniram Barbosa foi impedido de desfilar em São Paulo", dizia Percival. A discussão corria forte, alterada, quando dona Cida, responsável pela contagem no setor da concentração, depois de conversar com outros diretores da Uesp, fez sinal para Percival indicando que estava tudo bem: a escola não perderia os indispensáveis cinco pontos que poderiam tornar mais difícil ainda sua subida para o primeiro grupo.

CHUVA PREJUDICA ESCOLA

O pessoal da escola de samba Primeira do Itaim Paulista estava triste na noite de segunda-feira, depois da apresentação na av. Tiradentes. A escola desfilou atrasada, com cerca de 300 componentes a menos, fal-

tando um dos quatro carros alegóricos previstos e sem muitas alegorias de mão. Foi a chuva que atrapalhou tudo, que estragou o Carnaval que eles vinham preparando há tantos meses.

Lá pelas 18h30 de segunda-feira, começou a chover e como ocorre sempre o Itaim Paulista, foi inundado. A água invadiu a casa da costureira, onde os integrantes da bateria e de outras alas estavam se vestindo. Estragou os móveis, a máquina de costura e, o pior de tudo, muitas fantasias. Alguns sambistas conseguiram improvisar outras roupas, pintar de branco outros sapatos, mas, muitos deles não tiveram tempo. O desfile ia começar às 21 horas e o jeito foi chorar, tentar se conformar enquanto o Carnaval do ano que vem não chega.

"O pessoal que não arrumou a roupa ficou ajudando a costureira a ajeitar os móveis perdidos. A casa dela estava em petição de miséria", lembrava Marcos Antônio Pinto, diretor de harmonia da escola.

Com o bairro inundado, muitos ônibus que foram buscar os sambistas, não conseguiram trafegar. Dos que conseguiram, alguns se perderam. No momento em que a escola deveria entrar na avenida — seria a primeira a desfilar — a bateria, abre-alas, mestresala e porta-bandiera ainda não tinham chegado. Acabou entrando em segundo lugar, sem muitos dos componentes que estavam presos dentro dos ônibus perdidos pela cidade.

Depois da meia-noite, quan-

do já tinha percorrido toda a avenida, Albertino de Souza Conceição, um dos atuais diretores e que foi fundador da escola, dizia que ainda faltavam chegar 22 batatas das 70 previstas e 40 dos 80 batuqueiros, além do pessoal de algumas alas.

"Estou mal, dizia. Enchente tem sempre no Itaim, uma das zonas mais castigadas de São Paulo, mas a gente não esperava que fosse acontecer justo no dia de Carnaval. Nosso tema era difícil e conseguimos montar o desfile direitinho. E olha no que deu... Minha raiva é que agora que já desfilamos a chuva parou".

Um dos caminhões que trazia um carro alegórico e adereços de mão quebrou no meio do caminho. Caiu num buraco, escondido sob as águas que encheram a pista. Ninguém pôde tirar o caminhão de lá. O carro alegórico e os adereços foram perdidos. Os outros três que entraram na avenida também foram danificados e os sambistas tiveram de ajeitá-lo às pressas antes do desfile.

Fundada em 1974, a Primeira do Itaim Paulista foi vice-campeã do Grupo III no Carnaval de 81. Este ano, queria subir para o Grupo I. Gastou cerca de Cr\$ 2,5 milhões na preparação do desfile.

"Vamos entrar com recurso na União das Escolas de Samba Paulistas — Uesp e na Paulistar para não perder este Carnaval. Afinal, a gente não é Deus. Estava tudo contra nós. Como poderíamos desfilar no horário?", perguntou Albertino de Souza Conceição.

FOLHA DA

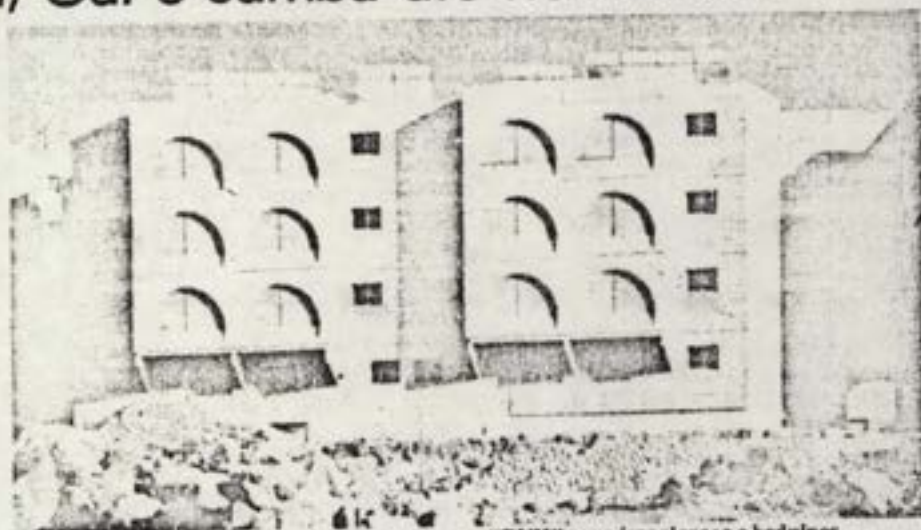
Editor-Responsável: Antônio Aggio Jr. — Quinta-feira, 22 de abril de 1982 — Nº 8.672

TARDE

Em Israel, Gal e samba até no Exército

"Trem das Onze" de Adoniran Barbosa, na voz de Gal Costa ou, em hebraico, na do cantor israelense Mátí Cáspi, é um dos maiores sucessos de audiência nas rádios de Israel, especialmente a emissora destinada ao entretenimento e às mensagens para as fileiras do Exército hebreu. Isto, bem como a vida nos "settlements" (espécie de colônias) judaicas, os números que indicam a magnitude do confronto bélico no Oriente Médio e os conjuntos habitacionais construídos por Israel para populações árabes, na Judéia, constitui tema da quarta parte da série de reportagens "Israel: a Guerra pela Paz".

Pág. 11



A cinco quilômetros de Jerusalém, um "BNH" para israelenses e beduínos

GAL E "TREM DAS ONZE" BRILHAM NO RÁDIO ISRAELENSE

JERUSALEM (Via EL AL e LUFHANSÁ) — O estado de guerra em que vive Israel, embora não seja sentido nas ruas das principais cidades, como Jerusalém e Tel Aviv — ao contrário do que seria de imaginar, não há tropas e tanques circulando por toda parte — pode ser percebido pela existência de uma emissora de rádio (a "Galei Tsahal") que funciona 24 horas diariamente e é destinada ao entretenimento e às mensagens para os soldados israelenses.

É esta rádio que também coloca Israel mais próximo do gosto brasileiro, pois muito samba e até chorinho fazem parte do seu repertório. Isto porque a nossa música, graças ao trabalho de divulgação feito pelo pessoal do "Bror-Hayil" (o "Kibutz" brasileiro) e pessoas como o bem-sucedido advogado Marcos Wasserman, presidente do Centro Cultural Brasil-Israel e que ainda tem família em São Paulo, é muito conhecida e apreciada pelo povo hebreu. Há até um cantor israelense — Mátí Cáspi — que se especializou no samba e organizou um "show" — "Um País Tropical" — apoiado pela bateria da Escola de Samba do "Bror-Hayil", e obteve sucesso por meses a fio. Aliás, por aqui todos sabem que, no "kibutz brasileiro", há sempre carnaval e feijoadas uma vez por semana.

Mátí Cáspi, cantor e com-



QUARTA PARTE

Texto e fotos de
Antônio Aggio Júnior

positor de muito sucesso, tem feito versões de letras de nossa música para o hebraico, obtendo elevados índices de audiência nas rádios e de vendas de discos. Nos últimos tempos, precisou dividir o êxito com uma brasileira não menos admirada por estas bandas — Gal Costa — que, especialmente na rádio "Galei Tsahal" (a tradução é "Ondas do Exército de Defesa de Israel"), mantém presença cativa com uma das músicas mais apreciadas pelos israelenses: "Trem das Onze", de Adoniran Barbosa.

FOLHA DA TARDE ilustrada

PAG. 22 — São Paulo, sexta-feira, 14-5-1982

SUCESSO EM TEL-AVIV

● Poucas artistas brasileiras já tiveram a consagração que Gal Costa teve, há dias, em Tel-Aviv, onde "Trem das Onze" está em todas as paradas de sucesso de lá e a população canta nas ruas.

● Em sua apresentação, na abertura do Festival de Tel-Aviv (do qual também participavam Walter Matthau, Jack Lemmon e outros superstars) o prefeito da cidade, Shimo Lahat dançou "Sangue, Suor e Cerveja" e ela recebeu, pessoalmente, os cumprimentos de Menahem Beguin.

● Aliás, a expressão usada por Beguin foi sintomática e nem um pouco diferente de qualquer "tiete" de Gal: traduzindo-se do hebraico seria, mais ou menos, "Gal, você é demais".



Não posso ficar nem mais um minuto com você. Sinto muito... (Adoniran Barbosa)

O compositor Adoniran Barbosa, cujo nome verdadeiro era João Rubinato, faleceu ontem em São Paulo às 17h15 no Hospital São Luís, quarto 503, vítima de enfisema pulmonar, aos 72 anos de idade. Ele será enterrado hoje no cemitério da Paz, como era de seu desejo.

Adoniran fora internado no Hospital São Luís quarta-feira passada para se tratar da bronquite que sofria há muitos anos.

Sexta-feira entrou em coma, mas logo se recuperou e anteontem saiu da Unidade de Terapia Intensiva, às 16 horas. Passou o resto do dia mas voltou a entrar em coma às 5 horas da manhã de ontem.

Quando Adoniran morreu, no quarto estavam sua companheira de 40 anos de vida em comum, Matilde de Luttif e a irmã desta, Marina. Matilde disse que Adoniran "morreu como um passarinho". A enfermeira Jília Vicente lembrou que ainda ontem o convencera a tomar uma injeção, após cantar para Adoniran uma de suas mais famosas composições: "Trem das Onze".

Adoniran Barbosa "morreu pobre", segundo Matilde de Luttif. Ele deixa uma residência em São Paulo, uma aposentadoria mensal de 125 mil cruzeiros e a quantia de 60 mil cruzeiros por direitos referentes a direitos autorais.

São Paulo de 1933 — ano em que Adoniran Barbosa compunha suas primeiras músicas — não existe mais. Desapareceu a "saudosa maloca", o "trem das onze", a boemia de antigamente, "quando tudo era mais puro e todos se conheciam". Agora, a cidade perde também um de seus maiores poetas, um de seus melhores repórteres, aquele que conseguiu captar a fala de seu povo, as transformações, o progresso do grande centro urbano: os palacetes assombrosos, dando lugar aos edifícios altos, no subúrbio, sua gente, ao caos da metrópole e à aculturação do povo. Morreu ontem o mais típico e popular representante do samba paulista, dividindo a glória de um dos maiores poetas do Brasil.

Nascido em Valinhos, em 6 de agosto de 1910, João Rubinato (depois, Adoniran Barbosa) era filho de imigrantes venezianos. Conseguiu estudar apenas até o primeiro ano primário. Trabalhou como entregador de marmita, faxineiro, tecelão, pintor, encanador, serralheiro e garçon (na casa do então ministro da Guerra, Pandiá Galógeras). No fim da década de 20, decide-se a aprender uma profissão: a de mecânico. Frustrado, mudou-se para uma pensão na ladeira Porto Geral, bem no coração do hoje chamado "centro velho", e começou a trabalhar como balconista na rua 25 de Março. Dali partia todas as noites para "intermináveis passeios pelas rádios para assistir programas de calouros". A participação num desses programas foi "uma consequência natural", segundo disse uma vez.

"DONA BOA"

Em 1935, ano de sua primeira participação como artista profissional, ganhou o concurso do Carnaval oficial da Prefeitura, com a marcha "Dona Boa", recebendo em seguida, convites para se apresentar nas emissoras da cadeia, "São Paulo" — as mais importantes da época — "Difusora" e "Cruzeiro do Sul".

Depois estreou na rádio "Record" com "Estórias das Malocas", escritas por Osvaldo Moles, o que aumentou sua popularidade. O personagem "Charutinho" — um vagabundo "bon vivant" — representava tudo aquilo que Adoniran tinha vivido com

favelados, ébrios e pobres da capital. A assimilação não foi difícil.

Aliás, também como sambista que se julgava "igual a qualquer um do Rio de Janeiro, Bahia ou Pernambuco", com pandeiro, cavaquinho e violão, ele sempre manteve a mesma temática. Em uma de suas últimas entrevistas ele dizia: "Eu faço samba para pobre. Comigo não tem essa de grã-fino. Afinal, quase todos os meus amigos são crioulos e é como que eles iam me entender se eu me metesse a falar difícil, todo cheio de esses?"

Filho de Fernando e Erna Rubinato, Adoniran passou a adotar esse pseudônimo a partir de 1935, quando ganhou um prêmio da Prefeitura. Ele mesmo, certa vez, explicou: "Achei que esse nome era muito ruim para cantor de samba. Onde já se viu sambista com o nome de João? Era horrível. Um dia, um amigo meu, Adonirã Alves, falou brincando: "Por que você não usa o meu nome, João?" Eu pensei um pouco e resolvi topar. Depois, uni ao nome o Barbosa, tirado do sobrenome de Luís, o "rei do chapéu de palha", um sambista famoso na época. E assim nasceu Adoniran Barbosa".

O SUCESSO

O sucesso para Adoniran Barbosa chegou na década de 40, quando se associou a um conjunto, "Os Demônios da Garoa", tornando-se conhecido e respeitado no Brasil todo. Em 50 e 51, "Malvina" e "Joga a Chave" foram premiadas em concurso de Carnaval de São Paulo, mas seu grande êxito veio em 1955, quando "Os Demônios" regravaram "Saudosa Maloca" e lançaram "O Samba do Ernesto". Seu outro grande sucesso, também gravado pelos "Demônios" foi "Trem das Onze". O seu maior desafio musical foi em 1957 quando Aracy de Almeida lhe mostrou um verso que Vinícius de Moraes mandara para ela para "ver o que podia fazer" e lhe pediu ajuda para musicá-lo. Dessa parceria nasceu um dos mais belos sambas-canção da música brasileira, "Bom Dia Tristeza". Outras composições vieram como o "Samba Italiano", "Casamento do Moacir", "Triste Margarida", "Despejo na Favela", "Aguenta a Mão", "Vila Esperança", entre outras, além de "Tiro ao Alvaro", sua composição mais recente.

As melhores composições de Adoniran Barbosa podem ser facilmente encontradas em discos, oferecidos nas principais lojas do ramo. A "Odeon" lançou há pouco tempo um LP onde ele canta "Iracema", com Clara Nunes; "Tiro ao Alvaro", com Elis Regina; "Viaduto Santa Ifigênia", com Carlinhos Vergueiro; "Bom Dia Tristeza", com Roberto Ribeiro; "Aguenta a Mão", com Djavan; "Vila Esperança", com o MPB-4; "No Morro do Piolho" e "Fica Mais Um Pouco", com ele mesmo.

Em 1974 foi lançado um LP, pela "Chante-LP", intitulado "Os Demônios da Garoa" interpretam Adoniran Barbosa, reunindo entre outras composições: "Saudosa Maloca", "Um Samba no Bexiga", "Luz da Light", "Por Onde Andará Maria", "Casamento do Moacir", e "Quem bate". Também em 1974 e 1975 a "Odeon" lançou dois LPs, onde o próprio Adoniran interpreta seus sucessos: "Saudosa Maloca", "Trem das Onze", "Samba do Ernesto", "Joga a Chave", "Samba do Italiano", e "Abrigo de Vagabundos". Em 1979 foi lançado pela "RGE" o LP "Talismã Canta Adoniran Barbosa", onde ele interpreta

"Rua dos Gusmões", "Torresmo à Milanesa", "Cadê Adoniran" e outras.

"ADONIRAN É IMORTAL"

RIO (FT) — A morte de Adoniran Barbosa foi a "pior notícia" que Moreira da Silva poderia ter recebido. Surpreso, o lançador do samba de breque reagiu à notícia com uma pergunta: "E agora, como é que fica?". Para ele, Adoniran Barbosa, "dono de um estilo único e inimitável", é insubstituível e sua ausência será uma "lacuna enorme" na música popular brasileira. Moreira contou que conhecia Adoniran há mais de 40 anos e que, há muito tempo, chegou a pensar em gravar uma música sua.

"Adoniran me mostrou várias, mas não chegamos a uma conclusão. Sabe como é vida de artista, cada um foi para um lado batalhar por sua sobrevivência. Há alguns meses, deveríamos fazer um programa juntos na televisão, mas ele andava doente e eu com muitos compromissos. Adiamos o projeto e a emissora não falou mais nisso. Agora, vem essa notícia triste, mas Adoniran é imortal, embora não tenha sido da Academia Brasileira de Letras. Lamento muito não poder ir ao enterro — tenho que trabalhar, sou um homem pobre mas espero ir à missa de sétimo dia."

FAMOSO ATÉ NO ORIENTE

As composições do velho boêmio do Bexiga tornaram-no famoso também fora do País. Quem está acostumado a viajar pelo Exterior não se surpreende quando, comumente, ouve pelo rádio, nas lojas de disco ou através de receptores de "música-ambiente" os sambinhas que o imortalizaram em nosso meio.

Parece que a alma popular é uma só em todo o mundo e Adoniran está presente nesta afirmação no momento em que se sente o entusiasmo despertado por sua mensagem poético-musical até entre japoneses, árabes e israelenses.

Em Israel, onde suas melodias — especialmente o "Trem das Onze" — ganharam expressão máxima na voz de Gal Costa, seu nome passou a ser uma constante na programação das emissoras, entre elas a rádio oficial do Exército de Defesa israelense. E o sucesso foi tão grande que motivou uma retumbante turnê de Gal Costa por aquele país, onde o "Trem das Onze" se incorporara ao cânone popular numa versão em hebraico, interpretada pelo cantor Mati Caspi.

TERNO BRANCO, NÃO

Adoniran Barbosa desfilou pela Escola de Samba Colorado do Brás no Carnaval-82, agremiação pertencente ao II Grupo, que apresentou o tema em sua homenagem intitulado "Adoniran Poeta do Povo". Naquela segunda-feira de Carnaval debaixo de muita chuva, ele provocou uma polêmica, uma vez que trajava na oportunidade um terno bege, com camisa branca e um lenço azul no pescoço e o seu inseparável chapéu preto. Enquanto o presidente da Colorado, Percival Maricato, argumentava que ele devia desfilor de terno branco, Adoniran, tranquilamente sentado em uma cadeira no carro alegórico da escola dizia: "Eu sou boêmio, mas malandro não, não vou usar terno branco". Depois de muita discussão tudo foi resolvido e o Adoniran desfilou, de terno bege e a Colorado do Brás não perdeu pontos.

Liberdade, a dimensão de Adoniran Barbosa

Nildo Carlos Oliveira

O homem de gestos elegantes, terno geralmente cinza, de chapéu usado como complemento insubstituível do corpo, de andar boêmio e linguagem que era às vezes um insulto para os puristas da gramática e os elitistas das idéias, foi mais, muito mais do que o sambista do "Trem das Onze" e de outros trens.

Protótipo da gente simples e comum das ruas, Adoniran Barbosa colocou em verso e em ritmo os dramas das transformações da cidade, que se processaram no Brás, Bom Retiro, Bexiga, Barra Funda e em outros bairros típicos, com argamassa, sangue e sobretudo miscigenação. Particularidade esta que, no futuro, dentro da história da música popular paulistana e da migração, deverá constituir preciosa matéria de análise sociológica.

As últimas décadas apressaram as alterações da face urbana. As praças públicas ficaram desfiguradas pelo concreto; as ruas foram alargadas não para os passeios tardios dos boêmios ou para a alegria das crianças, mas para ceder espaços aos carros e à velocidade. A "Boca do Lixo" e a "Boca do Luxo", que eram dominadas pelos homens da noite e do chope, perderam aos poucos o exotismo romântico e se transformaram em redutos de traficantes de tóxicos e do pior banditismo. E no Bexiga numerosos dos seculares sobrados, que lançavam luz amarela para as calçadas apinhadas de mulheres conversadoras, foram demolidos para dar lugar a restaurantes muitos dos quais mascarados de uma tipicidade fraudulenta. E quem se atreve, hoje, a andar à noite pelas ruas do Brás, sabe quanto perigo pode encontrar nas sombras e em cada esquina. Diferente do tempo melhor se Adoniran, quando a confraternização boêmia de alongava madrugada adentro e todos se conheciam.

Mas a modernização, implacável, acabou com tudo. Por esse motivo se compreende a frustração do cronista: "Procurei São Paulo e não encontrei mais São Paulo." E foi nessa nova e desfigurada paisagem urbana que ele adquiriu os contornos fortes de uma pessoa aparentemente fora do tempo, típica, em que a gravata borboleta e a linguagem solta, uma mistura de lirismo antigo e facécia crítica, acentuavam diferenças. Diferenças nas quais o paulistano gostaria de se reencontrar, pois refletiam a humanística sentimentalidade própria do povo, massificado por uma modernização que veio a significar não desenvolvimento a partir de valores tradicionais, mas desaparecimento, aviltamento do passado recente. Uma modernização, enfim, que destrói o que de mais autêntico existe em termos de memória e de patrimônio.

É possível imaginar a frustração desse cronista e sambista carregando o peso de muitas experiências, andando pela Rego Freitas, General Jardim, Marquês de Itu, às vezes almoçando no "Gato que Ri", e invariavelmente ocupando a cadeira 34 do "Parreirinha", saudando os amigos velhos ou moços, troçando das músicas importadas, gritadas, sem o tom suave e sem o maneirismo malicioso do povo, do paulistano sacrificado, atabalhoado nos ônibus e à porta de fábricas, sempre empurrado para fora de seu habitat sentimental.

Para as gerações vindouras é importante destacar que Adoniran, seguindo o exemplo de outros cronistas e sambistas do povo, não se deixou dobrar às injunções dessa modernização imposta por um progresso concebido de cima para baixo. Ele praticou a melhor liberdade, a dele mesmo, talvez convencido de que a liberdade é a verdadeira dimensão do homem.

Missa de 7.º dia de Adoniran será dia 30

A Sociedade Administradora de Diretos de Execução Musical do Brasil — Sadembra, juntamente com os Grupos Editoriais Vitale, Fermata do Brasil e os compositores de São Paulo, mandará celebrar missa de 7.º dia por intenção da alma do autor e compositor João Rubinato — "Adoniram Barbosa", no próximo dia 30, às 19 horas, na Catedral da Sé.

Na oportunidade, será dado o adeus ao poeta, com a execução de suas principais obras.

Restauração da 13 de Maio em fase final

Muitos sobradinhos já tiveram suas fachadas reformadas e pintadas, a calçada de cimento está sendo destruída e começa a receber o mosaico português com a bota estilizada do mapa da Itália. Aos poucos, o trecho da rua 13 de Maio — entre a Conselheiro Carrão e a Fortaleza — vai recuperando a sua aparência antiga e lembrando como era o bairro do Bexiga no início do século.

Resultado de um convênio assinado no mês passado entre a Secretaria Estadual da Cultura e o Museu Memória do Bexiga, as obras de restauração de cerca de 50 imóveis da rua deverão estar prontas dentro de 15 dias. E, no dia da inauguração, que acontecerá provavelmente em 16 de dezembro, a Secretaria e os moradores vão promover uma grande festa para mostrar ao público o seu "Boulevard Adoniran Barbosa", nome que será dado ao trecho da 13 de Maio que está sendo reconstituído.

"Esta será a homenagem ao Adoniran, um velho frequentador do Bexiga, que tinha um escritório no n.º 550 da 13 de Maio, um dos imóveis que teve sua fachada pintada", explica Paulo Santiago, diretor-geral do Museu Memória do Bexiga. A inauguração deverá ser marcada por muita seresta, pão, vinho e sardela, segundo os planos da diretoria do museu, que pretende colocar uma grande mesa no meio do "boulevard".

As obras, no valor de 34 milhões de cruzeiros, que estão sendo inteiramente custeadas pela Secretaria Estadual da Cultura, são acompanhadas com muito interesse e animação pelos moradores da rua e do



Nas calçadas mosaico português

bairro. Apesar da resistência inicial com que o plano foi recebido, os moradores estão entusiasmados com a reconstituição das fachadas dos sobrados que abrigam, em sua maioria, famosas cantinas. "Está ficando lindo. A rua está mais vistosa e a aparência melhorou muito", diz dona Grazi Grilha, que há 11 anos mora no sobrado do n.º 576, já pintado de bege.

A calçada em frente à Padaria Basilicata, desde 1914 no local, está toda quebrada

e dificulta um pouco a passagem dos frequentes que diariamente com um dois mil pães italianos, caseiros, de linguiça ou torresmo. Orlando Laurenti, um dos proprietários, entretanto, não se importa com a confusão. "Estamos tendo um pouco de dor de cabeça, mas não podemos deixar de aplaudir esta ideia tão feliz. Com esta restauração, o Bexiga vai melhorar mais ainda como atração turística. Este é o primeiro melhoramento que se faz no nosso bairro depois de anos de abandono e falta de atenção. E isso é muito bom."

O grande letreiro de acrílico da Basilicata já foi retirado e esta semana as outras placas luminosas, modernas, deverão sair das fachadas, dentro do plano de "despoluição visual" daquele trecho da rua. Logo mais, elas começarão a ser substituídas por outras placas de lata com desenhos artísticos, feitas pelo Condephaat, que receberão uma iluminação amarelada durante a noite. As fachadas das casas, suas portas e janelas, estão tendo sua reconstituição baseada em fotos antigas dos imóveis ou a partir de conversas com seus moradores. Todos também foram consultados a respeito da pintura e das placas.

Segundo Paulo Santiago, diretor-geral do museu, as obras de restauração já começaram a repercutir favoravelmente em todo o Bexiga. "Em muitas ruas transversais e paralelas, os moradores pintaram suas casas e começa a haver uma maior conscientização a respeito da preservação. O bairro está deixando de ser deteriorado e está ficando mais bonito."

FOLHA DA TARDE ilustrada

São Paulo, segunda-feira, 6-12-1982 — PAG. 29

Momentos Românticos

Gosto de escrever ouvindo música e c' em me deliciel com o piano de Briamonte, que depois de ficar muito tempo afastado retorna ao cenário musical em grande forma. A primeira música que ouvi foi "Luiza" e a seguir, "Explode Coração". Mas todo o repertório é magnífico, romântico e vai fazer as delicias dos saudosistas. Bria fez arranjos excelentes de Toquinho, Adoniram Barbosa, Gonzaguinha, João do Vale, Vinícius, Marcia, Armando Manzanero, motivo pelo qual permaneceu tanto tempo longe do piano. Helô Machado tem razão: vale a pena ouvir "Momentos Românticos"!



APDL-Rádio

• Opa! Qual é a do Dárcio Arruda usando e abusando dos esses e erres nas chamadas de Natal da Antena Um? Não tem nada a ver!

• A simpática Ireci Cardoso é a entrevistada desta semana no programa do Tavares de Miranda, diariamente, às 18h30, na Rádio Gazeta.

• Uma boa expectativa no dia de hoje, em torno do trabalho que as nossas emissoras de rádio prometem, antes, durante e depois de São Paulo e Corinthians.

• Felizmente, o espetáculo esportivo radiofônico, para uma boa minoria, não fica mais restrito apenas à transmissão da partida.

• Hoje em dia, o rádio tem-se preocupado em realizar uma ampla reportagem sobre o acontecimento, inclusive entrando como principal elemento de utilidade pública, na orientação dos torcedores, no que diz respeito a trânsito, compra de ingressos, estacionamento, etc.

• Na noite desta quarta, quando acontecerá a primeira partida da final, o rádio, mesmo com a tevê entrando diretamente,

mais uma vez terá a oportunidade de mostrar seu bom serviço.

• Nesta quinta-feira, amanhã, portanto, Enzo de Almeida Passos vai transmitir o seu "Telefone Pedindo Bis", direto da Vila das Mercês, com as participações especiais de Jair Rodrigues, Dudu Franca, Diana, Marcos Sabino e Breno Silva, entre outros.

• José Italiano também está com um programa diário na Rádio Gazeta. O título é "Boa Tarde São Paulo", que vai ao ar das 12h30 às 13 horas.

• A Rádio Presidente Prudente, que atua na frequência de 1300 KHZ, a partir deste mês passou a operar com a potência de 5 mil watts.

• José Grossi, ex-Rede Transamérica, é o novo diretor comercial da Globo-Excelsior.

• O saudoso Adoniran Barbosa é o cartaz de hoje, na Cultura, que vai mostrar seus principais trabalhos no "Retrato de um Artista", ao meio-dia.

• Também na Cultura, mas um pouquinho mais tarde, às 17 horas, é a vez do "MPB Especial". O comando é de Dorival Carper, hoje apresentando o trabalho do conjunto "A Cor do Som."

AL: voto de louvor a Adoniran Barbosa

A Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo fez consignar em ata um voto de pesar pelo falecimento de João Rubinato, conhecido nos meios artísticos com o pseudônimo de Adoniran Barbosa. A propositura, de autoria do deputado Archimedes Lamoglia, foi publicada no "Diário da Assembléia" do dia 26 de novembro último.

O requerimento consigna os votos de pesar pelo desaparecimento do conhecido compositor e ator de rádio, cinema e televisão e pede seja dado ciência do mesmo à família do falecido, aos jornais "A Gazeta", "Notícias Populares", "Folha da Tarde", "O Estado de São Paulo", assim como à Ordem dos Músicos, à União Brasileira de Compositores-UBC, à Sociedade Independente de Compositores e Autores Musicais.

Na justificativa, o deputado lembra que Adoniran Barbosa era "cantor e cronista da vida paulistana, criador de uma linguagem própria", nascido em Valinhos-SP em 6 de agosto de 1910. Exerceu profissões humildes até iniciar sua carreira artística na Rádio Cruzeiro do Sul, como cantor; passou depois para a Record, onde interpretava papéis humorísticos. Trabalhou em diversos filmes brasileiros, entre eles "O Cangaceiro", de Lima Barreto. Entre suas composições, conhecidas em todo o País e até no Exterior, estão "Trem das Onze", "O Samba do Ernesto", "Saudosa Maloca", "Bom dia tristeza", "Vila Esperança", "Malvina", e muitas outras.

Bexiga inaugurará bulevar dia 31

SP-FOLHA DA TARDE 1ª PAGINA - 17/12/82



Entulho nas calçadas dificulta o trânsito de pedestres e automóveis

A inauguração do "bulevar Adoniran Barbosa" num trecho da rua 13 de Maio, no Bexiga, foi adiada para o dia 31. A Secretaria da Cultura, em convênio com o Museu Memória do Bexiga, está restaurando aquele trecho, entre as ruas Conselheiro Carrão e Fortaleza, para devolver-lhe a aparência que tinha no início do século. Segundo o secretário João Carlos Martins, da Cultura do Estado, as chuvas têm prejudicado o andamento das obras. Alguns comerciantes do local estão-se opondo, porém, às modificações nas fachadas de seus estabelecimentos. Pág. 7

"BULEVAR": ATRASO E CRÍTICA

Foi adiada para o dia 31 a inauguração do "bulevar Adoniran Barbosa", no Bexiga, no trecho da rua 13 de Maio entre as ruas Conselheiro Carrão e Fortaleza, que a Secretaria da Cultura do Estado, em convênio com o Museu Memória do Bexiga, está restaurando, para devolver-lhe a aparência que tinha no início do século.

O secretário João Carlos Martins, ao prometer, ontem, "para o reveillon" a inauguração dessa restauração, disse que as obras sofreram atraso "porque estamos com 15 dias consecutivos de chuva".

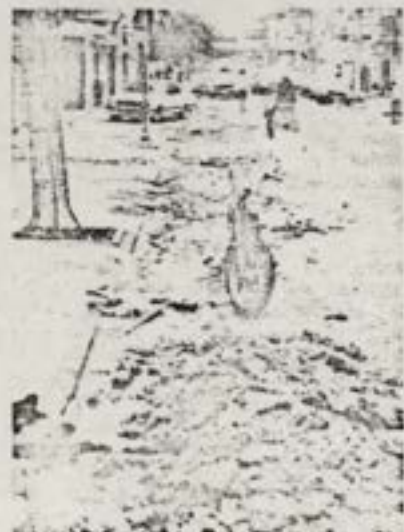
As obras deveriam estar concluídas ontem, após um primeiro adiamento, no dia 13. O projeto da Secretaria da Cultura prevê reforma e pintura de piso das calçadas por mosaico português, com um desenho estilizado — uma bota — do mapa da Itália, e troca dos luminosos — de acrílico ou neon — dos estabelecimentos comerciais por placas de madeira iluminadas por refletores.

Ontem à tarde, moradores e comerciantes mostraram-se irritados com o andamento das obras.

Três casas comerciais — a cantina "Dona Grazia", o restaurante "Mexilhão" e a casa de carnes "Bassi" — estão-se opondo à substituição de seus custosos luminosos (respectivamente, no valor de 300 mil, 350 mil e 1 milhão de cruzeiros) por placas iluminadas por refletores, embora, segundo o secretário João Carlos Martins, tenham assinado acordo para a troca.

O gerente da cantina "Dona Grazia", Edson Luis Stabile, diz que "não tem sentido" trocar-se os luminosos por placas de madeira, sob a alegação de retorno aos anos 40, já que foi nessa época que surgiram os luminosos à gás neon. Ele argumenta também que as placas não deverão resistir às intempéries e que os refletores que as iluminam incomodam os fregueses, ofuscando-os.

"Muitas casas como a 'Tavola', que fez a substituição, não acendem os refletores à noite, pelo problema do ofuscamento até dos porteiros, que tem dificuldades em ver os carros de fregueses se aproximando", disse Stabile.



Entulho gera reclamação

Restauração do Bexiga incentiva moradores

Cerca de 30 moradores da Bela Vista, na região do Bexiga, restauraram ou preservaram, por conta própria, as fachadas de suas casas, motivados pelas obras de restauração que a Secretaria da Cultura do Estado e o Museu Memória do Bexiga realizam na rua 13 de Maio, entre as ruas Conselheiro Carrão e Fortaleza, que será o futuro bulevar "Adoniran Barbosa".

"É uma ignorância reformar destruindo a História. Minha casa está passando de geração a geração e meu filho está avisado para não destruir as marcas da história da nossa casa", disse o desenhista Vicente Romano, residente na rua 13 de Maio, 423, que fez obras em sua moradia mas preservou um florão, no alto da fachada, que indica ter sido construído o imóvel em 1914.

Vicente Romano, por isso, receberá um diploma do Museu Memória do Bexiga, com o título de "Amigo do Bairro", que a instituição confere a quem "arruma a casa mas preserva suas características", como explicou seu presidente, Armando Puglisi, informando que outros 30 moradores também receberão esse título.

"O exemplo da rua 13 de Maio parece estar fazendo o pessoal ver que uma casa antiga é bonita", disse Puglisi. O secretário estadual da Cultura, João Carlos Martins, afirmou que, com a restauração de parte da 13 de Maio, foi iniciada a "primeira campanha de amor à cidade, à sua fachada, à sua rua".

A PRIMEIRA PEDRA

"O que nós começamos no Bexiga é a primeira pedra", disse João Carlos Martins,

destacando a importância do fato de, pela primeira vez na vida da cidade, 15 comerciantes terem concordado em substituir os luminosos de seus estabelecimentos por placas de madeira iluminadas por refletores, aderindo à despoluição visual, na rua 13 de Maio.

O exemplo do Bexiga está contagiando outros bairros, segundo Martins, que informou ter recebido a visita de uma comissão de comerciantes das ruas José Paulino e 25 de Março, no Bom Retiro, para pedir assistência técnica da Secretaria da Cultura para restauração dessas ruas, "que os comerciantes consideram válida para o comércio".

Martins informou também ter sido procurado pelo presidente da Embratur, Miguel Colastuono, para a formalização de um convênio entre a Empresa Brasileira de Turismo e a Secretaria da Cultura para a recuperação histórica de outro trecho de rua, em qualquer bairro de São Paulo.

Outras pessoas já propuseram ao secretário da Cultura a deflagração de uma campanha para preservação de todo o Bexiga. Martins considera importante essa idéia, na forma de uma "restauração comunitária", que só beneficia ("retorno de investimentos até nos primeiros dois meses") trará aos comerciantes, "na medida em que valorizarem suas ruas como ponto turístico". E acrescentou:

"A restauração do trecho da 23 de Maio, entre as ruas Conselheiro Carrão e Fortaleza, foi orçada em 25 milhões de cruzeiros, mas é possível que não passe dos 22 milhões. Se dividíssemos os custos entre 70 comerciantes, cada um pagaria cerca de 300 mil cruzeiros, equivalente ao preço de um luminoso".

SOCIEDADE DE PRESERVAÇÃO

A assistência técnica da Secretaria da Cultura aos interessados na restauração de ruas será dada através do Cond. Jhaat — Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado, que fará estudos sobre as características da rua no passado, determinará as cores das casas, o tipo e um desenho "lógico" para o piso.

No Bexiga, os moradores estão criando uma sociedade de preservação da história do bairro, que terá o nome de "Sabíá", sigla de Sociedade Amigos do Bexiga e Adjacências. Um dos fundadores dessa entidade, o presidente do museu do bairro, Armando Puglisi, disse que o objetivo é reunir-se no mínimo 100 sócios, que contribuirão, cada um, mensalmente, com mil cruzeiros. "Com 100 mil cruzeiros — diz Puglisi — poderemos restaurar uma fachada por mês."

Enquanto a "Sabíá" — o nome foi inspirado pela forma de uma ave que o mapa do Bexiga (que os moradores também estão elaborando) sugere — não é fundada, os residentes no bairro procuram preservar, com os próprios recursos, as características dos imóveis. O que foi feito, por exemplo, no palacete localizado na esquina das ruas Maria José e Manuel Dutra, um prédio de três andares, hoje transformado numa pensão, de propriedade da família Mammara, uma das mais antigas do Bexiga.

Outro imóvel com a fachada repintada é a de número 109 da rua Conselheiro Carrão, uma casa térrea, no estilo "art nouveau", hoje uma habitação coletiva. Outra casa térrea, restaurada, fica na rua 13 de Maio, 400. O proprietário a restaurou imitando o vizinho Vicente Romano.

NATAL LEVA 80 MIL PESSOAS AO PACAEMBU

Pelo menos 80 mil pessoas lotaram ontem cedo o estádio do Pacaembu, participando da festa "Natal da Criança Paulista", promoção conjunta do Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo. Nem a garoa que caiu no começo da manhã evitou a enorme afluência e os que revolveram enfrentar a chuva fina, que parou antes das 9 horas, saíram satisfeitos do bonito espetáculo, onde, além da chegada do Papai Noel de helicóptero, houve espetáculos circenses e números musicais.

Desde as 8 horas, muita gente já ia chegando ao estádio. O "Show" mesmo, com transmissão direta pela televisão, começou às 10 horas. Até que ele começasse, o público assistia à excitação das bandas da Febem, do Colégio "Francisco Antunes filho", do Colégio Paralelo, do 2.º Batalhão de Guarda e dos Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro.

PAPAI NOEL

Às 10 horas, Marília Gabriela e Nei Gonçalves Dias começaram a apresentação. "Esta é uma festa para quem acredita em Papai Noel. Esta é uma festa para quem acredita em 1963", disse Nei, enquanto o helicóptero sobrevoava o enorme campo do Pacaembu e os lanceiros da PM desfilavam. Pouco antes de o helicóptero pousar, dezenas de balões de gás foram lançados para fora do estádio.

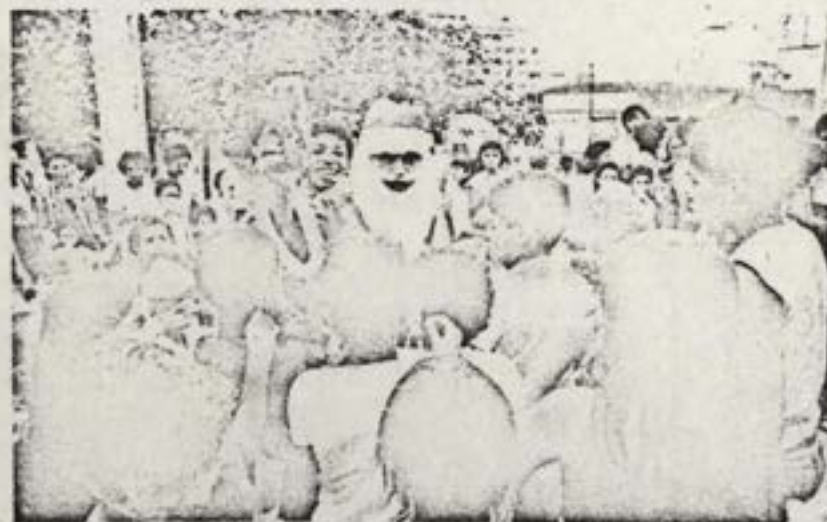
Levado ao palco, Papai Noel recebeu das mãos de dona Neusa Martin a chave da cidade e em seguida deu a volta olímpica no gramado dentro do "Papai Móvel", acenando para o público.

Subiu ao palco, então, o comediante Castrinho (o "meu garoto" de Chico Anísio) e fez a saudação ao "Papai" Noel. Castrinho cantou uma música de seu disco — "Atirei o Pau no Gato", acompanhado pelos presentes. Enquanto isso, três carros antigos despejavam ao lado do gramado um grupo de palhaços, que apresentou um divertido jogo de futebol.

Marta Alcina fez várias palhaçadas, enquanto cantava "Escandalosa" e "Cumbô". Depois, foi a vez do conjunto Rádio-Taxi cantar o seu "Quem se Importa", ao mesmo tempo, um "táxi maluco" — que estourava, enganchava água e acabou se dividindo em duas partes — fazia evoluções na pista de atletismo.

Dois globos da morte se apresentaram simultaneamente, um com duas e outro com três motocicletas. E os equilibristas Valderi e Sílvia passeavam de moto num cabo de aço com 116 metros de extensão e a 25 metros de altura. Quatro aviões dos "Dragões do Ar" sobrevoaram o estádio soltando fumaça.

Acompanhado por todos, Almir Rogério cantou "Fusão Preto" e "Moto-



Enquanto, no Pacaembu, da. Neusa Martin recebia o Papai Noel e o desfile da PM e os equilibristas arrancavam aplausos, no Bexiga, crianças recebiam brinquedos

queiro", enquanto que Fafá de Belém cantou "Caso Especial" e "Estrela Radiante". As Harmony Cats cantaram "Viva as Crianças", ao mesmo tempo em que três pára-quedistas desceram no meio do campo. Jessé, muito aplaudido, cantou "Porto Solidão".

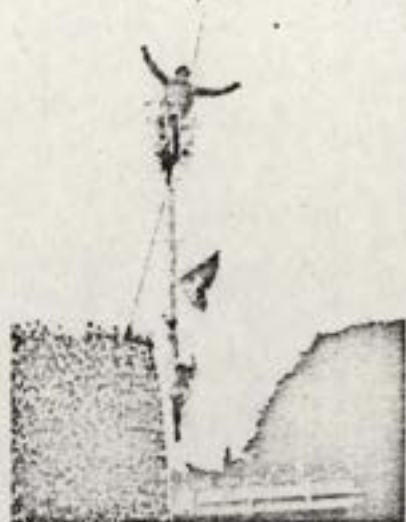
Sem sombra de dúvida, quem mais arrancou aplausos do público foi Fábio Jr. Ele cantou duas músicas e provocou sua enorme platéia com seus gritos (prontamente respondidos). A seguir, os Deomônios da Garoa reverenciaram Adonirã Barbosa cantando "Sinhô da Ar-

nesto" e "Trem das Onze", esta última cantada por todos.

No final do espetáculo, houve a tradicional revoada de pombos e todos os convidados do "show" cantaram juntos, de mãos dadas, puxados por Jessé, o "Noite Feliz". Detalhe: o público também cantou de mãos dadas.

O BEXIGA FAZ SUA FESTA

Pelo oitavo ano consecutivo a Sociedade de Defesa das Tradições e Progresso da Bela Vista realizou, ontem, sua festa de



Natal, onde foram distribuídos 10 mil presentes às crianças carentes do Bexiga e lançada uma campanha antilúxico, a nível nacional, patrocinada pela Sociedade e que pretende ter duração ilimitada.

A festa, foi realizada sob o patrocínio da Sodopro, com a colaboração da Secretaria de Esportes e Turismo e Paulistar, além do Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo, que ofereceu 3 mil dos 10 mil brinquedos distribuídos às crianças por um morador do bairro vestido de Papai Noel. A distribuição dos presentes foi feita pela manhã e, à tarde, realizou-se um

"show" com a presença dos cantores Agnaldo Rayol, Cora e Adilson e os conjuntos Instilson e Madeira de Lei.

Realizada na Praça Dom Orione, no coração do Bexiga, a festa atraiu um grande número de moradores do bairro.

O assessor do prefeito, Armino Cardoso da Rocha, prometeu dar todo o apoio, através da Prefeitura, à campanha desenvolvida pela Sodopro, que mandou imprimir 10 mil cartazes criados pelo artista gráfico Erno Grillo e 50 mil folhetos explicativos sobre os efeitos do entorpecentes e alucinógenos.

SR. JOÃO RUBINATO (ACORRIMAN BARRA) — Quinto-leiro, da 1302, na Iguaçu N. S. Aquilino, no rua 13 de Maio — Bela Vista.

MISSA DE 20.ª DIA

FOLHA DA TARDE ilustrada

PAG. 22 — São Paulo, sábado, 29-1-1983

MÚSICA/SHOW

Divulgar a música brasileira de todas as épocas, estilos e gêneros é o objetivo do programa "Ir e Ouvir", audição musical comentada, realizada ao vivo por uma equipe de monitores no Auditório do Centro Cultural São Paulo. Neste mês de janeiro, o público que ali compareceu pôde ouvir a obra gravada de Adoniran Barbosa, o maior sambista de São Paulo, falecido recentemente.

A última audição acontece hoje, às 16 horas, e o ouvinte, munido de material que acompanha a gravação em estilo radiofônico, conhecerá mais de perto as composições de Adoniran e ficará sabendo de momentos significativos de sua vida. A presença dos monitores incentiva o diálogo e torna os comentários mais dinâmicos.

Adoniran Barbosa era filho de imigrantes venezianos que se fixaram em Valinhos no início do século. Naquele tempo, Adoniran era apenas o João Rubinato e ganhava a vida como mascate, encanador, serralheiro, pintor, tecelão, varredor de fábrica, entregador de marmita. E nessas andanças gostava de compor seus sam-

bas. Foi também calouro e conseguiu um emprego de cantor, mudou-se para São Paulo e transformou-se no maior repórter da cidade.

Ele morreu a pouco mais de um mês, mas deixou em "Saudosa maloca", "Trem das onze", "Samba do Arnesto", "As mariposas" e em muitas outras composições a marca do poeta sensível, que captava o falar do povo.

"Concertos de Verão"

O pianista Giuliano Montini fará um recital amanhã, às 16 horas, no auditório da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, no Morumbi, dentro da série "Concertos de Verão", promovida pela Secretaria de Estado da Cultura. O programa inclui peças de Brahms, Schumann, Mendelssohn, Camargo Guarnieri e Prokofieff. O auditório fica na avenida Morumbi, 3.700, e o espetáculo é gratuito.

Giuliano Montini iniciou seus estu-

dos musicais no conservatório de Santa Cecília, em Roma, em 1.945. Ao interpretar obras de Chopin e Mozart, Montini foi considerado "um autêntico prodígio musical" pelo jornal "Il Momento". No rio de Janeiro, foi aluno de Magdalena Tagliaferro e em 1.952 foi solista da Orquestra Sinfônica Brasileira para o "Concerto", de Grieg. Mais tarde ingressou na Academia de Viena, sob a orientação do professor Bruno Seidlhofer. Em seguida estudou na Suíça com o pianista Alfred Cordot. Obteve diplomas e medalhas nos concursos internacionais de Genebra e Munique e fez diversos recitais em cidades européias. Ele é solista da Orquestra Sinfônica estadual desde 1.974.

O Programa

O pianista Giuliano Montini executará o seguinte programa: "Rapsódia Opus 79" de Brahms; "Ponteios", de Schumann; "Variações sérias Opus 51", de Mendelssohn; "2 Ponteios", de Camargo Guarnieri; e "Sonata n. 3 Opus 28", de Prokofieff.

Bloco Esfarrapado leva alegria às ruas do Bexiga

O bloco Esfarrapado, como vem fazendo há 36 anos, levou alegria a todas as ruas do Bexiga. José Rosa, o "Carabina", com 78 anos de idade, este ano saiu fantasiado de Adoniram Barbosa. Junto com Armandinho Puglise e Messias Alves, o palhaço "Sputnik", formou um trio muito conhecido no tradicional bairro dos imigrantes.

O Esfarrapado é o bloco da liberdade: entra quem quer, vestido como quiser, todos movidos com muita cerveja e alegria. Aos poucos vai engrossando e chega a reunir até cinco mil foliões, como aconteceu no ano passado.

O palhaço Sputnik vestiu-se de forma a parecer com o presidente Figueiredo e outro morador do Bexiga resolveu fazer-se passar pelo ministro Delfin Neto, por se achar parecido com ele. O percurso da folia é o mesmo de 36 anos atrás, quando o

"Esfarrapado" saiu pela primeira vez, embora algumas ruas tenham mudado de nome. Na rua Manoel Dutra, outra tradição será cumprida: "Zug-Zug", antigo morador do Bexiga, superou sua própria ousadia, enfeitando com quilos e quilos de serpentina a sacada de sua casa. Ali o bloco sempre dá uma paradinha para saudar o velho amigo.

NA PENHA

Não se pode dizer que o Carnaval de anteontem à noite, na Penha, tenha sido dos mais animados que o bairro já viveu. Muita gente não pôde ir à avenida Penha de França, onde se realizou o desfile de sete escolas dos 3.º e 4.º Grupos, simplesmente porque não conseguiu sair de casa devido às enchentes que castigaram a Zona Leste.

TATUAPÉ, "NA RAÇA"

No Tatuapé, assim como na Penha, nem tudo correu como se esperava. A sambista Benedita Firmino de Lima, madrinha do Bloco Unidos de Vila Carmosina, disse que encontrou inúmeras dificuldades para levar seu bloco à rua Antônio de Barros e fez um apelo: "Pelo amor de Deus, só não quero ser desclassificada!".

Benedita Firmino conta que chegou a transformar seu quarto em fábrica de fantasias. Lá passou noites e dias costurando, reuniu sambistas e ensinou aos iniciantes a "malandragem do pé e a ginga do corpo". Assim que os integrantes do bloco desceram de dois ônibus da CMTC começaram os problemas: tráfego congestionado, depois começou a chover forte, justamente

quando faltavam poucos minutos para o início do desfile.

Segundo se apurou, o Clube dos Lojistas do Tatuapé não montou dois palanques (um para autoridades e outro para a fiscalização da Paulistur e União das Escolas de Samba do Estado de São Paulo), como havia sido pedido. Então a solução foi acomodar os fiscais da Paulistur numa perua "Kombi", de onde eles resolviam os problemas burocráticos do desfile.

Contornadas estas dificuldades, foi dado o sinal para que a Unidos de Vila Carmosina entrasse na avenida, com uma hora de atraso. Nesse horário, por volta das 18h30, a Zona Leste estava totalmente alagada pelas enchentes e somente mais dois blocos conseguiram chegar para o desfile, mesmo assim "na raça".

Sete escolas se apresentaram na Penha de França. A primeira deveria entrar na avenida às 22 horas, segundo a programação anunciada. Porém, o desfile só começou às 23h30. "Tinha enchente na Marginal do Tietê e a gente se atrasou", argumentavam os integrantes de algumas escolas. Outros diziam, como os da Corujas de Vila Esperança, que as águas haviam invadido sua sede, estragando fantasias e impedindo muita gente de desfilar.

Mas não foram apenas as enchentes que levaram as escolas a se apresentarem com um número de componentes menor que o habitual. Como disse Danilo Ferreira de Lima, presidente da Unidos de São Lucas, "o pessoal fica empolgado mesmo com o desfile oficial. Não se interessa em vir para os bairros" (dos 480 integrantes, a escola tinha apenas 300).



Nas ruas, um retrato de criatividade e bom humor; José Rosa ("Adoniran"), Puglise e foliões de outrora

Museu do Bexiga faz homenagem a Adoniran



O "cabinho" do compositor e cantor no Museu

Os compositores e cantores Adoniran Barbosa e Agostinho dos Santos, o jogador de futebol Luis Matoso (Feitiço) e o primeiro brasileiro campeão latino-americano de peso médio, Pedro Galasso, serão homenageados, hoje, às 21 horas, no Museu Memória do Bexiga, com a inauguração de "cabinhos" com peças que lembram as quatro personalidades, todas ligadas ao bairro e sua gente. A homenagem abre os quatro dias de festividades do 3.º aniversário de fundação do Museu, que realizará, ainda, exposição de fotojornalismo, apresentação de peças teatrais e inauguração do "Adoniran Bar", na rua Rui Barbosa.

(1ª PÁGINA)

Pág. 10

PÁGINA 10

NOTICIÁRIO GERAL

Museu do Bexiga homenageará Adoniran

O Museu Memória do Bexiga presta hoje, às 21 horas, uma homenagem aos cantores e compositores Adoniran Barbosa e Agostinho dos Santos, ao jogador de futebol Luis Matoso (Feitiço) e ao primeiro brasileiro campeão latino-americano de peso médio, Pedro Galasso. A homenagem abre os quatro dias de festividades do 3.º aniversário de fundação do Museu Memória do Bexiga, que fica na rua dos Ingleses, 165.

A homenagem a Adoniran, Agostinho, "Feitiço" e Galasso, denominada "A noite dos quatro gigantes", tem o objetivo de manter viva a imagem de quatro personalidades ligadas ao Bexiga, bairro onde se fixou a maioria dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil no fim do século passado e início deste. Paulo Santiago, diretor-geral do Museu, afirmou que a homenagem consistirá em inaugurar, no prédio, "cabinhos" com peças que lembram as quatro personalidades.

O "cabinho" do Adoniran consta de uma galeria com vários de seus discos, seu chapéu de feltro e o cachecol de lá quadrulado. As peças foram doadas ao museu pela mulher de Adoniran, que foi estreitamente ligado ao Bexiga e sua gente e em cujas bares compôs algumas de suas músicas. Também os "cabinhos" de Agostinho dos Santos, "Feitiço" e Galasso contêm peças dos três personagens que foram ligados ao Bexiga. Agostinho dos Santos, por exemplo, trabalhou como alfaiate no prédio onde hoje está instalado o Museu.



Cada um dos homenageados tem seu "cabinho" no Museu

Galasso e "Feitiço" ainda moram no Bexiga.

No segundo dia de comemorações do 3.º aniversário de criação do Museu haverá uma exposição de fotojornalismo denominada "Documentos", de Paulo Santiago. A exposição reúne 40 fotografias realizadas no Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai em diferentes épocas. A exposição será no

Teatro Carbono 14, na rua Treze de Maio, 363. No dia 6 haverá apresentação da comédia "Bella Ciao", no Teatro Taib, na rua Três Rios, 246. Dia 7 haverá nova homenagem a Adoniran, com inauguração do "Adoniran Bar", na rua Rui Barbosa, 340. No último dia será apresentada a comédia "O teatro maluco de Zé Fidélis", no Teatro Cultura Artística, na rua Nestor Pestana, 196.

FOLHA DA TARDE ilustrada

PÁG. 20 — São Paulo, quarta-feira, 20-4-1963

MÚSICA/SHOW

As estréias de Patrício Bisso e Eduardo Gudim

O compositor, violonista e cantor Eduardo Gudim pretende fazer um show bem paulista, segundo definiu, a partir de hoje, na sala Guimar Novaes, da Funarte (alameda Nothman, 1.658, Campos Elíseos), interpretando músicas inéditas em parcerias com Arrigo Barnabé e Adoniran Barbosa. Outra estréia de hoje é a do comediante Patrício Bisso, no teatro da Aliança Francesa (rua General Jardim, 182, Vila Buarque), também às 21 horas, trazendo novas paródias, como "Não Rias de Mim, Argentina", baseada na ópera-pop "Evita".

"Outra Noite Perdida Com Patrício Bisso", é seu primeiro show que, anteriormente, vinha se apresentando apenas em casas noturnas e clubes. Quer, assim, atingir um novo público. Por isso, não houve necessidade de fazer um espetáculo inteiramente novo, achando interessante que os frequentadores dos teatros precisariam ter uma oportunidade de conhecer os velhos personagens que criou. Como, por exemplo, a inocente Doris Dias, fanzoca de Doris Day, ou Sarita, vendedora de violetas em baixo de uma tempestade de neve, uma gozação à "Violetera", de Sarita Montiel. Ou os quadros "Envenenando as Pombas na Praça Roosevelt", "O Tango Masoquista" e "Voltei Pro Morro", além da versão "Vamos Fazê-lo", para "Let's Do It", famosa canção de Cole Porter.

No entanto — explicou ele — todos os números de seu repertório anterior re-

ceberam novos figurinos, a começar pela própria Sarita, agora com um mimoso rendado. A cantora lírica Mimi Mozart, ao invés de uma roupa pesada, mostrará um pouco as pernas aos apreciadores do bel-canto. Bisso disse também que o vestido de Evita Peron foi inspirado num modelo de Christian Dior, gastando 85 metros de tule na saia.

Ontem à tarde, durante os ensaios com uma banda formada especialmente para esta temporada na Sala Guimar Novaes, Eduardo Gudim, contou que mostrará a última composição de Adoniran Barbosa, feita com sua parceria, "Armistício". Também tocará, pela primeira vez em público, uma valsa composta por Arrigo Barnabé. Estas serão algumas das citações paulistas do seu show que é o primeiro que faz sozinho em um palco. Os anteriores sempre foram divididos com outros artistas, entre os quais, Paulo Cesar Pinheiro ou Márcia. Além de sua banda com três vocalistas, um trombone, um cello, uma flauta, um baixo e dois percussionistas, Eduardo Gudim, estará apresentando uma nova violonista, Cristina Zuma, em que põe muita fé.

Gudim, que ano passado partiu para o disco independente, está agora novamente em estúdio para um novo elepê com lançamento previsto para o próximo mês de agosto. Está escrevendo todos os arranjos, procurando algo mais grandioso do que no trabalho anterior, conforme explicou.



Gudim está na sala Guimar Novaes

Placa da rua Adoniran Barbosa

Uma placa indicativa da rua Adoniran Barbosa será colocada hoje, às 19h30, no bairro do Bixiga (Bela Vista). Participarão da cerimônia o prefeito Altino Lima vários secretários municipais e vereadores. E o conjunto "Talismã" tocará músicas do compositor. O nome de Adoniran Barbosa foi dado à antiga travessa Brigadeiro, que fica nas proximidades da praça Pérola Byington.

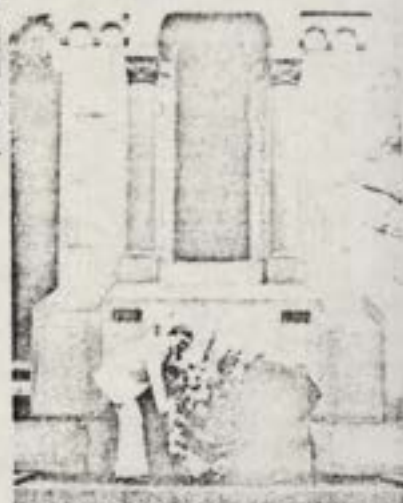
FOLHA DA

Editor-Responsável: Antonio Aggio Jr. — Quarta-feira, 8 de Junho de 1983 — Nº 0.075

TARDE

SAB/Pari festejará
seu 8.º aniversário

— Administração e Oficinas: Al. Barão de Limeira, 425 Cr\$ 130,00



Francolino, da SAB, e Catania, cônsul da Itália

A Sociedade Amigos do Bairro do Pari, pelo seu presidente Antônio Francolino, preparou extenso programa para a comemoração do seu 8.º aniversário de fundação e para o Dia Nacional da República Italiana e Dia Nacional da República Portuguesa. Os festejos serão realizados nos dias 10, 11, 12 e 13 próximos, na praça Padre Bento, em frente da Igreja de Santo Antônio do Pari, com a colaboração dos consulados da Itália e de Portugal, do 13.º BPM e da Prefeitura, através da AR-Sé.

A PROGRAMAÇÃO

A abertura dos festejos será dia 10, na rua Paulo Andriqueti, 452, entre as ruas Santa Rita e Silva Telles, com homenagem ao compositor Adoniran Barbosa. Das 20 às 23 horas, espetáculo musical com os conjuntos "Explosão do Samba" e "Demônios da Garoa," com a participação de da. Matilde, esposa de Adoniran, participação especial de Fatinha Batista, compositora, que lançará disco em homenagem a Adoniran, inauguração de bar com o nome do compositor e participação dos jovens Savianos, da paróquia de São Domingos.

Dia 11, na praça Padre Bento, das 19 às 22h, apresentação da Banda Colonial Portuguesa do Pari. Dia 12, no mesmo local, às 10h30, hasteamento de bandeiras do Brasil, Itália e São Paulo, com execução dos hinos nacionais, presença do cônsul geral da Itália e apresentação da Banda Colonial Portuguesa. As 11 horas, entrega do projeto de melhoramentos da praça Padre Bento, pelo cônsul geral da Itália. As 17 horas, hasteamento das bandeiras do Brasil e de Portugal, com execução dos hinos pátrios, presença do cônsul geral de Portugal, dr. Fernando Pintos dos Santos, flores para o monumento de sete séculos do nascimento de Santo Antônio. Das 20 às 23 horas, espetáculo musical, com a Banda Colonial Portuguesa, grupos folclóricos portugueses, conjunto Grama Rosa do Pari, compositora Fatinha Batista e conjunto "Explosão do Samba." Entrega da ampliação do abrigo de ônibus e reforma da praça professor Miguel Francolino, plantio de árvores para Ar-Sé, construção de guias e sarjetas na rua Paulo Andriqueti.

Dia 13, encerramento dos festejos com a festa de Santo Antônio, o padroeiro do Pari, missa e distribuição de pães durante todo o dia, com a procissão saindo às 20 horas e percorrendo várias ruas do bairro. A renda dos festejos desse último dia reverterá em favor de famílias carentes da região.

A SAB do Pari, através de seu presidente, Antônio Francolino, agradece a todos que colaboraram para a realização da festa, assim como a todos que a prestigiaram com sua presença.

OK

FOLHA DA TARDE ilustrada

São Paulo, segunda-feira, 7-11-1983 — PÁG. 21

Outra coisa...

Amanhã, aqui em São Paulo, acontecerá uma reunião entre Carlito Maia, Elifas Andreato, José Amâncio e Nilton Travesso, quando serão tomadas as primeiras providências, com vistas a montagem de um programa em homenagem ao aniversário da morte de Adoniran Barbosa. O evento está marcado para o próximo dia 23 e a idéia é fazer uma grande concentração no Bexiga.

OK

FOLHA DA TARDE ilustrada

Editor: Alcides de Moura Torres

São Paulo, sábado, 19-11-1983 — PÁG. 23

Juca Chaves...

Zimbo Trio, Sílvia Maria, Eliane Estevão são algumas das presenças de amanhã, no "Hebe Camargo", a partir das oito da noite, na Bandeirantes. O programa vai prestar ainda uma homenagem a Adoniran Barbosa.

FOLHA DA TARDE ILUSTRADA
São Paulo, segunda-feira, 21/11/83

PAG. 25

APDL - Rádio

• Até dezembro, pelo menos, a Jovem Pan não pretende contratar ninguém pra apresentar o "Show da Manhã". Antônio Freitas vai continuar quebrando o galho.

• E a propósito: não será nenhuma surpresa, no entanto, se o Sérgio Leite, dentro de mais alguns dias, for designado pra assumir o comando deste programa matinal.

• Egberto Gismonti é o focalizado de hoje no "Retrato de um Artista", ao melodia, na Rádio Cultura.

• E a propósito da Cultura: no próximo domingo, à uma da tarde, será apresentado um especial, em homenagem a Adoniram Barbosa.

• Jonas Mascagni, diretor artístico da FM Gazeta, muito satisfeito com os resultados que a programação da emissora vem alcançando.

• Devido ao sucesso alcançado com a promoção das apresentações do Milton Nascimento em São Paulo, a Manchete-FM pretende partir imediatamente para outros trabalhos parecidos.

FOLHA DA TARDE ilustrada

Editor: Alcides de Moura Torres

São Paulo, quarta-feira, 23-11-1983 — PÁG. 17

Homenagem

Durante toda esta quarta-feira, dia em que se comemora um ano da morte de Adoniran Barbosa, a Globo estará prestando a sua homenagem ao compositor paulista. Logo às sete e meia da manhã, no "Boa Dia São Paulo", o jornalista Rui Barbosa fará uma coisa inédita: ao invés de apresentar uma reportagem cantará uma música em homenagem a Adoniran. Em seguida, no "TV Mulher", Adoniran será lembrado nas seções "Flashback" (mostrando a entrevista do compositor a Marília Gabriela, poucos meses antes de sua morte) enquanto no "Lazer" serão dadas informações sobre a programação comemorativa que está acontecendo em São Paulo. Finalmente, no "Ponto de Encontro", Marília Gabriela conversará com Dona Matilde, viúva de Adoniran Barbosa. O "SP TV - 1ª Edição" e o jornal "Hoje" também homenagearão o compositor, assim como o "Globo Cidade" (que apresentará uma reportagem feita na casa de Adoniran), e o "SP TV" - 2ª e 3ª Edições. Às sete e meia da noite, a emissora mostrará "flashes" da missa rezada na Igreja Nossa Senhora Achirópita e a partir das 21 horas, também através de "flashes", o show em homenagem a Adoniran, que será realizado no Centro Cultural São Paulo, no Teatro Jardel Filho, com as participações de Toquinho, Renato Teixeira, Tom Zé, Língua de Trapo, Eduardo Gudin, Paulo Nogueira, Jessé, entre outros.

FOLHA DA TARDE

São Paulo, quinta-feira, 24 de novembro de 1983 N.º 9.170 — Página 16

Bixiga homenageia Adoniran Barbosa

○ Museu do Bixiga prestou, ontem, homenagem a Adoniran Barbosa pelo transcurso do primeiro aniversário de sua morte. Mais de cem pessoas, entre amigos e admiradores, estiveram presentes na praça Dom Orione, junto ao busto do compositor, cantando os seus sucessos, como "Saudosa Maloca" e "Trem das Onze". Entre os presentes, puxadores de samba das escolas de samba Vai-Vai e Camisa Verde, além do palhaço "Sputnik" e da esposa de Adoniran, da. Mathilde, para quem "Adoniran ainda não morreu, pois eu continuo divulgando a sua arte e já comecei a construir um museu em sua memória".

Após a homenagem na praça, foi oficiada missa na Igreja NS Achropita, pelo padre Geraldo da Cruz Carvalho.

FOLHA DA

Editor-responsável: Antônio Aggio Jr. — Segunda-feira, 5 de dezembro de 1983 — Nº 9.179 — Al. Barão

TARDE

de Limeira, 425

Cr\$ 250,00

O BRASIL HOJE

PAG. 1

Feira de trocas homenageou Adoniran

Na feira "troca-troca de brinquedos", promovida pela Paulistur no primeiro domingo de cada mês, no Ibirapuera, ocorreu, ontem, uma homenagem especial ao compositor Adoniran Barbosa, falecido há um ano. Além da troca normal de brinquedos, geralmente efetuada pelas crianças sem interferência de adultos, foram mostrados brinquedos construídos por Adoniran, quase todos com material rudimentar e que, brevemente, irão para um museu com seu nome, no Bixiga. Pág. 3



Brinquedos rústicos confeccionados pelo compositor

Samba bom de Charutinho ganha dois milhões no Rio

Mato Grosso nunca mais quis brigar depois que seu nome apareceu num samba do amigo Adoniran, o Saudosa Maloca. Arranjou trabalho, deixou de beber. Mas não pôde fugir ao destino de bêbado e morreu intoxicado por 12 garrafinhas de cerveja preta, numa comemoração com amigos. O branco Adoniran continua por aí, é o crioulo Charutinho no programa História das Malocas, faz seus sambinhas de vez em quando e neste ano tomou um fogo a semana passada, quando ficou sabendo que era o primeiro paulista a ganhar prêmio (2 milhões), no Carnaval do Rio, com um samba paulista, o Trem das Onze. Conta vantagem, fala no povo que sabia a longa letra de cor e cantava nos bailes, mesmo quando as orquestras não o tocavam.

Nunca foi ão Jaçanã

Adoniran nunca foi a Jaçanã, não entende de horário de trem e nem sabe como surgiu a idéia para o Trem das Onze, mas diz agora que todas as emissoras deviam tocá-lo três vezes ao dia, para estimular os bons meninos, como era seu irmão Chico, que voltava cedo para casa e lhe permitia ficar fora quanto quisesse, porque a mamãe já não estava só.

De como surgiu a idéia para Saudosa Maloca, Adoniran lembra bem. Morava na rua Aurora e sempre levava seu cachorrinho passear numa maloca que havia perto. Acabou fazendo amizade com os malandros de lá, Mato Grosso, Mario, Corintiano e outros. Quando demoliram a maloca para construir um prédio, sentiu-se despejado com os amigos e fez o samba. Mario virou Joca no samba, para rir com Maloca.

Encontrou os demonios
A primeira gravação de Saudosa Maloca foi com Adoniran cantando e ninguém ligou. A segunda, logo depois,

foi com os Demonios da Garoa e o samba não perdeu parada de sucessos por um bom tempo. Depois disso, sempre eles gravaram primeiro suas musicas, que passaram a ser no mesmo estilo, contando coisas de gente simples, na linguagem dos simples.

O numero de musicas que já compôs, Adoniran nem sabe certo. Diz que são umas muitas, perto de cinquenta. Depois de Dona Boa em 1934, conseguiu sucesso em carnaval com Malvina (1950), Joga a Chave (1952) e Aqui Gerarda (1955).

No mesmo estilo foram Mariposas, Pogressio (gravados até na Itália), Samba do Ernesto, Samba no Bexiga, Iracema, Inês. Samba-canção só fez um em toda vida e de parceria com Vinicius de Moraes, que não conhece até hoje, depois de Bom Dia Tristeza ter 16 gravações diferentes. O poeta morava em Paris, mandou os versos em carta para Araci de Almeida, que pediu a Adoniran para fazer a musica.

Rádio com aula risonha e franca

De escola Adoniran jamais gostou e deu um jeito de cair fora já no terceiro primario, para trabalhar numa fabrica de tecidos. Fez isso até a idade de 16 anos, lá em Valinhos, onde nasceu em 1910.

Vete então para Santo André, trabalhar em outra fabrica, antes de ser mecânico, funileiro, serralheiro, mascote, encanador de esgotos, e vendedor de pulas no Frontão Boa Vista, emprego bom para ganhar dinheiro mas que durou pouco porque a revolução acabou com o jogo em 1930.

De vida boêmia sempre gostou e foi batucando em mesa de bar que recebeu elogio dos amigos e resolveu tentar um programa de calouros. Em 1934, cantou Filosofia, samba de Noel Rosa, num programa da Radio Cruzeiro do Sul, ganhou o premio e convite para cantar de vez em quando ganhando cachê.

No carnaval do ano seguinte a musica lhe deu mais dinheiro. A marcha Dona Boa, feita por ele e J. Alimberê, venceu o concurso da Prefeitura e valeu premio de 500 mil réis. Adoniran recebeu o cheque, trocou num bar da Praça da Sé e por lá mesmo torrou tudo no dia, festejando a vitória com amigos.

Troca discos

Em 1939, foi para a Radio Record. Cantava sambas por cachê de 20 mil réis e funcionava como discotecario. Mas por pouco tempo, porque vivia fazendo graça nos corredores e Otavio Gibus Mendes resolveu

aproveitá-lo como comediante no programa Palmolive no Palco. Ele, Pagano Sobrinho e Lollia Rios entravam juntos com os calouros e cuidavam do humorismo nos intervalos das musicas.

O programa serviu para confirmar sua bossa e cavar oportunidade melhor, que surgiu em 1942, com Escola Risonha e Franca, programa infantil que durou 4 anos. Adoniran fazia Barbosinha, moleque que vivia dando alteração na classe. Trabalhava com roupa infantil, que sua esposa, Dona Matilde, até hoje guarda de lembrança.

Três horas antes do programa começar, o auditorio da radio já estava lotado pela garotada, as cartas chegavam aos montes, e um dia, Nhô Totico foi cumprimentá-lo e disse que o publico infantil era agora do Barbosinha.

Criminoso seis anos

No programa Casa da Sogra, Adoniran foi seis ao mesmo tempo: italiano em três versões, e mais judeu, francês e preto. Só não quis imitar portugueses, porque imitar bem é difícil e a colonia critica.

O programa era produzido por Osvaldo Moles, que logo o convocou para O Crime não Compensa. Durante seis anos, Adoniran fez sempre os papéis de criminoso.

Em Universidade Record foi professor de inglês e francês, e aluno na aula de Anatomia. Entrava no palco de peito nu e o professor aproveitava sua magreza para dar aula sobre os ossos do corpo.

(FOTOS NO VERSO)

ESTADÃO
Pág. 12
26/4/65



Adoniran Barbosa canta para seus amigos da maloca os sambas que falam da gente simples das favelas



Charutinho conta suas histórias na favela do Branco.



Batucada em caixa de fósforos começa samba

Carnaval Carnaval Carnaval Carnaval Carnaval Carnaval

Na "Saudosa Maloca" do

Carnaval Carnaval Carnaval Carnaval Carnava

Pinheiros, só alegrias



Dona Matilde não se conteve e as lágrimas surgiram em seus olhos negros e profundos. Ao ver a réplica da "maloca" estampada num grande painel e o trenzinho que imortalizou a obra de seu marido, não pôde esconder sua admiração. Dona Matilde, esposa de um dos compositores mais famosos de São Paulo, Adoniran Barbosa, foi a principal convidada do Esporte Clube Pinheiros que este ano adotou como tema de decoração de seus salões a "Saudosa Maloca". E foi com muita alegria que ela acompanhou todos os passos da montagem dos cenários e da folia propriamente dita.

Concebido pela própria diretoria social em conjunto e confeccionada pelo decorador oficial do clube, "Saudosa Maloca" custou ao Pinheiros Cr\$ 6 milhões. Os idealizadores procuraram não deixar escapar nenhum detalhe: as músicas do compositor estavam afixadas em dezenas de cartazes espalhados pelo salão, que possuía logo à entrada uma réplica do "Trem das Onze". Ao som da Orquestra "Imperiais do Samba", com 25 elementos, podia-se ouvir, na primeira noite de Carnaval muitas músicas novas (de Beth Carvalho, Gal Costa e Elba Ramalho, especialmente), as antigas, que todos conhecem e, é claro, aquelas de autoria do homenageado, no ritmo de Carnaval.

CARNAVAL

De Adoniran ao Cometa de Halley, alegria geral

O grande homenageado do Carnaval de 84 do Esporte Clube Pinheiros foi Adoniran Barbosa, sob o tema "Saudosa Maloca", idealizado pelo decorador Idefonso, que utilizou plástico, isopor e acrílico para representar temas de seu repertório, como o "Trem das Onze", além de pandeiros, máscaras e um enorme retrato do compositor, no teto do salão. Como de praxe, os associados não pagam para entrar nos bailes que este ano contam com a animação dos "Imperiais do Ritmo", que preferiram tocar muitas músicas antigas e tradicionais de velhos Carnavais. Cerca de 2.500 pessoas — entre sócios e convidados — ali brincaram as três noites, número que deverá aumentar nesta terça-feira, auge da folia no clube. Entre os foliões destacavam-se "A Turma do Confete" e o "Bloco Instrumental de Mário Lima Cardoso", tradicionais do Esporte Clube Pinheiros. A exemplo de domingo, a matinê de hoje contará com o concurso de fantasias que premiará as melhores crianças com troféus e outros brindes.

SP. FOLHA DA TARDE - Sábado - 21/04/84 PáG. 10

Bexiga: museu faz quatro anos

O 4.º aniversário da fundação oficial do Museu do Bexiga foi comemorado na noite da última quarta-feira com muito macarrão, bracholas, vinho e chope por mais de 300 pessoas, que se reuniram na Torre do Bexiga. A festa foi oferecida por Armando Puglisi, o Armandinho, morador do bairro e fundador do museu e cerca de 30 mulheres arregaçaram as mangas e botaram as mãos na massa para que ela acontecesse.

Armandinho, emocionado no meio de amigos, moradores do bairro e admiradores do museu que lá compareceram para comemorar a data, confessou: "Esta festa também visava arrecadar fundos e eu pretendia vender 350 convites, o que não aconteceu porque eu convidei muita gente. Sabe como é, o Museu do Bexiga tem muitos colaboradores, é o único que não tem verbas, então essa é uma oportunidade que eu tenho de retribuir às pessoas pela atenção que elas lhe dedicam".

COMIDA CASEIRA

A festa foi preparada em dois dias pelas senhoras que já estão acostumadas a este tipo de trabalho para quermesses, jantares e outros eventos tradicionais do bairro. Porém, Liliana Rugiero, uma das ajudantes, nascida no Bexiga, onde vive há 43 anos, disse que "esta foi a maior festa que organizamos aqui, nunca cozinhamos em tão grande quantidade".

Em apenas dois dias, elas prepararam

50 quilos de macarrão, 600 bracholas, 30 quilos de berinjela, 10 quilos de sardinha e um molho que consumiu 120 quilos de tomates. Além disso, Armandinho preparou 100 litros de vinho e logo no início da festa previu, "acho que não vai dar", e mais chopos e soda para os não adeptos de bebidas alcoólicas.

A festa ainda foi animada com audiovisual, música ao vivo e sorteio promovido pelo Studio S. As mesmas mulheres que prepararam a comida serviram os convidados, todas vestidas com coloridos aventais idealizados por Armandinho. Matilde, viúva de Adoniram Barbosa, também prestou sua colaboração e prestigiou a festa, além de Carlito Maia, João Dória, Júlio Abe, o guitarrista Manoel Marques e muitos outros.

Armandinho, feliz com o sucesso da festa, disse: "Meu prazer é que todos saiam daqui satisfeitos". Sua esposa, Maria Tomácia Puglisi, mais conhecida por Lela, também se realizou. Ela contou que, para preparar os pratos, tiveram que fazer reuniões "pois cada mulher tem um jeito diferente de cozinhar e nós tivemos que entrar num acordo. Tudo deu certo, todas colaboraram muito, com alegria e tivemos muita ajuda do cozinheiro José, pois sem ele não conseguiríamos levantar as panelas enormes".

A festa, que teve início às 21 horas, entrou noite adentro, com a tradicional alegria e espírito festivo que sempre uniu os moradores do Bexiga.

De cantor frustrado a caricaturista

Entre as diferentes maneiras de preservar a história da música popular brasileira, o desenhista Miécio Caffé preferiu guardar o registro das vozes e traços dos mais renomados cantores e compositores brasileiros. Sua coleção de discos em 78 rpm — as famosas "bolachas" — deve reunir, hoje, por volta de 10 mil raríssimos exemplares e as caricaturas que fez desde que chegou a São Paulo, em 1947, dariam para cobrir a metrópole com os rostos de gente como Noel Rosa, Pixinguinha, Ataulfo Alves, Isaurinha Garcia, Maysa, Dalva de Oliveira, Orlando Silva e Clementina de Jesus, entre tantos outros nomes que integram a exposição "A Música Popular Brasileira Através da Caricatura e do Desenho de Miécio Caffé", a partir desta quinta-feira, às 20 horas, na Livraria e Café Belas Artes (avenida Paulista, 2.468).

São 43 desenhos do mestre baiano, nascido em Juazeiro e amigo pessoal de quase todos os retratados. Selecionados pelo próprio Miécio, que voltou a desenhar em 1980, esses trabalhos podem transmitir uma idéia aproximada da importância da obra de Caffé, que, na década de 50, era disputado por revistas e jornais como "O Governador", "O Riso", "Marmita", "Seleções Humorísticas", "O Moscardo" e "Radar", este último tablóide fundado pelo caricaturista e alguns amigos.

Por essa época Miécio já era amigo de quase todos os seus retratados. Compensava seus limitados recursos vocais — ele se confessa um cantor frustrado — com traços vigorosos de personalidades como Chico Alves, Carmem Miranda (o poster da exposição), Adoniran Barbosa, Cyro Monteiro, Mariene, Ademilde Fonseca e tantos outros ídolos que o caricaturista já perdeu a conta. E não apenas os ídolos populares. Criado entre instrumentistas, ouvindo Chopin e Ernesto Nazareth ao piano, Caffé realizou, talvez, a mais representativa caricatura de Villa-Lobos, o criador das "Bachianas" ao lado do objeto mais querido depois do piano, sua mesa de bilhar.

MESTRES DE CAFFÉ

Mas, se o Brasil perdeu um cantor,



Miécio Caffé expõe amanhã, na Livraria Belas Artes, 43 desenhos de seus ídolos

ganhou um de seus maiores caricaturistas. Autodidata, foi um dos primeiros "grafiteiros" do País, riscando as paredes, ainda menino, com o carvãozinho do ferro de passar de sua mãe. Na época, os donos das casas "grafitadas" de Juazeiro não deviam gostar muito dessa história e nem sequer poderiam imaginar que estavam diante de um criador de inconfundíveis obras-primas.

O traço de Caffé é singular. Não admite comparações. Muito influenciado, no início de sua carreira, pelo caricaturista J. Karlos, um mestre da elegância plástica, ele reconhece que seus primeiros mestres foram Alex Raymond (criador de Flash Gordon) e Nassara. Hoje, é natural, Miécio passou a ser uma referência obrigatória adotada pelos

desenhistas da nova geração, embora não colabore regularmente com nenhuma publicação nacional.

Dividindo seu tempo entre os escritórios de empresas cinematográficas paulistas — ele desenha cartazes para filmes — e o pequeno apartamento da rua Vitória (transformado numa discoteca de clássicos da música popular brasileira), Miécio Caffé continua, contudo, desenhando e caricaturando os novos ídolos (a mais recente caricatura revela uma exuberante e "generosa" Fafá de Belém). Fafá, e um elenco all star — de Carmem Miranda a Gil, passando por Noel Rosa e Orlando Silva — integram a exposição da Livraria Belas Artes, que se encerra no dia 20 de janeiro, diariamente, até as 24 horas.

Jaçanã fica sem a estação

A velha estação de Jaçanã, do antigo ramal da Cantareira, deixou de existir ontem, quando os operários da Prefeitura, ajudados por moradores do local, a derrubaram. A demolição foi motivo de tristeza para os velhos habitantes do lugar, mas, para a grande maioria, representou a chegada dos melhoramentos possibilitados pelo progresso.

Com efeito, pelo terreno até ontem ocupado pela velha estaçãozinha passará uma larga avenida, que melhorará o trânsito na Zona Norte. Os mais idosos, porém, não esquecem os velhos tempos, em que o Jaçanã estava incluído na pequena estação de saúde da Capital, Capital, como era considerada a região da Cantareira. No fim do século passado e início deste, era aquela região um dos mais apreciados locais de recreio da Capital.

Progresso chegou

As exigências do progresso exigiram, entretanto, a extinção do ramal, que transportou mais de duas gerações para locais calmos e tranquilos. Na administração Prestes Maia, todos os melhoramentos para a Zona Norte eram obstados pelos trilhos da velha ferrovia pelos quais, desde 1893, se arrastavam as conhecidas "Marias Fumaça".

Foi só depois de insistentes pedidos ao governador do Estado, que o prefeito conseguiu convencê-lo da necessidade da extinção do ramal. Os argu-

mentos usados foram a necessidade da construção de uma ponte sobre o Tietê (será entregue nos próximos vinte dias), alargamento da avenida Cruzeiro do Sul, melhoramentos na rua Alfredo Pujol e abertura de uma ampla avenida sobre o terreno ocupado pelos trilhos e dormentes da Cantareira.

A extinção do ramal da Cantareira foi consumada em duas etapas. A primeira foi na noite de 10 de novembro de 1964 e compreendia o trecho Areal-Cantareira. A segunda etapa veio seis meses depois, às 20 e 30 horas do dia 31 de maio do ano passado. Era o trecho que ligava as estações de Tucuruvi e Guarulhos.

Só passado,

No instante em que os operários iniciavam os trabalhos de demolição, os velhos ao redor sentiam saudade da São Paulo antiga, quando a ferrovia transportava mais de cem mil passageiros. O capim, crescendo no lugar em que antes estavam assentados os trilhos, mostrava-lhes estar definitivamente condenada a Estrada de Ferro Cantareira, que fora um importante ramal da Sorocabana.

Restava-lhes, contudo, o culto do passado e, para os mais novos, contavam suas lembranças.

"Trem das 11"

O compositor Adoniran Barbosa celebrou a velha estação de Jaçanã com o seu samba "Trem das 11". Este horário, contudo, nunca existiu, segundo revelação do próprio compositor, mas foi adoiado para reforçar a letra. O último trem partia de Jaçanã por volta das 8 horas da noite. Esse melo de

transporte era muito usado por moradores dos subúrbios, e ficava mais barato que as passagens de ônibus. Adoniran tem muitos amigos no bairro e conhece a tradição daquele trecho da Cantareira. Inspirado nisso, criou o "Trem das 11".

A letra

Enquanto os golpes de picareta destruíam impiedosamente a estação, um altifalante próximo transmitia o consagrado samba: "Não posso ficar nem mais um minuto com você / sinto muito, amor, mas não pode ser, / moro em Jaçanã, / se eu perder este trem que sai agora, às 11 horas, / só amanhã / de manhã. / Além disso, mulher, tem outra coisa / minha mãe não dorme enquanto eu não chegar / sou filho único, tenho minha casa pra'ra olhar / não posso ficar (breque)".

Este samba foi gravado pelos "Demônios da Garoa", superando o êxito das composições anteriores de Adoniran — "Saudosa Maloca" e "Samba do Arneste".

Outro samba

Agora que está sem a velha estação que o inspirou, Adoniran consola-se com a lanterna-sinaleira apresentada pelo chefe da estação. "Isto pode até dar um outro samba", disse o compositor, já com o pensamento voltado ao novo tema.

Embora tenha ido uma única vez ao Jaçanã, e assim depois do lançamento do "Trem das 11", Adoniran é muito querido naquele bairro, que se tornou conhecida no País todo graças ao popular samba. Por esse motivo, muitos moradores daquela região acham que seria oportuno dar a uma rua, o nome do compositor.

Trem ficou no samba e na saudade

Antigamente o Hórto Florestal não era, como hoje, o único orgulho da população de Tremembé. Dividia-o com o pitoresco trenzinho da Estrada de Ferro Cantareira.

O trem começou a circular em 9 de novembro de 1893, para transporte de material destinado a obras públicas. Dez meses depois é que o povo começou a ter um contato mais íntimo com ele, quando se iniciou o transporte regular de passageiros.

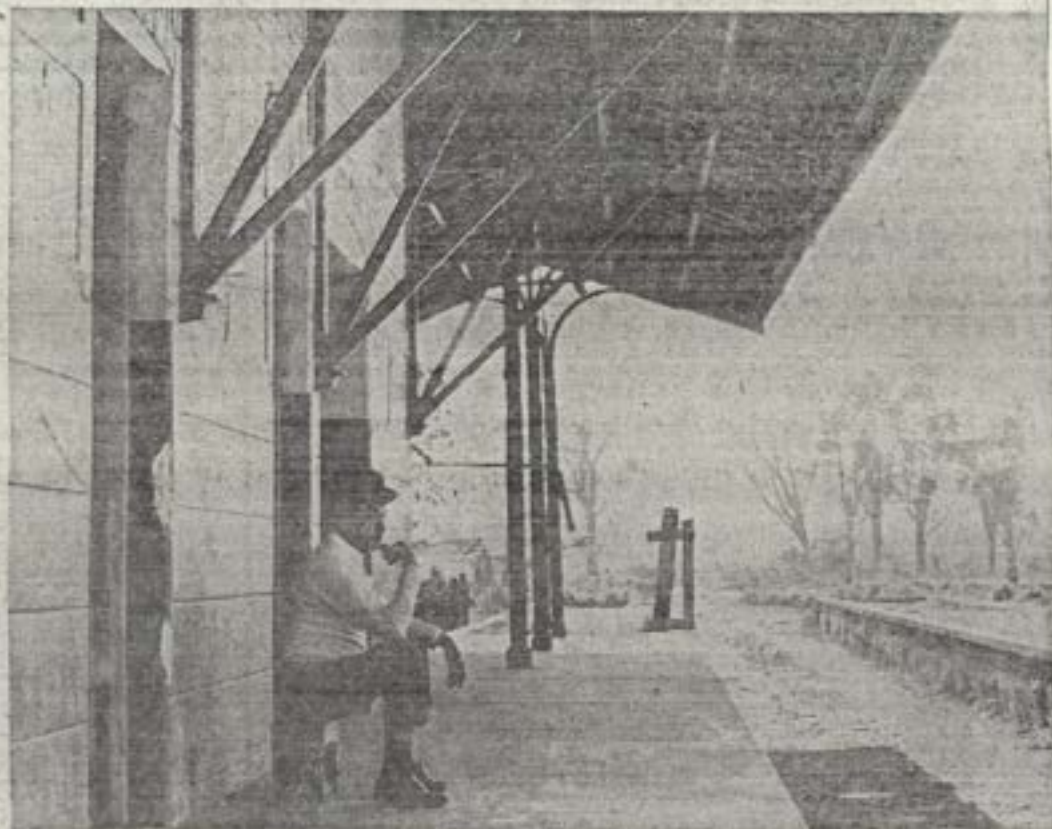
Já em 1896, a primeira estatística da Cantareira indicava um movimento anual de 100 mil passageiros. Os números foram-se multiplicando gradativamente, e até 1960 — quatro anos antes da extinção da tradicional ferrovia — haviam sido transportados 197.716.000 passageiros, em seus dois ramais: Guarulhos e Cantareira.

Entretanto, este argumento não venceu o das cifras; desde a sua criação, a Estrada de Ferro Cantareira vinha apresentando deficit. Um ano antes do seu cancelamento, registrou um saldo negativo de 328.583.711,70 cruzeiros velhos.

Esta soma astronômica e mais as exigências do progresso — construção de um viaduto sobre o rio Tietê, alargamento da av. Cruzeiro do Sul,

melhoramentos na rua Alfredo Pujol e abertura de avenida sobre o terreno ocupado pelos trilhos e dormentes da ferrovia — foram considerados suficientes pelo Governo Estadual para acabar com o trem que transportara mais

de duas gerações. Hoje, do trenzinho só restou a saudade e o samba de Adoniram Barbosa, Trem das Onze, inspirado na composição que partia da estação do Jaçanã, embora bem antes do horário citado na música.



Bolando, o trem das onze

Bienal abre alas ao samba

O Canal 7 transmitirá direto e, em rede com as televisões Rio e Tupi, do Rio e Itacolomi, de Belo Horizonte, atenderá ao público de Minas, Guanabara e Rio de Janeiro. Quem quiser assistir no próprio teatro pagará um ingresso de 1 cruzeiro novo, mas só para os dias 18, 23 de maio e 1.º de junho, respectivamente. Para hoje não existem mais ingressos.

O programa será apresentado por Eliota Junior e Sonia Ribeiro. Sua produção e direção estará a cargo de Solano Ribeiro. A coordenação será de Eduardo Conci e a produção artística de Flavio Porto.

JURI

Sergio Porto, o Stanclau Ponte Preta, é o único membro do júri que não virá. Está hospitalizado, recuperando-se de um distúrbio cardíaco que sofreu durante a apresentação de seu "Show do Crioulo Doido". Os demais, maestro Guerra Peixe, Ricardo Crave Alvim — do Museu da Imagem e do Som — Adones de Oliveira, Alberto Helena Jr., Ari Vasconcelos, Chico de Assis, Franco Paulino, Ilmar de Carvalho, Mario Cabral, Lucio Rangel, Sergio Cabral, e Mauro Ivan já se encontram a postos e reuniram-se ontem, às 15 horas para determinar as normas de julgamento.

A Bienal do Samba surgiu com o objetivo de promover o samba a parte dos festivais de música da própria Record. Seus idealizadores pretendem dar ao ritmo nacional o seu lugar real. De início formou-se uma comissão que escolheu os 32 sambistas já conhecidos do público. Estes tiveram de apresentar uma música inédita e escolher o cantor. Os 12 primeiros colocados deste ano estão automaticamente inscritos para 1970.

Como os novos não tem vez na Bienal, seus promotores pretendem, caso a primeira obtenha sucesso, criar uma pré-bienal com início já no próximo ano. Seria para autores desconhecidos que teriam direito de concorrer com os famosos na 2.ª Bienal.

Este ano o primeiro colocado, além do troféu, receberá 20 mil cruzeiros novos, o segundo 10 mil, o terceiro 5 mil, o quarto 3 mil e o quinto colocado, 2.

CRITERIOS

Ontem os jurados decidiram como atuar. Das 12 músicas apresentadas cada membro do júri apresentará quatro. Ao final as obras mais votadas serão classificadas, sem se obedecer ordem de colocação. Em caso de empate, que pode acontecer, pois não haverá o regime de notas, haverá um novo julgamento entre as músicas em questão. A que, na segunda rodada apresentar menor número de votos estará fora da classificação. As decisões do júri serão tomadas durante homenagem a sambistas, feitas ao final do programa. Hoje é o dia de Noel Rosa, com Araci de Almeida cantando três de seus sambas.

BADEN E' 1.º

Baden Powell de Aquino será o primeiro autor de hoje. Dono de grande senso musical, é com o panheiro de dupla com Vinícius de Moraes. Compositor da nova geração, suas músicas ultrapassam fronteiras alcançando sucesso marcante. É sua uma das músicas do filme "Um homem, uma mulher". Lapinha, sua criação para a Bienal será apresentada por Elis Regina, começando assim: Quando eu morrer me enterro na Lapinha / calça, culete, paletó, almofadinha / Vai no lençol vai cantar toda tristeza de viver.

Compositor antigo, fundador da primeira escola de samba, a Deixa Falar, de Estácio de Sá, Ismael Silva foi um dos grandes autores de sambas cantados por Francisco Alves e Mario Reis. São de sua autoria: "Arrependido", "Se Você Jurar", "O que será de mim", "Em Mangueira", etc. Issurinha Garcia será sua interprete de Ingratidão: Você não se cansa / de me maltratar / Por sua causa / Quase Choro /

Outro também da nova geração, dono de boa inspiração musical e poesia simples, Paulinho de Viola participa com *Celsas do Mundo, minha nega...* Jair

Um troféu de ouro, representando uma roda de samba, confeccionado por um joalheiro famoso de São Paulo entrará em disputa a partir de hoje por 36 compositores, alguns conhecidos desde os tempos em que só existia o rádio. Tudo tem início às 22 horas, no Teatro Record Centro, quando 12 autores começarão a apresentar as obras que fazem parte da 1.ª Bienal do Samba.

Rodrigues, o cantor começará o samba dizendo Hoje eu vim minha nega como venho quando posso / Na boca a mesma palavra no peito o mesmo remorso / Nas mãos a mesma viola onde gravei o teu nome.

DONGA

"Pelo Telefone", o primeiro samba gravado no Brasil é de autoria de Donga, ou Ernesto dos Santos. Ex-integrante do conjunto Oito Batutas que tinha como componentes Pixinguinha e Noel Rosa, Donga vê, este ano, passar o 51.º aniversário de gravação de "Pelo Telefone" e, provavelmente o mais velho dos compositores da Bienal, com 73 anos aproximadamente. A Sandália da Molata é a sua música, de parceria com Walfrido Silva. Germano Matias é quem a cantará, dizendo: Oêê, ôêê, ôê / O samba não pode parar / Oêê, ôêê, ôê / com ele é que / eu vou me acabar.

Marcos Vale entrou na Bienal com *Tião Braço Forte*, em parceria de Paulo Sérgio Valle. Marcos é o autor de "Eu Preciso Aprender a ser só", que tanto sucesso fez com Os Cariocas. Outra música sua bem colocada atualmente é "Viola Enlaurada". Tião Braço Forte será interpretada por Milton Nascimento: Eêê um abraço forte vem / Desceu Tião / Eêê / é a construção se / faz subiu cresceu / Enquanto vai e o suor caí / Encontra tempo pra pensar / Naqueles olhos que a / solidão mais lindos faz.

Cidadão Samba, bi-campeão do carnaval, Zé Ketil fez e cantará a música *Foi Ela*: Foi ela quem quis partir / Foi ela quem quis descer / Deixou-me aqui no morro / Deixou-me sem dó a sofrer /

O meu tamborim eu farei / O meu violão já quebrei / Não posso contar as / Lagrimas / Que tanto derramei

ADONIRAN

Outro campeão do carnaval carioca, muito embora nunca tenha saído de São Paulo, comediante de grandes qualidades, Adoniran Barbosa convidou o conjunto Demonios da Caroa para apresentar *Mulher, Patrão e Cachaça*: Num barracão de favela do Verguturo / Onde se guarda instrumento / Ah nós morava em treis / Eu violão da Silveira seu crioulo / Ela a culeta de Souza / e o cavaquinho de Oliveira Penteado /

Coronel Antonio Luiz Vieira que trabalha no Ministério da Guerra não é outro senão o compositor Luiz Antonio, autor de "Mulher de Trinta", "Recado", além de outras canções. Para a Bienal concorre com Estola de Samba. A fim de cantar sua composição foram convidados Milton e Helena de Lima, formando a única dupla do concurso: Vem de samba, da Escola de Samba, alegria que anima este País; da cadência da Escola de Samba, onde o samba que é nosso encontrou a raiz...

Compositor praticamente desconhecido dos paulistas, mas de muito respeito pelos cariocas, dado ao seu gênero — sambas de enredo Noel Rosa de Oliveira é outro dos campeões de carnaval. No ano passado sua escola, a Balqueiro, desfilou com um samba seu sobre personagens de Monteiro Lobato. Jorge Goulart, que volta a festivais depois de seis anos, é quem cantará *Felicidade de Araxá*. Jorge Goulart voltou há pouco de uma excursão e está esperando voltar

nar a Bienal para, novamente seguir para o exterior em companhia de Nora Neê, Trio Nagô, Rosinha Valença, um balé de 12 figuras e oito músicos. Visitará os países socialistas, encerrando a excursão, de seis meses, nos Estados Unidos e Canadá. Em 1962, última vez que participou de um festival no Brasil, conquistou o terceiro lugar, colocando-se depois de Ari Barroso e Dolores Duran.

CHICO BUARQUE

Chico Buarque de Holanda é autor e será cantor, interpretando *Bom Tempo*, dizendo que "Um marinheiro me contou / Que um passarinho lhe contou / Que vem aí bom tempo / Um pescador me confirmou / Que a boa brisa lhe soprou / Que vem aí bom tempo".

Um dos autores preferidos de Carmem Miranda, compositor de "Ao voltar do Samba", "Coração", "Baturada" e outros, sa cesses, afastado da vida artística há 20 anos aproximadamente, Silval Silva reaparece na Bienal com *Marina*, que será interpretada por Noite Ilustrada. A música diz: Tã o samba que você pediu / Marina / Tai eu fiz tudo e você / Desistiu / Marina / Tai meu amor, toda minha afecção / E você me mandando pouco a pouco de paixão.

O último autor que tentará classificar sua música hoje será Pedro Castano. É autor de "E com esse que eu vou", "A volta dos tamborins", etc. Seu parceiro no samba "Pra Frente", com que concorrerá na Bienal, é Claudionor Cruz. Djolma Dias será o cantor do "Pra Frente": "Olha o samba / Como ficou saliente / Todo pra frente / Muito legal e feliz / Ganhou o mundo / e não há mais / Quem o apóne / Depois que tomou / Companhia com Elis / Lá em Paris / Primeiro foi pros States / Chê do enfeite / Com Carmem Miranda / Mais tarde Tom e Vinícius / Baden e / Chico Buarque de Holanda / Depois girando no pinho / Ups, Nequinhos / Faria com Edo / E agora Simbora / "L'argent" do bolso / "Mare" Buarque

Coríntians, o grito de gente famosa, à distância

Adoniran Barbosa, compositor, corintiano, vai continuar em São Paulo, com sua televisão desligada. Só vai ligar a TV quando, em seu bairro, ouvir o barulho de alguma manifestação do povo que ele coloca em suas músicas. Então, ele também poderá gritar "Coríntians" e entrar na festa, por uma vitória à distância. E seu grito seria igual ao de gente do povo que foi ao Rio, igual ao de gente famosa que não pôde ir. Simone, que também canta composições de Adoniram, gosta do Fluminense, mas hoje torce pelo outro time e promete cantar o Hino do Coríntians, ao lado de Toquinho, no show do Tuca, "se o povo estiver contente". No repertório de Simone, também está "Gota D' Água", de Chico Buarque de Holanda, um torcedor do Fluminense. Chico vai ao Maracanã para torcer pelo seu Fluminense e também sentir de perto a manifestação do povo que está em suas músicas e ouve seus discos. Estará no mesmo estádio, com mais algumas 170 mil pessoas, entre as quais, outro Chico, que é corintiano há 50 anos.

**Adoniran, 66 anos
com medo de perder**
(REPORTAGEM NO VERSO)



EVERTON CAPRI FREIRE

Já existiu o Adoniram Barbosa malandro romântico de "boca, coisa pra elegante", terno e gravata, sempre o colete, o Adoniram ao lado da Brahma e do salaminho, palito na boca, colarinho duro e impecável, sapato branco dos anos que o bilhar do Ponto Chic já esqueceu. Hoje, sessenta e seis anos de boêmia bem conservada, sem a vida de dias como os de Saudosa Maloca, Trem das 11 e Samba do Ernesto, sem o requebrado moço de tantas noites do passado, o que ficou foi o Adoniram corintiano inveterado, traço rigorosamente mantido não só na sua velha promessa de morrer de pé, copo na mão, mas no medo de ouvir um jogo por inteiro, e sim no "picadinho", pra não ter que viver a dor que é ouvir gol dos outros.

"Loreta Young" ao lado, cadelinha preta e branca muito corintiana, porém mais discreta que falso "Petelero", cão de pular feito louco sempre que ele gritava "Gol do Corinthians", Adoniram ainda rememora os tempos de "Charutinbo", de vida farta na Record.

Era programa para rádio nenhum pôr defeito, a "História das Malocas", que levava ao ar todas as semanas, na voz rouco-veludo de Adoniram, o "Charutinbo", malandro personagem. Corintiano que se prezasse fumava charuto, coisa também de Alfredo Trindade, o lendário presidente do último título, conhecido como "O Charuto", por não tirar o seu da boca. Por que então não chamar Adoniram, que também tinha o seu, de "Charutinbo"? O nome pegou, ficou popular como os seus sambas.

Dividia tudo com todos, nunca esteve na pior, mas vivia sem dinheiro, católico de boa alma, como um corintiano. O que ganhou gastou. No restaurante Barsotti, da Rua do Carmo, comida italiana, era costume ele chegar só com uns trocados. Dava para uma salada de feijão, prato barato, nada de "couvert". Grande Otelo, outro faminto de pouco dinheiro, certa noite apanhou de surpresa o amigo. Entrou apressadamente, sentou em seu colo e, com a mão, comeu-lhe toda a salada. Adoniram não esquece, histórias do passado, da época de apogeu do Corinthians, em que jogo não era para ser perdido.

— Quer amanhecer numa segunda-feira Feliz? Seja corintiano, dizia aos amigos.

Frases soltas, Adoniram fazia um samba fácil, num instante, letra e música de "orelhada".

— Cada tábua que caia doía em nosso coração...

Caixinha de fósforo e inspiração, carioca não podia reclamar, era samba de branco, mas era samba puro. Só o fraseado era diferente, letra de malandro do interior, não do morro. Daquelas falas de entpiras que vieram como ele, para disputar a cidade, só de grupo escolar. "O Ernesto me convidou prum samba, ele mora no Brás. Nós fumo, não encontramos ninguém."

Valinhos, terra do figo, 6 de agosto de 1910. Adoniram nasce corintiano, gênio da melhor batida de figo do

mundo. Jundiaí, cidade de infância dos seis pequenos Barbosa, tinha também seu Corinthians bom de bola, Corinthians de Grané e Dicé, que surrava time grande da Capital, deixava Adoniram alegre.

No coração, veio com ele o velho amor corintiano, fama que se espalhou pelo "Mas-cote", do Brás, e chegou ao "Jardim da Sé", da velha Praça. Mais que restaurantes, eram dois pontos de encontro de corintianos amigos da pizza e do copo. Naqueles dias, médio-volante era "center-half", Idário dava o sangue pelo time. Já voltava "pro" campo com a cara toda enfiada, não havia presidente igual ao Trindade. Muita lágrima, muito suor, jogador era torcedor, amante de seu time.

— Cláudio, Luisinho, Baltazar, Carbone e Mário, que "linha"... A gente dizia que ia ganhar e ganhava. Depois, corintiano pegou costume de perder. É bom perder. Só ganhar não dá. Não podemos esquecer um velho amor à toa.

E Adoniram amanheceu feliz em muitas segundas-feiras. Viu o 1 a 1 do último título, viu cair Santos e tabu. Nunca chorou pelo time. É torcedor sério, irritado, só vê o Corinthians no ataque. Vira a cara, o olho de lado, faz barquinho com o maço de cigarro, diz palavrão baixinho, come o cigarro, não gosta de ver o time amesclado.

Radinho e tv, só num liga e desliga, vontade de ver, medo de perder. Se o gol "deles" escapa, ele sofre, vai se acostumando aos pouquinhos. Hoje, a televisão fica desligada, dedo no botão à espera de alegria na rua, de fogos e rojões, grito do povo lá fora.

Se perder, a Via Dutra vira estrada das lágrimas, Adoniram não amanhecerá feliz, haverá bebedeira.

— E melhor não sair pra rua, vai ter muita morte, gente caindo em briga de bar. Um perigo lá fora, dias de crime.

Se vencer, medo e bebedeira do mesmo jeito, uma festa corintiana que escapa à imaginação.

— Talvez bebedeira geral em São Paulo, três dias de feriado. Saio de casa, vou para os amigos. Uma noite para ser vivida depois que tudo acontecer.

Alguma homenagem? Adoniram está cansado, o samba já não é fácil. — Samba pra meu Corinthians? Pra quê? Samba de encomenda não faço. Está cada vez mais difícil. Só se sair de dentro, coisa espontânea. É possível, uma coisa mais ou menos assim: "Até que enfim, acabou o sofrimento." Não, não sei. A marchinha que está aí, o nosso "Salve o Corinthians", é mais do que suficiente.

Pouco mesmo restou daquele Adoniram lépido e levado, dono do bom batuque. Só essa marca ficou de verdade, sobreviveu aos difíceis anos do presente, fiel como um retrato. Sesenta e seis anos de amor, corintiano até morrer.

O ESTADO DE
S. PAULO

05/12/76

Pág. 79 (CONT.)



Adoniram Barbosa e Magdalena de Paula, amanhã, às 21 h

A música chega aos bairros

Adoniram Barbosa, Magdalena de Paula, Noite Ilustrada, Anastácia e o Trio Nordestino são os artistas convidados para estrear no projeto "Segundas Musicais", que deixa de ser privilégio do Teatro Municipal e passa, também, para os teatros de bairro. Mas, com uma inovação: essas apresentações iniciam às 21 horas, enquanto que no Municipal continua às 18 e 30 horas.

No Teatro Paulo Eiró (Av. Adolfo Pinheiro, 765 - Santo Amaro), show de Adoniram Barbosa, acompanhado do conjunto Talismã. "Saúdosa Maloca", "Pafunça", "Trem das Onze", "Iracema", "As Mariposas", "Samba do Be-xiga" e "Samba do Arneste" com-

põem o repertório escolhido por Adoniram. Magdalena de Paula canta desde música popular até o fado, no Teatro João Caetano (rua Borges Lagoa, 650, V. Clementino). Noite Ilustrada, que se tornou famoso com a música "Volta por Cima", inclui esta música na apresentação, ao lado de "Meus Tempos de Criança" e "Crise no Morro", entre outras. O cantor se apresenta no Arthur Azevedo (Av. Paes de Barros, 955 - Moóca). Anastácia e o Trio Nordestino, por sua vez, dão o espetáculo no Martins Penna (Largo do Rosário, 20 - Penha), com músicas de Dominguinhas, Chico Buarque, e Luiz Gonzaga. No Municipal, às 18 e 30 horas, música de câmara.



Adoniran Barbosa, Belchior e mais 200 artistas, na homenagem a Elis Regina

Um mês musical para lembrar Elis

Enquanto o Brasil ainda sofre o impacto da morte de uma das suas cantoras preferidas, Elis Regina, São Paulo reservou 30 dias para lembrá-la em uma série de espetáculos, dentro da programação do segundo "Mês Musical" — promoção da Secretaria Municipal de Cultura — este ano dedicada a ela. Os shows acontecerão de hoje ao dia 28, sempre às 21 horas, simultaneamente nos quatro teatros de bairro da Prefeitura. No Teatro Martins Pena, na Penha (Gargão do Rosário, 20), estará Renato Teixeira, compositor de "Romaria"; o palco do Paulo Eiró, em Santo Amaro, (Avenida Adolfo Pinheiro, 785) receberá Belchior, autor de "Como Nossos Pais", lançada no show "Falso Brilhante", no Teatro João Caetano, na Vila Clementino (rua Borges Lagoa, 650), o Zimbo Trio relembrará alguns sucessos do

começo da carreira da cantora. E, no Teatro Arthur Azevedo, na Mooca (Avenida Paes de Barros), haverá show com Adoniran Barbosa, autor de "Baudosa Maloca".

O "Mês Musical Elis Regina" compreenderá 76 apresentações nesses quatro teatros de bairro da Prefeitura, com 200 artistas. As várias tendências da música popular brasileira estarão presentes nas interpretações de cantores como Clementina de Jesus, Noite Ilustrada, Nelson Cavaculinho, Moreira da Silva, Joyce, Silvia Maria, Tom Zé, Djailma Pires, Marliene Costa, Cyro Aguiar, Marina, Marli Miranda, Haroldo Filho e Almir Sater.

A variedade de gêneros e estilos do "Mês Musical Elis Regina" serão acentuados também pela participação dos grupos: Tarancon, Premeditando o Breque, Demônios da Garça, Grupo Rumo, O Outro

Bando da Lua, Renato Lemos e seus amigos, Casa de Mágicas, Tato Fisher, Fernando e Luiza, São Quixote, Grupo D'Alma, Clóvis Bonfim e Primeira Edição, Luis Chaves e Amigos, Acaânto, Brasil Caboclo, Hermelino Football Music, Made in Brazil e Orquestra de Violas.

Depois do êxito alcançado em fevereiro do ano passado, quando mais de 100 mil pessoas lotaram os teatros da Prefeitura nas 72 apresentações do primeiro "Mês Musical", a Secretaria Municipal de Cultura se propôs a assegurar mais um espaço para a música brasileira e garantir também a presença maciça do público. Por isso mesmo, os preços nos teatros Arthur Azevedo, Paulo Eiró, Martins Pena e João Caetano custarão Cr\$ 150,00. Mas de hoje até domingo não será cobrado ingresso.

Com a corda mi
Do meu caraquinho
Fiz uma aliança
Pra ela
Prova de carinho
Quanta serenata
Eu tenho
Que perder
Pois meu caraquinho
Já não pode
Mais gemer
Quanto sacrificio
Eu tive
Que fazer
Para dar a prova
Pra ela
Do meu bem-querer
(Prova de Carinho)



De tanto levar
Frechada
Do teu olhar
Meu peito até
Parece
Sabe o que
Táubua de tiro ao Álvaro
Não tem mais
Onde furar
Teu olhar mata mais
Do que bala de carabina
Que veneno estircina
Que petzeira de baiano
Teu olhar mata mais
Que atropelamento
De automóter
Mata mais
Que bala
de recórver.
(Tiro ao Álvaro)



Adoniran e o canto de uma cidade

(REPORTAGEM NO VERSO)

EDUARDO MARTINS

A maloca existiu realmente e ficava na rua Aurora, perto de um velho casarão de onde Adoniran viu saírem as mariposas que lhe inspiraram outro samba famoso. Também o trem era real, só que ia para Santo André, não passava às 11 horas nem Adoniran tinha a condição de filho único. Mas, afinal, Jaçandá constituía a rima procurada para "amanhã de manhã".

Nos 50 anos em que Adoniran Barbosa compôs suas músicas, conseguiu estabelecer, como poucos, uma relação muito íntima entre autor e personagem, entre intenção e enredo. Por isso, realidade e fantasia convivem nos seus sambas num grau que nem sempre se torna possível identificar com precisão. Uma coisa é certa, porém: ninguém fez com tanta propriedade o tombamento musical da cidade e o inventário de seus tipos, suas histórias e seus dramas.

Muito mais que mero cronista, quem São Paulo perdeu nestes dias foi o homem que soube, com rara habilidade, penetrar no espírito de cada bairro da cidade, acompanhar a sua evolução no tempo, desvendar o simpático submundo da sua malandragem e retratar o cotidiano de uma população que a metrópole sempre relegou a uma condição inferior.

Em suas canções, a cidade não se dissociava de seus tipos nem de seus dramas. Como na exemplar frase: "Tracema, eu sempre dizia/cuidado ao travessar essas ruas/eu falava mas você não me escutava não/Tracema você travessou contra-mão". Ou mesmo no Samba do Ernesto: "O Ernesto nos convidou/prum samba, ele mora no Brás/nós fumo e não encontramos ninguém/nós cortemos com uma baíta dumá rês/da outra vez nós num vai mais/nós num semos tatu". Que fez até o poeta enfrentar o obscurantismo da

censura, que o impediu de gravar, naqueles idos típicos de 1974, a música no seu LP de estreia. Só no ano seguinte Adoniran teve permissão para incluí-la num novo disco.

Segundo Adoniran, a maloca ficava na rua Aurora, onde hoje é o cine Aurora. E Joca e Mato Grosso, personagens da música, moravam nas suas ruínas, um hotel abandonado. Um dia o compositor percebeu que começara a demolição e eles, seus conhecidos, haviam ido embora para sempre. Adoniran fez a música andando, a caminho da rádio Record: "Si o sinhô num tá lembrado/tá licença de conidáque aqui aonde agora está/este edifício arto/era uma casa véia/un palacete assobradado/foi aqui seu moço/que eu, Mato Grosso e o Joca/construímos nossa maloca/mas um dia nós nem pode se aembrá/veio os home com as ferramental/que o dono mandô derrubá..."

Mesmo em suas andanças de artista, ele mal conhecia o Jaçandá e a lembrança mais arraigada que tinha de trem era de quando morava em Santo André. E quem chegava mais cedo para fazer companhia à mãe enquanto Adoniran convivia com seus tipos característicos era o irmão mais novo. O que não o impediu de proclamar: "Não posso ficar/nem mais um minuto com você/sinto muito, amor/mas não pode ser/oro em Jaçandá/ve eu perder esse trem/que sai agora às 11 horas/ó amanhã de manhã..." O Jaçandá e às 11, claro, eram mais expressivos que Santo André e às 7 e meia.

Compositor intuitivo, nem por isso Adoniran detrou de enfrentar desafios ou, se se quiser, fazer música sob encomenda. O caso mais expressivo certamente é o de Bom Dia, Tristeza. Aracy de Almeida trabalhava com ele na Rádio Record e lhe mostrou uns versos que Vinícius de Moraes mandara para ela ver "o que podia fazer". Aracy convidou Adoniran a musicá-los e nas-

ceu uma de suas canções mais poéticas: "Bom dia, tristeza/que tarde, tristeza/você veio hoje me ver/Já estava ficando/até meio triste/de ficar tanto tempo/longe de você".

Outra vez, estava com Oteio Zeloni na porta da Rádio Record esperando passar a chuva quando o comediante lhe sugeriu que fizesse uma música sobre a situação. Nasceu aí uma de suas composições mais características, o Samba Italiano: "Piove, Piove, fa tempo que piove qua, si, si (...) Ti recordi, Gioconda, quella sera in Guarujá..."

Menos conhecidas que suas canções alegres ou irreverentes, são muito significativas na obra de Adoniran as composições românticas em que demagogar quase sempre substitui a palavra amor e em que a situação descrita também tem muito a ver com o universo presente nos seus outros sambas. Um exemplo é Triste Margarida (Samba do Metrô): "Você está vendo aquela mulher que vai tudo ali/ela não quer saber de mim/sabem por quê/éu menti pra conquistar seu bem-querer". Em Tiro ao Alvaro, popularizado pela gravação conjunta de Adoniran com Elis Regina, fica patente sua forma original de cantar seus sentimentos: "De tanto levar frechada do teu olhar/meu peito até parece, sabe o quê/dubua de tiro ao divar/não tem mais onde furar".

Ao contar suas histórias, retratar seus tipos ou descrever suas situações, o compositor era capaz de momentos de uma ternura singela, como em Prova de Carinho: "Com a corda m' do meu cavaquinho/foi uma aliança pra ela/prona de carinho". Morio Adoniran, resta o consolo: sempre haverá um samba para lembrar o Biriba, a Casa Verde, a Vila Esperança, o Jaçandá, a Praça da Sé, o Brás. Mesmo que o progresso acabe com as suas últimas memórias.

O ESTADO DE SÃO PAULO - 28/11/82 - PAG 43 (CONT.)
Sotaques e tipos de um homem popular

ZUZA HOMEM DE MELLO

Barbosa podia ficar em qualquer esquina de São Paulo, que aparecia alguém para conversar. Podia entrar em qualquer boteco e beber ou comer de graça. Podia ir a qualquer rádio que seria entrevistado como convidado de honra do programa que estivesse no ar. Agora, ele só conversava, só deixava de pagar ou só seria entrevistado se quisesse. Caso contrário, não adiantava insistir.

Era um tipo popular. Andava muito pelas ruas. Sua figura magrinha, de chapuzinho, gravatinha borboleta, às vezes um cachecol ou um pullôver, o terninho justo, o didotinho fino, o nariz protuberante, a voz rouca que ele sabia usar como quisesse, o olhar vivo. Um tipo fino e malandro.

Foi por meio desse olhar vivo que ele viu o que viu e contou o que contou. Contou para São Paulo como São Paulo era. De tal forma que, à exceção de Paulo Banzolini, nenhum outro compositor da MPB pode ser tão identificado com a cidade, os bairros, ruas e praças paulistanas.

A primeira façanha de Adoniran Barbosa é ter descoberto o sotaque da

música paulistana. Com os devidos méritos ao sempre admirado produtor da Rádio Record Oswaldo Moles e ao conjunto vocal Demônios da Garoa, também originais da Record. A fusão do que cada um percebeu que existia na cidade, do que havia de som pelas ruas, é que deu na obra admiravelmente fotográfica de Adoniran Barbosa. Uma obra não só descritiva, mas reflexiva, cheia de idéias sul generia, de observações e de conclusões que ficavam à beira da tragédia ou da comédia; tanto faz. Uma obra onde as melodias simples e naturais, quase sempre em tonalidade menor, e sempre tendendo para o modo menor, fluíam como as próprias ruas da cidade: para cima e para baixo, mudando de direção, largas e estreitas.

Essa obra foi sendo criada inconscientemente nos tempos da velha Record, quando Adoniran era o mais querido radiador da emissora, dando vida a tipos como o bagunceiro Barbosinha da Escola Risonha e Franca, um programa infantil de fim de tarde, no auditório, ou os perveros criminosos de O Crime Não Compensa, um programa noturno de estúdio, para adultos, narrado pelo dr. Artur Leite de Barros. Sua voz, ou melhor, as decenas de

vozes de Adoniran, ouvida nos velhos rádios elétricos da época, eram carregadas dos sons das conversas nos corredores da rádio, nos botecos da Quitino, nos campos de futebol de várzea, nos jogos de bocha, nas cantinas, nos bairros populares, nos erros de concordância dos italianos e dos catipras. Aos poucos, o radiador foi-se abastecendo para compor uma obra musical, para transformar sons esparsos e aparentemente sem função, em sambas, no samba da cidade. Adoniran foi deixando de interpretar e tornar-se criador.

Marcado pelas decepções, boêmio por natureza, ele trabalhou para tornar musical a cidade que ele soube ouvir. Viaduto Santa Efigênia, Jaçandá, Bezipa, Praça da Sé, Brás, Rua dos Gusmões e outros locais de nomes pouco sonoros, passaram a soar bonitos nos sambas (menos de 100) tristes e engraçados que Adoniran Barbosa compôs. Os sambas criados pelo amargo Adoniran, um tipo engraçadíssimo. Em tudo nele, há uma constante: a dualidade. Uma incrível dualidade coexistindo na música e na vida desse tipo. Menos num aspecto. Ai, Adoniran Barbosa é sempre o mesmo, é um só popular.

Eu também um dia
Fui uma brasa
E acendi muita
Lenha no fogão
E hoje o que é
que eu sou
Quem sabe de mim
É o meu violão
Mas lembro que o rádio
Que hoje toca
Ilelele o dia inteiro
Tocava "Saudosa Maloca"
Eu gosto dos meninos
Desse tal de ilelele
Porque com eles
Canta a voz do povo
E eu que já fui
Uma brasa
Se assoprarem
Posso acender de novo.
(Já Fui uma Brasa)



Inês saiu dizendo que ia
Comprar o pão pro lampião
"Pode me esperar, Mané,
Que eu já volto já"
Acendi o fogão, botel
Água pra esquentar
E fui pro portão
Só pra ver Inês chegar
Anoteceu e ela não voltou
Fui pra rua feito louco
Só pra ver o que aconteceu
Procurei na Central,
Procurei no hospital
E no xadrez
Andei a cidade inteira
E não encontrei Inês
Voltei pra casa triste demais
O que Inês me fez não se faz
E no chão bem perto do fogão
Encontrei um papel
Escrito assim:
"Pode apagar o fogo, Mané,
Que eu não volto mais."
(Apaga o Fogo, Mané)

RE

MISSA DE 30º DIA

A Família de

ADONIRAN BARBOSA

O ESTADO DE
SÃO PAULO
23/12/82 - Pág. 44

convida parentes e amigos para a Missa de 30º dia, que será celebrada HOJE, às 19,30 horas, na Igreja Nossa Senhora Aquilopita, à Rua 13 de Maio, 478. Antecipadamente agradece.

O ESTADO DE SÃO PAULO

(1953 a 1984)

índice

- 1953.....	183
- 1965.....	185
- 1966.....	187
- 1967.....	188
- 1968.....	189
- 1976.....	191
- 1978.....	193
- 1980.....	195
-1982	196
- 1983.....	202
- 1984.....	207
- SEM DATA.....	211

ÚLTIMA HORA : S.P.

(1953 a 1978)

índice

- 1953.....	265
- 1954.....	277
- 1956.....	278
- 1959.....	279
- 1961.....	280
- 1965.....	281
- 1966.....	283
- 1968.....	285
- 1972.....	294
- 1973.....	296
- 1975.....	300
- 1978.....	302
- SEM DATA.....	305

JOURNAL DA TARDE

(1966 a 1984)

índice

- 1966.....	215
- 1968.....	217
- 1975.....	225
- 1977.....	229
- 1978.....	233
- 1980.....	239
- 1982.....	241
- 1983.....	253
- 1984.....	259

27/11/1983

Pag. 30

Dona Matilde: lembranças do marido Adoniran

MAURÍCIO IELO

Cherquinho e Jean Rubinet foram tipos inesquecíveis. Mas o melhor personagem que João Rubinetto interpretou na vida foi Adoniran Barbosa, primeiro e único porque ele mesmo. Se os velhos tempos do rádio, que ele adorava, fossem revividos, o programa humorístico de maior sucesso seria um verdadeiro campeonato, com prêmios a serem bebidos num bar do centro da cidade, entre aqueles que pudessem melhor contar as histórias de vida desse Adoniran, muito mais do que humorista ou compositor ou amanhe-me-lor de uma cidade chamada São Paulo. Seriam necessárias várias rodadas para desempatar e, talvez, nunca se chegasse a um vencedor, tantos momentos divertidos a testemunhar. O tipo físico, o olhar murcho, as frases francas ou abusivamente irônicas ficaram marcadas mesmo que o convívio tenha sido de poucos minutos. Desde quarta-feira passada, um no sem Adoniran, ríngis há muito que contar. De primeira, segunda ou até terceira mão.

Acontece que porém quem melhor para falar de Adoniran do que aquela que com ele conviveu por 40 anos, nas horas boas e nas más? Falar dele é um misto de alegria e saudade, que faz rir muitas vezes. Mas também faz dona Matilde avermelhar os olhos e tentar, sem conseguir, segurar as lágrimas. Matilde Rubinetto? Pode até ser Matilde Barbosa, ela deixa. Foi para ela a aliança com a corda mi (do violão, o cavquinho só entrou para fazer rima), nos tempos difíceis. Foi para ela que Adoniran gritou da rua, esquina das ruas Aurora e Conselheiro Nébias, edifício Santa Inês, para jogar a chave, após uma noitada. Situações que se tornaram sambas.

Na passada quarta-feira, eram exatas 17 horas, e um pedido às rádios se concretizou: todas elas, co-

mo se estivessem entrando em rede, tocaram "Trem das Onze". Dona Matilde esperou aquele momento. De tarde o dia anterior um corre-corre para atender jornais e revistas, pois Adoniran estava morto fazia exatamente um ano. Em pleno Museu do Bexiga, na rua dos Ingleses, a idêia era utilizar as entrevistas para depois partilhar de uma pequena homenagem a seu marido, num local próximo, a Praça Don Orione, onde há um busto de Adoniran. E, um pouco mais tarde, a missa na tradicional igreja de Nossa Senhora de Achiropita. Mas os rádios (todos antigos) do Museu não funcionavam direito e a solução foi pedir permissão aos vizinhos. Coisas do Bexiga pois qual vizinho procurar? "Qualquer um", sugere o responsável pelo museu, Armando Pugliesi. E lá vai dona Matilde, afilada para saber se todos cumpriram o combinado. Confere.

Um pouco antes de tudo isso acontecer, dona Matilde falava de Adoniran. Um casal sem filhos e que nos últimos anos levava, devido ao prório Adoniran, uma vida bem diferente dos primeiros tempos. "Sabe, desde o 'Trem das Onze' as coisas mudaram para nós. Houve maior reconhecimento. Antes, nos tempos em que o Adoniran era também ator, foi mais difícil. Sabe, de vez em quando um show num circo, uma programaçãozinha para que os porrebrinhos dos artistas não morressem de fome, no Teatro Colombo, no Brás, ou no Coliseu, no Arouche."

A verdade, porém, é que desde que Adoniran Barbosa conseguiu se aposentar, ele tornou-se cada vez mais casero. Como diz um de seus sobrinhos, Sérgio Rubinetto, a partir das Adoniran inventou a boemia verdadeira. E dona Matilde confirma: "Sete, sete e pouco ele já estava em casa. E, se tivesse visita, não tinha dúvida. Onze horas punha todo mundo pra fora com um discreto 'boa noite, vou dormir'. Aliás, o que ele gostava mesmo era de dormir. Se

puдesse, passava a vida toda dormindo".

Mas então, como é que fica todo aquele folclore da boemia de Adoniran? "Eu sabia das blitíntimas que ele tomava, mas antes me telefonava dizendo que ia chegar tarde. Sabe, no tempo do rádio, tudo era à noite. Depois foi depois. A gente fica mais velha, se cansa mais. E, sabe, éramos nós dois sozinhos. Não tínhamos filhos, só os sobrinhos. A maior parte da família dele estava no Rio, a gente tinha pouco contato. Da minha parte também havia pouca gente".

Foi uma dificuldade para dona Matilde convencer Adoniran a comprar uma casinha na periferia. Justamente ele que morava na zona mais central da cidade, o centro da boemia (isto é, os bares onde se bebia e se conversava). Mas quando os diretos autorais de "Trem das Onze" apareceram — a música campeã do carnaval de 1965, sem que ninguém esperasse — foi possível mudar-se para Cidade Ademar. Adoniran tinha algumas manias — isto é, manias de maníaco ele não tinha não —, que já no apartamento da rua Aurora apreciavam. Tinha uma tartaruga que ficou com a gente muitos anos. E aí de quem mexesse nela. Da mesma forma, os brinquetes que ele fazia, especialmente depois de aposentado. Quando alguém chega em casa e pega o tremzinho que ele fez, eu sempre brinco com as pessoas. Brinca, brinca, porque se ele estivesse aqui, você nem punha a mão".

Dona Matilde sabe de muitas histórias, e até mesmo daquelas que não presenciou. Mas ela assegura que Adoniran as contava ao chegar em casa. Há uma famosa, conhecida por quase todos os que conviveram com ele, coisa dos últimos anos, mas que, ela contando, tem um sabor todo especial. "Sabe, ele ia sempre na Rádio Eldorado. Passava a tarde lá. Mas um dia tomou um táxi, puxa, como ele sempre falava dos motoristas

tas de táxi, e disse para o chofer que ia na Eldorado. O homem pensou que era o hotel Eldorado e parou na porta. Em frente — ainda era de manhã —, muitos sacos de lixo, daquelas sacas. O porteiro do hotel, pensando que era um hóspede, abriu a porta. Adoniran não entendeu direito o que se passava, mas aceitou o convite. Viu os sacos e disse para o porteiro: "Pode carregar minha bagagem?". E, o Adoniran era assim mesmo. Quanto menos se esperava ele aparecia com essas coisas que ninguém imaginava."

Ainda bem que Adoniran ensinou dona Matilde a fumar. Se não, como ela conseguiria cigarros à noite, pois havia inventado um método infalível para parar, devido à bronquite e aos pulmões já fracos? "Ele não comprava um único maço. Mas só de pedir, humava mais de dois maços por dia. Não parava. Era assim com todos, onde estivesse. Até em solidade — a única hora em que eu ia junto com ele, pois nos shows ele não queria que eu fosse — ele flava de todo o mundo."

Mas essa não é a principal lembrança de dona Matilde. Ela recorda, primeiro rindo, os tempos em que ela e Adoniran se conheceram. E surgiu uma dúvida. Adoniran já tinha oito anos de carreira, já cantava e compunha. "Mas quando eu iniciei o namoro com ele começou um tal de falar em maloca, coisas desse tipo. E fui perguntar pra ele, até desafurada: "Você acha que eu tenho cara de maloqueira? Sou pobre mas não tem disso comigo. Ele riu, disse que não era nada disso, mas nunca se explicou direito. Acho que ele fazia isso só para provocar todo mundo". A risada de dona Matilde acentua-se. E porque a saudade bate mais forte. E tantas histórias sobre Adoniran fazem com que ele esteja bem próximo de dona Matilde. "O sonho maior dele era não morrer e ficar junto comigo." As lágrimas, mais uma vez, começam a rolar.

(FOTOS NO VERSO)

01 - TABA
S/11/11/88
PAG. 30

DE W. NEU



oniran Barbosa — o "inventor da boemia vespertina", como diz sua mulher, dona Matilde — morreu há um ano

“Um retrato falado de Adoniran”

ANA MARIA CICCACIO

Por mais que passe o tempo e mesmo que o homem acabe por se habituar aos sortilégios da tecnologia, sempre será difícil ver ou ouvir uma pessoa querida, desaparecida ainda há pouco, como se estivesse viva. Coisa de gravação. Difícil de encarar sem sentir uma agulhada por dentro e aquele sentimento vago e dorido, que só existe nomeando em língua portuguesa: saudade. Muita. De Adoniran Barbosa. Rescendida quase dois anos de sua morte por um LP que, ainda por cima, traz a voz de Elis Regina nos tempos do “Fino da Bossa”, então com apenas 20 anos. Mas se dói, dialeticamente também alegre, pela sensação é a mesma de se estar diante de um velho álbum de retratos, esses de família, tal a familiaridade de Adoniran Barbosa com esta São Paulo sofrida.

A memória é assim reavivada, quebrando o gelo do mais duro coração, pelo próprio Barbozinha, voz e alma impressas no PVC, mais a multibater Mathilde, sua companheira por 40 anos. O Seló Eldorado, que inaugurou a série “Documento Inédito” com Cartola, acaba de lançar um comovente LP homenageando Adoniran Barbosa. Emocionar-se, nesse caso, será consequência dessa multiplicidade havida entre o grande compositor que ele foi e cada habitante desta cidade. Como poucos, ele cantou sobre o amor em São Paulo, sobre o desespero, a exploração imobiliária, a alegria, o trânsito, o cavaleiro, o progresso, o trabalho, a morte e sempre o homem, a todo momento,

como disse Lourenço Diastéria em uma de suas mais belas crônicas.

Esse disco foi idealizado há muitos anos, quando Adoniran Barbosa, depois do almoço no La Barca, no centro da cidade, ia fazer seu cochilo na Rádio Eldorado, num sofá especial, sempre à sua espera. “Chegamos a marcar uma data para as gravações — conta Aluizio Falção, responsável pelo projeto e coordenação artística desse LP —, ele veio uma noite, mas o violonista adoeceu. Fomos adiando, até que em novembro de 1982 ele morreu. Nós poderíamos ter levantado as entrevistas na época, mas achamos que seria explorar uma pessoa muito próxima e querida, o que nunca seria compatível com o espírito do Estúdio Eldorado.”

Em janeiro deste ano, porém, chegou-se à conclusão que era oportuno retomar o projeto. José Nogueira Neto e Aluizio Falção, ambos na direção de produção do LP, decidiram pôr mãos à obra. Nogueira é quem recorda: “Fzemos uma ampla pesquisa em fontes como o Museu da Imagem e do Som, TV Cultura, TV Record e arquivos particulares. Juntemos um material muito grande, umas oito horas de gravações, com programas como “Vox Populi”, “O Fino da Bossa” e muitos outros. No disco está o sumo disso tudo.”

O LP começa a girar no toca-discos e ouve-se o prefixo de “O Fino da Bossa”. Elis Regina convida Adoniran Barbosa para participar do programa. Conversam, cantam juntos, trocam piadas. O pot-pourri ter-

mina com Elis e Adoniran entoando “Bom Dia Tristeza”. Daí em diante, sem divisão de faixas, como no LP de Cartola ou o recém-lançado “A Música do Cangapo”, a gravação segue como “um retrato falado de Adoniran”, como escreve Mathilde Barboza, sua mulher, na contra-capa.

Não faltam as composições que hoje quase integram o hinário de São Paulo, como “Luz da Light”, “Trem das Onze”, “Saudosa Maloca” (esta na interpretação de Elis Regina). Mas há também várias músicas inéditas, entremeadas às falas do próprio Adoniran, sempre com aquele seu jeito de filosofar entre o dramático e o humorístico, perdendo as iniquidades humanas desferidas contra a própria humanidade. E, antes de informar o leitor sobre essas músicas (como escreveria Machado de Assis), vale uma licença para um momento em que ele dribla um entrevistador, interessado em saber a sua opinião sobre as depreciações das estações de trem por passageiros. Adoniran, que tem uma obra essencialmente engajada do ponto de vista social, falando desde o despojo na favela à solidariedade com os pobres em geral, simplesmente começou a falar de metrô. Quando insistiram, dizendo que o assunto era trem, ele revidou: “Metrô é trem”. Segundo Aluizio Falção, uma “resposta que faria inveja a Tancredo Neves”.

Agora, as músicas inéditas. São elas: “Rua dos Gusmões”, dele mesmo; “Gente Curiosa”, em parceria com Elzo Augusto; “Armistício”, com Eduardo Gudin (também no dis-

co deste, a ser lançado no próximo dia 11); e “Minha Nega”, em parceria com Carlinhos Vergueiro. “Tudo isso foi uma surpresa para mim” — fala Mathilde Barbosa. Dupla surpresa, porque coincidiu com o seu aniversário. “O Nogueira sempre foi muito amigo da gente. No dia em que ele me convidou para ouvir o disco, já me convidou — dia do meu aniversário, mas ele não sabia —, eu acabei chorando o tempo todo.” O LP tem o depoimento de Mathilde, quase ao final, sobre a história da aliança com para dar rima, ficou sendo a do cavaleiro. Ela contou sobre a prova de cartinho para a TV Cultura, 15 dias depois da morte de Adoniran. “Não deu pra não chorar.”

Mathilde quer agora concretizar um sonho. “Estou conversando com as eferidades.” Quer a criação do Museu Adoniran Barbosa. Para isso guardou cuidadosamente os seus discos, seus troféus e até mesmo a lanterna inglesa autêntica da Estação do Jaconã (na antiga linha da Cantareira), que entrou no “Trem das Onze” também para rimar, uma vez que a estação de Santo André, onde ele morava, “não dava pé”. Ganharam o Jaconã e Santo André, porque é sempre divertido saber como o compositor se arranjou com a poesia, raramente submissa à realidade. Nesse museu também estarão os brinquedos que ele costurava, aproveitando tampinhas de cerveja e tocos de madeira. Lembranças, por que a “saúde mata a gente morosa”, mas como é bom senti-la de quem gostou tanto da gente.

(CONTINUA NO VERSO)

03/06/1984

O ESTADO DE S. PAULO



Selo Eldorado está lançando mais um disco da série "Documento Inédito": uma homenagem a Adoniran Barbosa

Um poeta e sua gente, de corpo inteiro

EDUARDO MARTINS

Para falar errado, é preciso falar errado. A frase, simples e ra como o próprio Adoniran, se toda uma filosofia de trabalho, uma forma de composição que, joca, teve além do mais de vencer também a oposição dos críticos empedernidos, que viam nessa forma de expressão de Adoniran ameaça à cultura e não o que constituiu na realidade, um reflexo do povo de que ele sempre parte.

Um Adoniran de corpo inteiro está presente neste "Documento Inédito", que segue a trilha aberta um depoimento semelhante de re Carlota: o compositor que or cantou a São Paulo com a se identificou desde cedo, que or conseguiu pintar as pequenas tragédias do cotidiano, que me reproduziu os personagens que a em constante mutação vai-se rregando de extinguir, que me soube penetrar na alma do ho-

mem simples da cidade e refletir seus pequenos-enormes dramas familiares.

Há também muito do ator Adoniran, especialmente no primeiro segmento do disco, gravação dos diálogos que ele manteve com Elis Regina em 1965, no extinto "Fino da Bossa", da TV-Record. Nesse caso, o depoimento se torna duplamente importante, pela presença daquela que foi uma das maiores cantoras brasileiras de todos os tempos e então no vigor dos seus 20 anos, estabelecendo com Adoniran um verdadeiro contraponto de gerações e cantando ainda duas de suas composições, "Saudosa Maloca" e "Bom Dia, Tristeza", esta última a invulgar parceria feita pelo telefone São Paulo - Paris com o poeta Vinícius de Moraes.

Num estilo aberto e despojado, Adoniran conta fatos de sua vida, explica músicas, fala por que não cantou São Paulo inteira ("se eu fizer um samba para a Praça da República, tenho de fazer outro pa-

ra o Anhangabaú"), e dá uma profunda lição de esperança e humildade.

E existe ainda uma faceta que não deve ser desprezada no LP: ao lado da interpretação de Adoniran para algumas de suas canções mais conhecidas, a revelação de músicas pouco divulgadas ou de que só mesmo os círculos muito ligados ao compositor tinham conhecimento. É o caso, só para citar algumas delas, por exemplo, de "Rua dos Gusmões", "Não Quero Entrar", "Gente Curiosa", "Véspera de Natal", "Armistício", "Minha Negra" e "Só Tenho a TV".

O toque final, na forma de um comovido depoimento sobre essa figura extraordinária que São Paulo perdeu, é a participação de Mathilde, sua companheira de 40 anos, a reconhecer, por exemplo, que a aliança feita "com a corda mi" é que é o tema de "Prova de Carinho" existiu realmente. Uma lembrança que só mesmo um poeta do povo, como Adoniran, poderia ter.



Um Adoniran Barbosa de corpo inteiro é o que o público pode esperar neste "Documento Inédito" do Selo Eldorado. Suas músicas, sua fala rouca, sua poesia engajada com o social e mais o seu humor: tudo está no disco, "um retrato falado de Adoniran"

ADONIRAN: a homenagem que estava faltando.

Participação: Elis Regina

"Foi a coisa mais emocionante que escutei em minha vida. Mais do que um disco, um retrato falado e cantado do meu marido. Adoniran está inteiro nele, como esteve durante 40 anos, na intimidade da nossa casa. Sua inteligência, suas piadas, alegrias e queixas. Meu Deus, que trabalho bonito e verdadeiro. Este disco foi feito sem artifícios, arranjos, essas coisas que eu não entendo direito. Mas eu entendo de Adoniran Barbosa. E acho que esse LP do Estúdio Eldorado é inteiramente fiel à sua memória. Impossível ouvi-lo sem chorar de saudade, de emoção, de amor."

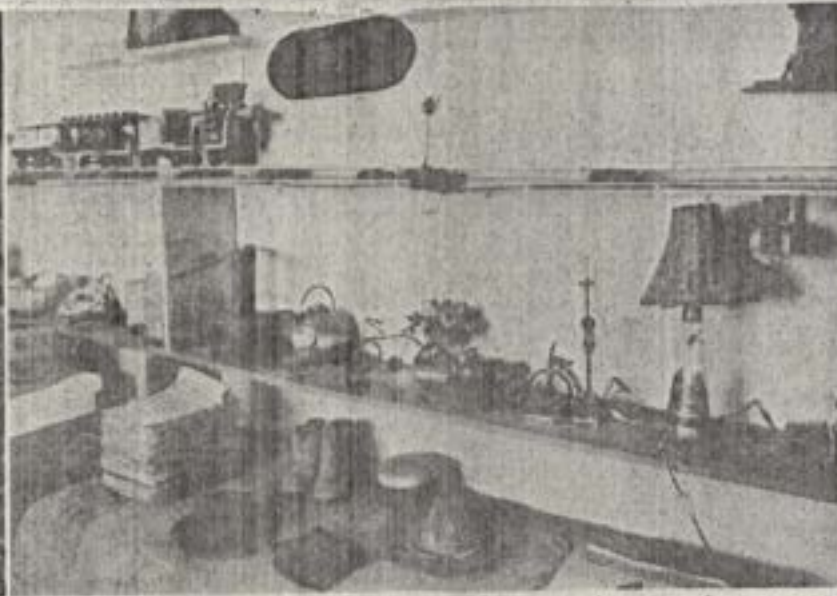
M. Hilde Barbosa

MATHILDE BARBOSA



À VENDA EM
TODAS AS LOJAS
DE DISCOS





De Adoniran Barbosa, o museu abrigará um acervo composto por documentos e outras peças

Museu lembra Adoniran Barbosa

Segunda-feira, dia 6 de agosto, Adoniran Barbosa, consagrado como o representante máximo do samba paulista, estaria completando 74 anos. E a data será ainda mais significativa não só para a viúva do compositor, Mathilde Barbosa, como também para a memória da música popular brasileira e da Cidade de São Paulo. Um acontecimento duplamente importante. Depois de o grupo "Talismã" — o último a acompanhá-lo em suas apresentações — interpretar os maiores sucessos do autor de "Trem das Onze", a Secretaria Estadual de Esportes e Turismo oficializa a cessão de um espaço no antigo edifício que ocupa na rua Antônio Prado, 9, ao "Museu Adoniran Barbosa — MPB". Ao ceder as dependências do cofre, situado no subsolo do prédio, construído em 1935 para o Banco de São Paulo, a Secretaria toma a iniciativa de dar ao espaço uma destinação social útil e dinâmica, como prevê o projeto da museóloga Ana Maria Leitão, diretora da Divisão de Iconografia e Museus, do Departamento Histórico da Secretaria Municipal de Cultura.

Trata-se, na verdade, do desdobramento de uma idéia que Mathilde Barbosa, viúva de Adoniran, alimentava desde a morte do marido em 1982: a criação de um museu, cuja finalidade seria resguardar a memória do compositor. Para tanto, vem preservando cuidadosamente um vasto acervo, composto por docu-

mentos, livros, discos, correspondências e objetos de uso pessoal.

A idéia cresceu nas mãos de Ana Maria e tornou-se um projeto muito mais abrangente, voltado à pesquisa, coleta, preservação e divulgação da "Música Popular Brasileira em São Paulo, sob a inspiração de Adoniran Barbosa". A proposta é fazê-lo funcionar como agente "histórico e conscientizador do processo cultural artístico". Assim, o acervo básico será de Adoniran, seus troféus, revistas, livros, o smoking que usava para receber o Roquete Pinto, sua coleção de pequeninas bicicletas, as gravatas-borboleta de que tanto gostava. Junto, para pesquisa, estão uma biblioteca especializada, fotografias, slides, revistas, microfilmes, enfim, um farto material de consulta sobre música popular brasileira que será recolhido junto a instituições e colecionadores particulares. Ainda, segundo o projeto, o museu pretende coletar documentos, preservar seu acervo, examinar e inventariar, classificar e catalogar para tombamento, divulgar com exposições didáticas de longa duração e mostras temporárias, como também promover o intercâmbio cultural.

Trata-se também de uma verdadeira conquista para a relações públicas Silvia Gueffi, hoje dedicada em tempo integral à concretização do projeto que acompanha desde o início. Criada num ambiente musical, Silvia conheceu Adoniran Bar-

bosa quando ele estava "renascendo artisticamente" e lançava seu primeiro LP. Depois da morte do compositor, continuou ligada a Mathilde, sempre disposta a apoiá-la: "Passamos por muitas fases. Enfim, existia a idéia, mas faltava espaço, verba, recursos técnicos. A proposta inicial era criá-la ligado à Secretaria Municipal de Cultura. Não foi possível, mas desses contatos veio a disposição de Ana Maria de desenvolver o projeto e do secretário, Guarnieri, de permitir cedê-lo. Depois veio o interesse de Calo Pompeu de Toledo, secretário Estadual de turismo".

No final, o espaço cedido, a caixa-forte do edifício, prestava-se perfeitamente à finalidade, com suas pequenas salas, uma ampla dependência para as exposições, outras que já funcionaram como arquivos. Quatro cabinas, por exemplo, construídas para examinar ouro serão acusticamente adaptadas e destinadas à audição individual. Todo revestido de mármore, o amplo salão do cofre forte, fechado por uma pesada porta de três palmos de espessura, produzida pela indústria alemã P. Banzer, a mesma que fabricava os tanques nazistas, ganhará vitrinas nas suas laterais para abrigar as exposições. E, tudo indica, aquelas mesmas portas que foram abertas há algum tempo para exposições temporárias, com a implantação do museu, permanecerão definitivamente abertas ao público.

"O ESTADO DE S. PAULO"

Radio e Televisão

Humorismo pelo radio

Dos programas humorísticos do nosso radio, o melhor, atualmente, é sem duvida "Historia das Malocas". Seu autor, Osvaldo Moles, e seu principal interprete, Adoniram Barbosa, conseguiram, com ele, a consagração definitiva nas respectivas carreiras.

Não é facil vir mantendo há anos o mesmo nivel de uma produção humorística. Mas isso tem sido conseguido por Osvaldo Moles. E muito menos facil é manter um bom nivel de interpretação sem altos nem baixos durante tanto tempo, mas essa proeza vem sendo feita por Adoniram Barbosa, que é, em nossa opinião, o melhor ator comico do radio paulista, na atualidade. O resto do elenco que participa desse programa, apesar de ser formado por bons profissionais com longos anos de pratica, força a nota uma ou outra vez e o resultado é contraproducente. Para que forçar a comicidade de um papel se ela foi tão perfeitamente "doseada" pelo autor? Fica uma palhaçada e com franqueza, de palhaçadas estamos nós fartos em tantos outros programas de radio.

Seríamos injustos se esquecéssemos, escrevendo sobre programas humorísticos, o veteranicismo Alvarenga e os sucessivos "Ranchinhos" que com ele têm trabalhado. Merece respeito esse Alvarenga, que há algumas dezenas de anos vem contando historinhas caipiras e inventando modas de viola sem nunca perder o favor do publico, quer o das grandes cidades quer o das aldeias do interior que não perdem um programa de Alvarenga e Ranchinho, divertido com suas piadas politicas e as alusões a acontecimentos que na ocasião prendam a atenção da opinião publica. Parece feito de nada, o humorismo de Alvarenga. Mas ele existe, e interessa a todos, desde o nordestino ao gaúcho. A gente vai escutando aquela conversa mole, aquela conversa fiada, aquelas modinhas falando no Presidente ou nos candidatos. Pensamos, às vezes, em mudar de estação para ouvir outra coisa qualquer, mas os dedos na rece que ficam também presos na moleza daquela conversinha mole não tocam no botão, e quando damos por isso... escutamos o programa todo. E gostamos...



FRANCISCO ALVES



Documentos de época em reedições ou montagens

EDUARDO MARTINS

Algumas ainda constituem reliquias musicais e outras, com o correr dos anos, resumem-se a simples curiosidades. De qualquer forma, todas têm seu valor como documento de uma época. São as reedições ou montagens de matrizes antigas, que continuam a figurar nos suplementos das gravadoras, ao lado dos novos lançamentos.

Francisco Alves. O LP registra a curta passagem deste cantor, um dos maiores do Brasil em todos os tempos, pela Continental. Se parte de seus maiores sucessos foi gravada em outras fábricas — como os duetos com Mário Reis — de 39 a 41, período em que permaneceu na Continental, Francisco Alves também formou dupla com outro cantor da época, Dalva de Oliveira, de que o samba-exaltação "Brasil", incluído no disco, é um dos melhores exemplos. O Rei da Voz canta ainda outros êxitos de seu repertório, como "Dama das Camélias", "Despedida de Mangueira", "Céu e Mar", "Ao Ouvir Esta Canção Há de Pensar em Mim" e "Quem Chorou Foi Eu". De qualquer forma, um bom ponto de referência para quem queira estabelecer comparações entre a forma "antiga" e a "moderna" de interpretação.

Tom Jobim e Billy Blanco. De um dos lados do LP, o relançamento da gravação da "Sinfonia do Rio de Janeiro", de Tom Jobim e Billy Blanco, e do outro mais sete músicas de Jobim, sendo apenas "Teresa da Praia" em parceria com Blanco. A "Sinfonia", inegavelmente, envelheceu, assim como parte das outras músicas, que cantam um Rio de Janeiro que a especulação imobiliária e a violência urbana transformaram numa cidade desfigurada e atemorizada. Um LP, hoje em dia, de mero valor histórico, útil apenas para recordar uma quadra da vida do brasileiro em que ainda era possível cantar sem maior preocupação o sol, o mar, a praia e o verão (que o rock latibilista explora hoje de maneira menos ingênua e mais variada).

Saudades de Adoniran. Este, ao contrário, é um LP que permanece atual, no mapeamento musical que a obra de Adoniran Barbosa fez de uma São Paulo que sempre existirá, quando mais não seja, nos seus versos. Pelo menos três faixas reúnem um inegável valor histórico: "Agora Pode Chorar", seu primeiro disco (de 1936), "Saudades da Maloca" — que é a mesma "Saudade da Maloca" —, registrada em 1961, antes da conhecida gravação dos Demônios da Garoa (e com pequenas diferenças na letra) e "Olha a Polteira", com o próprio Adoniran, um zôze, ritmo imitado em sua produção musical. O disco inclui ainda gravações dispersas feitas por Adoniran, como "Morro do Piolo", "Um Samba no Beirão" e "Praça da Sé", e uma faixa com

Wilson Miranda, "Bom Dia, Tristeza". As demais cabem aos intérpretes que conseguiram dar vida às composições de Adoniran, os Demônios da Garoa ("Trem das Onze", "Samba do Ernesto", "Abrigo de Vagabundos", "As Mariquitas" e "Tracema"). Sem dúvida, a crônica sonora de uma São Paulo em transmutação.

Tim Maia. O LP tem apenas cinco anos, mas o sucesso atual de Tim Maia certamente animou a Odeon a repô-lo em catálogo. Há canções mais alegres, dançantes, como "Boogie Esperfo", "Garça Dourada", "Vou com Gás" e "Geisa", e outras mais introspectivas. A intenção da época, ao que parece, foi ressaltar o Tim Maia cantor, uma vez que, das 12 músicas, ele compôs apenas a metade. Algumas chegam a fazer sucesso, como por exemplo "Lábios de Mel" e "Eu Só Quero Ver". O intérprete e compositor, na ocasião, já havia abandonado a linha mística e partido para uma internacionalização consciente: "O compositor tem que cruzar fronteiras, romper barreiras", justificava, então.

Raulito e os Panteras. O Raulito, no caso, é nada mais nada menos que Raul Seixas, e os Panteras, seu primeiro grupo musical e que o acompanhou neste disco de estréia. Um LP sob a forte influência da Jovem Guarda, já próxima dos estertores, e revelando nos vocais recursos apropriados dos conjuntos de sucesso da década de 60, como The Platters. Evidentemente, a distância (afinal, trata-se de um disco de 1969) retrou quase toda a força que o LP pode ter tido na época e se justifica hoje apenas como item de colecionadores.

Noel Guarany. Um dos principais divulgadores da chamada música missionária gaúcha, Noel Guarany tornou-se conhecido no seu Estado especialmente pelas milongas que compõe, das quais a mais sugestiva, "Filosofia de Gaudério", faz parte deste disco. Como homem do campo, seus temas mais frequentes são o mundo que o cerca, como o cavalo, a companheira, o pala velho e a apologia da liberdade. Canções simples, despreziosas, que fluem com facilidade e revelam um autor sensível, profundo conhecedor do seu ofício.

Milton Banana Trio. O próprio Milton Banana, nos seus LPs mais recentes, mostra que sua batida mudou. Este LP, no entanto, gravado em 1966, ainda sob o influxo da bossa nova, conserva as características da época, numa seleção musical excelente no seu todo e da qual constam êxitos como "Cidade Vazia", "Sonho de um Carnaval", "Festinha por Poeta", "Armando", "Tristeza" e "A Resposta". Tem valor documental, por mostrar as novas gerações uma tendência musical, a bossa nova, que marcou profundamente o som brasileiro dos anos 60.

Sambista não viu trem passar

Adoniran Barbosa

chegou tarde
para o trem das
onze: o último
partiu há 19 anos

O trem das onze, que Adoniran Barbosa não queria perder, para não chegar tarde em casa, como conta no samba que lhe deu mais dinheiro e fama, não passa pela estação do Jaçanã, desde 1947. Quando ele apanhava, ontem, um tijolo e uma telha como recordação, o sr. Ormidas Nascimento, que foi chefe da estação por 10 anos, contou-lhe a verdade.

O samba Trem das Onze foi composto em 1962, quando Adoniran voltava de táxi, após um espetáculo em circo de subúrbio. Naquele tempo, ele nem sabia onde ficava o bairro do Jaçanã que entrou na letra do samba só para rimar com manhã. Agora já viu até a estação que vai desaparecer e não perdeu a oportunidade para fazer mais um samba: Pincharam a Estação no Chão.

Morou longe

— Não sou filho único, mas já morci longe com minha mãe, em Santo André, e sei o que é ter



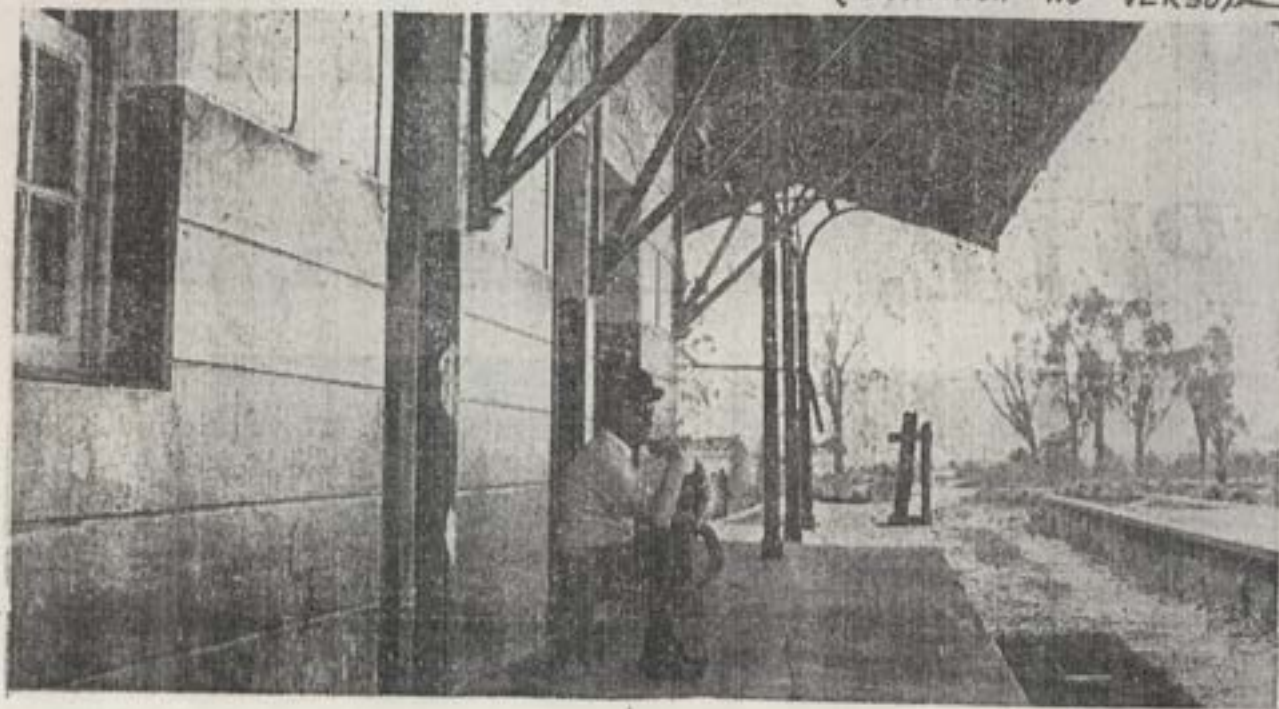
que largar a namorada para não perder o último trem.

Trem das Onze lembra o seu irmão Chico, que foi um bom menino. Voltava cedo para casa, ficava com a sua mãe para que ele, Adoniran, voltasse despreocupado no último trem. Sem ser música de Carnaval, acabou sendo o único samba paulista que ganhou o prêmio de 2 milhões de cruzeiros no Rio.

Apesar disso, o sambista prefere Saudosa Maloca, que tem a vantagem de não morrer nunca: "Sempre é lembrada quando alguma casa está sendo demolida".

Adoniran Barbosa morava na rua Aurora e costumava ir passear com seu cachorro até uma maloca que havia ali perto. Com o tempo acabou ficando amigo dos malandros Mato Grosso, Mario (que virou Joca, no samba) e Corintiano. Um dia, demoliram a maloca para construir um prédio e

(CONTINUA NO VERSO)



Nôvo samba nasceu
de uma telha e
de um tijolo
da velha
estação que morria

Ele sentiu o drama. Mato Grosso morreu intoxicado pela bebida e dos outros dois, Adoniran nunca mais teve notícia.

Atualmente, contratado exclusivo da Televisão Record, espera fazer sucesso com o último samba que gravou. Já foi uma brasa, falando justamente da música que ele mais gosta: Saudosa Maloca. Diz assim: "hoje o rádio que toca ié-ié-ié o dia inteiro, tocava Saudosa Maloca". Mas ele não é contra os cabeludos e fala na música "que é tudo uma turma boa".

Adoniran Barbosa fez samba falando de muitos bairros populares de São Paulo: Brás, Casa Verde, Bexiga e Jaçanã. Quase todos eles foram gravados pelos Demonios da Garoa, que desde 1951 têm exclusividade para os seus sambas. Nem só de samba, porém, vive o sambista: passou pelo cinema, no rádio ficou famoso como Charutinho, e trabalha em televisão.

Este samba é da
estação que cai

Agora não preciso mais de condução,
Moro e trabalho aqui mesmo no meu bairro
[Jaçanã,

Mas sofri uma grande decepção,
quando disseram: vá lá embaixo vê, tão der-
[rubando a nossa estação.

Fui lá vê se era verdade,
e era (breque)

quando cheguei lá vi que tudo estava no chão
 chorei feito bobo, senti um calo na orelha,
 peguei um tijolo e um pedaço de teia,
 prá guardar de recordação.



Jaçanã chora a viagem que perdeu

Quando o trem da Cantareira passou, pela última vez, na estação do Jaçanã, Joaquim de Araujo, prêto velho, dono de um asilo que recolhe crianças abandonadas, chorou. Seu bairro, onde mora há 18 anos, ficou sem trem desde o dia 31 de março do ano passado.

— Eu achei que foi errado, mas o povo daqui entende que isso era inevitável, por causa do progresso.

Nem ele, nem o povo, se esquecem das passagens baratas do trem de subúrbio. Quando deixou de existir, a viagem de ida e volta, o mês todo, estava custando, até São Paulo, 32 cruzeiros. Além disso, tinha trem de 5 em 5 minutos e a viagem "era muito bonita".

Onde passava

A linha da Cantareira possuía em seu trajeto 14 estações. Ia de São Paulo a Cumbica, passando por Guarulhos, Domingó, os trens costumavam passar lotados, era dia de muito movimento, com passageiros para fazer piquenique no parque da Vila Galvão.

Para substituir os trens, Jaçanã passou a ter 6 linhas de ônibus. São, porém, muito mais caras, os ônibus estão sempre cheios. Por isso, na hora em que come-

caram a demolir a estação, muita gente se lembrou dos tempos de subúrbio e sentiu saudade do velho trenzinho.

Estação tem gente

Na velha estação sem passageiros, uma família de 6 pessoas acompanha as obras da demolição, torcendo para que demore bastante. Há 6 meses que mora lá.

Na bilheteria existem duas camas: uma para João Marcelão, funcionário da Sorocabana e sua mulher, dona Durvalina; outra, para duas filhas; o bagageiro também virou quarto para as duas outras filhas; e a sala do chefe da estação hoje é cozinha.

Ontem, a família toda estava vendo os operários começarem a retirar as telhas de uma parte da estação. Dona Durvalina, enquanto vê o trabalho avançar, conta que tem esperança de conseguir uma casa, antes que comecem a destelhar a parte onde estão morando. Diz que o engenheiro já lhe prometeu arrumar um lugar para ir morar.

As crianças passam o dia brincando nos locais onde estavam, antigamente, os trilhos. Mas a menina Odete, de 10 anos, tem uma queixa muito séria: não gosta de morar numa estação onde não passa o trem.

A noite foi de samba, Elis e Baden

JORNAL DA TARDE

13/05/1968

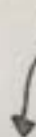
PAG.21



Lapinha, que Elis Regina cantou e Baden Powell compôs, fez o maior sucesso sábado à noite, no Teatro Record-Centro, na primeira eliminatória da Bienal de Samba. Depois, mas muito perto, ficou o samba **Bom Tempo**, de Chico Buarque de Holanda. Os dois outros classificados da noite: **Foi Ela**, de Zé Keti, e **Marina**, com Noite Ilustrada. O júri foi formado por Mauro Ivan, Alberto Helena Junior, Dirceu Soares, Lúcio Rangel, Adonis de Oliveira, Sérgio Pôrto, Sérgio Cabral, Francisco de Assis, Franco Paulino, Ari de Vasconcelos, Guerra Peixe, Raul Duarte e Ricardo Cravo Alvim.



CONTINUA
NO VERSO



Quando o show começou, o público parecia frio — não prometia ser o mesmo dos dois últimos festivais de música popular realizados pela TV-Record. Mas bastou um refrão — o primeiro samba para animá-lo: "Quando eu morrer/ me enterrem na Lapinha/ Calço-culote, paieté-almofadinha". Lapinha, de Belden Powell, que Elis Regina cantou acompanhada do autor ao violão e do conjunto Acadêmicos do Samba, só não foi bisado porque o regulamento da Bienal não permite. O público reagiu a pedir o bis de pé, aplaudindo com gritos e assovios a interpretação da cantora: — Essa mulher dá sorte. Uma fita fez o comentário para lembrar que Elis, nos últimos anos, "tomou conta" dos festivais de música. Lançou-se com Arrastão (Edu e Vinícius), em 1963, e de lá para cá, mesmo sem ter vencido outra vez, não parou de fazer sucesso: Cantador, se não rendeu muito a Dori Caymmi e Nelson Mota, a ela deu a Viola de Prata, mais prestígio, abriu caminho para a apresentação vitoriosa em Paris.

Izurinha Garcia, que veio em seguida, não conseguiu conquistar os mesmos aplausos para Ingrêdo, de Amael Silva, um samba considerado não muito digno do autor de Se Você Jurar, mesmo depois do arranjo do maestro Gabriel Migliare. Só com Patrão, Mulher e Cachaca, o sexto samba, o auditorio voltou a vibrar: Adoniram Barbosa, sambista de São Paulo, foi chamado ao palco para dividir os aplausos com os Demônios da Garoa, intérpretes de quase todas as suas músicas.

Paulinho da Viola, Donga-Walfredo Silva e Zé Keti foram, pela ordem, os autores do terceiro, quarto e quinto sambas da noite: Coisas da Vida, Minha Mãe; A Sandália da Muísta e Foi Ela. A composição de Paulinho, interpretada por Jair Rodrigues, agradou sobretudo por versos como estes:

"Hoje eu vim minha mãez como venho quando posso, / na boca a mesma palavra, no peito o mesmo remorso."

Zé Keti, que Eliota Junior apresentou pelo verdadeiro nome José Flávia de Jesus — defendeu bem seu Foi Ela, enquanto o A Sandália da Muísta, na voz de Germano Matias, quase passou despercebido.

Intervalo. Um anúncio feito por Sônia Ribeiro é recebido frivelmente pelo público: o filme do casamento de Roberto Carlos seria exibido momentos depois.

O sétimo intérprete mereceu tantos aplausos quanto Elis Regina — Milton Nascimento. Com seu ar de quem ainda não se acostumou ao sucesso, ele cantou Tão Braço Forte, a música dos irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle.

"É uma vez que dá men' epor / e não 'tá ruide / faz amor."

Oitavo compositor: Luís Antônio — Escola de Samba, cantado pela dupla Helena de Lima-Milinho. Nono: Noel Rosa de Oliveira, que fez com Anacatinho do Salgueiro o único samba enredo da noite, Dona Béia, Felicidade do Araxá, interpretado por Jorge Goulart.

Af foi a vez de Chico Buarque de Holanda cantar, acompanhado pelo violão de Toquinho, seu Bom Tempo. O auditorio vibrou outra vez e cantou com ele — um grupo de fãs havia distribuído a letra antes do show começar.

"Ando cansado da vida, / Precupeta, corrida, surrada, / Batida dos dias meus".

Alguém no auditório faz um comentário: — Ele está se repetindo muito.

Os dois últimos sambas — Marina, de Sinval Silva, e Pra Frente, de Pedro Caetano — foram defendidos por Noite Inusitada e Djalma Dias. Nenhum deles agradou muito, sobretudo o Pra Frente, que termina com essas versos:

"E agora, s'imbora / L'argent no bolso / Merc' beaucoup".

Enquanto o júri escolhia os quatro melhores sambas, uma homenagem a Noel Rosa — show de Araci de Almeida, que teve de voltar ao palco três vezes, aplaudida de pé. Ela cantou Feliço da Vila, O Orvalho Vem Calado, Coisas Nessas, Rapaz Folgado, Com que Roupa e Meu Barracão.

Volta o júri, o resultado é anunciado: Bem Tempo, Lapinha, Marina e Foi Ela.

Elis Regina e Chico tiveram que cantar duas vezes, na apresentação dos sambas classificados.



SÃO PAULO, CIDADE DO SAMBA

Um instante que Vinícius de Moraes não lembra como dos mais felizes da sua vida:

— São Paulo é o tûmulo do samba.

Ele afirmou isso em 1962. Desde então, se São Paulo não conseguiu se impor como uma terra de sambistas, também não sepultou samba de ninguém: é o maior mercado da música popular brasileira.

Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Geraldo Vandré, Araci de Almeida, Silvio Caldas, Zé Keti, Paulinho da Viola, Elton Medeiros — os melhores, os velhos e os novos, os de maior cartaz, todos eles vivem ou vêm apresentar suas músicas aqui. De São Paulo — de festivais aqui realizados — saíram alguns dos maiores sucessos recentes: A Banda, O Cantador, de Dori Caymmi e Nelson Mota; Alegria, Alegria, de Caetano Veloso; o Pontelo, de Edu Lobo e Capinam.

Os festivais de música popular — iniciados em São Paulo — viraram moda no Brasil inteiro. Dêles surgiram, além de alguns nomes de menor prestígio, uma das grandes cantoras brasileiras: Elis Regina.

São Paulo, terra de poucos sambistas, tem dois na Bienal: Adoniram Barbosa, já desclassificado, e Paulo Vanzolini — o médico-compositor que fez Volta por Cima:

"Levanta, sacode a poeira, / dá volta por cima".

Paulo Vanzolini, pouco mais de 20 anos, o Paulinho amigo de quase todos os boêmios de São Paulo, faz samba para sua cidade. Seus motivos são paulistas:

"Cena de sangue num bar da avenida São João".

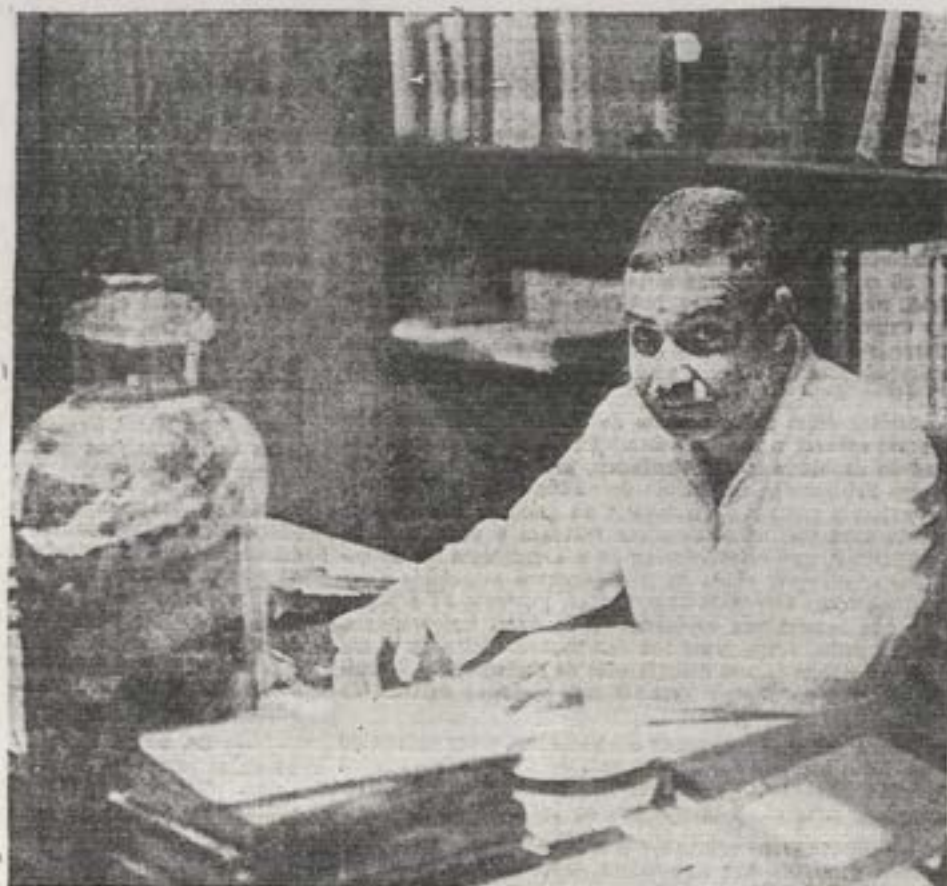
Ele, dizem, foi o melhor mestre de Chico Buarque de Holanda.

Sexta-feira, 24-5-68

JORNAL DA TARDE - PAG.6

A terceira noite da Bienal do Samba, amanhã, poderá ser o encontro dos dois maiores sambistas de São Paulo: Paulo Vanzolini e Adoniran Barbosa. Vanzolini irá com o "Samba do Suicídio", Adoniran depende ainda do júri. Ele e o carioca Paulinho da Viola disputarão o lugar de Zé Ketí, que deverá ser desclassificado: os organizadores da Bienal já conseguiram provar que seu samba, "Foi Ela", faz parte da trilha do filme "Rio, Zona Norte".

(FOTOS NO VERSO, E
REPORTAGEM NA FOLHA
SEGUINTE).



"FALTA DE MIM", SAMBA INÉDITO

Vendo-te assim:
com as puras sinais
da falta de mim.
Em pleno apogeu,
morrendo de tédio,
e o remédio sou
Eu que estou
sempre perto.
E só quero por
certo
Ser seu.

Mas você não quer
nada,
nada,
desorientada,
só quer apogeu.
Diz que chegou
onde quis,
graças a Deus;
que o sucesso
é o que deseja.
E estranha que amargue

a boca,
que não me beija.
Que ardam em sêco
os olhos
longe dos meus.
Com a muita raça que
tem, leva esta farsa
até o fim.
Mas traz escrita na
testa:
a falta de mim.



"MULHER, PATRÃO E CACHAÇA"

Num barracão da favela
do Vergueiro,
onde se guarda
instrumento,
ali nós morava em
treis. / Eu, violão
da Silveira,
seu criado.
Ela, a cuica de Souza;
e o cavaquinho de
Oliveira Pentecado.
Quando o cavaco
centrava, / e a cuica
soluçava, / eu entrava
de baixaria.

E a ximangada sambava.
Bebia, saculejava.
Essa cuica malvada,
chorava como ela só.
Pois ela gostava
de mais do meu rit.
E bem baixinho gemia.
Gemia assim como quem
tem algum dodói.
Tudo aquilo era pra mim,
gemia e me olhava
assim, / como quem diz:
"Alô, my boy".
E eu, como bom violão,
carrega no bordão,

caprichava o sol maiô.
Mais um dia patrão,
que horrô!
Foi o rádio que anunciou
com fundo musical:
Dona Cuica de Souza,
com o cavaco de
Oliveira Pentecado se casou.
Me deu uma coisa no
caquêto. / Eu já pegar
o cavaco, / Não seja bôbo,
não se sacacha.
Mulher patrão e cachaça,
em qualquer canto
se acha.

O samba de Vanzolini tem ciência

O cientista caminha na sala enorme, entre estantes de livros, pilhas de revistas, fotos de regiões do Brasil por onde passou, fazendo pesquisas. Desce ao porão do museu, caminha entre vidros cheios de formol: cobras, sapos que ele descobriu e classificou. É o zoólogo Paulo Vanzolini.



O boêmio de bigode grisalho entra no bar e faz muita gente alegre com sua chegada.
— Paulinho!
O grito vem do canto da sala onde está o piano.
A moça morena acaba de cantar um samba que ele fez. É o sambista Paulo Vanzolini.

O homem pára de gracejar, morde o cachimbo, e se define:

— Sou eu mesmo, no bar ou no museu. Sambista ou cientista, sou eu mesmo. Não creio que seja outro quando faço um samba.

O homem volta a rir e se apresenta:

— Eu sou Paulo Vanzolini, / animal de muita fama. / Eu tanto corro no sêco, / como na vargem de lama. / Mas quando o marido chega, / me escondo embaixo da cama.

O cientista e o sambista estão sempre juntos. O boêmio vai duas ou três vezes por semana ao bar preferido — o Jogral, de seu amigo Luís Carlos Paraná. Lá, ele é a atração maior da casa: canta, declama e aceita desafios em verso. Os improvisos de Vanzolini devem muito pouco aos violeiros do Nordeste.

— Eu conheço todos os gêneros da poesia popular nordestina: a sextilha, o quadrão, galope à beira-mar, martelo agalopado. Tudo. Só não gosto muito é do cordel, os folhetos. Prefiro os repentistas. Gosto de improvisar e, se me preparar um pouco, enfrento qualquer violeiro bom.

Vai bebendo devagar a dose de pinga com gelo. É um homem alto, pouco gordo, a barba às vezes por fazer. O bigode grosso parece ter sido mais grosso, agora está grisalho.

"Andei sobre as águas, / como São Pedro, / Como Santos Dumont, / fui aos ares sem medo..."

Adauto Santos, cantor do Jogral, homenageia Vanzolini com uma composição sua — o Samba Erudito.

— É uma beleza, esse preto.

Faz o elogio rápido e pára, ouve o cantor. Agora, Adauto inicia outro samba; ele explica a sua maneira de compor: leva quase sempre anos — dois, três anos — para concluir um samba.

— Sou muito ruim de música.

Logo em seguida, numa discussão com Luís Carlos Paraná, que vai cantar o seu Samba do Suicídio na Bial, se contradiz:

— Eu? Eu sei mais música do que todos vocês juntos e mais meia dúzia de maestros.

Mas não sabe nada: é ruim de ouvido e de batucado. Sofre por não ter aprendido até hoje a tocar violão.

— E como aprendeu a fazer samba?

— Olha, meu pai tinha um motorista que era sambista, mas isso não influencia muito não. A gente aprende mesmo é no rádio. O rádio ensina, viu?

Cantar, Vanzolini consegue. A voz é ligeiramente rouca:

"Alberto, / Foi morar na casa da noiva e não deu certo. / Alberto era bom demais..."

É um samba inédito dele — a história de um Alberto para quem conquistar mulher era brincadeira. Hoje, poucas são as composições inéditas de Vanzolini: Leilão, o Samba Erudito, Napoleão, Cravo Branco, Juízo Final, Você Diz Que eu Choro Escondido estão num LP lançado há dois meses: Onze Sambas e uma Capoeirada.

"Levantando a cabeça a poesia, / dá volta por cima..."

O Volta Por Cima, que Noite Ilustrada gravou a primeira vez, é interpretado, no disco, por Maurício Moura. Ronda, está na voz de Cláudia Morena.

— Foi Inezita Barroso quem primeiro gravou Ronda — informa ele. E pede que seja anotada, textualmente,

uma afirmação sua sobre a cantora: nunca houve, no Brasil, quem cantasse samba como ela.

O samba preferido de Vanzolini é Leilão:

"Ontem vendeu, / no correr do martelo, / o que eu não tenho e mais quero. / Fiquei desenhado, / rondando pelas beiradas, / Botando uns olhos compridos, / e contando as marteladas. / — Dou-lhe uma, dou-lhe duas (bis). / Ai, dou-lhe três punhaladas. / Depois do leilão fui embora, / chutando pedra na rua. / Um outro levou pra casa; / pagou, leva a coisa sua. / Eu desse não tenho mágoa, / só um louco não levava. / Mas não gosta como eu gosto, / nem dá o trato que eu dava. / Ai olho de cobra mansa, / ai boca de fruta brava".

Ele é urbano, de São Paulo: a vida boêmia paulistana, ruas e praças da cidade estão nas suas músicas:

"Cena de sangue num bar na avenida São João". (Ronda).

"Na praça Clóvis, minha carteira foi batida". (Praça Clóvis).

E traz também no verso a influência da profissão:

"Ai olho de cobra mansa, / ai boca de fruta brava".

— Mas já não sou boêmio. Fui boêmio, isso sim. Hoje não tenho mais tempo. Saí um pouco da noite.

Vanzolini é diretor do Museu Zoológico de São Paulo desde 1962. É zoólogo, especializado em Herpetologia — ramo da Biologia que estuda os répteis e os anfíbios.

— Doutor em cobras e lagartos.

Como cientista, publicou mais de cinquenta ensaios. E, vez por outra, vai aos Estados Unidos, onde faz conferências em Harvard sobre pesquisas realizadas no Brasil.

— Não é bem assim. Os amigos é que andam a inventar essas coisas: espalham que fui dar aulas em Harvard toda vez que viajo. Conversa deles. Eu vou a Harvard aprender.

Como sambista, ele tem obra menor: vinte ou trinta sambas prontos. E não se considera o melhor de São Paulo.

— Adoniran é ótimo.

Vanzolini conta que Adoniran Barbosa procurou-o certa vez, para que fizessem um samba juntos. Seria a história de um violão que ele havia empenhado no bar de um português.

— "Olha, Vanzolini", falou ele. "Eu dei-te o violão com o homem uns quinze dias. Quando fui buscá-lo, queria que você viesse. Ele parecia rir. Até pensei que quisesse me dizer: eu sabia que você vinha, ora se sabia. Você não pode viver sem mim".

Chico Buarque de Holanda é outra grande admiração de Paulo Vanzolini. E ele não acredita que tenha influenciado a sua carreira:

— Não vejo nada nas composições do Chico que se pareça com o que faço. Quando muito, somos iguais no capricho com que procuramos as rimas. E, além do mais, Chico sempre pensou em ser bossa-nova. A influência de Noel nas músicas dele veio bem depois.

Só uma pessoa parece ter sido realmente importante para a obra do sambista Vanzolini: José Henrique, o Zélio, dono de uma antiga boate de São Paulo. Era grande violonista, grande cantor. A ele, o sambista que não sabe batucar numa caixa de élfos conseguiu dar a idéia da melodia que deu-lhe para suas músicas.

— Zélio entendia sempre o que eu queria dizer nos meus sambas.

JORNAL DA TARDE
28/05/68 - PAG. 6 (CONT.)

E O SAMBA DE ADONIRAN TEM OUTRAS COISAS

Se outro boêmio fugiu da escola no terceiro ano primário, mal aprendeu a ler. Quando fala, erra. Quando escreve sambas, erra. A sua linguagem é a dos bairros pobres de São Paulo, dos subúrbios. Antes de ganhar dinheiro fazendo samba, Adoniran Barbosa era um torneiro mecânico bom na caixa de fósforos.

Samba é coisa séria para Adoniran Barbosa, mas não é difícil de fazer:

Basta escutar o chão em que o povo pisa e traduzir essa linguagem.

— Povo, gente do povo — era a frase que ele gostava de repetir. Sambista da cidade grande, Adoniran Barbosa vive nos subúrbios distantes de São Paulo, os bairros de Barra Funda, Caspary, Belém, Jaçanã, lugares que, antes de ser sambista de sucesso, viveu como torneiro, boêmio, funileiro.

— Quando em Jaçanã / se eu vou pra esse trem, / que sai às onze horas, / só lá de manhã.

— Lá em Jaçanã ele murmurou e, quando fez o seu samba das Onze, mal sabia o que estava a cavalo no balcão.

— Escolhi a palavra porque ela tem com manhã. E também sou filho único, em casa já tinha morado longe da minha mãe, em Santo Amaro.

— Adoniran gosta de contar a história dos seus sambas, o que fez de melhor, sobre o Trem das Onze, Saudade Maloca, Samba do Arnaldo, Samba Maloca, por exemplo.

— Foi de uma amizade com osalandros da rua da Augusta, Mato Grosso, Mário (o qual virou Joca na letra do samba) e Corintiano. Um dia viu destruírem a maloca e os três moravam para construir um edifício.

— Sentiu o drama, seu. E escreveu o drama.

— Trem das Onze, composto em 1962, é o que lembra seu irmão Chico, "um menino bom". Chico voltava cedo para casa e ficava com a mãe para que ele, Adoniran, pudesse voltar despreocupado no último trem.

— Esse samba me tornou mais conhecido e me deu um bom tufu. Sabe, né? Uns dinheiros graúdos.

— Quantas músicas você já compôs?

— Umás muitas. Perto de cinquenta.

— É val dizendo os nomes de algumas delas: Dona Bea, em 1934.

— Eu ganhei com Dona Bea um concurso da Prefeitura, junto com J. Alimberê. O prêmio de 500 mil réis, uma boa nota, foi pago em cheque. Troquei o cheque num bar da praça da Sé e por lá mesmo torrei o dinheiro.

— Malvina, de 1950, foi um sucesso no carnaval. Depois, vieram Joga a Chave, em 1952; e Aquel, Gerarda, 1960. Adoniran compôs ainda Mariposas; Progressão, samba gravado até na Itália; Samba no Bexiga, Iracema e Inês. Samba-canção, ele fez um só em toda a sua vida, de parceria com Vinícius de Moraes, a quem até hoje não conhece, apesar de Bem Dia, Tristeza já ter mais de dezesseis gravações.

— Vinícius estava em Paris. Mandou os versos numa carta, para a Aracy de Almeida, e eu fiz a música aqui.

— Alto, magro, bigode fino e bem aparado, sempre de gravata e

colete. Quando ri, Adoniran franze o rosto todo, quase fecha os olhos.

— João Robinato, seu criador.

— É brincadeira dele. João Robinato — nome de batismo — Adoniran Barbosa deixou de ser há muito tempo. Quando começou a cantar na Rádio Record, em 1939, por um cachê de vinte mil réis, já havia mudado de nome.

— Adoniran Barbosa, sambista, artista de rádio, televisão e cinema.

— Na Record, vivia fazendo graça nos corredores — Otávio Gabus Mendes resolveu aproveitá-lo como comediante em Palmolive no Palco. Ele, Pagano Sobrinho e Lolita Rios entravam juntos. O sucesso levou Adoniran à Escolinha Risonha e Franca, onde fazia o

Barbosinha, moleque que vivia a perturbar a aula. No programa Cesta da Sogra, mais tarde, ele interpretava três papéis ao mesmo tempo: um italiano em três versões, um judeu, um francês e um preto.

— Português eu não gostava de imitar não. É difícil, sabe? E depois a colônia crítica a gente.

— O cinema deu também algumas oportunidades a Adoniran. O Cangaceiro, A Primeira Missa, A Carrocinha — eis alguns dos filmes de que ele participou como ator.

— Adoniran nasceu em Valinhos, São Paulo, há cinquenta e oito anos.

— Sem ninguém esperar, entrei no Grupo Escolar Coronel Siqueira Moraes. E lá em Jundiaí. Aprendi o ABC e pronto. Vim pra São Paulo.

— De escola ele diz que jamais gostou:

— No terceiro ano primário dei no pé. Arranjei um jeito de ir trabalhar numa fábrica de tecidos.

— E logo cedo descobriu a vida boêmia. Foi batucando em mesa de bar que Adoniran recebeu os primeiros elogios dos amigos e resolveu tentar o rádio. Cantou Filosofia, samba de Noel Rosa, num programa de calouros e se saiu bem. Ganhou convite para aparecer outras vezes.

— O compositor é hoje um dos mais conhecidos e apreciados do Brasil. Na I Bienal do samba, ele apareceu com "Mulher, Patrão e Cachaca", música classificada em quinto lugar que poderá ter nova oportunidade.

"TREM DAS ONZE",
SUCESSO DE ADONIRAN
FOI COMPOSTO HÁ
SEIS ANOS.

Não posso ficar,
nem mais um minuto
com você.
Sinto muito, amor,
mas não pode ser.
Moro em Jaçanã.
Se perder esse trem,
que sai agora,
às onze horas,
só amanhã
de manhã.
E além disso,
mulher,
tem outras coisas:
minha mãe não
dorme enquanto
eu não chegar.
Sou
filho único,
tenho minha casa
prá olhar.



Sexta-feira, 7-2-75

ADONIRAN E SUA VILA ESPERANÇA

O carnaval de Vila Esperança já é uma tradição. Uma tradição tão forte que em 1970 ganhou, de Adoniran Barbosa, uma marcha rancho com o nome da vila. Adoniran considera o carnaval de Vila Esperança um dos melhores de São Paulo:

— Eu vi o carnaval da Vila duas vezes. E se já era bom, garanto que agora está muito melhor. Tinha de tudo na rua, sabe? Era desfile de escola de samba, era corso, cordão, bloco, tudo. Uma beleza mesmo.

Adoniran Barbosa acha que o carnaval da Vila se tornou tradição pelo amor que os moradores da Vila Esperança têm a ela:

— Eu acho que aquela turma ama a vila onde nasceu. Porque, veja só, esse povo todo se manda, vai pra Santos, vai pro interior, mas o pessoal da Vila não, não sai de lá. Quer dizer: é que nem cidade do interior, a turma fica toda na cidade.

Adoniram arrisca uma comparação:

— Prá mim aquilo é que nem o carnaval do Rio, só que em miniatura. Vão lá as melhores escolas de samba da cidade, convidadas pela Sociedade Amigos da Vila Esperança... Eu acho que em qualidade só pode perder para o carnaval do centro, que tem aqueles desfiles que a Prefeitura paga e tudo. Só vendo como fica de gente nas janelas.

No primeiro carnaval que Adoniran foi à Vila Esperança choveu:

— Choveu prá burro no carnaval, mas mesmo assim tava lindo, tava gostoso mesmo, na rua e depois no baile que eu fui, lá no Vila Esperança Atlético Clube. Mas pro pessoal de lá não interessa se chove ou não, porque eles saem prá rua de qualquer jeito.



Adoniran: amor à Vila.

E o carnaval de rua da Vila Esperança dura bastante:

— Eu acho até que dura que nem na cidade. Porque vai passando escola, cordão, corso, aquele negócio todo que eu já falei.

Na opinião dele, só na Lapa, do Rio, tem um carnaval semelhante:

— Mas não tem a tradição que tem o da Vila. Mesmo assim eu acho o carnaval da Lapa (do Rio), muito bom.

A marcha "Vila Esperança", gravada em novembro de 1969 pela editora Irmãos Vitale, foi composta por Adoniran Barbosa e Marcos César:

— Eu fiz metade da letra e a música. A parte do fim da letra foi do Marcos César, porque é uma parte mais poética e menos... digamos assim, popular. A idéia era fazer uma homenagem à Vila, por causa do carnaval dela.

E Adoniran, que fez o Trem das Onze, sem nunca ter ido ao Jaçanã, compôs "Vila Esperança" praticamente sem conhecer a vila.

Nas lojas, um documento: o segundo disco de Adoniran.

Está nas lojas o segundo LP que Adoniran Barbosa gravou em sua carreira de quatro décadas. Perguntaria um recém-chegado: mas como? Por que somente dois LPs em se tratando de um compositor reconhecidamente importante, particular, característico? Então, como é possível a inacreditável média de apenas um disco a cada vinte anos de carreira?

O espanto desse alheio à maneira pela qual cuidamos de nossas próprias coisas aumentaria se conhecesse outros pormenores. Como, por exemplo, a história do produtor desse LP, J. C. Botzelli, o Pelão. Porque deve-se a ele o lançamento, em setembro do ano passado, do "disco de estréia" de Adoniran Barbosa, até então limitado às gravações que outros faziam de sua obra. E este mesmo Pelão, quixotesco idealista da música popular, lutou para nos apresentar, também em "estréias", obras como as de Cartola, Nelson Cavaquinho, Donga, etc. Este mesmo Pelão, ao lado de Aluizio Falcão, assinou as principais produções que a gravadora

Marcus Pereira lançou até há pouco. O final dessa história representa uma epopéia apenas para o protagonista: Pelão está desempregado. Parece que gravadora alguma está interessada em contratar um produtor com tal currículo. Talvez porque prestigiar os nomes maiores de certa música brasileira seja bem menos lucrativo do que importar, sem trabalho, as coisinhas que desovam os nomes menores da mediocridade das hits parades de todo o mundo. E Pelão fica por aí, desocupado, para logo se tornar, talvez, digno de uma nostalgia cívica, com alguém perguntando: lembra dos discos que o Pelão produzia? E outro respondendo: Ah, lembro; mas faz tanto tempo...

Infelizmente, não param aí os desanimadores episódios que cercam o heróico lançamento desse segundo álbum com o registro, realizado pelo próprio autor, da obra de Adoniran Barbosa. Porque, dessa vez, "O Samba do Ernesto" foi incluído, conseguindo vencer a proibição que impediu sua gravação, na voz do autor, no disco do ano passado. Aquela proibição não foi a primeira. Os vessos defensores do idioma por várias vezes já tentaram exorcizar algumas



**MÚSICA
BRASILEIRA**

O segundo LP dos 40 anos da carreira de Adoniran Barbosa: um disco indispensável, destinado desde agora a se tornar uma raridade.

criações de Adoniran, como se estivesse nelas a mais avassaladora ameaça à preservação do falar correto. Esta censura equivocada poderá testemunhar, a partir de agora — ou seja, a partir do lançamento desse LP — que nenhuma tragédia lingüística acontecerá em consequência do samba do Ernesto. Ou, como observa Antônio Cândido, que assina, orgulhosamente, o texto que está na contracapa desse disco:

— Já tenho lido que Adoniran usa uma língua misturada de italiano e português. Não concordo. Da mistura, que é o sal de nossa terra, Adoniran colheu a flor e produziu uma

obra radicalmente brasileira, em que as melhores cadências do samba e da canção, alimentadas inclusive pelo terreno fértil das escolas, se aliaram com naturalidade às deformações normais do português brasileiro, onde Ernesto vira Ernesto, em cuja casa nós fumo e não encontremo ninguém, exatamente como por todo esse País. Em São Paulo, hoje, o italiano está na filigrana.

Representa mesmo um equívoco pretender "corrigir" o português de Adoniran e tantos outros compositores quase analfabetos como ele — quando não se cuida, por exemplo, do estrago nacional que ocasiona o "caricô" empregado pelas redes de televisão, retransmitindo uma maioria de programas gerados no Rio. O fim dos regionalismos, inevitável, parece-me bem mais trágico do que o Ernesto de Adoniran. E registrar com urgência esse regional, enquanto ele ainda existe, seria tarefa muito mais premente do que cuidar das verdadeiras filigranas encontradas nos versos de artistas simplórios como Adoniran Barbosa — aliás, ainda bem que Pelão se preocupou em documentar um pouco da obra desse compositor, hoje com 65 anos, antes que tudo se perdesse.

Seria possível continuar girando em torno desse LP, usando-o apenas como tema, sem falar dele propriamente — advertindo aos ouvintes, por exemplo, a respeito da baixa qualidade de algumas cópias, apesar do preço. Ou seja, já que o preço é alto e não se altera, confira a cópia que vai comprar, ouvindo-a na loja, pois há algumas nas quais graves e agudos surgem empastados e fanhosos, proibindo uma reprodução pelo menos aceitável.

Finalmente, quanto ao disco... Produção esmerada, arranjos corretos, lançamento Odeon, e o repertório é o seguinte: "No Morro da Casa Verde"; "Vide Verso meu Endereço"; "Tocar na Banda"; "Malvina"; "Não Quero Entrar"; "Samba Italiano"; "Triste Margarida"; "Mulher, Patrão e Cachaça"; "Pafunça"; "O Samba do Ernesto"; "Conselho de Mulher" e "Joga a Chave". E a recomendação, por causa de tudo, só pode mesmo ser esta: disco indispensável, documento que certamente vai se tornar raridade.

Maurício Kubrusly

jornal JOVEM PAN

“...E, PRÁ ESQUECÊ, NÓIS CANTEMOS ASSIM!”



Adoniran Barbosa

Saudosa Maloca, Trem das Onze outros sucessos de Adoniran Barbosa, o desafinado para cantar, mas, o super comunicativo para compor. Com sua voz rouca, seu eterno chapéu, parece viver pisando no samba porque sempre está em ritmo alegre.

Hoje, no programa "São Paulo Agora", das 14 às 17 horas, a Jovem Pan traz o depoimento exclusivo do compositor ADONIRAN BARBOSA.

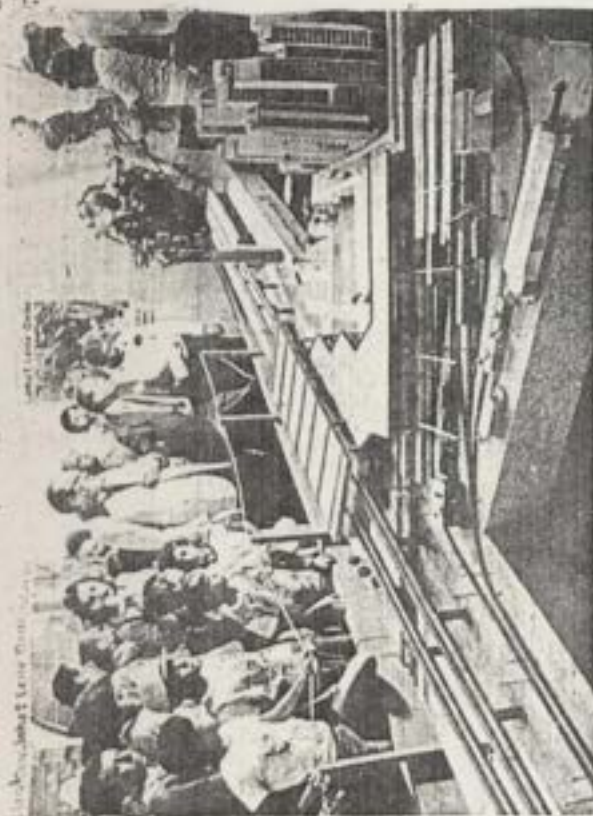
Ele vai contar tudo o que já fez na vida. As dificuldades que enfrentou no início da carreira, os amigos que o ajudaram, os tipos cômicos que criou, e, evidentemente, as músicas que compôs.

A festa do Brás.

Segundo-feira, 28 -2-77 —

E um plano: um trem para a Sé em novembro de 78

Reportagem de JUIZ DE FORA, fotos de Reginaldo Momeno.



O fim da festa: uma visita ao estande da maquete da linha Leste-Oeste.

Iniciadas oficialmente no sábado, as obras do primeiro trecho da linha Leste-Oeste do metrô, entre a praça da Sé e a estação Roosevelt da Central do Brasil, no Brás, deverão começar efetivamente apenas hoje.

A firma Cetenco, contratada por Cr\$ 262 milhões para realizar este trecho de 2,4 quilômetros de extensão, tem prazo contratual para entregá-lo pronto em 22 meses. E intenção do prefeito Olavo Setúbal, segundo ele próprio reafirmou no sábado, inaugurar o trecho 1 da Leste-Oeste antes de deixar a Prefeitura, em abril de 1979.

Para atingir essa meta a Companhia do Metrô garante máximo empenho de seu pessoal técnico e já estabeleceu para eles um "verdadeiro desafio", segundo o presidente Plínio Assmann: colocar um trem do metrô em movimento entre a Sé e o Brás em novembro do ano que vem. Para que isto seja possível, a Companhia deverá desenvolver paralelamente às obras civis a instalação dos equipamentos técnicos, dos trilhos e do terceiro trilho, o alimentador de energia dos carros do metrô.

Esse primeiro trecho da segunda linha metroviária da cidade será integrado à linha Norte-Sul através da futura estação Sé. O COO (Centro de Controle Operacional) da Norte-Sul, instalado no Paraisópolis, terá um controle apenas parcial da movimentação dos trens naquele trecho. E por isso que os trens vão operar nessa parte com um controle semi-automático, isto é, fora do alcance dos computadores do COO, deixando as responsabilidades exclusivamente com os equipamentos do trem e da via, além do operador. No começo do funcionamento da Norte-Sul também era assim. Nessas condições, como aconteceu naquela época, na primeira parte da Leste-Oeste os trens correrão a uma velocidade mais baixa da que é comum hoje na Norte-Sul, bem como os intervalos entre um trem e outro deverão ser maiores.

O trecho 1 da Leste-Oeste também vai permitir uma integração com os trens da antiga Central do Brasil e da Santos-Jundiaí, através da futura estação Sé. Essa integração beneficiará inclusive as pessoas que usam a linha Norte-Sul, pois poderão servir-se dela fazendo baldeação na estação Sé.

Dos 2,4 quilômetros de extensão do trecho 1, 200 metros serão construídos em subterrâneo, pelo processo de trincheira. E o trecho que vai da praça da Sé até um pouco adiante da rua do Carmo, junto a um muro do prédio da Secretaria da Fazenda. A partir daí ele prossegue até junto da estação Roosevelt, no Brás, todo em elevado. Serão 1800 metros de via elevada construída totalmente com pré-moldados, além das duas estações: uma no Parque Dom Pedro II e outra no Brás, unindo-se à Roosevelt. As duas estações igualmente serão construídas em pré-moldado.

Todo o trecho que a Leste-Oeste cortar, inclusive este primeiro, será reurbanizado pela Emurb. A empresa ainda não tem ideia, entretanto, de quando iniciará os seus trabalhos, pois eles dependem da obtenção de recursos financeiros.

O programa de reurbanização deverá ser incluído na carteira do Projeto Cura — Comunidades Urbanas de Recuperação Acelerada, financiado pelo BNH. Prevê a construção de duas mil unidades habitacionais — junto a esse trecho 1, mais locais para comércio, áreas para uso institucional (escolas, hospitais, etc.) e espaços para lazer da população.

O barracão de madeira, calado de branco por fora e forrado com sisal azul nas paredes e no chão, por dentro, está lotado. São quase 200 pessoas aglomeradas naquele auditório que a Companhia do Metrô construiu em meio ao canteiro de obras da Leste-Oeste, na rua Piratininga, esquina da rua Campos Sales, no Brás. Agora, às 10 horas de sábado, essa gente — convidados e técnicos do Metrô — procura se ajeitar nas poucas cadeiras existentes e nas laterais do barracão. Está chegando ao local, em traje esportivo, o prefeito Olavo Setúbal. Vai começar a festa que marcará o início oficial das obras do primeiro trecho da segunda linha metroviária de São Paulo.

O presidente do Metrô, Plínio Assmann, está ligeiramente abalado. Não é por causa do forte calor que faz dentro do barracão e não consegue ser amenizado pelos dois ventiladores colocados nas pontas da mesa do auditório. E por que ele acaba de ter uma decepção, saber que o convidado especial do dia, o presidente da EBTU (Empresa Brasileira de Transportes Urbanos), Alberto Silva, não poderá comparecer. Ficou doente e por determinação médica não pôde sair de Brasília, segundo informou seu representante, Gil César Moreira de Abreu. Assim, logo de início, ficou cancelada a cerimônia de subscrição pela EBTU de ações do Metrô de São Paulo no valor total de Cr\$ 500 milhões, que era um dos pontos altos do programa da festa.

Mas estão ali, além do prefeito, o secretário dos Negócios Metropolitanos, Roberto Cerqueira César; o diretor regional da Rede Ferroviária Federal, José Teófilo dos Santos; o secretário de Finanças da Prefeitura, Sérgio de Freitas; todos os diretores da Companhia do Metrô e autoridades militares. Todos sentados à mesa, defronte ao auditório,

(CONTINUA NO VERSO)

onde estão presentes, entre tantos, o 19 patriarcas de antigas famílias do Brás, que vão ser homenageados pelo Metrô, e mais o compositor Adoniran Barbosa. E a festa começa.

O diretor de Obras do Metrô, Francisco de Souza Dias, não sabe de cor todos os detalhes da linha Leste-Oeste. Ao fazer a primeira explanação do dia, ele precisa ler os dados da obra de um rascunho que fez em casa. E às vezes usa termos em inglês como *cutter and cover*, para mencionar o processo de construção em trincheira, ou *raid-way* quando podia falar simplesmente intervalo entre um trem e outro. Muitos dos velhos imigrantes italianos ali presentes não entenderam nada do que Souza Dias disse com sua erudição.

Mas para eles ficou claríssimo o que Antonio Teodósio, o orador seguinte, falou. Teodósio, filho de imigrante italiano, 63 anos de idade, nunca morou em outro lugar que não o Brás. É sapateiro na Caetano Pinto e foi escolhido como o representante dos demais patriarcas ali homenageados para agradecer ao Metrô.

Sem precisar ler nada — o Metrô havia lhe redigido algumas linhas — Teodósio disse um pouquinho aos tranços:

— Agradeço ao senhor prefeito pelo Metrô e às altas autoridades. Minha família veio para o Brás há mais de 70 anos. Eu tenho que falar que naquela época as ruas eram iluminadas por lâmpadas a gás. Meu pai era um lampioneiro. Quando veio a luz elétrica, numa noite de Natal, todos nós ficamos contentes. A minha turminha disse: oba, vamos ter pelada à noite.

— Naquela época o cinema era mudo — continuou. Depois veio o falado, o progresso de novo. E agora ele traz o metrô, a maior coisa que apareceu no Brás. Tenho que dizer que ele é bacana, tenho que agradecer ao prefeito. E tudo para o bem de São Paulo. Não podemos andar com bondes a burro. Tenho falado.

Palmas, vivas da platéia para o Teodósio. E ele recebe os cumprimentos do prefeito, que em seguida lhe faz entrega de um exemplar de um livro de desenhos sobre o Metrô, de Diana Dorothea Danon. Como havia sido programado previamente pelo Departamento de Relações Públicas e Comunicação do Metrô, que organizou a festa, Teodósio pediu um autógrafo do prefeito na primeira folha do livro.

Agora é a vez de Adoniran Barbosa. Passando com dificuldades por entre os fotógrafos que se aglomeraram à frente do prefeito, o compositor recebe das mãos de Olavo Setúbal outro exemplar daquele livro. Adoniran morou no Brás na década de 30, na rua do Gasômetro, quando vendia cereais na feira. Hoje, com 87 anos de idade, algumas músicas compostas sobre o bairro e o metrô, ele é homenageado. Em agradecimento diz no microfone com sua voz rouca:

— O Brás vai ficar muito bonito, muito lindo, se Deus quiser.

E o mestre-de-cerimônias vai chamando uma a uma os 19 velhos moradores do bairro que também vão ser homenageados com um exemplar do livro. Carmela Spósito Pomella é uma das primeiras. Tem 95 anos de idade, já não escuta muito bem, mora na Caetano Pinto, onde seu marido tinha um armazém que importava vinho e queijo da Itália. Carmela disse ao prefeito:

— Eu gosto muito do senhor. De Metrô só andou uma vez, "em pé, porque havia muita gente". Gostou porque chegou "logo, logo".

Seus filhos, Pedro Paulo, de 61 anos, e Angelina Pomella, de 86 anos, também ganharam livros. Assim como Luiz Afonso D' Angelo, barbeiro de 73 anos de idade, com salão na rua Piratininga n.º 581. Luis acha o metrô "uma sumidade". E havia ainda Benedito Pacheco, de 71 anos, 69



Adoniran Barbosa, um dos homenageados do Brás.

vividos no Brás; o espanhol Antonio Lopes, o Archangelo Bianco, o Raffaele Perna, o Urielle Coltro...

Não estava programado, mas todos pediram autógrafos para os livros. E às vezes à mais de uma autoridade. Isto atrasou um pouco a cerimônia, que continuou com um pronunciamento de Plínio Assmann, o presidente do Metrô. Disse que a obra não é fácil, mas será conduzida com as melhores condições que a tecnologia nacional permite. Prometeu também uma obra sem transtornos para a população, limpa, rápida e na medida do possível sem muito barulho.

E o nosso exercício prático da distensão urbana. Prometeu todo o empenho da equipe técnica do Metrô e elogiou o prefeito.

Gil César Moreira de Abreu, o representante da ESTU, falou do apoio financeiro dado pelo governo federal às obras da Leste-Oeste e elogiou a filosofia de realizar a obra sem perturbação para a comunidade que vai servir. Roberto Cerqueira Cesar falou da integração dos esforços entre Prefeitura, Estado e União para construção da segunda linha do Metrô, "um sistema de transporte de massa que a cidade já deveria ter há 30 anos".

O prefeito Olavo Setúbal, o último a falar, começou dizendo que o metrô de São Paulo "é uma obra ciclópica". Explicou que só países desenvolvidos têm condições de construir tranquilamente um metrô. Países como o Brasil têm problema de falta de recursos para fazê-lo. E continuou:

— Hoje, entretanto, já temos recursos técnicos e possivelmente econômicos para construí-lo rapidamente. São Paulo já foi capaz de construir uma primeira linha de metrô com padrões excepcionais, pois tem dimensões para 100 anos de serviço.

Elogiou os esforços de três níveis de governos para realizar agora a Leste-Oeste, obra da maior importância, segundo ele, "porque numa cidade como São Paulo, de extensão geográfica enorme, os habitantes ficam ilhados em parcelas dessa área por não terem meio de transporte adequados".

— Trate-se de mais uma pedra na construção dessa cidade, que apesar de grande, é por nós todos amada intensamente — declarou Setúbal.

No final, reafirmou seu propósito de inaugurar o primeiro trecho da Leste-Oeste ainda em seu governo.

E terminou a parte do programa prevista para o auditório. Em seguida as autoridades foram visitar o estande onde há uma maquete da linha Leste-Oeste, uma mostra tecnológica e painéis fotográficos do metrô. O prefeito agitou um botão, que colocou em funcionamento os trenzinhos da maquete. Ao contrário do que havia determinado no dia anterior o diretor de Obras do Metrô, Francisco Souza Dias, o trenzinho que representava o subúrbio da Central do Brasil correu mais depressa que o do metrô. Foi uma visita rápida, que deu para recobrar o tempo perdido a mais na cerimônia no auditório.

As 10h55, no local onde começará a ser construída a estação Brás, o padre Antônio Fusari, vigário da Igreja Nossa Senhora Casaluce, da rua Caetano Pinto, debaixo de um sol forte e na frente de um bate-estacas, deu a bênção ao início das obras da Leste-Oeste. Elogiou o espírito cristão do povo do Brás e referiu-se ao seu sofrimento com as desapropriações:

— Quem semela lágrimas, colhe sorrisos. O Metrô dará uma colheita de alegria para o Brás, tornando-o um bairro nobre, à altura da grandeza de São Paulo.

E pediu a Deus para que acolha "em sua mansão celeste, aqueles que tiveram que deixar seus lares para o progresso". Fez o sinal da cruz, jogou água benta, deu um sorriso e todos bateram palmas.

As 11h01, o prefeito simulou o puxar da alavanca que colocaria em funcionamento o bate-estacas. Na verdade quem fez a máquina entrar em ação foi o balano João da Silva Souza, de 32 anos, seu real operador. Estava iniciada a obra. Mais aplausos.

Antônio Teodósio, o sapateiro, correu atrás do prefeito. Foi pedir a ele para que desse o nome de seu avô, também Antônio Teodósio, a uma rua de São Paulo:

— Ele foi o primeiro imigrante italiano que veio para cá — justificou.

Olavo Setúbal concordou. Os que estavam em volta aplaudiram, Teodósio disse um "jôia!" alto.

Não houve o toque simultâneo de sirenas de fábricas e sinos de igreja que havia sido programado para aquele instante. Só se ouviu, de longe, a sirena do 2.º Batalhão de Choque do Exército, sediado nas proximidades.

As 11h30, prefeito e comitiva, depois de cruzarem uma área toda desapropriada e cujos imóveis já foram demolidos pelo metrô, chegaram ao Parque Dom Pedro II. Era a última etapa da programação. Foram plantadas pelas autoridades três árvores: um jequitibá, um ipê amarelo e um pau-brasil.

Setúbal, ao cobrir com uma pá de terra as raízes do jequitibá, brinçou:

E uma homenagem ao velho PRP.

O PRP, Partido Republicano Paulista, era conhecido como Jequitibá, por sua força.

As 11h35, tudo terminou.

Programa oficial

Este é o programa oficial das solenidades de inauguração da praça da Sé, para amanhã, segundo a Prefeitura:

17h30 — Início dos festejos, com a apresentação da Banda da Polícia Militar.

18h30 — O prefeito Olavo Egydio Setúbal recebe o governador Paulo Egydio Martins. Convidados chegam à praça por entrada próxima à confluência da rua Wencesláu Brás com a Praça da Sé. O acesso de autoridades será feito pela extremidade Norte da praça cívica.

18h40 — Reunião das autoridades e convidados ao lado do novo relógio da praça da Sé, localizado onde existiu o edifício Mendes Cal-

deira. Execução do Hino Nacional Brasileiro.

18h50 — Descerramento da placa situada na torre do novo relógio, junto ao acesso Norte da estação Sé do Metrô, dando por inaugurada a praça da Sé.

18h55 — Entrada das autoridades e convidados na estação Sé pelo acesso Norte, descendo as escadarias que conduzem ao mezanino.

19h00 — As autoridades e convidados seguem em direção à linha de bloquitos, no mezanino, onde será desatada a fita de inauguração da estação Sé do Metrô.

19h10 — Autoridades e convidados trans-

põem a linha de bloquitos, caminhando para o centro do mezanino. Nesse percurso serão observados painéis fotográficos referentes à construção da linha 2 Leste-Oeste.

19h20 — Autoridades e convidados se dirigem pelas escadas Norte em direção ao nível da plataforma da linha 2 Leste-Oeste, seguindo pela plataforma lateral Norte até o túnel escavado pelo equipamento "shield", que estabelece a ligação estação Sé-Largo do Arouche.

19h30 — Após conhecerem o túnel Norte, as autoridades e convidados encaminham-se à plataforma central da linha 2 Leste-Oeste.

19h35 — As autoridades e convidados che-

gam à grande abertura de iluminação natural existente no centro da Estação Sé, de onde assistirão à inauguração das plataformas de embarque e desembarque da linha 1 Norte-Sul, no nível D, logo abaixo.

19h45 — Percorso até as escadas Oeste, de volta ao nível de mezanino. Transposição da linha de bloquitos e caminhada até o acesso Sul da estação Sé.

19h50 — Autoridades e convidados saem ao nível da praça da Sé, dirigindo-se para a sua parte central, ao lado do espelho d'água, momento em que serão acionados os sistemas de chafarizes e quedas d'água.

20h00 — Desse mesmo local, as autoridades, convidados e a população presenciarão um espetáculo pirotécnico, de meia hora de duração, ao som de músicas executadas por um organista.

20h30 — Saída das autoridades e convidados da praça, pelo mesmo trajeto da entrada. Início de um espetáculo musical para a população, a cargo de artistas do rádio e televisão.

21h30 — Desfile da Escola de Samba Val-Val, Campeã do carnaval paulista de 1978.

23h00 — Encerramento das comemorações de sexta-feira.



Falar sobre o passado da cidade? Adoniran prefere cantar a cidade — passado, presente — em suas músicas.

De manhã, missa — e o padre falando em Adoniran e sua vocação de sambista. Depois, jogo de futebol, show e um grande jantar no Ópera Cabaré.

Adoniran, 70 anos. E o Bixiga vive um domingo de festa.

Adoniran Barbosa acordou cedo — na verdade, quase não dormiu à noite —, e o domingo inteiro foi uma longa festa para comemorar os seus 70 anos. As onze da manhã, a pequena igreja de Nossa Senhora Achropita, na 13 de Maio, coração do Bixiga, já estava cheia, pois lá começou a missa em ação de graças pelo seu aniversário.

Até o padre Aloísio, que o bairro inteiro conhece, preparou palavras especiais para Adoniran. Ele lembrou que uma vocação é um dom de Deus e que da mesma maneira que se sentia um sacerdote escolhido para a sua tarefa, Adoniran também tinha a sua missão, cantar e compor. E, na igreja, as músicas que Adoniran já gravou estavam na memória de cada um.

— Acho que até eu fiquei pensando nos sambas do Adoniran — confessou sua mulher, dona Matilde.

Fotógrafos, gravadores, perguntas repetidas a todo instante, gente que simplesmente queria apertar a sua mão, Adoniran conseguiu manter o bom humor e disfarçar a emoção. Dona Matilde ganhou flores, palmas de Santa Rita, e vestiu um conjunto de sala, colete e casaco marrom para esse dia de festa.

— Adoniran não tem uma roupa favorita — ela contava —, mas gosta muito do pulôver amarelo que vestiu por baixo do paletó. Eu também acho que fica muito bom nele.

— Parece que ele está calmo — ela continuava sorridente — mas está muito emocionado. Ainda à noite me perguntava: será que eu mereço tudo isso?

Adoniran manteve o riso malicioso, o olhar engraçado e as boas respostas para as perguntas que se repetiam a todo instante. E quando conseguiu sair dos cumprimentos na porta da igreja, um pequeno cortejo seguiu o seu carro em direção ao campo do Juventus, na rua Javari, para a segunda homenagem do dia, o jogo de futebol.

O PRIMEIRO GOLE

Adoniran preferiu desviar-se do caminho, perder-se discretamente dos jornalistas que seguiam para o campo e, somente com dona Matilde, um sobrinho e mais dois amigos, resolveu parar para o primeiro gole antes do jogo, no bar da Churrascaria Chicote, na avenida Celso Garcia.

Até a garçonete do balcão ficou enfiada de ver Adoniran entrando. Ele sentou-se numa mesinha, pediu a sua dose habitual e umas "esfilhas" como tira-gosto e aconteceu ali mesmo o primeiro brinde ao seu aniversário. Na saída, ainda assinou autógrafos nos guardanapos de papel, e, preocupado com Carlinhos Vergueiro, cujo carro havia seguido por outro caminho, partiu para o campo de futebol.

Adoniran conta com prazer essas pequenas homenagens de gente anônima que nos últimos dias o tem encontrado.

— Até um chofer de táxi, no sábado, me reconheceu e me deu os parabéns.

Na verdade, seu aniversário foi na quarta-feira, porém ontem é que aconteceram as grandes comemorações. Até agora, só dona Matilde tirou a foto dele e o seu presente de aniversário.

— Trocamos presentes só em ocasiões especiais, mas ele é muito

presenteador. Desta vez, del para ele uma tevê portátil, mas ele não quer televisão no quarto, e vamos ficar com as duas na sala. No ano passado, meu presente foi uma máquina Polaroid, mas quem mais fotografou sou eu. Aliás isso é bom, pois faço muitas fotos dele também. No último dia dos Namorados ganhei um lindo perfume francês, que agora trago sempre comigo na bolsa — e mostra um spray de Clivenchy III.

NO GRAMADO

Quem organizou o jogo de futebol em homenagem a Adoniran foi Carlinhos Vergueiro, que mantém a sua forma física. Ele vestiu a camisa 7 dos "Namorados da Noite" e uma camiseta azul cheia de estrelas, e jogou ao lado de José Nogueira, o artista gráfico Elifas Andreato, que fez a capa do novo disco de Adoniran, e de vários instrumentistas, além do goleiro Marcos Eduardo. Contra eles jogaram vários artistas, com camiseta branca, entre eles Filó e Celso Machado, Fábio, que veio especialmente do Rio para a festa, Agnindo e Joe Luis e mais um grupo da gravadora Odeon. "Namorados da Noite" venceram por 5 a 1.

O jogo terminou por volta de três horas, e todos foram juntos para uma churrascaria do Bixiga, pois, às cinco da tarde, com o show na praça Orione, a festa continuava.

O SHOW

Mas a chuva não perdeu este dia de aniversário de Adoniran, pois o perseguiu ainda durante a tarde e início da noite na praça Dom Orione, na Bela Vista, onde a partir das 18 horas vários artistas convocados pela EMI-Odeon, gravadora de Adoniran, se reuniram para prestar a sua homenagem ao veterano sambista paulistano.

O show estava marcado para as cinco, mas começou com uma hora de atraso. A pequena praça, onde foi montado o palco, estava toda iluminada e enfeitada com bandeirinhas como se fosse uma quermesse de interior. Pouca gente compareceu para assistir ao espetáculo, mas os que enfrentaram o frio e a chuva (na maioria jovens, muitos com cabelos enrolados no pescoço) aplaudiram com entusiasmo nomes como Renato Teixeira, Filó, Zé Geraldo, Celso Machado, Totinho, Rosa Maria, o Regional do Evandro, Vânia Carvalho, Jair Rodrigues e Clementina de Jesus.

A personalidade principal da noite — Adoniran — chegou à praça por volta das 19 horas, acompanhado de dona Matilde. Tinha vindo da casa de um sobrinho, ali mesmo do Bixiga, onde almoçara (caneloni) e tirara uma soneca.

No palco, sentado enquanto esperava a vez de se apresentar para o público, Adoniran esteve o tempo todo cercado por repórteres e amigos, e distribuindo sorrisos, beijos e apertos de mão. E sem dispensar um copinho de plástico devidamente abastecido com uísque. Nas suas respostas aos repórteres, fazia questão de repetir que estava muito, muito feliz.

Quando o show terminou, Adoniran e todos os amigos foram jantar no Ópera Cabaré onde já os esperavam 30 bengalas de pão italiano (4 quilos cada), 10 quilos de taralho, 5 quilos de sardella, 6 de szeitona preta e 45 quilos de macarrão que foi servido com brancos de vinho, muito vinho, para encerrar os festejos dos 70 anos de Adoniran Barbosa.



O primeiro drinque, a primeira comemoração em um bar do Belfaz, depois da missa (na foto maior a saída da igreja, ao lado de dona Matilde) e antes do jogo de futebol, em uma festa com muitos artistas. Entre eles, Clementina de Jesus.

Sempre foi inquieto, impaciente, avesso à repetição e à rotina. Desde os tempos de criança, primeiro em Valinhos, onde nasceu e brincou "nas ruas da infância, já que naquele tempo não tinha jardim de infância", e depois em Jundiaí, onde o enfiaram "a muque" num grupo escolar (as expressões entre aspas são dele mesmo).

Só agüentou o grupo escolar até o terceiro ano primário — e, depois disso, jamais voltou a uma escola. Trabalhou em uma dúzia de atividades diferentes, a partir de então. Em algumas delas, chegou a ganhar algum dinheiro. Como a de compositor — que, além de algum dinheiro (pouco, na verdade, bem pouco), lhe deu também fama, admiração, respeito e muitas homenagens.

Mas João Rubinato, aliás Adoniran Barbosa, sempre foi inquieto, impaciente. A fama e as homenagens chegaram muito tarde. "Por que não me procuraram uns 20 anos atrás?", perguntou ele, incensado em 1980, ano em que completou 70 de vida. Recebeu as homenagens daquela ocasião dizendo que estava tão calejado com o sofrimento que já não era mais capaz de tantas emoções. E voltou para sua casinha no distante e pobre bairro de Cidade Ademar, na zona Sul da cidade que ele soube retratar como poucos artistas, onde se dedicava, na época, a construir miniaturas de brinquedos (bicicletas, parque de diversões, trenzinho, tudo, aliás, muito competente).

Nem mesmo esse hobby agüentou muito tempo. Em outubro do ano passado, confessou numa entrevista que havia resolvido abandonar o ofício, por considerá-lo "uma atividade de débil mental".

Nos seus últimos anos de vida — justamente os anos em que, finalmente, ele teve a grandeza de sua arte reconhecida e passou a ser colocado ao lado de gênios como Deryval Caymmi e Cartola, no panteão dos grandes mestres da música brasileira — Adoniran Barbosa preferia recolher-se à sua própria intimidade, talvez por se sentir muito distante da cidade que ele conhecia, amava e espelhava em seus sambas — a São Paulo dos anos 30, 40, 50. Nos últimos tempos, sequer era o boêmio cuja imagem muito conhecida chegou a vender em comerciais de televisão:

"Eu só saio de casa à noite se for para trabalhar. Em parte isso é bom porque passo a evitar as noitadas, com bebidas e petiscos que só estragam minha saúde. A mudança para um lugar distante foi providencial. Se eu continuasse naquele ritmo, talvez hoje eu não estivesse aqui para contar minha história". Ele disse isso um ano antes de morrer.

Alguns anos antes, em 1975, ele já havia dito que se sentia um homem difícil, de um tempo que não existia (e nem existe) mais: o tempo das serenatas, da boêmia nos bares

calmos, dos passeios nas noites despreocupadas:

"É da roda de amigos que eu sinto mais falta. É dos anos 40 e 50 que eu sinto mais saudade. Porque agora tudo mudou: não se pode mais sair sem levar documento, não se pode fazer serenata sem autorização prévia, não se pode sair sem tomar uma série de cuidados. Nesse mundo de buzinas, congestionamentos e gritos, o que mais me consola é o samba. Um bom samba lírico, sarcástico, malicioso e emocionado. É com ele que eu fujo para o passado."

O passado

João Rubinato nasceu no dia 6 de julho de 1910, em Valinhos, perto de Campinas, para onde haviam emigrado seus pais, italianos de Veneza. Foi o sétimo filho. Em Jundiaí, cidade para onde se mudaram e onde o meteram no grupo escolar, ajuda o pai no serviço de cargas dos vagões da Estrada de Ferro São Paulo Railway, depois Estrada de Ferro Santos a Jundiaí. Ainda menino, foi entregador de marmitas, até ser demitido (abria as marmitas e furtava delas pastéis). Virou varredor numa fábrica de tecidos.

Em 1924, João Rubinato com apenas 14 anos, a família mudou-se novamente, dessa vez para Santo André. Lá o jovem foi tecelão, pintor, encanador, serralheiro. Tudo coisa que exigia trabalho demais — e aí ele resolveu ser mascate, vender meias e retalhos pelas ruas. Desistiu: "Nunca aprendi a fazer negócio. Comprava um par de meia por dez milréis, vendia por oito, para acabar logo com a mercadoria e me mandar pra casa. Não dava pé, nem meia, muito menos lucro".

Trabalhou até como garçom, na casa de Pandiá Calógeras, aquele que foi ministro da Guerra. Aprendeu a profissão de metalúrgico-ajustador, no Liceu de Artes e Ofícios — e esses conhecimentos iriam ajudar o artesão de miniaturas, já perto do fim da vida. Mas, para o então rapaz, era um ofício duro, o trabalho com esmerilhamento de ferro fundido maltratando os pulmões. Vieram então outras profissões, como o de funcionário de loja de ferragens e entregador de tecidos em uma loja da 25 de Março.

A rua 25 de Março ficava perto do Largo da Misericórdia, e no Lar Largo da Misericórdia ficava a Rádio Cruzeiro do Sul. Essa vizinhança apressou a entrada de João Rubinato no mundo que o transformaria em Adoniran Barbosa, "um grande compositor e poeta popular, expressivo como poucos" — como diria, muitos anos mais tarde, o professor Antônio Cândido de Mello e Souza, na contracapa do segundo LP do artista.

O rapaz João Rubinato já havia até feito algumas músicas; ele gostava de inventar melodias e letras enquanto caminhava pelas ruas, em qualquer um de seus diversos empregos anteriores. Achava que eram músicas ruins; não as mostrava para ninguém — esquecia-as, simplesmente, ou as jogava

fora. Mas ficava sempre rondando a Rádio Cruzeiro do Sul, tentando encontrar alguma brecha para trabalhar ali.

— Aos sábados, tinha a hora do calouro. Cismei e todo sábado me arriscava. Era só eu começar e lá vinha o gongo. Mas eu não desistia. Um sábado, o homem do gongo devia de está distraído e consegui chegar até o fim num samba do Noel, o "Filosofia".

Foi contratado. Era o ano de 1933. Ano que vem, portanto, ele faria 50 anos de carreira artística.

Quase 50 anos de carreira

A fama e o reconhecimento nacionais iriam demorar quase quatro décadas, mas já em 1935 o ex-tanta-coisa João Rubinato obteria um prêmio. Com a marchinha *Dona Boa*, feita em parceria com J. Alberê, ganhou um concurso de músicas carnavalescas promovido pela Prefeitura de São Paulo. Receberam, ele e o parceiro, um cheque de 500 mil réis; dias antes, Rubinato havia encomendado um paletó a um alfaiate e pretendia pagar a encomenda com o dinheiro do prêmio. Não pagou: gastaram o cheque numa farra com os amigos na praça da Sé.

Foi naquele mesmo ano que passou a adotar o nome de Adoniran Barbosa: "João era horrível; onde já se viu sambista com nome de João?" Pegou o Adoniran de um amigo, Adoniran Alves; o Barbosa, emprestou de Luis Barbosa, cantor de fama na época, "o rei do chapéu de palha".

Adoniran Barbosa não se dedicou com exclusividade ao samba, a cantar e a compor. Foi cantando e compondo, ao longo dos anos, mas ao lado de outra atividade, que o tornou muito mais conhecido, na época, do que o ofício de sambista — a de artista de rádio. Foi disc-jockey, foi locutor, foi ator de programa humorístico.

A partir de 1941, passou a trabalhar na Rádio Record. Foi lá que ficou amigo de Osvaldo Molles, autor de textos para diversos programas, inclusive humorísticos. Molles seria o parceiro de Adoniran em diversos sambas que ficariam famosos, como *Mulher, patrão e cachaça*, *Pafunça*, *Conselho de mulher*, *O casamento do Moacir*. Mas, naqueles primeiros tempos de amizade, Molles iria criar para Adoniran vários tipos que fizeram grande sucesso no rádio paulista, como o malandro Zé Cunversa, o judeu que cobrava prestações, Moisés Rabinovic, o galã do cinema francês, Jean Rubinet (notem a brincadeira com o nome de batismo de Adoniran), o motorista italiano Perna Fina.

O linguajar de muitos desses tipos populares influenciou bastante as letras das composições de Adoniran, onde o povo fala como o povo fala, e não como se lê nos livros. Não é — como observaria o professor Antônio Cândido — um português com sotaque de italiano. Mas que isso, é a reconstrução perfeita (e muitas vezes engraçada) da mistura de diferentes sotaques e entona-

(CONTINUA NO VERSO) →

(D)

ções de migrantes que se juntaram em São Paulo. Uma mistura que se misturava também com o português mal falado das classes baixas, que Adoniran sempre retratou nas suas composições.

Várias delas tiveram seus méritos reconhecidos, através de prêmios e da divulgação em rádio, já nas décadas de 40 e 50. O próprio Adoniran gravou Saudosa Maloca um 78 rotações de 1951, assim como gravou o Samba do Ernesto em 1953. Mas essas duas músicas — duas das que são as mais conhecidas do autor, até hoje — só se tornariam grandes sucessos quando regravaadas, em 1955, pelo conjunto Demônios da Garoa.

O conjunto era formado por amigos de Adoniran, que inclusive os acompanhou em diversas apresentações pelo Estado de São Paulo na década de 50 e início da de 60. Em São Paulo, os Demônios da Garoa sempre foram um sucesso, especialmente entre a classe mais pobre, aquela que era e sempre foi a preocupação do compositor em suas músicas. Mas o conjunto apresentava um som muito regional, muito "caipira", que não permitia que a obra de Adoniran fosse conhecida fora dos limites do Estado.

Assim, Adoniran continuou, por muito tempo, mais conhecido como a voz engraçadíssima do programa humorístico "História das Malocas" (sucesso de 1955 a 1965 na Record, chegando até a ser levado para a televisão), no papel de Charutinho, mais uma criação de Osvaldo Molles, do que propriamente como um grande compositor popular.

Isso apesar de ele continuar escrevendo músicas que venciam concursos e alcançavam sucesso de público. Como, por exemplo, o Trem das Onze, que venceu o concurso de músicas de carnaval instituído para comemorar o quarto centenário do Rio de Janeiro, em 1965.

Adoniran Barbosa só entraria num estúdio, entretanto, para gravar seu primeiro LP, em 1973, aos 63 anos de idade. E só o fez porque o produtor J. C. Botetzelli, o Pelão, insistiu em vender a idéia de fazer um LP com ele para a gravadora Odeon. Vendeu relativamente bem, segundo a gravadora. Assim como o segundo LP, lançado dois anos depois, em 1975.

Foi só por essa época que veio o reconhecimento farto, generoso, de toda a imprensa, dos meios de comunicação, para a arte de Adoniran e sua importância. Nos últimos anos de vida, deu milhares de entrevistas, gravou programas para a tevê (como compositor, e não mais como humorista). Para comemorar seus 70 anos, organizou-se grande festa, o dia inteiro, no bairro do Bexiga, com a presença de diversos artistas, e o lançamento de um álbum milionário reunindo as vozes de Elis Regina, Clara Nunes, Djavan, Gonzaguinha, MPB-4, Carlinhos Vergueiro.

Ó inquieto, impaciente Adoniran Barbosa preferia ter tido tudo isso mais cedo.

Sérgio Vaz

"Adoniran é dos tais que não foram feitos para morrer"

Antônio Cândido, professor e ensaísta: "Adoniran é dos tais que não foram feitos para morrer; sempre teve muita vida e a gente só o imagina pulsando com a cidade dele. Há alguns anos escrevi a seu respeito algumas coisas que mantenho. Por exemplo: Adoniran Barbosa é um paulista de carne que exprime a sua terra com a força da imaginação alimentada pelas heranças necessárias de fora. Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português. Não concordo. Da mistura que é o sal de nossa terra, Adoniran colheu a flocos e produziu uma obra radicalmente brasileira, em que as melhores cadências do samba e da canção, alimentadas inclusive pelo terreno fértil das escolas, se aliaram com naturalidade às deformações normais do português brasileiro, onde Ernesto vira Ernesto, em cuja casa nós fumo e não encontramos ninguém, exatamente como por todo esse país. Quanto ao mais, só resta continuar ouvindo os discos dele. A gravatinha borboleta acabou. Mas a voz rouca permanece por obra da técnica".

Elisete Cardoso, cantora: "Estive com ele alguns dias depois da morte de Elis Regina, em São Paulo, e ele estava bem. Pelo menos parecia, porque não era possível saber se o Adoniran tinha algum problema, porque o jeito dele era sempre o mesmo. Cigarro numa mão, aperitivo na outra e a mesma humildade e simpatia, tratando a todos com muito respeito. Eu nem sei direito o que estou falando. A gente fica muito triste quando morre um amigo como o Adoniran".

Moreira da Silva, cantor e compositor: "É fogo, rapaz. Acho que vou ser mesmo o último dos moicanos. Os amigos vão passando, o Juruna foi até eleito e eu estou aqui, levando esses choques. Adoniran foi o maior músico paulista e Trem das Onze é uma música que não morrerá nunca. Lamento não ter aceito um convite para me apresentar há duas semanas, com Adoniran, em São Paulo, porque já tinha um compromisso em Recife. Mas no fim, foi até bom, senão eu ficaria mais chocado ainda e, na minha idade, 80 anos e oito meses, não posso estar levando muitos choques. Para mim, Adoniran era uma pessoa sem defeitos ou inimigos: é claro que ele gostava de um limãozinho, você sabe, nisso não dava para acompanhá-lo. Cobertor de pobre é batida de limão".

Aloísio Falcão, coordenador da programação da rádio Eldorado e coordenador artístico do selo Eldorado: "Adoniran já tinha até a credencial da rádio, pois todos os dias ele almoçava no centro da cidade e depois fazia a sesta no sofá, que ficou conhecido como o 'sofá do Adoniran'. Adoniran é a maior expressão do samba em São Paulo e quem quiser conhecer a obra dele precisa ouvir o disco feito há dois anos, gravado pela Odeon e produzido por Fernando Faro. O disco é uma espécie de despedida e tem participações especiais de Clementina de Jesus, Clara Nunes, Elis Regina, Djavan, Carlinhos Vergueiro, Gonzaguinha, MPB-4, Conjunto Nosso Samba, Roberto Ribeiro, Talismã e Vania Carvalho. E entre as músicas escolhidas estão: Tiro ao Alvaro, Fica mais um pouco, amor, Bom dia, tristeza, Apaga o fogo Mané e outras mais".

Elifas Andreato, ilustrador: "Estou muito emocionado, e se de certa forma estava esperando por esse momento, quando vem e sempre com dor. Acabo de terminar um projeto sobre uma semana comemorativa para a Elis Regina e um dos grandes personagens seria o Adoniran. Além disso eu sempre achei que a cidade deveria ter um monumento ou uma praça para homenagear o Adoniran enquanto ele estivesse vivo, mas não deu tempo. A visão que tenho do Adoniran está expressa em um desenho que fiz dele e que deveria ser capa do seu último disco. A Odeon achou que o Adoniran não entenderia, porque desenhei o Adoniran vestido de palhaço e acabei fazendo uma outra capa. O primeiro desenho dei para o Fernando Faro, que colocou na parede de sua casa. Um dia o Adoniran foi lá, viu o desenho e ficou bastante emocionado."



Adoniran Barbosa foi enterrado ontem à tarde. Mas nem parecia um enterro: muito samba, algum choro mas também algum riso. Os amigos mostraram que o poeta será sempre lembrado com saudade e também com festa e alegria. Página 27.

TCHAU, BELLO.

via estar feliz, Adoniran. Tinha samba, cafezinho, cachaça. Nem parecia seu enterro.



velório de muita música e casos do velho Adoniran



enterro, os fãs, amigos, companheiros de boemia...



...e muita música, com os Demônios da Garça e o Talismã.

(REPORTAGEM NO VERSO)
(E FOLHAS SEGUINTE)

Tinha, no máximo, 500 pessoas no enterro de Adoniran Barbosa, ao entardecer de ontem no Cemitério da Paz. Mas só gente respeitável. Compositores, cantores, músicos, velhos companheiros de boemia, pessoal de escola de samba, sua mulher, seus amigos, populares, fãs. Nenhuma autoridade, como disse o maestro Júlio Medaglia, "graças a Deus". E, se for verdadeiro o que falou o velho Elias, veterano de 32 que o homenageou no finalzinho com o Toque do Silêncio — "Tenho certeza que ele está nos ouvindo agora" — Adoniran devia estar feliz. Pois foi uma festa bem ao seu estilo.

Juntaram-se Demônios da Garça e o Grupo Talismã e tocaram violão, viola, pandeiro enquanto todo mundo cantava Saudosa Maloca, Iracema, e muitas, incontáveis vezes, Trem das Onze, seu maior sucesso. Cantaram alto e bonito, como numa boa farra. Choraram bastante, é verdade, mas riram muito também. Em certo momento mais parecia uma reunião de amigos num grande terraço, as rodinhas de bate-papo, o cafezinho, a cachaça correndo solta, embora sutilmente, "com todo respeito", mas sendo sentida no hálito das pessoas, no palavreado embolado, no riso, no desconsole.

Na hora de fechar o caixão e dizer adeus, foi difícil conter as lágrimas. Foi uma mistura de choro, risos e suor na pequena sala do velório, cheia de refletores de televisão, onde todos queriam entrar. Chorou até quem estava lá pelos ossos do ofício, como os covelros e os jornalistas porque, afinal, ninguém é de ferro. O amigo Antônio Marcos puxava o coro e não o deixava enfraquecer. Lá fora, as pessoas comentavam, contavam casos, lembravam as muitas histórias do velho Adoniran.

— Dostolévski diz que a melhor forma de ser universal é narrar bem a sua aldeia. E ninguém melhor do que Adoniran narrou a aldeia paulista. Daí o sentido universal da sua música — afirmou o maestro Júlio Medaglia, que lembrou a coragem do compositor em se expressar no dialeto paulista. Nesse sentido, do uso do português macarrônico e do samba do sugo, é que ele foi mais autêntico. Escreveu contra a Academia Brasileira de Letras com o português que o povo fala. Inclusive por isso ele foi censurado, em 1972.

Medaglia, que o conheceu de perto, contou que ele foi o sambista dos pequenos, do povo mais simples: "Nunca foi ligado a grandes esquemas promocionais". E que assim como o Rio teve Noel Rosa e Joel de Almeida, São Paulo teve Adoniran, seu maior cronista. "Ele retratou a São Paulo pré-megalópole, a São Paulo de gente simples, anterior a essa loucura imobiliária. E o Bixiga, não sei se por causa da presença dele, soube preservar suas características provincianas."

O Museu do Bexiga lhe mandou uma coroa de flores. Na faixa, colocada sobre seu corpo, a inscrição: "Tchau, bello". O pessoal do Museu tomou outras providências: pediu à viúva, dona Matilde Luttes, que doe alguns pertences de Adoniran — um chapéu, uma gravata borboleta, um cachecol, talvez um terno — ao acervo do museu. E já solicitou ao secretário da Cultura para colocar na praça Dom Orione a escultura do compositor que o artista Elifas Andreato vai fazer.

"Nesse dia faremos uma grande festa", garante Armandinho Puglisi, diretor do museu.

Do conjunto Demônios da Garça foram ao velório apenas Arnaldo Rosa e Antoninho, pois dois estão doentes e o quinto mora longe, não foi avisado. O grupo, que segundo Arnaldo "continua melhor do que nunca", deve a maior parte de seu sucesso a Adoniran. "É vice-versa. Ele tinha o histórico e nós o colorido, a moldura".

Arnaldo diz, mais uma vez, que o compositor "sempre foi um boêmio, sempre levou a vida na gozação mas foi quem melhor retratou o povo paulistano. Eu chamava a atenção que ele não podia se descuidar mas ele não se preocupava com o estrelato financeiro. Um Adoniran em qualquer outro país do mundo estaria montado em dinheiro mas ele morreu pobre".

Desde que mudou para São Paulo, há 12 anos, o compositor Raimundo Prates tornou-se amigo de Adoniran Barbosa. E fala: "Ele sempre teve esse costume de vir almoçar na Boca, de andar de tarde pela Barão de Limeira, pela Amaral Gurgel. E talvez devido aos ofícios de serralheiro, de marceneiro ou porque fazia miniaturas, vivia com um prego torto na mão, ou uma rosca, uma porca, um parafuso. Era agitado, não gostava de lugar fechado e, se não estava com vontade, não adiantava insistir porque ele não dava mesmo entrevista a repórter".

Prates, parceiro, conta mais uma história:

— Um dia a gente estava na Barão de Limeira, num bar, chegou um bêbado, meteu-se embaixo de suas pernas e o carregou nos ombros que nem os garimpeiros de Serra Pelada fizeram com Figueiredo. Ele ficou possesso, gritando: "Me bote no chão, me bote no chão". Mas o bêbado só botou depois que cantou uma música dele inteira e deu muita risada.

Eduardo Gudim, que andava com Adoniran para cima e para baixo ("Ele fazia ponto lá no escritório, já chegava mandando a gente limpar a área para ele puxar um ronco"), afirma que quem conhece a música de Adoniran o conhece. "Fazia uma música tragicômica. Eu lhe dizia que ele era o Charles Chaplin brasileiro".

Já se ouvem os primeiros acordes do violão, a introdução ao Trem das Onze que se ouvirá durante 30 minutos seguidos. O animado cortejo que conduz o caixão, coberto com o estandarte da escola de samba Colorado do Brás, cujo destaque deste ano foi Adoniran Barbosa, caminha rumo à sepultura 58, na quadra sete onde será colocado, em cerimônia simples e rápida, com apenas um Padre Nosso rezado em voz alta, sem dramas mas com muita emoção.

— Talvez ele, com seu chapeuzinho, tenha sido o mais importante malandro paulista — diz, comovido, o maestro Júlio Medaglia. — Graças a Deus não tem autoridade nenhuma aqui para estragar a festa. Digame: que político ou militar teria uma homenagem como essa? — pergunta chorando enquanto o pessoal, cada vez mais animado canta o quá quá quá de Saudosa Maloca.

Rosa Bastos

RUA
Adoniran Barbosa
já e nome de rua no
Bixiga. A rua
começa na
Brigadeiro, entre
a Santo Antonio e
a Vicente Prado. O
decreto foi
assinado ontem.

ADONIRAN

**Ele vai ser lembrado
hoje, às 17h.
Em todas as rádios.**

Há exatamente um ano morria Adoniran Barbosa, aquele que se acabaria tornando o maior e mais conhecido poeta popular de São Paulo. Em uma homenagem rara e original, todas as emissoras da cidade (AM e FM) vão irradiar, às 17h — ele morreu dia 23/11/82 às 17h —, sua música mais famosa, Trem das Onze. A idéia partiu de sua própria viúva, dona Matilde, mas as homenagens vão extrapolar esse pedido pois a Rádio Eldorado, por exemplo, abrirá, hoje, espaços especiais ao artista paulistano que imortalizou nossos usos e costumes e o sotaque "italiano" de alguns moradores do Brás, bairro de imigração italiana.

Já às 11 horas, dentro do programa Som Brasileiro a Eldorado AM irradiará músicas dele e na FM ele será lembrado no Divirta-se, às 21h.

Adoniran estará, também, na Rádio Bandeirantes AM (Moraes Sarmiento, às 17h), na Jovem Pan AM (Zuza Homem de Mello — às 17h), Cultura AM (em dois programas) e Cultura FM (às 17h), Globo AM (17h), Universidade FM (programa ainda não definido), Gazeta AM (17h), Transamérica FM (programa ainda não definido), São Paulo AM (programa Moraes Sarmiento, das 12h30 às 13h30) e Rádio Mulher (programa ainda não definido).

Na televisão, a homenagem mais importante será no Canal 11, pela Abril Vídeo, que já vem lembrando o trabalho do compositor desde a última segunda-feira até o próximo domingo.

A Semana Adoniran Barbosa, como está sendo chamada esta série de eventos sobre a vida e a obra do compositor, tem, ainda, dentro do programa jornalístico São Paulo na TV, às 20h30 (TV Gazeta Canal 11), hoje, entrevistas e testemunhos de pessoas que conheceram e conviveram com o artista.

Na igreja de bairro mais famosa de São Paulo, a matriz de Nossa Senhora da Achiropita, na rua 13 de Maio, vai celebrar, hoje, às 19h30, missa pela alma do artista. Essa igreja fica no Bixiga, onde

Adoniran Barbosa passou, com amigos, os últimos anos de sua vida.

Ainda na televisão, Adoniran Barbosa vai ter hoje, às 21h15, na TV Gazeta — canal 11 um especial mostrando os lugares preferidos do poeta-compositor; os bares e locais que ele freqüentava em São Paulo; os pontos da cidade que Adoniran imortalizou em suas canções e até o busto que foi colocado, em sua homenagem, na praça Don Orione e que vai receber decoração de flores especiais, colocadas pelo Museu do Bixiga. O Bar Adoniran na rua que leva seu nome, no Bixiga, também prestará várias homenagens. No domingo, às 20h30, o programa Estação Paulista, da Abril Vídeo, será também em homenagem a Adoniran (canal 11 — TV Gazeta).

Justificando todas essas homenagens ao seu marido, dona Matilde escreveu a seguinte carta que enviou aos seus amigos, principalmente os das emissoras de rádio e televisão, de São Paulo:

"No dia 23 de novembro faz um ano que meu marido morreu. Nesse dia, a saudade vai doer muito. Uma forma de atenuá-la será ouvir, às 17 h, em todas as emissoras desta São Paulo que ele tanto amou, o samba Trem das Onze, de sua autoria. Dá pra fazer isso? Eu queria que ele soubesse que o rádio paulista, que ele tanto amava, ainda mantém viva a sua lembrança. Não é preciso dizer nada; basta tocar o samba. Vai ficar muito bonito: todas as rádios, na mesma hora, tocando em conjunto. Uma rede espontânea, carinhosa, formada pelas emissoras desta cidade que foi a sua grande musa. Muito obrigada, Matilde."

Finalmente, hoje, às 21 h no Centro Cultural São Paulo (rua Vergueiro, 1.000) no Teatro Jardel Filho, haverá um show com a participação de Toquinho, Renato Teixeira, Grupo Língua de Trapo, Jean Garfunkel, Tom Zé, Jessé, Eduardo Gudim, Paulo Nogueira, Carlinhos Vergueiro, Eliana Estevão, Grupo Talismã.



Na Eldorado AM, uma homenagem especial às 11 horas.

ATROZETRAS E TODAS

LIMA BARRETO FALA DE LIMA BARRETO:



"EM VERDADE DE VERDADE VOS DIGO...!"



"VAMOS CASAR-NOS DIA 23 DE JUNHO"

"Puro Como São Francisco e Exato Como um Rochedo"

Reconhece defeitos cuja paternidade não aceita — "O Cangaceiro", novo, exótico, foge da gramática que já cansou as plateias — Não é preciso ser estrangeiro para fazer CINEMA —

de WILSON SANTOS

A verdade sobre o cinema nacional: próximo depoimento — Araújo de Oliveira, sua noiva: "Tremo quando penso que possa vir a ser, como o L. B., a maior cabotina do mundo" — (Fotos

"Eu sou um homem que diz a verdade. Puro como São Francisco e exato como um rochedo", foi inicialmente dizendo o cineasta Lima Barreto, ao entrar em nossa redação.

"O Cangaceiro", em verdade de verdade vos digo, não merece a consagração que está obtendo nas chamadas terras d'alem-mar. Os críticos franceses já puseram em evidência os defeitos do meu filme. Defeitos que reconheço e cuja paternidade não

reconheço. Dia virá em que direi ao mundo as razões fortes pelas quais "O Cangaceiro" não foi o maior filme do mundo em 1953. Dentro de poucos meses, o meu "O Sertanejo" estará sendo projetado nas telas e então vocês verão que, se não sou um cineasta perfeito, não sou também o cineasta imperfeito que muitos patriotas meus querem insinuar.

(CONTINUA NO VERSO)

Vejam as razões pelas quais "O Cangaceiro" tumultou Carimés: é novo, é exótico, foge da gramática que já cansou as plateas, apresenta música, danças e canções que ninguém jamais supôs existissem — e sobretudo, grifa, abundantemente, esse Brasil infeliz, que eu tanto amo e que terá mais cedo ou mais tarde, de ser respeitado, quer queiram quer não queiram os inimigos de minha terra, seja no campo da ciência, da literatura, da poesia da escultura, da zootécnica, e sobretudo do cinema. Confirmando o que disse ao Pacheco, numa entrevista dada a este mesmo estúpido e magnífico vespertino, num dia que não sei quando, que não é preciso ser estrangeiro, não careço a gente ter no bolso a carteira Madala 19, nem ter atravessado o Atlântico de lá para cá, ou de cá para lá, para ser inteligente e poder fazer cinema — cinema que é a expressão maior da cultura de um povo, cinema que traduz, com mais força que qualquer outra forma de expressão, as grandezas e a cultura de uma raça.

— "Eu disse certa feita, no Rio de Janeiro — e riram de mim — que o Brasil havia de ter o maior cinema do mundo e que esse cinema, mercê de circunstâncias óbvias, teria que ser feito em São Paulo. A coisa parece que está saindo direito. Ainda que eu me esborache todo, eu ajudo a fazer, e se Deus me der vida e saúde, farei eu mesmo o maior cinema do mundo. Não por valdade pessoal, que não a tenho, mas para que o resto do mundo saiba que o Brasil também existe, como existem a Itália, a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, o Agganisção, a Birmanian e a Península de Kamtchaka".

O ARTIGO DE "UNITALIA FILM"

Perguntamos a Lina Barreto se confirmava a carta que endereçara ao nosso amigo Fer-

nando de Barros sobre o artigo dessa revista.

Respondeu-me: "Não se acrescenta nada ao patriotismo. Ele é, e é imodificável. Pela minha terra, pelo brio da minha gente, e pelo conceito telurico que me domina, eu assevero que, hoje, amanhã ou depois de amanhã, se algum tiver que morrer pelo Brasil, Deus permita que seja eu o primeiro".

A MONTAGEM DE "O CANGACEIRO"

Referindo-se a montagem, criticada em Cannes, disse:

— "O Cangaceiro", como Filho que já nasceu livre e adulto, ganhou o caminho e se perdeu por aí, fugindo irremediavelmente da casa paterna. Uma coisa tem que ser posta em evidência em virtude do seu caráter, digamos assim patológico: passados os quarenta dias, continuo com a dor de parto".

"A montagem de "O Cangaceiro", que os críticos internacionais criticam tão acerbamente, será motivo de um próximo depoimento que farei para todos os que me quiserem ouvir

Já que estamos com a mão na massa, permita-me você que diga uma frase que encerra o assunto com relação à crítica inconsequente: depois de morta a cinza, qualquer um deita no couro".

a saber de verdade o que vai pelo cinema nacional. Ninguém perde por esperar".

O CHEFE DA VOLANTE

Criticam sua má atuação no filme como intérprete. Que diz?

"O crítico que disse isso é apressado, tem antipatia por mim naturalmente, e é burro. É evidente para qualquer almo mais ou menos aplicado no grupo escolar do cinema, que a sequência do comandante da Volante não devia ter a montagem que teve. "Legada a nona script", tudo vinha devagar, passando por um "treccendo", que se avolumava mais e mais até explodir numa espécie de neurose do medo que, dentro da lógica psicológica, provocaria a histeria, que foi julgada pelo crítico, apressado e burro — como má interpretação.

DOLOROSA INTERROGAÇÃO FEITA A ARAÇARY

Por que, Araçary, havendo tanto cineasta bonito, inteligente, mais italiano que o Lina Barreto, você foi atravessar justamente o caminho de L. B. ? Quem é L. B., afinal, além de um cineasta presunçoso e cabotino?

"Dolorosa Interrogação. Tremo quando penso que eu possa vir a ser como L. B., a maior cabotina do mundo. Sinto suor frio quando vejo este homem, com a minha aliança no seu dedo, falando alto, fazendo gestos, gritando coisas, não sei se para aterrar ou provocar admiração. Em mim ele provocou admiração. Admiração, hoje admiração amanhã, um pouco mais de simpatia — e como simpatia é quase amor... vamos nos casar no dia 23 de junho próximo. O resto, Deus é quem sabe". (M.F.F.)

CINEMA

BASTIDORES Matos Pacheco

CANNES NÃO SIGNIFICA NADA . . .

Nós conhecemos Lima Barreto antes de "O Cangaceiro". Muito antes. Quando a Vera Cruz começava a engatinhar, quando tudo ainda estava em começo. Lima Barreto fez sozinho "Painel", filmando, iluminando, montando. O filme foi considerado genial por muita gente, espantado por outros, principalmente pelos que ficaram chocados com a descoberta de que já havia um homem inteligente atrás de uma câmera, fazendo cinema no Brasil. Os maiores inimigos do Lima Barreto sempre foram os frustrados, os que não conseguiram realizar nada. Mas o estrangeiro reconheceu o mérito de "Painel", que foi apreçado e premiado, em Punta del Este.

Lima Barreto continuou. E fez "Santuário", também um filme pessoalíssimo, em que ele foi tudo, "cameraman", iluminador, autor da história, tudo, tudo. Talvez não seja uma obra-prima. Os detratores preferiram achar Lima Barreto "decadente", "Santuário" inferior ao "Painel". Mas um prêmio, no Festival de Veneza, salvou Lima Barreto, dentro da própria Vera Cruz. O prêmio ajudou muito, possibilitou mesmo a realização de "O Cangaceiro". Porque nacionais e estrangeiros visavam apregoando que Lima Barreto era um documentarista, jamais faria um filme de longa metragem, que era um irresponsável, que era loucura botar dinheiro na mão dele, para jogar fora, brincando de cinema...

"O Cangaceiro" foi feito, principalmente graças ao apoio que Lima Barreto encontrou em Calo Pinto Guimarães, o que jamais deve ser esquecido. E Lima Barreto não bateu o recorde de rapidez, nem fez o filme mais barato da Vera Cruz, como prometera. Mas as outras promessas, ele cumpriu: fez o melhor filme nacional, fez "estourarem" as bilheterias, ganhou um prêmio internacional em Cannes.

Quem fez mais, senhores? E anteontem, cedinho, tão logo soubermos a notícia, passamos pelo "Bar Sir", que fica bem em frente aos escritórios da Major Diogo, vizinho ao TBC. A notícia do prêmio estava em todos os jornais. E que se dizia por lá? Justamente o que nós estamos adivinhando: "O Cangaceiro" ganhou um prêmio de consolação. "Houve proteção". "Tinham que dar um prêmio a um filme brasileiro, para não magoar". "Cannes é pior que Punta del Este, todos os filmes são premiados". Uma porção de coisas que até temos vergonha de registrar, porque temos vergonha daquela gente.

Lima Barreto é (ou foi...) um grande cabotino. Lima Barreto pode estar se tornando "chato". Aracari de Oliveira pode ter trabalhado com Jaime Costa. Lima Barreto pode falar alto demais no "Nick-Bar". Tudo isso que tem: que ver com "O Cangaceiro"?

A ordem dos cineastas frustrados da bolsa de cinema do "Bar Sir" é desmoralizar Cannes, para desmoralizar "O Cangaceiro".

Eles esquecem que a única coisa digna que poderiam fazer seria mostrar superioridade, fazendo coisas melhores que "O Cangaceiro".

Cannes, Veneza e Punta del Este não significam nada... mas nenhum outro filme nacional, da Vera Cruz ou não, ganhou prêmio em Cannes, Veneza e Punta del Este. Por que justamente os membros do furi de Cannes e Veneza



LIMA BARRETO
Cabotino mas premiado.
E os outros?

form: escolher Lima Barreto para os prêmios de "consolação"? Por que o público só tem um conhecimento de "O Cangaceiro", enchendo cinemas? O furi não entende nada, o público é uma besta, só os "genios" do "Bar Sir" é que são cineastas "no duro"...

Tudo isso é muito triste. E a nossa honestidade manda registrar que não ouvimos nunca da boca de falsos ou verdadeiros cineastas italianos qualquer acusação ao Lima Barreto, no genero das que fazem seus colegas nacionais ou pseudonacionais.

Lima Barreto fez um filme que despertou o interesse e a atenção do público brasileiro e internacional, enquanto alguns pobres diabos continuam falando sozinho, com mania de perseguição.

Os jornais andam cheios de entrevistas do sr. Franco Zampari, um sujeito cheio de meritos e tambem com alguns defeitos. Sempre repisamos que admiramos muitas coisas feitas pelo sr. Zampari, o TBC por exemplo. Discordamos de sua orientação na direção da Vera Cruz. Não nos julgariamos com direito de criticar sua orientação dentro da companhia, se ela fosse uma simples empresa particular. Mas a Vera Cruz é uma organização fortemente amparada por estabelecimentos bancarios oficiais, é uma sociedade anonima com seu capital dividido entre milhares de pessoas. É quase o cinema nacional. Lamentamos alguns dos termos das entrevistas de Zampari, que situa "O Cangaceiro" ao lado de outros filmes estreados ou por estrear da Companhia. E não diz uma palavra sobre o Lima Barreto. Para Zampari, o triunfo do filme de Lima Barreto foi uma vitória do povo brasileiro. Nós preferiríamos que Zampari reconhecesse, primeiro, que foi uma vitória desse nosso grande amigo comum que é o Lima Barreto

CONTINUA NO
VERSO,
A PÁGINA 07



ALBERTO RUSCHEL



VANJA ORICO



MARISA PRADO



MILTON RIBEIRO

O MAESTRO GABRIEL MIGLIORI, AUTOR DO COMENTARIO MUSICAL, DECLARA:

"A Vitoria é do Lima Barreto"

Falam os atores de "O Cangaceiro" sobre o triunfo do cinema nacional no famoso Festival — Marisa Prado: "Conquista que prestigia a nossa industria cinematografica" — Alberto

Ruschel: "Significa a culminancia de uma etapa historica" — Milton Ribeiro: "O premio veio demonstrar que já existimos" — (Texto de E. M. RAIDE — Fotografias da equipe de ULTIMA

HORA) — (Leia na setima pagina deste caderno)

A noticia de que "O Cangaceiro" alcançara no Festival Cinematografico de Cannes o Primeiro Premio Internacional para filmes de "Aventura" foi recebida com grande alegria por parte daqueles que se esforçaram para o extraordinario filme de Lima Barreto, considerado pela maioria dos criticos como o maior até hoje realizado pela cinematografia nacional.

ALBERTO RUSCHEL

Falando a proposito do notavel acontecimento, o ator Alberto Ruschel, que desempenhou em "O Cangaceiro" o papel de Teodoro, declarou:

— "Como um dos interpretes do filme, recebi com orgulho a noticia de que ele tinha obtido a laureia internacional na classificação "Filme de Aventura". Trata-se de um triunfo, não só de Lima Barreto e da Vera Cruz, mas, sobretudo, do cinema nacional que entra, dessa maneira, na culminancia de uma etapa historica: a conquista do mercado internacional."

"AVANÇO GIGANTESCO"

— "Acho que o cinema nacional, com poucos anos de sua fase industrial avançou gigantesco", declarou Marisa Prado, que recebeu a grande nova quando, em Jundiaí, onde esta sendo rodado o filme "Candinho", se encontrava em plena "locação". E prosseguiu:

— "O vereficto de Cannes representa para os realizadores de "O Cangaceiro" e também para o Brasil uma conquista cultural que enche de prestigio a nossa cinematografia. Sintomo orgulhosa pelo belo papel que um filho nosso fez no estrangeiro" disse.

"NÓS JÁ EXISTIMOS"

Milton Ribeiro, que fez o papel de Capitão Galdino, disse o seguinte

— "Senti-me bastante feliz ao ter conhecimento do premio. Mas essa felicidade é mais do Lima Barreto e, acima de tudo, do Brasil. "O Cangaceiro" veio demonstrar que nós já existimos cinematograficamente falando. Espero e acredito que Lima Barreto produzirá obras cinematograficas maiores ainda. Basta que se lhe dê apoio moral, material e financeiro, que ele bem os merece, pois, mais do que ninguém, é capaz de fazer cinema com C maiusculo".

FALA FRANCO ZAMPARI

O sr. Franco Zampari, diretor-presidente da Cia. Vera Cruz, expressou a reportagem de ULTIMA HORA sua satisfação em torno do acontecimento, salientando que o premio recebido serve de estímulo não só a companhia como aos diretores de filmes que ali trabalham. Disse ainda que "Sinhá Moça", dirigido por Tom Payne, e "Uma Pulga na Balança" serão enviados à Biennale de Veneza.

— "No proximo ano — continuou o sr. Franco Zampari — enviaremos a Cannes a melhor das seguintes produções: "O Sertanejo", de Lima Barreto; "Ana Terra", historia de Erico Verissimo, dirigida por Celi; "A Estrada", de Osvaldo Sampaio e "Floradas na Serra", de Luciano Salce.

MIGLIORI ESTAVA NO HOSPITAL

O autor do fundo musical do filme, cuja musica recebeu menção especial, é, como se sabe, o maestro Gabriel Migliori que, quando soube do premio e da menção, ainda se encontrava no Hospital São Paulo onde sofrera intervenção cirurgica na garganta. Abordado pela reportagem, deu a entender que não podia falar. Não lhe saía a voz. O medico Arruda Botelho, porém, sugeriu: — "Arranje papel e lapis que ele escreva. Mas deve escrever pouco, senão fica tonto". Veio o papel e o maestro escreveu o seguinte:

— "Procurei dar ao fundo musical de "O Cangaceiro" um sentido nacionalista, aproveitando, em alguns casos, temas autenticos de folclore. A vitoria do filme, porém, é, antes de mais nada, a vitoria do Lima Barreto e, se alguém deve ficar satisfeito e receber com alegria essas noticias é justamente a critica de cinema do Brasil porque ela me fez ADVINHAR O VALOR e a popularidade do filme!"

UM COADJUVANTE Adoniran Barbosa, cuja atuação no filme, se bem que desempenhando papel secundario, foi das melhores, afirmou:

— "Fiquei emocionado. Aliás acreditava nas possibilidades da filha, principalmente ao observar o espantoso sucesso alcançado em São Paulo e, sobretudo, no Rio, onde a plateia é demasiado exigente. Para o cine-

ma brasileiro esse triunfo significa que estamos em plena ascensão e podemos produzir grandes obras desde que as criticas sejam construtivas. Lima Barreto fará muito mais desde que o deixem e o ajudem, concluiu.

VANJA ORICO EM CANNES Vanja Orico, outra interprete de destaque no filme, encontra-se em Cannes.

ULTIMA HORA-SP

São Paulo, Sabado, 2 de Maio de 1953

PAG. 07

LETRAS

01

ULTIMA HORA

PÁGINA 8

São Paulo, Sabado, 1.º de Agosto de 1953



ADONIRAM BARBOSA, outro cartaz do cinema e da Radio-Record é, sem dúvida, um grande já das cores da farda do "Stud" Seabra. Está torcendo pelo Away, o "Mascara da Gato", mas não sabe que o verdadeiro defensor do seu "Stud" querido é o Obolenski. Este já conseguiu derrotar o fabuloso Gualicho.

SERÁ FILMADO "O SERTANEJO"

Lima Barreto, sempre sonhador, não desistiu jamais de fazer o seu segundo filme. Depois de tudo pronto, até os papéis distribuídos, aconteceu a crise da Vera Cruz. Tudo parado. "Floradas na Serra" em suspensão, dependendo do auxílio de dois milhões de cruzeiros para ser concluído. De início, falou-se em oitocentos mil, depois em dois milhões. A verdade é que está inconcluso e com grande pesar para a indústria cinematográfica paulista.

Lima Barreto, que saiu de chapéu na mão em busca de ajuda para o cinema, não fraquejou diante das dificuldades. Conversou, argumentou e afinal, pelo que sabemos ontem à noite, encontrou quem o ajude. Aliás, a única pessoa que realmente poderá fazer cinema em São Paulo sem grandes danos e prejuízos: Julio Llorente. Sim, porque Julio Llorente — um dos donos da Empresa Serrador — dispõe de dezenas de casas exibidoras e tem a circulação da fita garantida. E' como o Severiano Ribeiro, no Rio de Janeiro. Mas, como já nos dizemos, havia três possibilidades de financiamento de "O Sertanejo". A primeira, oferecida por Hello Muniz de Sousa, através da firma Cassio Muniz Indústria e Comércio; a segunda, pelo Banco do Estado; e a terceira, finalmente, pelo já citado Julio Llorente. E Lima Barreto — pelo que tudo indica — optou pelo terceiro homem. Assim, os entendimentos vão bem adiantados e, segundo tudo faz crer, dentro em breve terão início as filmagens de "O Sertanejo". O produtor seria Ralfo Sousa Campos. Co-produção da Vera Cruz, que cederia estúdios e equipamentos. — M. F.

2



**DOIS
COMEDIANTES**

Entre os melhores deste setor de nosso rádio, cabe um destaque todo especial à atuação de Adoniram Barbosa e Luiza de Oliveira, pelo muito que vêm fazendo no microfone da B-9 nos "serenata" de Osvaldo Moles. Barbosinha é um veterano do seu setor com grandes tipos criados que ficaram até mesmo famosos em nosso rádio. Luiza de Oliveira, muito embora esteja entre nós há quatro anos, veio precedida de toda a cortez, através da programação bem cuidada do maior prêmio do Norte e da Rádio Jornal do Comércio.

ULTIMA HORA-SP
PÁG. 2

Quarta-feira, 4 de Novembro de 1959

DISCOS

VACCARO NETTO

"GERARDA" EM FOCO

A Censura proibiu a execução da música "Aqui, Gerarda!" em todos os sentidos e formas. Quer pelo rádio, TV, discos, enfim, por qualquer veículo de divulgação pública. Considerou-a imoral. Será verdadeiramente isso? Não discordo em que a letra seja capciosa, mas cada qual que interprete como quiser, certo? Então por que não voltar os olhos para dezenas e dezenas de sambinhas com letras escandalosamente imorais, proibidas pelo bom senso e pelo decore? O que dizer de certos versinhos que contam desgraças íntimas, traições, mariposas e malandros?

Esta atitude proibitiva atinge, evidentemente, uma marca nova em discos, a "CeMe" (do Cesar Medeiros). Muito embora mais de dois mil discos já tenham sido vendidos, a produção terá que parar por aí, o que será de se lamentar, pois "Aqui, Gerarda!" poderia se constituir em um dos grandes sucessos do próximo Carnaval. Assim, perde-se muita coisa: Charutinho (Adoniran Barbosa) como compositor e cantor, a "Ce-me" como etiqueta, Cesar Medeiros como seu diretor e o público, como maior propagador.

Existe tanta coisa muito pior nesse meio e nunca ninguém se incomodou. Ora essa! Vamos liberar a "Gerarda"?



ADONIRAN BARBOSA
(Charutinho) - proibido de
aparecer com a "Gerarda".